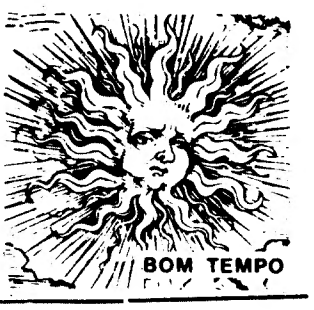
Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 1973 N.º 18136 — ANO 53.º — PREÇO 1$50



De arquinho e balão, uma certa Lisboa marchou, ontem à noite, na Avenida da Liberdade. Mas não só Lisboa: é que o desfile, chamado luso-brasileiro, abriu com samba, continuou com folclore de todo o País e findou com a Grande Marcha de Lisboa de 1973. (Ler na pág. 14)

VINTE MORTOS NO REGRESSO DE JUAN PERÓN

BUENOS AIRES, 21 (R.) — O regresso de Perón à Argentina, que os seus partidários se preparavam para comemorar festivamente, ficou assinalado por uma trágica cena de tiros — a mais sangrenta desde há muitos anos na Argentina — em que perderam a vida 20 pessoas e mais de 300 ficaram feridas.

Calcula-se em três milhões o número de pessoas, vindas de todos os pontos do país, que se tinham deslocado a Buenos Aires para receber Perón em triunfo. A maior parte encontrava-se já concentrada em frente da tribuna armada perto do aeroporto para a cerimónia, onde Perón devia proferir um discurso, quando atiradores escondidos num bosque a 500 metros de distância abriram fogo de metralhadora.

O seu objectivo parece ter sido o de sabotar a cerimónia e impedir a homenagem a Perón, cujo avião foi desviado para uma base militar enquanto o tiroteio prosseguia no aeroporto internacional de Buenos Aires.

Os militantes peronistas atribuem a responsabilidade do ataque aos guerrilheiros Trotskistas do Exército Revolucionário Popular (ERP), mas a Polícia diz não ter elementos sobre a identidade dos atiradores.

Elementos das Juventudes Peronistas desencadearam um contra-ataque e conseguiram cercar e capturar alguns dos atiradores.

O TEMPO PAROU PARA OS COMBOIOS EM TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO (Pág. 12)

Erguendo uma espingarda, um homem grita «Perón, Perón» do alto da tribuna para onde o dirigente argentino deveria ir ontem, a fim de ser aclamado por três milhões de pessoas que o aguardavam em Buenos Aires. A monstruosa e festiva recepção acabou num banho de sangue, tendo morrido pelo menos 20 pessoas e ficado feridas mais de 300. (Telefoto U.P.I.-Telimprensa-D.L.).

Uma delegação chinesa chegou a Madrid

MADRID, 21 (R.) — Uma delegação chinesa, chefiada pelo encarregado de Negócios Chou Min, chegou ontem a Madrid para abrir a primeira missão diplomática comunista chinesa em Espanha.

«O maior objectivo da nossa viagem à Espanha é preparar o caminho para o estabelecimento da nossa Embaixada em Madrid» — declarou Chou Min que era acompanhado por 11 diplomatas, a maior parte dos quais falando espanhol.

Em Março passado a Espanha decidiu estabelecer relações diplomáticas com a China e cortar os seus laços com a Formosa.

A Espanha nomeou Angel Sanz Briz para embaixador em Pequim.

EDIÇÃO DE 40 PÁGINAS INCLUINDO SUPLEMENTO LITERÁRIO

Acordo Nixon-Brejnev sobre a suspensão da corrida às armas nucleares

CAMP DAVIF (MARYLAND), 21 (R) — O presidente Nixon e o chefe do Partido Comunista soviético, Leonid Brejnev, chegaram a acordo quanto a novas directrizes para apressar as negociações destinadas a suspender a corrida às armas nucleares, segundo afirmaram hoje fontes autorizadas.

Essas directrizes, uma série de «instruções compatíveis» para os negociadores americanos e soviéticos, deverão ser anunciadas, segundo se aguarda, durante o dia de hoje, disseram funcionários americanos.

O acordo sobre as novas directrizes parecia ser o que de melhor se conseguira na cimeira entre Nixon e Brejnev, que entra hoje no quarto dia.

Funcionários de ambas as super-potências esperam que o acordo dê novo ímpeto às negociações sobre armamento, que se destinam a colocar sob proibições compreensivas e permanentes os arsenais de armas nucleares ofensivas que cada um dos países possa possuir.

Um acordo inicial sobre redução de armamentos foi assinado durante a visita que o presidente Nixon fez no ano passado a Moscovo. Esse tratado limita armas nucleares defensivas e coloca sob proibições temporárias algumas armas ofensivas.

O conselheiro presidencial americano, dr. Henry Kissinger, indicou antes da actual cimeira principiar que um acordo compreensivo poderia ser concluído dentro de dois anos.

O secretário de Estado, William Rogers, e o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, conferenciaram, por seu lado, acerca do Médio Oriente.

Brejnev declarou a jornalistas ocidentais que a sua cimeira com o presidente Nixon teria «bons resultados quanto a essa questão».

Nixon e Brejnev passaram, pelo menos, parte das suas discussões de ontem a estudar a conferência sobre segurança europeia, que se efectuará este Verão em Helsínquia, e reduções mútuas e equilibradas de forças na Europa.

O dr. Kissinger, que se juntou a Nixon e a Brejnev numa sessão privada ontem, à noite, prometeu antes da cimeira que nenhuns acordos seriam firmados sem conhecimento e consulta dos aliados dos Estados Unidos.

JANTAR NA EMBAIXADA DA U.R.S.S.

WASHINGTON, 21 (UPI-ANI) — Por ocasião do trigésimo terceiro aniversário do casamento do presidente Nixon com Pat Nixon, o secretário-geral do Partido Comunista russo Leonid Brejnev, oferece hoje um jantar em sua honra na Embaixada da Rússia em Washington. Presentes estarão as duas filhas do casal e seus maridos — Julie e David Eisenhower, e Trícia e Edward Cox.

ESTAMOS NO VERÃO

Milhares de pessoas saudaram hoje, possivelmente sem se lembrarem disso, a entrada do Verão. É que, sendo feriado e estando o tempo propício (se bem que o vento incomodasse), muita gente buscou a praia ou os campos para um dia de descanso, longe do borborinho da cidade. Acontece que o calendário, implacável, marcou a entrada do Verão para as 13 e 6 de hoje, ao rebentar da tardinha, portanto. Não houve mais calor por isso: tão pouco as águas da costa se tornaram menos frias. Mas todos podemos dizer, até tantos de Setembro: «Estamos no Verão». É o tempo das férias e do aloirar do trigo, no ciclo imutável das estações.

DL/NACIONAL

SESSÃO NO CENTRO DE ESTUDOS DA MARINHA

Realizou-se ontem, nas instalações do Museu de Marinha uma reunião — Plenário — do Centro de Estudos de Marinha, tendo sido tratados assuntos de grande interesse para a vida do C. E. M.

Efectuou-se depois a segunda parte da sessão, para a apresentação da comunicação do dr. Américo Cortês Pinto, intitulada «O Feitiço da Astronáutica e as três divisas de D. Manuel».

Presentes vários académicos, destacando-se entre o grande número de convidados vários oficiais generais e oficiais superiores das diversas Forças Armadas, individualidades civis e muitas senhoras.

Presidiu o almirante Sarmento Rodrigues, ladeado pelo prof. Virgínia Rau, o Eng. Rodrigues dos Santos, o comandante Teixeira da Mota e o Inspector Superior Virato de Campos.

Antes de dar início à segunda parte da sessão, o presidente do Centro de Estudos de Marinha, almirante Sarmento Rodrigues, anúnciou que na sessão plenária que acabara de ser realizada fora **eleito membro honorário o almirante Manuel Pereira Crespo, Ministro da Marinha, em reconhecimento da sua acção como criador do Grupo de Estudos de História Marítima e do Centro de Estudos de Marinha, prestando assim altos servicos à cultura nacional muito especialmente em tudo o que diz respeito às actividades relativas ao mar e ainda pela sua acção exemplar na promoção e desenvolvimento das actividades marítimas.**

Informou ainda que tinham sido **eleitos membros efectivos do Centro, respectivamente nas classes de História Marítima e de Artes, Letras e Ciências o historiador brasileiro Marcos Carneiro de Mendonça e o jornalista Norberto Lopes, duas grandes figuras das ciencias e das letras da comunidade Luso-Brasileira.**

Referiu a seguir a satisfação de todos os membros pela recente atribuição do Grande Prémio Nacional de Cultura ao Prof. Damião Peres e da Grã-Cruz da Ordem de S. Tiago ao Prof. Hernâni Cidade, ambos membros do C. E. M. felicitando também o comodoro Tengarrinha Pires pela sua promoção e o almirante Ramos Pereira, dr. Alberto Iria, Prof. Armando Cortesão e prof. Virgínia Rau, D. Elaine Sanceau e comandante Teixeira da Mota pelos estudos últimamente publicados.

motor

SAI AMANHA

PROFFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DE LISBOA

No Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, efectuou-se uma reunião geral dos sócios da 10.ª secção de actividades «Indústria Química», durante a qual foram dadas várias informações, sobretudo no que se refere ao processo dos 1.ºs escriturários-ajudantes na Comissão Corporativa e à passagem para a fase seguinte — conciliação C. C. T. com o Grémio dos Industriais da Borracha.

Relativamente aos refeitórios da CUF foi feita referência a uma reunião conjunta do Sindicatos Químicos, Texteis e Metalúrgicos de Detúbal e Motoristas de Lisboa, destinada ao estudo do problema; ao pedido do Ministério das Corporações de uma reunião tripartida — Sindicato, Ministério e Cuf e por último da posição da Inspecção do Trabalho quanto aos preços nos bares da CUF. Foi sugerido e aceite por ununimidade que, no caso de a reunião tripartida se realizar, sejam tratados, além do refeitório, outros problemas graves, tais como as diuturnidades e a indexação.

A próxima reunião foi marcada para o dia 25, às 18 horas e 30.

A GUERRA NA GUINÉ

BISSAU — As Forças Armadas da Guiné, divulgaram o seguinte boletim informativo, relativo ao período de 1 a 15 de Junho, sobre as acções militares ocorridas nesta província:

«Durante o período, e em relação à quinzena anterior, registou-se um enfranquecimento da actividade do inimigo, que no seu conjunto incidiu em especial no Sul da província, onde o inimigo continua a reagir à ocupação, por parte das nossas Forças, das regiões de Cantanhez e Tombali, e às operações de contacto com as populações na península de Cacine. Assim, flagelou com fogos as povoações de Nhacobá, Jemberem, Cumbijã, Catió, Cafal, Cafine, Cameconde, Chugué, Cadique e Gadamael, tendo ainda actuado sobre as nossas Forças no itinerário Cadique-Camacote. Nas restantes regiões da província, a actividade inimiga, traduziu-se apenas em acções de pequenos grupos sobre populações a norte de Bula e de Mansoa, em flagelações à distância sobre Guidage, Canjambari, Cancolim e Paunca, irradiando de bases instaladas além fronteiras.

Na sequência da sua actividade habitual, as nossas Forças interceptaram grupos inimigos que tentaram infiltrar-se em território nacional nas regiões de Rio Caur, Sumbundo, Buruntuma, Mampatá, Ganturé, Gadamael e Cacine, atacando ainda e neutralizando grupos infiltrados nas áreas de Burné, Cacheu, Dando, Saremali, Fulacunda e Rio Cão, tendo de todas estas operações resultado ao inimigo 38 mortos e a captura de 2 metralhadoras ligeiras Degtyaref, 17 lança-granadas-foguete RPG-7, 12 espingardas Kalashnikov e 5 pistolas Tokarev, além de equipamento, munições, material diverso e documentos.

Paralelalemnte prosseguiram as missões de apoio das nossas Forças aos programas de desenvolvimento socioeconómico em curso, de que se destaca a asfaltagem das estradas Jugudul-Bambadinca, Piche-Buruntuma, Catió-Cufar, Mampatá-Cumbijã e Jemberem-Camorote. No quadro da participação das populações no esforço da defesa verificou-se o início do ciclo de instrução de mais 470 voluntários da milícia popular, bem como a instrução de aperfeiçoamento operacional de mais duas Companhias Africanas de Caçadores.

Registou-se ainda o regresso e apresentação às autoridades de 167 elementos nacionais refugiados nos países limítrofes, continuando o afluxo de estrangeiros aos nossos postos sanitários da fronteira, onde foram assistidos e medicados, durante o período, 2533 cidadãos do Senegal, República da Guiné e Gambia.

Apesar do tratamento dispensado aos seus cidadãos, continuaram a verificar-se actos de provocação da República da Guiné, tendo sido referenciada a participação de forças do Exército daquele país nas acções inimigas contra Gadamael.

Em consequência da nossa actividade e da reacção das populações, o inimigo sofreu, durante o período, 45 mortos. As nossas Forças sofreram 24 mortos em combate, cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados. — (L.).

SOLDADOS MORTOS EM COMBATE

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate os seguintes militares: no Estado de Moçambique, o soldado, n.º 008305/72, Joaquim Pereira Martins, natural de S. Martinho, concelho de Castelo e Paiva, filho de Francisco Vieira Martins e de Maria Augusta Pereira; na Província da Guiné, o soldado do Recrutamento da Província, n.º 820943/68, Aladuja Canhe, natural de Mansôa, filho de Suntu Canhe e de Nhida Samju e na mesma Província o soldado milícia n.º 59059, Braíma Cassama natural de Gadamael, concelho de Catió, filho de Mamadu Cassama e de Mariema Jassi, casado com Manta Mane e e Jena Bumbo.

FESTAS DE S. BRÁS

ALQUERUBIM — No lugar de Beduído, desta freguesia da região do Vouga, decorrem de 30 do corrente a 2 de Julho, os tradicionais festejos em honra de S. Brás. Do programa constam várias cerimónias e atractivos.

Novos hospitais de Coimbra e Lisboa

SEIS EMPRESAS CANDIDATAM-SE À CONSTRUÇÃO

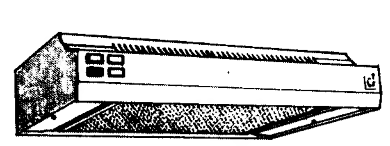
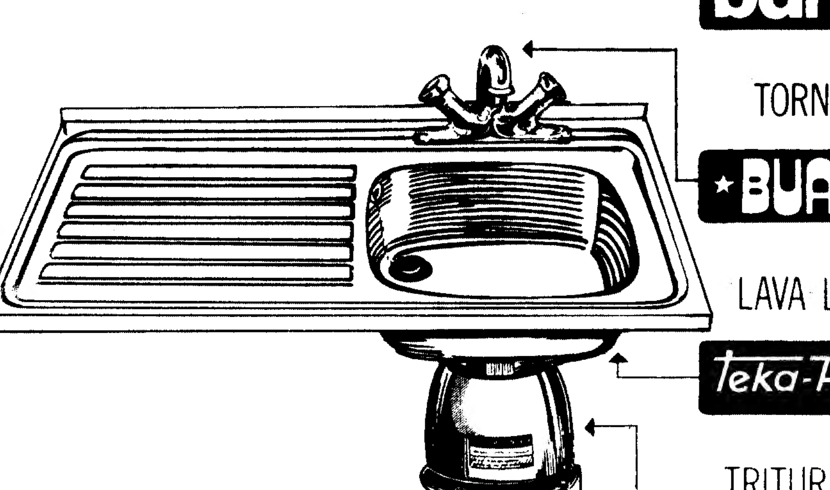
Num acto público muito concorrido, foram abertas as propostas apresentadas ao concurso internacional para a adjudicação da empreitada de concepção, projecto e construção do Hospital Escolar de Coimbra e do Hospital Ocidental de Lisboa, o que representa um investimento de cerca de um milhão e meio de contos.

Presidiu à cerimónia o director-geral das Construções Hospitalares, eng. Neto Marques e houve seis concorrentes: o consórcio Teixeira Duarte — Opca Harte; Societá Italiana per Condotte d'Acqua, de Roma; consórcio Nospi —Canon Lda. e K. R. Perry, Edifer S. A. R. L., Hospital Internacional, Gmbh; Sulzer Irmão, Lda — com coordenação de Taylor Noodrow Somague, associado à Fiat; emobiliária Construtora Grão-Pará, com a colaboração do escritório de construção e engenharia Ecel; e consórcio hospitalar Espera, em que participa o Crédito Predial Português.

A abertura das propostas iniciou-se às 15 horas e só terminou depois das 19 horas. Seguidamente a comissão nomeada para o efeito, reuniu-se em sessão secreta, tendo dado a conhecer a sua deliberação depois das 20 horas. Dado o adiantado da hora, decidiu, assim, que as propostas fossem novamente lacradas e encerradas numa sala que foi igualmente selada.

O concurso prossegue amanhã, às 10 horas, devendo a comissão decidir se as propostas apresentados reunem as condições necessárias para serem admitidas.

Todos os concorrentes, se propõem construir os dois hospitais, pelo que cada um deles apresentou uma caução de 32 mil contos, como é exigido nos cadernos de encargos.

NA SUA COZINHA

EXAUSTORES
baraldi
TORNEIRAS
BUADES
LAVA LOUÇAS
Teka-Hergóm
TRITURADORES
TWEENY

pali
TODA ESTA APARELHAGEM DE ALTA CLASSE INTERNACIONAL
ESTÁ EM EXPOSIÇÃO NA FIL/73 STANDS 346 A 349
Importador:
ANSELMO SANTOS LISBOA - R. Cor. Bento Roma, 12-A - Tel. 717169
AVEIRO - Av. Araújo Silva, 109 - Tel. 24494
REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

DESDE
ESC. 2745.00
UMA SEMANA
PARTIDAS SEMANAIS DE JUNHO A OUTUBRO
UMA PROMOÇÃO IBERTUR
NORTUR/PM TURISMO
LISBOA R. Barata Salgueiro 8 Telef. 58874
PORTO R. José Falcão 82 Telef. 27587

FILMES PORTUGUESES

O ABC Cine Clube promove hoje, às 21 horas, na Sociedade Nacional de Belas Artes, uma sessão de curtas-metragens, em que serão exibidos os filmes portugueses «Santuário», «Mensajeiro Alado», «Passagem» e «Grande Roda». Esta sessão tem por objectivo proporcionar aos sócios uma visão critica sobre o novo cinema português. Dentro do mesmo espírito, será exibido amanhã, às 18 e 40, no Cinema Imperial, a pelicula de Fernando Lopes «Uma Abelha na Chuva».

Após dezenas de anos de ausência de relações — em grande parte devido ao célebre tratado de Munique de 1938 que entregou à Alemanha parte do território checoslovaco — a Alemanha Federal e a Checoslováquia vão restar relações. Na imagem, Bohuslav Chnoupek (à esquerda), ministro dos estrangeiros checo, e Walter Scheel, o seu colega alemão ocidental.

DESENCANTO NO BANGLA DESH - 3

UM SOCIALISMO BEM TEMPERADO.

Por GÉRARD VIRATELLE

Dominado pela personalidade prestigiosa de Mujibur Rahman, o «pai da nação», o Bangla Desh beneficiou, desde o seu acesso à independência, de uma importante ajuda internacional, a qual lhe permitiu realizar, melhor ou pior, as tarefas da reconstrução. Mas esta operação de «salvamento» e a dependência que ela implica para o país também apresentam os seus riscos.

..O socialismo é um dos quatro pilares em que se assenta o aparelho do Estado, que controla 85 por cento dos investimentos no sector industrial moderno. Em Demra, a cerca de vinte quilómetros de Dacca, na margem de um dos braços do delta do Gange, a segunda mais importante fábrica de cânhamo do país emprega à volta de sete mil operários. Nacionalizada, como todos os bens paquistaneses, a empresa é agora dirigida por técnicos nacionais. «A nossa produção é de 60 a 70 por cento do que era anteriormente», declara-nos um desses técnicos (as capacidades instaladas de produção eram também nitidamente sub-utilizadas antes de 1971).

Quais as razões desta diminuição? A fábrica atravessa um período de dificuldades financeiras. A «corporação» das indústrias do cânhamo centraliza a gestão de todas as fábricas. Contudo, as exportações da de Demra são consideradas «satisfatórias». Mas o preço da fibra está muito na dependência da evolução dos câmbios no mercado internacional, e o custo da produção tem vindo a aumentar. «Também a produtividade dos operários baixou, prossegue um dos responsáveis, enquanto que os salários passaram, em média, de 125 para 150 takas num ano». O governo proclamou que daria 40 por cento do capital das empresas nacionalizadas aos operários — sempre para marcar bem o carácter «socialista» da sua política — pretendendo fazê-los participar nos benefícios, sempre que tal seja materialmente possível. Este projecto, porém, tem poucas possibilidades de ser realizado no imediato.

Tanto as exportações de fibra, bruta ou manufacturada, como as fábricas de transformação foram nacionalizadas. Já não existe o mercado entre plantadores e as fábricas. Ora se o cânhamo constitui a principal receita de exportação do país, também é certo que representa a quase totalidade do rendimento do camponês. O cânhamo bruto é comprado à fábrica a 55 ou 60 takas o «maund» (mais ou menos quarenta quilos); mas os agricultores recebem apenas 35 ou 40 takas. Calcula-se que vivem da fibra, directa ou indirectamente, cinco milhões de famílias, absorvendo assim uma grande quantidade de mão-de-obra disponível. E de longe a indústria mais importante do país, relativamente pouco industrializado. Vital para o Bangla Desh, o cânhamo é uma matéria-prima muito vulnerável, constantemente ameaçada. Por outro lado, a parte do país na produção mundial tem vindo a diminuir desde 1947: era então 90 por cento, não ultrapassando em 1969-1970 os 37 por cento. E ainda se verificou uma diminuição sensível da produção por hectare durante este período, enquanto que aumentou o rendimento e a produção da maior parte dos países concorrentes.

MAGROS INVESTIMENTOS

O governo tem assim boas razões para não querer fundar o desenvolvimento do país sobre esta única produção. O Bangla Desh possui também gás natural, cujas reservas estão calculadas em 250 milhões de metros cúbicos. Estuda-se a possibilidade de o vir a exportar para a Índia e o Japão, assim como o estabelecimento de uma indústria petroquímica. Mas esta apresenta alguns inconvenientes, sendo pouco criadora de emprego e implicando a compra de equipamentos caros ao estrangeiro. Há muitas esperanças de encontrar petróleo nas regiões orientais do país e ao longo das costas. Uma trintena de sociedades internacionais já se mostraram interessadas na prospecção e futura exploração. O Estado pensa associar-se a algumas delas para tomar parte nas pesquisas.

«Nunca tivemos muitos investimentos estrangeiros, e desejaríamos que houvessem muitos mais, embora reconheçamos que o nosso país não será exactamente um paraíso para eles», declara-nos o sr. Sobhan, responsável pelo sector industrial do primeiro plano quinquenal, em curso de elaboração.

Na verdade, a política industrial do no Estado não é de molde a encorajar os investimentos. Tendo em vista «lançar os fundamentos do socialismo no sector industrial», dividiu-se este em dois sectores: um deles, público, compreendendo todas as grandes empresas; o outro, privado, englobando as pequenas e médias sociedades, com um limite de investimentos fixado em 2,5 milhões de takas, «para evitar que elas se venham a tornar grandes firmas capitalistas». Além disso, o governo reserva-se o direito de as nacionalizar ao fim de dez anos, se se verificar que apresentam uma gestão deficitária ou que trabalham abaixo do nível do seu volume de produção normal.

Admite-se, todavia, a utilidade dos investimentos estrangeiros no sector público, com a condição de que a sua participação no capital global de cada empresa não exceda os 49 por cento. Por outro lado, uma malha legislativa bastante cerrada deixa os capitais estrangeiros reduzidas possibilidades de evasão.

Apoderando-se da gestão dos bens deixados pelos paquistaneses (e teriam eles outra alternativa?), e limitando as prerrogativas do sector privado o governo de Mujibur Rahman comprometeu de certo modo o arranque industrial do país. Mas estas medidas, que instauram de facto um capitalismo de Estado, proporcionam a um regime intrinsecamente moderado a ocasião de se fazer passar por socialista. Entretanto, confia-nos ainda o sr. Sobhan, o principal objectivo do plano é o de tornar o país «autosuficiente» em reservas alimentares, sem o que o Bangla Desh deverá continuar a depender da assistência internacional ou esgotar as suas reservas de divisas.

A PRESSÃO DEMOGRÁFICA

O Bangla Desh contaria actualmente 75 milhões de habitantes (1). Admite-se geralmente, na base de estimativas (o último recenseamento data de 1961), que a sua taxa de cres-

Continua na pág.4

QUADRATIM ISABEL DA NÓBREGA

A SEGUNDA FEIRA

Gostaria ainda de propor a realização de uma segunda feira do livro durante o ano. Haveria assim a Feira de Maio e a Feira de Inverno.

Há que anos (quatro, cinco?) apresentei pela primeira vez a ideia!

Note-se, as dificuldades para a sua concretização não surgiram da parte de quem «detinha o poder» no local idealizado, mas sim, mais uma vez, das entidades próximas do livro (por acaso, na altura, do livro infantil, que foi o que propus, para começar).

Vejamos: a ideia, que aplico agora ao livro em geral, embora preservando um largo espaço ao livro para crianças e a diversas manifestações que a crianças interessam, era a de uma segunda-feira a realizar no Pavilhão da Feira das Indústrias, de 15 de Dezembro a 7 de Janeiro.

Feira «coberta», aí seriam reunidos os livros publicados de Setembro a Dezembro, além de outros menos recentes.

Os que não têm meios para sair de Lisboa nas férias do Natal — e são tantos! — aí encontrariam uma variante do café ou da «matinée» — e, entre esses, alguns poderiam tornar a comprar livros...

Os pais poderiam lá deixar os filhos em férias durante tardes inteiras, porque:

1.º — Estaria de piquete um grupo de estudantes universitários, pagos à hora (cada um trabalharia um mínimo de três horas, para se conseguir um mínimo de contacto), inscritos com antecedência e bem informados quanto à acção que deles se esperava;

2.º — Nas duas salas de conferências haveria diariamente sessões de teatro e de cinema da melhor qualidade;

3.º — Na grande área do Pavilhão seria reservado um recanto onde equipas de crianças (de várias escolas, ou ranchos avulsos) se entregariam à tarefa de planificarem **a cidade dos seus sonhos,** ou a casa dos seus sonhos, ou o quarto dos seus sonhos, com uma largueza que as dimensões das respectivas escolas não costumam permitir.

Os módulos em esferovite, os cubos de madeira, o papelão, o cartão prensado, as tintas, seriam aplicados segundo a fantasia e a sabedoria da gente miúda. Poderia haver votos dos visitantes (mas não prémios). Poderia haver, poderia, tanta participação de miúdos e graúdos; e a música, e um serviço simplificado de refeições a preços de cantina, para quem não quisesse de lá sair todo o dia...

Naquele espaçoso recinto cabem à vontade as oitenta e tal barracas dos editores. É só montá-las. E preenchia-se o restante espaço com as diferentes sequências por que passa um livro até ser vendido ao público: máquinas tipográficas a trabalhar, maquetas de capas, a exposição das primeiras e das segundas provas emendadas, serviços de brochura e de encadernação, enfim, uma modesta e honesta tentativa de aproximar, tanto quanto possível, o livro do (assustado) homem da rua...

Se se achasse oportuno, poderia, paralelamente, correr uma exposição de livros raros, alguns leilões de alfarrabistas, etc.

As perguntas que os visitantes lançariam — anonimamente — em receptáculos, circunscritas à questão do livro, seriam todos os dias lidas e respondidas por um escritor e um editor diferentes. Um pequeno estrado, um «gong», trinta minutos diários para se esclarecer as questões postas, ou, se fossem de mais (?), as perguntas seleccionadas.

Oh, para uma segunda-feira anual do livro com predominância, desta feita, para o livro português) não são as questões — nem as condições — que faltam.

Que será?

«The Los Angeles Times»/«DL» Por William J. Dumond

Os "Sherpas" desejam libertar-se do frio

DARJEELING (Índia) — Os sherpas, cujas costas têm carregado com o material de todas as grandes expedições de montanhismo ao Himalaia, estão a dar sinais de crescente desejo de se libertar do frio.

Um recente surto de entusiasmo turístico pelo desporto bem mais seguro de viajar em carros de bois ao longo dos atalhos através dos vales, presenteou os «sherpas» com uma fonte de receita alternativa, que estes aproveitam como guias, sem ter de arriscar a vida nas grandes altitudes geladas.

«Os 'Sherpas' conseguiram uma próspera economia», disse Chris Bonington, o montanhista inglês, «A viagem em carro de bois revolucionou completamente tudo. Há um bom número de empregos para os 'sherpas'. Estão realmente a ganhar bastante dinheiro».

«Bastante» significa cerca de dois dólares por dia, alimentação e equipamento, mais gratificações. Trata-se de um ganho de certa monta num país em que o salário médio diário **per capita** é de cerca de 30 cêntimos de dólar.

Os montanhistas americanos e europeus sentem-se satisfeitos com a prosperidade que bafejou este destemido povo de ascendência tibetana, mas, ao mesmo tempo, necessitam de bons homens para carregar o seu material e abastecimentos até ao Everest, Annapurna e outros picos perigosos do Himalaia.

A escassez de «sherpas» nem toda ela é devido ao dinheiro ganho com as excursões em carros de bois, disse Norman G. Dyhrenfurth, o montanhista americano, que escalou o Everest, com êxito, em 1963. «Tem havido uma percentagem crescente de mortalidade entre os 'sherpas' nas expedições a grandes altitudes», disse ele.

«O momento decisivo, acrescentou, «teve lugar na Primavera de 1970, quando sete 'sherpas' morreram durante uma expedição japonesa».

«A partir de então, tem sido difícil conseguir bons guias. Muitos deles dizem: 'Bem, por que arriscaria a minha vida? Se preferir as excursões pelos vales, ganho exactamente o mesmo dinheiro'», observou Dyhrenfurth.

Os montanhistas devem, pois, melhorar a oferta. Bonington disse ter pago aos seus «sherpas» cerca de 25 dólares por dia para levarem às costas a sua carga, a partir dos 8 mil metros, durante a sua malograda tentativa para escalar o Everest em Novembro último.

«Trepar na montanha é, naturalmente, muito perigoso», disse Nawang Gombu, um «sherpa» que foi, até agora, o único homem a escalar o Everest duas vezes (em 1963 com a expedição americana e em 1965 com os indianos). «Muita gente morreu já na montanha. Agora, os outros voltaram-se para a agricultura, alguns para os negócios, alguns ainda estabeleceram-se no Nepal, na Índia ou noutros lugares.

«Com as excursões em carro, não tem que se carregar às costas tanta carga. É-se apenas guia e mais nada», disse Gombu.

Para muitos «sherpas» a escalada a grande altitude é uma questão de orgulho.

«Nós somos um povo da montanha», disse

Continua na pág. 18

DL/GERAL

PORTO

FACULDADE DE MEDICINA

Foi contratado por conveniência urgente de serviço, como assistente, além do quadro, de Farmacologia da Faculdade de Medicina o dr. Fernando Augusto Andrade de Abreu Brandão. Contratado, igualmente, como assistente eventual de Propodêutica Cirúrgica da mesma Faculdade o dr. José Manuel Cavadinha Gomes.

ARTES PLÁSTICAS

Na Galeria Abel Salazar foi inaugurada uma exposição de trabalhos de pintura da artista Ângela Vimonte.

A exposição, que atrai muitos visitantes, estará patente ao público até dia 2 de Julho.

FESTA DO CORPO DE DEUS

Na Sé, celebra-se durante a tarde a Festa do Corpo de Deus.

Preside à cerimónia D. António Ferreira Gomes, prelado da diocese.

JARDIM-ESCOLA JOÃO DE DEUS

No Jardim-Escola João de Deus será inaugurada esta tarde a exposição de trabalhos escolares, executados pelos alunos daquele estabelecimento de ensino infantil.

COIMBRA

PRÉMIOS PARA ESTUDANTES

Nos serviços da secretaria da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, no Largo da Portagem, 27-4.º, encerrou-se o prazo de inscrição de licenciados pela Universidade de Coimbra, alunos que foram nos anos lectivos de 1970/1971 e 1971/1972, para habilitação aos prémios pecuniários concedidos pela Associação, em colaboração com a Fundação Calouste Gulbenkian.

Os prémios a atribuir, treze no valor de dois mil escudos cada, galardoando os melhores classificados, serão entregues em sessão festiva, em data a anunciar oportunamente.

EXPOSIÇÃO CANINA

Organizada pela Comissão Municipal de Turismo, realiza-se no Parque dr. Manuel Braga, no dia 8 de Julho, a II Exposição Canina Internacional, segundo os regulamentos e com a aprovação do Clube Português de Canicultura.

Serão admitidas as raças de cães-pastores, de guarda e protecção; cães de caça, cães de luxo, galgos, incluidos nas classes: Aberta, de Trabalho e Campeões Internacionais e Nacionais.

Haverá medalhas para os primeiros (dourada), segundos (prateada), terceiros (bronzeada) e quartos (cobre) e ainda certificados.

O juri é constituído pelos srs. Eduardo Wallace, dr. Luís Navarro Brazão, dr. José Joaquim Correia Monteiro e dr. António Cabral.

As inscrições devem ser entregues até segunda-feira na Comissão Municipal de Turismo, no Largo da Portagem, em Coimbra e no Clube Português de Canicultura, na Praça D. João da Câmara, 4, 3.º, em Lisboa, das 15.30 às 20 horas.

PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES

Promovido pelo Sindicato dos Empregados de Escritório do Distrito de Coimbra, começou o segundo curso de programação de computadores, que terá a duração de oitenta horas e decorrerá à noite.

Como então noticiámos, o primeiro curso teve grande afluência de inscrições mas, como eram limitadas, a direcção do Sindicato deliberou realizar outro curso.

FESTA DO CORPO DE DEUS

Na Sé Catedral, celebra-se hoje a Festa do Coração de Jesus. Haverá, durante a tarde missa solene, seguida de procissão eucarística, à qual presidirá o prelado da diocese, D. João Saraiva, com a presença das principais individualidades religiosas, civis e militares.

Como é tradicional, incorporam-se todas as congregações religiosas da cidade, irmandades e Ordem Terceira, cujos irmãos envergam os hábitos tradicionais.

BILHETEIROS DO TEATRO AVENIDA

Os bilheteiros do Teatro Avenida, Manuel e Irene, realizam a sua festa no dia 26, naquele teatro, com a exibição do filme «Borsalino».

Há dezenas de anos que a Irene e o Manuel têm a sua festa, sempre bem recebida pelos frequentadores daquela casa de espectáculos, pois tanto um como o outro souberam granjear entre o público as melhores simpatias.

COMANDO DA P.S.P.

Foi nomeado para exercer o cargo de adjunto do Comando Distrital da P.S.P. o tenente Luís Alves de Sousa.

O VÔO DAS AVES

O sr. Carlos Martins Coimbra, residente no Ingote, nesta cidade, tem em seu poder um pombo-correio, que encontrou, ferido, no Choupal, portador de anilhas com as seguintes inscrições: «Porto-72-363574» e «353».

«VERBENAS» DO TOVIM

Prosseguem no Tovim as «verbenas», organizadas por um grupo de habitantes do lugar e cujo produto se destina à construção de uma nova igreja. Ali se exibem dois conjuntos musicais que animam os bailes. No domingo, a «verbena» promete grande animação.

FESTAS POPULARES

A afluência de povo a Celas, onde decorrem festejos populares tem sido extraordinária. São muitos os milhares de pessoas que ali acorrem pelo que se torna quase impossível romper. E teve de ser montado um serviço especial de trânsito na Avenida Bissaia Barreto e em Celas.

Outra coisa não seria de esperar, pois os seus moradores quiseram manter a tradição das fogueiras da velha «Alta» e, embora contemporizando com os modernismos, a verdade é que tudo aquilo cheira a «fogueiras de S. João».

Além de tudo, os moradores festejam os vinte e cinco anos da inauguração do Bairro que foge ao ambiente de outros bairros, porque todos eles viviam na «Alta», as ruas têm os mesmos nomes e é como se continuassem lá, embora com outra cenografia.

Comparticipações às Câmaras Municipais

O Ministério das Obras Públicas concedeu as seguintes comparticipações adicionais às Câmaras Municipais dos distritos de Evora e Vila Real: à Câmara Municipal de Portel, comparticipação da J. A. Estradas para aquisição de uma moto-gadanheira para conservação das vias municipais, Esc 7300$00; à Câmara Municipal de Portel, comparticipação da J. A. Estradas para aquisição de um tractor c/atrelado e carregador frontal, Esc 95.500$00; à Câmara Municipal de Portel, adicional da J. A. Estradas para construção da est. municipal entre as E. N. e E. N. 384, Esc 16.500$00; à Câmara Municipal de Vendas Novas, comparticipação da D. G. S. Urbanização para pavimentação da Rua General Craveiro Lopes, Esc 32.000$00; comparticipação da D. G. S. Urbanização para construção do arruamento de circulação de Vendas Novas, Esc 200.000$00; à Câmara Municipal de Vila Viçosa, reforço da D. G. S. Urbanização para construção do mercado em Bencatel, Esc 137.400$00; à Câmara Municipal de Estremoz, comparticipação da D. G. S. Urbanização para pavimentos de arruamentos de acesso ao Castelo de Estremoz, Esc 182.400$00; à Câmara Municipal de Vendas Novas, comparticipação da D. G. S. Urbanização para reparação das Ruas de Miguel Bombarda e dr. Brito Camacho e do Largo dr. João Luís Ricardo, em Vendas Novas, Esc 30.000$00; à Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, reforço da D. G. S. Hidráulicos para abastecimentos de água à vila, Esc 8900$00; esta obra fica assim dotada com Esc. 1.063.227$50; à Câmara Municipal de Vila Real, reforço da D. G. S. Hidráulicos para abastecimento de água a Vila Real, Esc 100.000$00; esta obra fica assim doada com Esc 350.000$00.

Estudos da Marinha

Nas instalações do Museu de Marinha, em Belém, efectuou-se uma reunião plenária para apreciação de assuntos de interesse para a actividade do Centro de Estudos de Marinha.

No final, foi proferida pelo dr. Cortês Pinto uma comunicação intitulada «O feitiço da astronáutica e as três divisas de D. Manuel».

O MATADOR JOSÉ SIMÕES NOS AÇORES

O matador de toiros José Simões parte amanhã para os Açores, por via aérea. Vai participar nas corridas de S. João, que decorrerão na ilha Terceira.

PROVÍNCIA

EXPOSIÇÃO DOS JOVENS DO TORNE

VILA NOVA DE GAIA — No salão paroquial da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica do Torne, nesta vila, é inaugurada no dia 24 uma exposição de pintura, escultura e artes menores, promovida pela Biblioteca dos Jovens do Torne, que estará patente todos os dias das 21 às 23 e 30, até 1 de Julho.

HABITAÇÕES PARA MILITARES

AGUEDA — Na base de licitação de 3 271 400$50, está aberto concurso público para arrematação da empreitada de construção de habitações de carácter social, nesta vila, primeira fase, bloco 4, doze fogos, para os Serviços Sociais das Forças Armadas.

O processo de concurso está aqui patente, na Câmara Municipal, e no Serviço de Habitação e Instalações dos Serviços Sociais das Forças Armadas Rua Pedro Nunes, 8 — 6.º, em Lisboa.

As propostas podem ser entregues nos Serviços Sociais das Forças Armadas até 12 de Julho, às 17 horas, ou remetidas pelo correio, sob registo, com aviso de recepção.

ESTRADAS

COVILHÃ — Foi adjudicada a construção do troço final da estrada das Pedras Lavradas, entre Barriosa e Teixeira de Cima.

E um melhoramento relevante, pois a distância nas comunicações rodoviárias entre esta cidade e Coimbra fica, assim, reduzida de trinta quilómetros.

Um socialismo bem temperado...

Continuação da pág. 3

cimento demográfico é superior a 3 por cento. Consequentemente, a população duplicaria no espaço de trinta anos. A sua densidade populacional é, em média de 550 habitantes por quilometro quadrado. Os planificadores parecem convencidos da necessidade de fazer aplicar um programa de limitação dos nascimentos, mas nada indica que essa necessidade seja sentida também pelos homens políticos. As consequências da pressão demográfica foram realçadas recentemente pelo agrónomo francês René Dumont, num estudo que o director do desenvolvimento rural considerou o «mais esclarecedor e amigável». Nesse estudo se poderá ler que a propriedade familiar diminuiu, em certas aldeias, de cerca de metade no espaço de cinquanta anos. As propriedades de meio hectare são as mais frequentes. A maior parte das explorações agrícolas são de dimensões minúsculas, ao mesmo tempo que o preço da terra aumentou consideravelmente.

Abdour Rafique, com quem falámos numa região do centro do país, é um camponês relativamente favorecido. Na sua aldeia, situada, como a maior parte das do Delta, sobre um relevo artificial que protege as casas de colmo e terra batida das inundações, é ele que possui a maior extensão de terra: mais ou menos quatro hectares. Mas a sua família é composta por vinte pessoas, entre as quais treze filhos. O governo fornece à comunidade uma bomba de irrigação, mas quanto aos adubos é difícil encontrá-los em quantidade suficiente ao preço controlado de 22 takas o «maund», sendo o agricultor forçado a ir abastecer-se ao mercado livre, pelo preço de 35 takas. Com duas colheitas de arroz por ano, mais um pouco de açucar, cânhamo, tabaco e pimentões, Rafique afirma-nos não ter problemas de maior.

A seu lado,, um velhote de cócoras, com o rosto todo enrugado, rosto apoiado nos joelhos: vendeu tudo o que possuia — não chegava a um meio hectare de terra — para poder sobreviver e pagar as suas dívidas. Agora trabalha ocasionalmente a terra de terceiros.

Os rendeiros são geralmente pequenos proprietários que possuem um ou dois palmos de terra e alugam, na maior parte dos casos ao ano, a terra de um agricultor, com o fim de poderem utilizar integralmente a mão-de-obra familiar e se poderem melhor alimentar. Segundo o sistema usual, estes rendeiros cultivadores suportam integralmente os custos de produção, dividindo depois a colheita ao meio com o dono da terra. As suas condições económicas são, ao que parece, miseráveis; não têm recurso às instituições de crédito... (a sua única fonte de crédito é o usuário, que lhe exige taxas de juro exorbitantas).

OS CAMPONESES ENDIVIDADOS

Tanto as colheitas, como as próprias terras, são muitas vezes hipotecadas. Apesar do desenvolvimento, antes do desmembramento do Paquistão, das sociedades cooperativas — geralmente controladas pelos camponeses mais abastados — os camponeses são, regra geral muito endividados. Enquanto que os agricultores usurários vivem em parte das suas rendas, os camponeses, em particular os que não possuem qualquer parcela de terra, são obrigados a recorrer ao crédito para comprar a sua alimentação, reembolsando depois cerca de três vezes o valor das dívidas contraídas.

Numa determinada aldeia, René Dumont registou uma média de 1235 takas de dívidas por família. Uma percentagem de 82 por cento da superfície cultivável é trabalhada directamente pelos proprietários da terra, 16 por cento por rendeiros. A maioria da população rural do Bangla Desh (cerca de 80 por cento da população total) é constituída por pequenos agricultores e camponeses sem terra.

A Liga do Povo prometeu, no seu manifesto eleitoral, que o limite da propriedade privada — actualmente fixado em cerca de 15 hectares, o que não afecta praticamente ninguém — seria de novo reduzido. Até que nível deverá ele descer para que a repartição das parcelas seja mais equitativa e conserve ao mesmo tempo uma certa viabilidade? Na opinião geral, não se limitam a esse campo as possibilidades de uma independência agrícola: é preciso também aumentar o rendimento da produção de arroz (algumas medidas decididas no passado alcançaram resultados muito satisfatórios, como por exemplo um controle mais eficaz dos rios do delta). Na época das colheitas, perdem-se todos os anos grandes quantidades de água e as terras são alagadas pelas inundações, enquanto que noutras épocas a seca atinge severamente outras regiões. E precisa ainda uma luta decidida contra a usura e um mais racional aproveitamento das terras. «A principal característica da agricultura do Bangla Desh é uma taxa enorme de riqueza inexploradas», pensa René Dumont, que propõe uma «nova revolução» através do estabelecimento de sociedades de aldeias que incluissem os camponeses sem terra, os pequenos proprietários e rendeiros, com o fim de aumentar a participação comunitária.

O partido de Mujibur Rahman exprimiu claramente a intenção de desenvolver a economia rural. Mas, por agora, as relações sociais na «República Popular do Bangla Desh» são em sentido único. A «classe dirigente» saiu principalmente dos meios educatos da burguesia citadina ou dos grandes proprietários rurais. Ocupou todos os postos deixados vagos pelos Paquistaneses, militares, altos funcionários, homens de negócios que dominaram o país durante vinte e cinco anos. E foi esta classe dirigente privilegiada que o proletariado camponês reconduziu no poder nas últimas eleições, o que é mais uma prova de que, profundamente marcadas pela guerra civil, as massas componesas não aspiram a grandes transformações sociais.

Sem se terem tornado, como o pretende um chefe comunista ortodoxo, pequeno-burgueses, o que é certo é que os camponeses do Bangla Desh conservam ainda muitos reflexos conservadores. O sistema de educação clássico, tal como na Índia, é mais apto a formar um «desemprego instruído», do que a preparar a juventude para o desenvolvimento económico da nação (embora a Liga do Povo se declare pronta, também neste domínio a operar uma «mudança revolucionária»).

Não virão estes jovens, que as milícias governamentais não podem absorver completamente, estes camponeses sem terra ou sem trabalho, a constituir um dia uma força revolucionária, num processo semelhante ao que se verificou no Ceilão? Eles representam já hoje cerca de 30 por cento da população activa! (2). Um desses jovens afirma-nos: «Esperemos aí uns dois ou três anos, até que a Liga do Povo tenha dado provas cabais da sua incapacidade e ela ficará completamente desacreditada». Eis um raciocínio que não deixa de revelar uma grande dose de lucidez.

(1) O Bangla Desh é o oitavo país do mundo em termos de população.

(2) O Bengala Ocidental, onde se registou a mais recente revolta camponesa e que permanece o centro do movimento naxalita (maoista), é o Estado da Índia que conta maior números de «desempregados instruídos.

TV DL/ESPECTÁCULOS

AVENIDA DA LIBERDADE OU AVENIDA DA BANALIDADE?

Antigamente eram as marchas de Lisboa.

Os arcos, os balões. As cantiguinhas na boca e amores no coração.

E as rivalidades. Que degeneravam em conflitos. Em suspeições. Em inimizades interbairros. Criava-se mau ambiente nas sete colinas. Uns porque quem devia ganhar era a Bica, outros que a melhor era a de Alfama, outros que nem canja: quem devia levar aquilo era a Madragoa, só aquele vira, pá, aquele vira tão típico, tão castiço!

Isso foi antigamente.

Agora, pelo menos em santos populares, terminou a macrocefalia de Lisboa.

Lisboa transbordou.

Veio Portugal, e não apenas a tal das sete colinas. E não somente Portugal, mas o mundo lusíada. Com a presença do Brasil, com os *«Vapores do Rego»* que são páu para toda a obra, a esbracejar, a pular, numa calda espessa de serpentinas.

Aqui para nós, foi boa maneira de iniciar o espectáculo, porque as primeiras imagens eram perfeitamente fantasmáticas: sobre o fundo da noite, onde escureciam árvores e vultos, destacava-se o pedestal branco do Marquês e do seu leão. Só o pedestal. Lá em riba, o leão e o Marquês confundiam-se com a noite.

Vieram, depois, os «jeeps» dos bombeiros. Os bombeiros lentamente solenes. Em grande plano, a máscara severa de um dos condutores de «jeeps». Escusado será dizer que os bombeiros se apresentavam munidos dos respectivos machados.

Depois é que foi a tal explosão de brinquedo, o carnavalzinho pobre do Rio, a representar o Brasil. Lá veio, carregado de todo o simbolismo, a abrir o mundo lusíada. Mundo que continuou, não com as marchas alfacinhas do costume, mas com as representações de todos os distritos do País.

Nenhuma novidade. Estamos fartos de ver aquilo através dos programas de Pedro Homem de Mello. Ontem, tudo se resumiu a uma manta de retalhos a demonstrar nada mais a não ser «a grande potencialidade em ranchos folclóricos do nosso País» para utilizar uma expressão de Carlos Cruz. Com o que a nossa Avenida da Liberdade se transformou, por momentos, em Avenida da Banalidade.

Antes de terminar, duas palavras, e ambas de apreço, para os trabalhos do realizador Pedro Martins que lutou até de madrugada para vencer as difíceis condições operacionais, e de Carlos Cruz de exemplar sobriedade e que se não limitou a relatar: alguns apontamentos críticos demonstraram que estávamos em presença de uma inteligência e não de um «robot».

Não terminarei sem exprimir o meu espanto pela quantidade de ranchos «folclóricos» que há no nosso País. Nisso ninguém nos deve bater, em todo o mundo. Muito se baila e se canta em Portugal! Passos medidos, gargantas afinadas, encheram ontem o País de lés a lés.

Ainda bem, é sinal de alegria. A alegria é sempre um espectáculo maravilhoso. Nós bailamos, nós cantamos com tamanha genical

OS CISNES NEGROS

Eram dez meninos mais ou menos vestidos, que é como quem diz, mais ou menos despidos. Estavam ali, à nossa frente, à beira de água. E havia muito calor, uff! Dia terrível. Artur Agostinho e Augusto Cabrita andavam em procura de inspiração para a meia dúzia de minutos do *Totobola*. Cheios de calor. Que calor! Foi então que viram os meninos à beira de água, mais ou menos despidos (compostinhos, compostinhos!). Tentaram a reportagem. Estava ali quem ia tomar o lugar pitonísico. Era à beira de água gozava-se um verão de início, mas já verão a sério.

Foi quando que me desmanchei a rir. Artur Agostinho perguntava ao nadador juvenil qual era a sua especialidade, e o menino respondeu: *Navegador ...*

As perguntas continuavam, continuavam as respostas: 1,x,2 ...

Foi quando voltei a desmanchar-me a rir. Artur Agostinho perguntava a outro nadador a previsão para o *Benfica e Luanda* e *Independente*, e o menino respondeu: *três ...*

Os meninos postos diante dos problemas dos adultos vingam-se com barracas que só igualam as dos adultos postos diante dos problemas das crianças.

Rir, pois. Rir com a boca toda. E de repente o riso a morrer isto é, a envergonhar-se de si próprio. Os meninos daquele *Totobola* estavam à beira de água, mas da água do lago do Campo Grande. Poluidinha, graças a Deus. Eram meninos? Bem, o que eu sei dizer è que eram da Musgueira. Davam cada mergulho na água suja... Davam cada mergulho e nadavam e corriam atrás dos cisnes pretos. Às vezes já nem sabemos quem são os cisnes, quem são as crianças. Ah, a inteligente câmara de Augusto Cabrita!

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

CASA
CHAVES CAMINHA
ACESSÓRIOS
DE INDUSTRIA
LISBOA — TELEF. 72 51 63
PORTO — TELEF. 20876

PASTA MEDICINAL Couto
TRATA DOENÇAS DA BOCA

Limpeza e restauro de carpetes

Consulte os serviços técnicos da FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO. Pedidos aos escritórios: R. Conde de Redondo, 64, 2.º, dt.º Tel. 5 92 88.
ORÇAMENTOS GRÁTIS

FIL/73

JUNHO (9-23)
HOJE

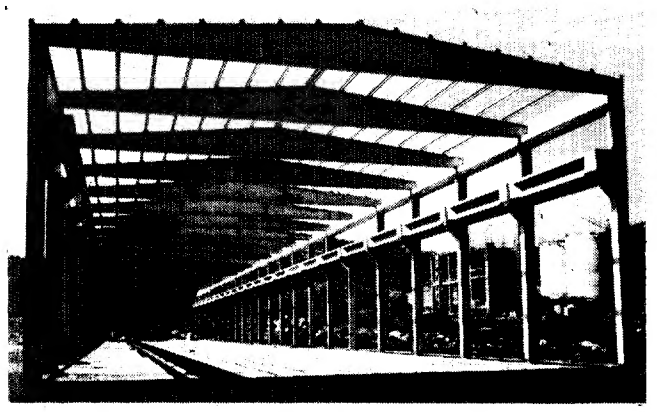
JUNHO
D S T Q Q S S
— — — — — — —
— — — — — 1 2
3 4 5 6 7 8 9
F 11 12 ✣ 14 15 16
17 18 19 20 F 22 23
✣ 25 26 27 28 ✣ 30
— — — — — — —

DAS 15 ÀS 24 HORAS

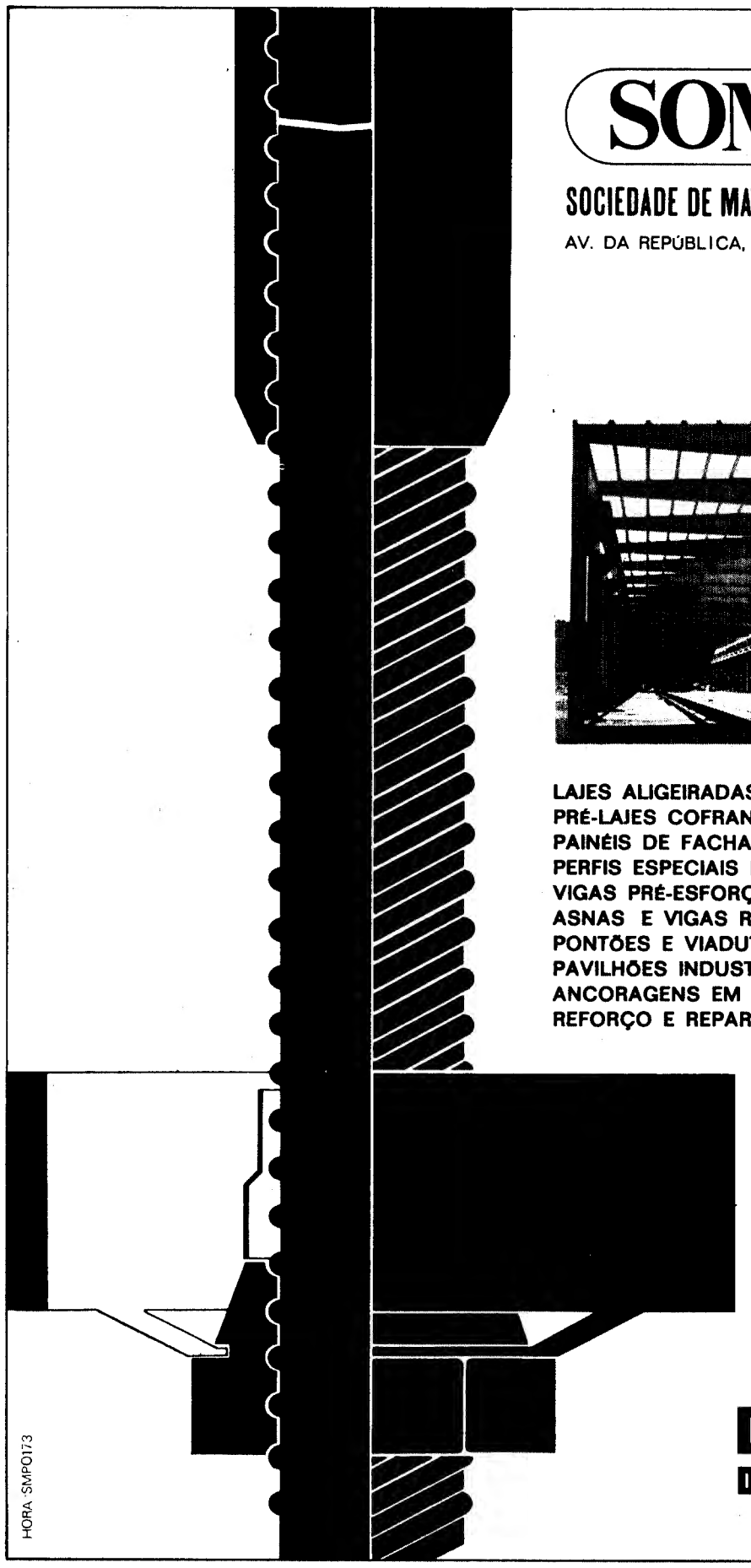
Amanhã e depois:
últimos dias!

A. OLIVEIRA
ELECTRODOMÉSTICOS
Av Almirante Reis, 91 A
Rua Angelina Vidal, 63 | Lisboa

SOMAPRE
SOCIEDADE DE MATERIAIS PRÉESFORÇADOS, S.A.R.L.
AV. DA REPÚBLICA, 83 - 2.º TELEFS. 76 00 45/46/47/48



LAJES ALIGEIRADAS E MACIÇAS PRÉ-ESFORÇADAS
PRÉ-LAJES COFRANTES
PAINÉIS DE FACHADA
PERFIS ESPECIAIS PRÉ-FABRICADOS
VIGAS PRÉ-ESFORÇADAS «IN SITU»
ASNAS E VIGAS RETICULADAS
PONTÕES E VIADUTOS PRÉ-FABRICADOS
PAVILHÕES INDUSTRIAIS E AGRÍCOLAS
ANCORAGENS EM TERRA E ROCHA
REFORÇO E REPARAÇÃO DE ESTRUTURAS



DYWIDAG
Dyckerhoff & Widmann

HORA SMP0173

DL/ESPECTÁCULOS

"OS BONECREIROS" EM CAMPOLIDE

José Gomes e Fernanda Alves numa cena da «Comédia Moscheta».

A «Comédia Moscheta» é, sem margem para dúvidas e pelas notas críticas publicadas em vários jornais e revistas, um espectáculo cem por cento popular e de qualidade. É esse, aliás, o objectivo de «Os Bonecreiros»: atingir o grande público sem perda dessa mesma qualidade.

Pois quem ainda não viu a «Comédia Moscheta» pode ir vê-la a partir desta noite e até dia 24, inclusivé, ao Campolide Atlético Clube, onde «Os Bonecreiros» se apresentarão com Mário Jacques, Fernanda Alves, Vicente Galfo, José Gomes e Maria Emília Correia. A «Comédia Moscheta», escrita por Ruzante (século XVI) foi encenada para «Os Bonecreiros» por Mário Barradas.

"Manzanas para Eva" no Monumental

Com «Manzanas para Eva», comédia de Gabriel Arout baseada em oito contos de Tchecov, na versão espanhola de Victor Ruiz Iriarte, prossegue nos dias 26, 27 e 28 do corrente o Ciclo de Teatro Espanhol, que decorre no palco do Monumental. O principal papel será desempenhado por Maria José Goyannes, sendo a encenação assinada por José Maria Morera.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Vicente P. Ferreira. R. Luís de Camões, 31 — SERPA

Cinema no Mundo

ROSSELINI: O actor Ugo Cardea encarnará a figura de Descartes no próximo filme de Rossellini, cujos interiores serão rodados em Roma. A rodagem dos exteriores far-se-á na França e na Holanda. Com Ugo Cardea contracena a belga Anne Demyttemaere.

«ZANDY'S BRIDE». A actriz Liv Ullmann terá como parceiro de cinema no filme «Zandy's Bride» o estreante Steven Wright, um estudante de 19 anos.

«SO LONG, BLUE BOY»: Neile Adams, ex-esposa de Steve McQueen, foi contratada pelo realizador Gerald Gordon, para interpretar o principal papel na película «So Long, Blue Boy».

«THE OUTFIT»: Tony Trabert, um dos mais conhecidos jogadores de ténis norte-americanos vai estrear-se no cinema como intérprete do filme «The Outfit», numa produção de Carter de Haven.

GRUPO DE FANTOCHES EM VALONGO DO VOUGA

Depois de várias iniciativas voltadas para o desenvolvimento cultural e recreativo das crianças (projecção de filmes, peças de teatro, exposições de desenhos e livros), o Clube Juvenil de Valongo do Vouga conseguiu o que desde há muito pretendia: que as próprias crianças chamassem a si, o encargo de realizar qualquer coisa. Assim, segundo nos informa o nosso correspondente em Águeda, alguns moços de idades compreendidas entre os 11 e os 12 anos, elaboraram o primeiro texto duma peça de fantoches e eles próprios construíram bonecos e cenários, sob a coordenação de um elemento do Clube Juvenil. Daí, saíu um espectáculo cheio de autenticidade que ainda recentemente foi apresentado nas comemorações do Ano Internacional da Criança, pelo Centro Cultural de Barrô (Águeda).

Pois, perante esta notícia que nos enche de natural regozijo, que mais poderemos dizer aos rapazes de Valongo do Vouga do que um vigoroso incitamento de «toca a andar para a frente»?

LUÍS REGO AUTOR DE TEATRO

A peça do português Luís Rego e de Jean-Luc Voulfroy, «Le Dernier Sorti Nettoie la Salle», que há tempos foi estreada no Théatre du Ranelagh, vai ser reposta em cena no Théâtre 347.

CRÍTICA DE CINEMA — Lauro António

Moderato cantabile

TÍTULO: RECUSA (Moderato Cantabile)
REALIZAÇÃO: Peter Brook, 1960 (França)
ARGUMENTO: Marguerite Duras, Gerard Jardot, Peter Brook, segundo romance de Marguerite Duras
FOTOGRAFIA: Armand Thirard (Cinemascope e preto e branco)
MÚSICA: Diabelli
MONTAGEM: Albert Jurgenson
INTÉRPRETES: Jeanne Moreau (Anne Desbaredes), Jean Paul Belmondo (Chauvin), Didier Haudepin (o filho), Valeric Dobouzinsky, Pascale de Boysson, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Talma Filmes
ESTREIA: Cinema Satélite (12-6-1973)

. 1. Peter Brook nasceu em 1925. Inglês. A sua primeira encenação data de 1943: **Doctor Fausto**, a que se seguiu **A Máquina Infernal**, de Cocteau, obras que iriam abrir as portas de uma carreira fulgurante no teatro britânico. Na verdade, impor-se, como encenador de invulgar prestígio, unicamente com vinte e poucos anos é algo de imprevisível, sobretudo se se tiver em conta o ambiente teatral inglês, onde avultam as grandes personalidades. Mas Peter Brook conseguiu o inesperado e, em princípios da década de 50, trabalhava com uma grande companhia de teatro e dirigia homens como Gielgud (em **Measure for Measure**, por exemplo) ou Paul Scofield (**The Tempest, Titus Andromicus, Irma, La Douce, The Visit, Hamlet, The Power and the Glory**, etc.). A partir de 1956 começa a dividir o seu trabalho pelos palcos de Inglaterra e França e sente-se visivelmente influenciado pelo «teatro da crueldade» de Antonin Artaud. Em 1962 é convidado para dirigir **The Royal Shakespeare Company**, onde põe em cena as suas obras mais controversas: **King Lear, Marat/Sade** ou **US** (uma obra dramático-musical sobre a intervenção americana no Vietname).

Entretanto, Peter Brook não é somente um dos mais importantes homens do teatro europeu, mas igualmente um cineasta com algumas películas decisivas no panorama da cinematografia actual. Assim, são-lhe devidas as adaptações cinematográficas de um romance de Marguerite Duras (**Moderato Cantabile**, 1960), de uma novela filosófica de William Golding (**Lord of the Flies**, 1963), de uma peça teatral de Weiss (Marat/Sade, 1965) e ainda **Ride of the Walkyrie** ou **Tell Me Lies** (1967).

2. Marguerite Duras, por seu turno, é francesa pela educação, ainda que tenha nascido na Indochina, em 1914. Aí passaria a infância e a adolescência, até vir para Paris, com cerca de 18 anos, tendo-se matriculado na Sorbone, onde cursou Direito e Ciências Políticas. O seu primeiro livro data de 1943 (**Les Impudents**) e, daí em diante, escreveu numerosos romances, peças de teatro, ensaios, interessando-se também pelo cinema, primeiramente através de alguns dos seus romances, (adaptados ao **écran** por outros — caso de **Moderato Cantabile**, de Brook, como, finalmente em filmes integralmente seus: caso de **Detruire Dit'Elle ou Nathalie Granger.**

Muitas vezes apontada como uma das chefes de fila do **nouveau roman**, outras indicada simplesmente como aderente do movimento, Marguerite Duras é indiscutivelmente uma das personalidades literárias que melhor definiram a década de 60 francesa. Indiscutível é o rigor da sua escrita, a novidade na estruturação de uma narrativa, a clara limpidez na utilização da palavra exacta no local exacto. Para além disso, Duras é ainda um óptimo exemplo de uma literatura que se auto-observa, atenta e crítica. O que, sendo decisivo na evolução da literatura francesa contemporânea, não deixa de ser significativo de um certo clima de claustrofobia literária, a que corresponde uma nítida sensação de impotência criadora, para além dos limites do «experimentalismo». De qualquer forma, **Moderato Cantabile** — romance é uma obra de uma beleza invulgar, pelo «jogo escondido» que um diálogo brilhante e límpido não deixa de fazer transparecer. Sendo, todavia, uma peça de escrita rigorosa e de uma sóbria clareza, não é menos verdade que a análise das duas personagens centrais nunca ultrapassa o âmbito das suas próprias figuras. Aqui, entramos num novo capítulo.

3. Ou, de como Peter Brook inteligentemente enriquece a estrutura do romance de Duras. De que forma? Pois desenvolvendo hipóteses, alargando contornos, fazendo do encontro de Anne Desbaredes e Chauvin algo equivalente a uma pedrada no charco, pedrada que irá reflectir-se em círculos cada vez mais largos e referências mais vastas.

Numa pequena cidade de província francesa, Anne Desbaredes, mulher do mais importante industrial da região, senhor que tudo domina na cidade e a todos emprega, vai, invariavelmente, todas as sextas-feiras, acompanhar o seu filho a uma lição de piano. Numa dessas lições, um grito que vem da rua irá interromper a aula e desequilibrar toda a solidez do burgo. Anne Desbaredes descobre que, numa taberna vizinha, um homem assassinara uma mulher. **«Foi um grito muito longo, muito agudo, que cessou de repente quando estava no auge»**, explicaria Anne. **«Estava a morrer»**, responder-lhe-ia Chauvin. **«O grito deve ter cessado no momento em que ela o deixou de ver»**. E continuaria: **«Tinham-se conhecido por acaso num café, talvez neste mesmo café que ambos frequentavam. E começaram a falar disto e daquilo. Mas não sei nada.»**

. Quando pára em frente da porta da taberna, a tentar descobrir a razão do grito longo e agudo que a despertara para o sobressalto, Anne Desbaredes encontra Chauvin, um operário de uma das fábricas de seu marido, que mete conversa com ela. Este encontro irá quebrar a rotina de Anne: encaminhar-se-á diariamente para a porta daquela taberna, onde passa a entrar, com o pretexto de saber mais notícias. E a história trágica daquele homem, que depois de matar a mulher se inclinava sobre o seu corpo, confessando-lhe o seu amor, passa a constituír o elemento de união entre Anne e Chauvin. Este iniciará a aproximação contando como foram os dias que precederam a morte: **«Viviam numa casa isolada, creio que mesmo à beira-mar. Estava calor. Não sabiam, antes de experimentar, que chegariam àquele ponto tão depressa. Que ao fim de alguns dias seria obrigado a expulsá-la tantas vezes. Em breve foi obrigado a expulsá-la para longe dele, até para longe da casa, muitas vezes...»** E a história, inventada para permitir o contacto crescente, acaba lentamente por se transformar numa história premonitória, denunciando as etapas de um caminho que tudo indica terminar de forma idêntica.

Mas Anne Desbaredes, presa numa cidade onde nada acontece (sobre o crime, ela pergunta-se: **«Ter acontecido nesta cidade, ah, como pode uma pessoa convencer-se...»**, sente-se atraída, melhor fascinada pelo grito que atravessa a quietude de um burgo, grito que traz consigo um desdobrar incomensurável de sentimentos, de excessos que tocam o amor e a morte. Aquele grito a que se agarra será a única forma de fuga a um **moderato cantabile**, por isso compreenderá que Anne Desbaredes aceite com tamanha ternura a rebeldia e desobefiência de seu filho. Porque, para que ele nascesse ela gritou de forma estranhamente semelhante confessa que foi também um grito que a atravessou, unindo o amor à dor, estabelecendo uma ligação voluptuosa: **«Às vezes penso que te inventei, que não és verdade»**, diz ela para o filho. Curiosamente, a cumplicidade de Anne para com a rebeldia do filho, será olhada pelos outros (a professora de piano, prefigurando-os) como a confissão de uma culpa. Quando a professora ralha com a criança, o insulto dirige-se à mãe, **«que a não sabe educar»**. O dedo inquisidor estende-se já a apontar a perturbadora da ordem. A ameaça.

Será, pois, no filho (e mais proximamente em Chauvin) que Anne colocará todas as suas esperanças. Ainda que presinta inúteis os seus esforços. E Chauvin, operário e homem de certo modo lúcido, sabe-o também. Um diálogo entre ambos define-o:

. — **«O tempo passa** — disse Chauvin. — **Está cada vez mais atrasada.**

— **Quando o atraso se torna tão grande** — disse Anne Desbaredes — **que atinge o grau que agora atingiu para mim, creio que aumentá-lo ainda mais, ou não, em nada modificará as consequências.**

A consciência da inutilidade dos gestos ou da impossibilidade de fuga leva Chauvin à desistência. Para que, tempo mais tarde, se não repita o mesmo grito que alertara a cidade.

4. Onde Peter Brook vai mais longe do que Duras é na análise social das duas figuras, sobretudo no que respeita ao retrato da burguesia provinciana que aprisiona Anne. E, na descrição de uma pequena cidade adormecida, onde o Verão permanece esquecido e desfeitas as esperanças. Tudo isto definido por pequenos apontamentos de uma segurança notável.

Excelente a dirigir Jean Paul Belmondo e Jeanne Moreau, Peter Brook mostra-se ainda um homem de cinema corajoso, não aceitando a narrativa clássica, imprimindo à sua

Continua na pag. 8

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Humberto Marques da Cruz — ARAZEDE

DL/GERAL

O caso do "Jornal do Fundão"

O tribunal da Covilhã marcou para as 10 horas de 23 de Julho a primeira audiência do julgamento por «abuso de liberdade de Imprensa» em que são réus o director e um redactor do «Jornal do Fundão» e as três pessoas que enviaram ao periódico uma carta publicada em 18 de Fevereiro último. A audiência, inicialmente marcada para 16 de Junho, não pode realizar-se por falta duma testemunha.

Conforme noticiámos («DL» de 16 de Junho), o autor da acção é um médico das Caixas de Previdência visado pelos autores da carta, que lhe atribuíram a «responsabilidade moral pela morte prematura» dum bebé conduzido, em perigo de vida, ao posto clínico daquela instituição, onde a assistência médica teria sido denegada e demora.

O médico foi entretanto arguido e sancionado com uma «advertência», em inquérito da Federação das Caixas.

António Paulouro e Vítor Ilarco, director e redactor do «JF» apresentam como testemunhas de defesa, entre outros, os jornalistas Silva Costa e Luís de Barros, anterior e actual presidente da Direcção do Sindicato Nacional dos Jornalistas, o presidente da Casa da Imprensa, Armando Pereira da Silva, além de Afonso Praça e Artur Portela Filho.

Intercâmbio livreiro luso-espanhol

O intercâmbio livreiro entre Portugal e Espanha, que pela parte que nos toca, até ao momento não é nenhum, começa a interessar os livreiros portugueses. Nesse sentido realizou-se ontem na Câmara de Comércio Industrial Luso-Espanhola, uma reunião em que participaram o ministro encarregado dos Assuntos Económicos da Embaixada do país vizinho e representantes de editores e livreiros.

Acordou-se para já em nomear uma comissão que se aterá ao estudo das condições para esse intercâmbio, constituida por dr. Alberto Monteiro, da Parceria A. M. Pereira, José Goya, da Montaner e Simon, eng.º Eduardo Ferreira, da Quadrante e Manuel Ferreira da Costa da Livraria Sá da Costa.

Trovoada em Vila Real

Na freguesia de Mouços, perto de Vila Real, uma trovoada violentíssiha, acompanhada de granizo, causou aos habitantes daquelas povoações um prejuízo (na agricultura) à volta dos três mil contos.

Perto de Almada, ao contrário, foi um incêndio que se declarou e varreu perto de 2000 metros quadrados de mata e arvoredo da Quinta da Alagoa. Actividade desenvolvida pelos Bombeiros de Cacilhas evitou que o fogo se propagasse às modestas moradias ali existentes.

AJUDA

ALBERTINA MACÁRIO
(Albertina de Jesus Fonseca Macário)

FALECEU

Maria da Piedade Fonseca Macário, José Macário e mulher, Maria Noémia Macário Rodrigues Gonçalves marido e filhos, Armando Macário de Sales Rodrigues, mulher e filhos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua muito querida filha, mãe, sogra, tia e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã pelas 12,30 h. da Igreja da Boa Hora, para o cemitério da Ajuda. As 12 h. será celebrada missa do corpo presente.

Agência Migueis
Tel. 637567-641835

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

O filme de

JEAN-LUC GODARD

masculino feminino
(masculin féminin)

com

JEAN-PIERRE LÉAUD MARLÈNE JOBERT
CHANTAL GOYA

GRUPO D - 18 ANOS

6.ª SEMANA

estúdio 444

VASCO MORGADO E RAUL SOLNADO
apresentam
no AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa
tel. 53 85 86

HOJE
Tarde: 16 H.
Noite: 21.45 h

Uma comédia APAIXONANTE
com
JOSÉ GAMBOA
RODOLFO NEVES
MANUELA MARIA
GUIDA MARIA
CARLOS QUEIROS
JOÃO GUEDES
VIRGÍLIO MACIEIRA

Uma nova maneira de fazer rir!

grupo C/m.14 anos

Domingo às 16 e 21.45 H

OS «100 MAIS» DA EXPORTAÇÃO

As 100 empresas metropolitanas que mais se têm destacado na Exportação da Metrópole para o estrangeiro, serão como tal oficialmente distinguidas, em 22 do corrente, às 18,30 horas.

Com efeito, nesse dia, em cerimónia que para esse fim se realizará na F. I. L., o Sr. Ministro das Finanças e da Economia entregar-lhes-á diplomas conferindo aquela qualidade.

É a seguinte a lista das empresas:

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA, SARL
R. dos Fanqueiros, 12-2.º — LISBOA

COMPANHIA PORTUGUESA DE CELULOSE SARL
R. Joaquim António de Aguiar, 3 — LISBOA

CELULOSE BEIRA INDUSTRIAL SARL — CELBI
Av. António Augusto de Aguiar, 106-7.º — LISBOA

GRUNDIG ELECTRÓNICA PORTUGAL, LDA
FERREIROS — BRAGA

STANDARD ELÉCTRICA SARL
Av. da India, 64 — LISBOA

SOCIEDADE COMERCIAL DOS VINHOS DE MESA DE PORTUGAL, LDA
R. Sá da Bandeira, 819, 1.º E. — PORTO

CUF
Av. Infante Santo, 2 — LISBOA

TEXTIL MANUEL GONÇALVES
R. Campo Alegre, 732-4.º A — PORTO

FÁBRICA TEXTIL RIOPELE, SARL
POUSADA DE SARAMAGOS
VILA NOVA DE FAMALICÃO

SOCER SOCIEDADE CENTRAL DE RESINAS, SARL
Av. António Augusto de Aguiar, 19-1.º — LISBOA

CONT DATA ELEC LUSITANA SARL
Quinta das Lages — PALMELA

CAIMA PULP CA LDA
Av. dos Aliados, 211-6.º, Dt.º — PORTO

CELULOSE DO TEJO SARL
Pr. Duque de Saldanha, 31 5
Av. de Berna, 13-5.º Dt.º — LISBOA

COTESI SARL
Grijó — VILA NOVA DE GAIA

MELKA CONFECÇÕES, LDA.
Desvio da E. Garcia — CACÉM

ALGOT INTERNACIONAL CONFECÇÕES, LDA.
Fontaínhas — PÓVOA DE VARZIM

J. M. DA FONSECA INTERNACIONAL VINHOS, LDA.
Qt.ª Bassaqueira — Est. Nac. 10 — VI Nogueira AZEITÃO

INDUSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO IDAL, LDA.
Povos — VILA FRANCA DE XIRA

AMORIM & IRMÃOS, LDA.
P. O. Box 1 — SANTA MARIA DE LAMAS

INDUSTRIA TÊXTIL SOMELOS, LDA.
P. O. Box 52 — Ronfe — GUIMARÃES

EUREXTIL
R. Júlio Dinis, 852 4.º — ALMADA

UNIRES, LDA.
Campo das Cebolas, 47-4.º — LISBOA

A. C. PIMENTA, LDA.
Palácio do Atlântico, 600 — PORTO

TÊXTIL NORTENHA, LDA.
R. Firmeza, 365-2.º — PORTO

TMX PORTUGAL
Quinta Medronheiros — LAZARIM

PHILIPS PORTUGUESA, SARL
Av. Duarte Pacheco — LISBOA

INTERPOR — MADEIRAS, SARL
Praça José Fontana, 17-5.º — LISBOA

CONSORCIL, LDA.
Av. Almirante Reis, 74 F-2.º — LISBOA

FÁBRICA DE TECIDOS LIONESA, SARL
S. MAMEDE DE INFESTA

MACONDE CONFECÇÓES, LDA.
Apartado 9
VILA DO CONDE

CORFI, SARL
Silvade — ESPINHO

LISNAVE
Rocha do Conde de Óbidos — LISBOA

MERCADORIAS MÁQUINAS, LDA.
R. Garrett, 61 5.º Dt.º — LISBOA

CORTICEIRA AMORIM, LDA.
Quinta de Meladas — Moselos P. O. Box 27
ST.ª MARIA DE LAMAS

SOCIEDADE DE INDUSTRIAS TÊXTEIS DO NORTE, SARL — SITENOR
Av. Dr. Oliveira Salazar, 401 — MATOSINHOS

GENERAL INSTRUMENT LUSITANA, SARL
Av. 24 de Julho, 78-5.º — LISBOA

SANDEMAN & CO LD.
Largo Miguel Bombarda, 3 — V. N. DE GAIA

AUTOMÁTICA ELÉCTRICA PORTUGUESA, SARL
Av. Infante D. Henrique, 333 — LISBOA

CADO — CENTRAL DE AFINAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE OSTRAS, S. C. A. R. L.
R. Cláudio Lagrange, 8-1.º Dt.º — SETÚBAL

EUROFIL — INDÚSTRIAS DE PLÁSTICOS E FILAMENTOS, SARL
R. Tomás Ribeiro, 45-5.º — LISBOA

ISOLA — SOCIEDADE COMERCIAL DE ISOLAMENTOS DE CORTIÇA, LDA.
Av. António Augusto de Aguiar, 17 — LISBOA

CAIA — COMPANHIA ALENTEJANA DE INDÚSTRIAS ALIMENTARES, SARL
R. André de Albuquerque, 7 — ELVAS

TÊXTEIS COELIMA
P. O. Box 5, Pevidém — GUIMARÃES

GEFA, CONFECÇÕES, LDA.
R. Miguel Bombarda — ALHOS VEDROS

AUDIO MAGNÉTICA-CASSETES, LDA.
Av. Duque de Loulé, 46-2.º E. — LISBOA

MESSA MÁQUINAS DE ESCREVER
MEM MARTINS

SICOR — SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CORDOARIA, LDA.
CORTEGAÇA

EMPRESA DE CONCENTRADOS DE ALVALADE, SARL
R. D. Estefânia, 157-1.º E. — LISBOA

FÁBRICA DE MALHAS MONDEGO, LDA.
MONDEX
R. Pedro Álvares Cabral, 205 — RIO TINTO

NOVA FIAÇÃO ATMA, LDA.
Caldas da Saúde — MINHO II

SOCIEDADE PORTUGUESA DE PETROQUÍMICA, SARL
Av. António Augusto de Aguiar, 104-4.º — LISBOA

COMPANHIA GERAL DA AGRICULTURA E DAS VINHAS DO ALTO DOURO, SARL
R. Carvalhosa, 153 — VILA NOVA DE GAIA

MAGALHÃES, IRMÃOS, LDA.
Agrela — SANTO TIRSO

C. DA SILVA (Vinhos) SARL
R. Falizardo Lima, 247 — VILA NOVA DE GAIA

MATEX — EMPRESA DE CONFECÇÕES, SARL
Lugar Guardeiras, Moreira — MAIA

ELECTRÓNICA SIGNETICS DE PORTUGAL, LDA
Vale do Cobra — Est. Santas — SETÚBAL

ESTABELECIMENTOS TEÓFILO FONTAINHAS NETO, COMÉRCIO E INDÚSTRIA, SARL
R. João de Deus, 59-71
S. BARTOLOMEU DE MESSINES

VÍTOR CARVALHO — COMÉRCIO, INDÚSTRIA, SARL
Av. da Liberdade, 258-8.º — LISBOA

SUPERCORTE—EMPRESA DE CONFECÇÕES, LDA
S. Marinho do Campo — MINHO II

TÊXTIL DO CONDADO SARL
Av. Viliagarcia Arcosa, 1034 — MATOSINHOS

SUGAL — SUMOS E CONCENTRADOS DE FRUTAS DE PORTUGAL
Estrada Nacional, 3 — AZAMBUJA

SOFIL — SOCIEDADE DE FIAÇÃO DE VIZELA, LDA..
S. Mariinho do Campo — SANTO TIRSO

FÁBRICA DE CONJUNTOS ELECTRÓNICOS FACEL, SARL
Estrada de Manique — ALCOITÃO

COMPANHIA NACIONAL DE RESINAS, SARL — CNAR
R. Augusta, 177-2.º — LISBOA

MYHRE, SALGADO & COMPANHIA, LDA.
R. Campo Alegre, 298-4.º — PORTO

MANUFACTURA NACIONAL DE BORRACHA, SARL — MABOR
Av. dos Aliados, 611 3.º — PORTO

ALBERTO MACEDO SOUSA
S. Romão da Ucha — BARCELOS

BLUE BELL PORTUGAL — INDÚSTRIA DE VESTUÁRIO, LDA.
1 Est. Nacional, 10 — FOGUETEIRO

CAVES ALIANÇA—VINICOLA DE SANGALHOS, SARL
SANGALHOS

BOARMAN — INTERCORTE CONFECÇÕES, LDA.
R. Manuel Pinto de Azevedo, 359 A/B — PORTO

NITRATOS DE PORTUGAL, SARL
R. dos Navegantes, 53-2.º — LISBOA

DORA — FÁBRICA EXPORTADORA DE CONSERVAS, LDA.
Est. Nac. P. O. Box 94 — Marim — OLHÃO

RESINAGEM NACIONAL SARL
ALCOBAÇA

FÁBRICAS MENDES GODINHO, SARL
Av. da República, 44-7.º D. — LISBOA

CONFECÇÕES FINEXPORT
Nogueira — MAIA

CONSERVEIRA DO SUL, LDA.
Av. 5 de Outubro, 2 — OLHÃO

MORUGO — ALGODÕES E REPRESENTAÇÕES, LDA.
Av. D. Afonso Henriques, 1373 — MATOSINHOS

ELECTROMECÂNICA PORTUGUESA PREH, LDA.
Pateiras — TROFA

RAMIRO CABRITA & IRMÃO, LDA.
S. BARTOLOMEU DE MESSINES

COMPAL
Av. Infante Santo, 76-6.º — LISBOA

QUINTAS & QUINTAS
PÓVOA DE VARZIM

VERONA — INDÚSTRIA PORTUGUESA DE CONFECÇÕES, SARL
Coira — BARREIRO

INDÚSTRIA TÊXTIL DO AVE, SARL
Lousado — TROFA

GREMAS — SOCIEDADE DE GRUPAGEM E RECEPÇÃO DE MADEIRAS, LDA.
LISBOA

NOVA PENTEAÇÃO E FIAÇÃO, LDA.
COVILHÃ

QUEIMADO & PAMPOLIM, LDA.
R. do Ouro, 200-3.º E. — LISBOA

TEXPOR — TÊXTIL EXPORTADORA, LDA.
R. Pedro Hispano, 818 — PORTO

COCKBURN & C.ª LDA.
R. das Coradas, 13 — VILA NOVA DE GAIA

MUNDET & C.ª LDA.
SEIXAL (Distrito de Setúbal)

TRANSAGRAIRE (PORTUGAL), LDA.
R. do Comércio, 8-6.º E. — LISBOA

MANUEL DE FREITAS LOPES
P. O. Box 33 — TOMAR

EMPRESA FABRIL DO NORTE, SARL
Senhora da Hora — MATOSINHOS

ABREU & COMPANHIA, LDA.
AMARANTE

C. G. WICANDER, LDA.
Quinta de D. Maria — SEIXAL

A CLAEYS FLANDRIA PORTUGUESA
Covão — AGUEDA

FÁBRICA DE FIAÇÃO DOS CASAIS, LDA.
RIBA D'AVE

PRODUTOS ALIMENTARES DE ANTÓNIO L HENRIQUE SERRANO, SARL
R. Brito Capelo, 1429 — MATOSINHOS

FOMENTO DA INDUSTRIA DO TOMATE, LDA.
Av. 24 de Julho, 130-4.º — LISBOA

JOSÉ MACHADO ALMEIDA & C.ª LDA.
S. Martinho do Campo — MINHO II

EMPRESA INDUSTRIAL DE SANTO TIRSO, LDA.
R. Cândido dos Reis, 104 — PORTO

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Av. 5 de Outubro, 101-3.º—Telef. 767410/767520/767573—LISBOA-1
Delegação no Norte:
Rua Gonçalo Cristóvão, 128-1.º, Esq.º — Telef. 380214 — PORTO

DL/NACIONAL

Dizem os leitores

Os transportes para Cacilhas a certas horas da noite

De um leitor que mora em Almada e glosa o facto da vila ter ascendido à categoria de cidade, recebemos a seguinte carta, que merece ser publicada por se referir a um sector de muita importância para a população da margem esquerda do Tejo:

«Normalmente regresso às horas ditas normais para minha casa, ou seja logo após o fim do meu horário de trabalho. Sujeito-me, portanto, aos problemas originados pela má qualidade do transporte nos «cacilheiros», como tantas vezes tem sido focado.

. . Mas ao que ainda não vi referências é à falta de transportes para Cacilhas, a partir de uma certa hora. Não sou, como disse, muito dado a noitadas em Lisboa. Mas uma vez por outra acontece. E, não sei exactamente a partir de que horas, as carreiras do Cais do Sodré se espaçam para mais de meia hora. São transtornos, mas a coisa já é sabida e cada qual remedeia-se como pode.

. . Tudo se complica é quando um indivíduo perde o barco das 2 e 30, porque então só haverá nova carreira às 4 horas. Há, pois, um intervalo de hora e meia. No Verão não será muito difícil de suportar. Contudo, no Inverno, não é uma brincadeira, tanto mais que não existe qualquer sala de espera.

Como se isto não bastasse, a partir da saída daquele barco, as luzes são apagadas, o guarda ou vendedor deita-se, e não há qualquer horário afixado, informando da existência e hora de novas embarcações. Claro que não me causou muitos transtornos, mas no caso de um dos meus filhos já levantou problemas. E não será caso único...

Queria terminar dizendo que embora Almada tenha adquirido o estatuto de cidade, não possui ainda as condições necessárias para proporcionar uma noite inteira de divertimento em determinadas condições. Daí o facto de muitas pessoas virem, de quando em quando, até à capital, para ficarem mais um bocado. Depois, no regresso, são destas e doutras. Fico por aqui.»

Impedido o acesso às propriedades agrícolas em Vila Franca das Naves

VILA FRANCA DAS NAVES — Embora os trabalhos agrícolas, nesta região, estejam adiantados e tudo regra geral bem tratado, sendo de esperar um bom ano de colheitas, algumas dificuldades surgem aos agricultores, que, na falta de pessoal, cada vez mais recorrem à mecanização.

Escreve-nos agora o sr. Germano Pires insurgindo-se contra a falta de civismo que se verifica quanto ao estacionamento de automóveis, camionetas e tractores, que muitas vezes impedem o acesso das máquinas agrícolas às respectivas propriedades, tendo sido pedida a intervenção das autoridades, neste caso a G. N. R., a qual, nos informa o nosso leitor, referiu não poder solucionar o problema.

Esclarece depois aquele leitor que a indignação é geral porquanto, «para cultivar as propriedades — lavrar, pulverizar e recolher mantimentos — as passagens devem estar desimpedidas de molde a deixar passar as máquinas, ou então têm de ser abandonadas se os proprietários não tiverem outro recurso além das máquinas».

No entanto, segundo parece, ainda vigora a lei que estabelece não se poder interditar o acesso a uma propriedade, mesmo que esteja encravada no meio de outra, pelo que as autoridades deveriam proceder em conformidade.

Autocarros em conserva?

. . «Com a recomendação expressa de evitarem a todo o transe apanhar a carreira de autocarros n.º 11, entre a Picheleira e o Hospital Curry Cabral», relata-nos o nosso leitor Fernando Luís Arcanjo Tomas, de Lisboa em carta datada de 18, um caso que com ele ocorreu:

. «Entre muitos outros exemplos, o que se passou entre as 11 e 50 e às 12 e 38 de hoje é inconcebível. Durante este intervalo de tempo estive na paragem junto à Praceta António Sardinha, no sentido do Hospital Curry Cabral, sem que durante (pelo menos, repare-se) 48 minutos passasse um único autocarro. Mas o que é mais espantoso, é que no sentido da Picheleira passaram nada mais, nada menos de cinco (!) autocarros. Ora como a Picheleira fica relativamente perto da paragem onde estava, conclui-se que os referidos autocarros estiveram a fazer conserva no fim da carreira, o que aliás já é habitual. Efectivamente a partir das 12 e 38, começaram a passar em fila indiana no sentido do Hospital Curry Cabral.

Suponho serem desconhecidos da Carris estes estranhos procedimentos dos seus condutores e expedidores. Será, sem dúvida, outra utilidade desta carta»

Os 350 anos do aqueduto

Elvas vai festejar no próximo dia 30, o Aqueduto da Amoreira que desde há 350 anos fornece a água à cidade. O aqueduto é o maior da península, com oito quilómetros de comprimento, e é comparável em beleza ao das Aguas Livres, em Lisboa.

Trata-se de uma obra construída pelo povo ao longo de seis gerações (100 anos) com os maiores sacrifícios.

Do programa das comemorações consta: uma missa campal às 17 horas celebrada pelo arcebispo, com corais formados pela banda da Região Militar de Evora; inauguração da fonte de Santa Mónica; inauguração de uma exposição em que predominam elementos relacionados com o aqueduto; concerto pela banda da III Região Militar; bailados pelo Grupo Verde Gaio; monumental fogo de artifício (cascata de fogo, numa extensão de 400 metros, a cair da parte mais alta do aqueduto).

NOVAS INDÚSTRIAS EM ANGOLA

LUANDA(L) — Aumentou 43 por cento relativamente ao mesmo período do ano passado o número de licenças para a instalação de novas unidades industriais em Angola concedidas oficialmente durante os três primeiros meses do corrente ano.

O investimento autorizado neste período eleva-se a mais de 839 000 contos, o que corresponde a um aumento de 123 por cento relativamente ao mesmo período do ano passado.

"DIÁRIO DE LISBOA"

Ao deixar o cargo de presidente da SEDES, teve a gentileza de apresentar cumprimentos ao «Diário de Lisboa», agradecendo «todas as atenções recebidas», o advogado e antigo deputado sr. dr. Joaquim Jorge de Magalhães Mota.

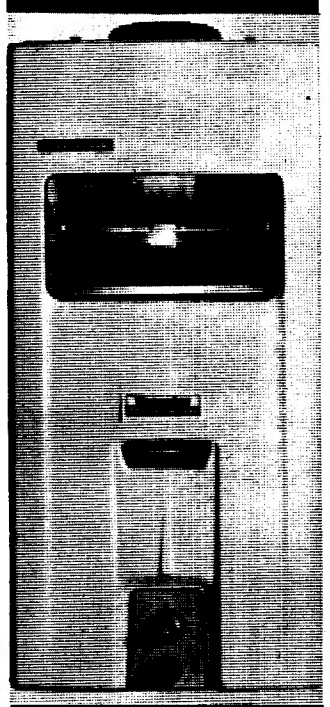
MODERATO CANTABILE

Continuação da pag. 6

obra uma respiração lenta, preenchida de significados latentes. Depois, a coragem de, em 1960, sustentar um longo (e terrivelmente belo) plano com o rosto de Moreau enchendo o **écran**, durante longos segundos. Ou, o fabuloso movimento em redor das grades da casa de Anne Desbaredes, ouvindo-se na banda sonora, os passos de Chauvin, caçador furtivo na noite carregada de desespero e solidão. Um belo filme. Uma muito bela estreia cinematográfica. Uma adaptação invulgar, de um romance apaixonante.

Um filme a não perder.

esquentador
Vesuvius
SAUNIER DUVAL



Vesuvius
SAUNIER DUVAL
abriu
correu
aqueceu
NA COZINHA
sempre que é preciso
água quente
PARA O BANHO
sempre que é preciso
agua quente
instantâneamente..
água quente!
Vesuvius
SAUNIER DUVAL
com
GARANTIA OCL
OLAVO CRUZ LDA
À VENDA NOS ESTABELECIMENTOS CANCELA
SEDE: Calçada do Combro, 17 - 33
Telefs. 361854 367669 / 362217
LISBOA - 2
FILIAIS:
ALMADA — Av. D. Afonso Henriques, 20 — Telef. 272127
Rua Bernardo Francisco da Costa, 22
ALGÉS — Av. Combatentes G. Guerra, 85-B — Telef. 215610
MONTIJO — Rua José Joaquim Marquês, 106

Viaje para Espanha com o seu carro...
de comboio

de 9 de Junho a 15 de Outubro

Serviço Auto *Expresso*

Lisboa-Madrid, com ligação para as principais cidades de Espanha

Caminhos de Ferro Portugueses

CP 2A 73

DL/NACIONAL

Aumento da repressão aos falsificadores do vinho

No decorrer de uma audiência concedida pelo ministro das Finanças e da Economia ao presidente da Federação dos Grémios da Lavoura da Estremadura e a outros membros da Federação e das cooperativas agrícolas da região, aquele membro do Governo, referindo-se aos múltiplos casos de falsificações de vinhos que têm vindo a ser descobertos e às medidas repressivas adaptadas, afirmou:

Foi já disciplinado o trânsito de açucar, que vai ser objecto de controle por meio de guias; além de que o mesmo regime será aplicável aos melaços, foi tornada obrigatória a inscrição de importadores e outros comerciantes desse produto em organismo público; em resultado de colaboração entre os Ministérios da Justiça e da Economia vai ser promulgada legislação que revê o sistema de prevenção e repressão de actos delituosos na matéria em causa com agravamento substancial das disposições penais, ao ponto que se considera indispensável para assegurar uma repressão efectiva; espera-se que, proximamente e com idêntico objectivo, seja dotado o Tribunal Colectivo dos Géneros Alimentícios de meios que permitam uma actuação pronta e eficaz

Enquanto se lança o conjunto de medidas referido são postos em actuação todos os meios de fiscalização ao dispor da Secretaria de Estado do Comércio e organismos dela dependentes com colaboração activa da G.N.R.

Daqui resultou já um conjunto de acções com resultados espectaculares de que os órgãos de informação têm dado conta.

Assegura-se ao público em geral e aos produtores especialmente interessados no sector que esta orientação será firmemente mantida e, na medida dos meios humanos, endurecida e intensificada como exigem os superiores interesses da economia nacional.

Televisão em Moçambique nos fins de 1974

LOURENÇO MARQUES, 21 (L) — Dentro de um ano e meio as principais cidades de Moçambique terão televisão, estando o empreendimento orçado em cerca de cem mil contos.

Entretanto, muitos dos processos e dos recursos técnicos foram já estudados, devendo iniciar-se brevemente a consulta aos fonecedores especializados de equipamento, o qual será adquirido através de concurso público a abrir, simultâneamente, em Lisboa e Lourenço Marques.

Devido às grandes dimensões do território vão ser montadas estações emissoras nas principais cidades de Moçambique, as quais transmitirão não só os seus próprios programas como também gravações-vid enviadas por via aérea da estação principal de Lourenço Marques, além de programação produzida pela Rádio Televisão Portuguesa em Lisboa, com quem se irá trabalhar em estreita colaboração.

Entretanto, estão já a ser montadas instalações para a recepção das emissoras que serão transmitidas via satélite.

O Rádio Clube de Moçambique, organização que detém quase toda a radiodifusão da Província — à excepção da Beira, onde funcionam o Rádio Pax e a Emissora do Aeroclube — está interessado em explorar a Televisão.

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

CAPITAL: 500 000 000$00 **SEDE — RUA DE ALEXANDRE HERCULANO, 244 — PORTO**

SERVIÇO DE OBRIGAÇÕES — 1.º Semestre de 1973

Da série de 4 1/2 % — 1944/74
2 856 obrigações

Títulos de 1 obrigação

2 107 116 159 226
231 291 312 330 340
381 394 447 479 499
518 534 556 558 579
583 596 653 663 702
761 765 774 783 813
824 838 840 842 881
894 931 951 1078 1108
1133 1184 1265 1277 1361
1382 1461 1468 1480 1617
1631 1655 1659 1661 1663
1677 1740 1741 1775 1874
1908 1927 1989 2009 2012
2042 2156 2168 2176 2237
2314 2354 2388 2449 2451
2553 2548 2648 2653 2656
2715 2718 2722 2769 2773
2780 2785 2789 2795 2809
2815 2839 2857 2866 2889
2891 2907 2943 3016 3020
3021 3073 3131 3169 3195
3202 3326 3347 3382 3420
3421 3432 3463 3511 3516
3570 3613 3614 3657 3663
3678 3702 3774 3816 3844
3877 3915 3961 3969 3988
3997 4044 4134 4198 4207
4225 4242 4276 4324 4373
4390 4396 4406 4417 4421
4460 4462 4469 4534 4768
4769 4821 4847 4863 4870
4962 5065 5084 5114 5132
5135 5141 5250 5280 5355
5368 5394 5462 5465 5481
5565 5590 5602 5628 5656
5669 5726 5752 5766 5790
5795 5840 5849 5902 5959
6008 6053 6093 6186 6190
6195

Títulos de 5 obrigações

6244 6279 6349 6369 6379
6404 6433 6438 6442 6443
6553 6570 6571 6652 6689
6720 6735 6752 6754 6828
6856 6921 6959 6987 7146
7156 7217 7264 7330 7405
7406 7443 7497 7589 7593
7597 7601 7610 7611 7645
7666 7677 7684 7698 7703
7762 7801 7811 7840 7847
7885 7945 7967 8106 8149
8152 8235 8267 8383 8388
8396 8408 8463 8468 8480
8516 8531 8545 8570 8623
8642 8655 8760 8761 8766
8820 8836 8857 8972 8975
8984 8986 8991 8999 9018
9054 9060 9079 9090 9178
9188 9197 9198 9207 9224
9306 9407 9573 9584 9585
9619 9622 9641 9681 9697
9698 9702 9712 9747 9766
9821 9839 9854 9893 9940
9951 9952 9985 10112 10238
10260 10262 10289 10300 10429
10458 10461 10469 10489 10501
10538

Títulos de 10 obrigações

10594 10728 10767 10843 10846
10871 10940 10948 10975 11050
11063 11125 11127 11197 11203
11279 11283 11311 11313 11327
11332 11377 11403 11406 11460
11593 11608 11653 11659 11669
11715 11722 11741 11842 11873
11879 11896 11939 12054 12081
12085 12130 12152 12163 12230
12246 12268 12440 12482 12493
12514 12535 12550 12570 12637
12653 12775 12811 12859 12900
12910 12920 12925 12935 12991
13012 13085 13103 13223 13261
13322 13433 13456 13468 13511
13535 13575 13611 13780 13798
13808 13829 13833 13906 13913
13919 13979 14023 14039 14045
14077 14170 14184 14211 14236
14280 14306 14496 14524 14559
14563 14573 14604 14608 14684
14710 14731 14737 14838 14839
14880 14899 14901 14911 14921
14951 14985 15005 15018 15041
15105 15110 15175 15211 15229
15237 15269 15274 15281 15285
15301 15331 15338 15368 15386
15393 15414 15448 15452 15453
15538 15539 15606 15692 15725
15766 15780 15829 15905 15909
15922 16080 16216 16221 16242
16248 16349 16370 16467 16478
16535 16555 16637 16642 16688
16690 16726 16776 16823 16906
16966 16972 16981 16986 17019
17113 17140 17159 17180 17205
17249 17253 17263 17272 17302
17367 17426 17436 17451 17485
17563 17584 17620 17682 17694
17754 17758 17766 17780 17787
17793

Da série de 4 % — 1945/75
5 315 obrigações

Títulos de 1 obrigação

65 129 186 209 216
228 290 307 314 329
331 365 424 435 441
476 529 536 541 605
670 689 743 777 781
820 858 985 991 1036
1076 1099 1142 1174 1182
1186 1243 1302 1334 1349
1413 1435 1454 1509 1511
1528 1531 1641 1688 1711
1717 1721 1723 1753 1758
1802 1803 1885 1886 1901

Títulos de 5 obrigações

1983 2027 2073 2076 2213
2229 2276 2283 2320 2356
2402 2405 2434 2530 2562
2678 2699 2733 2785 2847
2862 2871 2969 3006 3085
3130 3189 3216 3268 3317
3336 3363 3388 3398 3399
3423 3425 3469 3493 3498
3519 3548 3692 3740 3747
3771 3830 3838 3845 3868
3874 3931 3963 3989 4079
4099 4127 4152 4188 4190
4200 4216 4257 4259 4288
4377 4437 4448 4494 4526
4629 4683 4689 4843 4864
4880 4939 4950 4970 4974
4986 5075 5108 5173 5178
5245 5259 5286 5357 5433
5457 5485 5493 5525 5541
5559 5625 5655 5690 5706
5753 5787 5852 5858 5900
5925 5937 5981 6037 6043
6094 6181 6219 6251 6265
6288 6357 6368 6433 6464
6467 6490 6540 6544 6548
6563 6596 6633 6643 6659
6666 6670 6684 6752 6779
6855 6858 6880 6938 6976
6997 7021 7078 7142 7199
7237 7261 7290 7313 7338
7339 7351 7386 7387 7434
7459 7461 7530 7574 7578
7631 7641 7659 7665 7683
7700 7732 7815 7859 7879
7911 7960 8017 8032 8044
8075 8087 8104 8107 8192
8246 8259 8266 8290 8386
8398 8418 8426 8534 8548
8563 8590 8600 8633 8737
8774 8860 8892 8924 8966
9034 9093 9104 9125 9136
9146 9147 9158 9184 9214
9223 9238 9255 9282 9295
9299 9326 9340 9358 9428
9473 9485 9500 9517 9576
9655 9665 9667 9688 9733
9737 9762 9779 9816 9846
9860 9861 9882 9890 9964
9977 10006 10047 10082 10163
10201 10224 10245 10269 10290
10332 10357 10423 10470 10575
10581 10630 10637 10646 10655
10678 10735 10744 10756 10757
10776 10835 10845 10866 10896
10943 10969 11042 11053 11055
11082 11088 11109 11146 11265
11272 11367 11397 11410 11453
11468 11472 11480 11548 11561
11582 11642 11690 11781 11873

Títulos de 10 obrigações

11925 11951 11996 12036 12123
12130 12215 12220 12221 12259
12401 12480 12511 12547 12704
12767 12792 12878 12976 12984
12994 12997 13007 13031 13104
13105 13133 13141 13234 13254
13494 13507 13513 13529 13557
13571 13588 13623 13669 13670
13686 13755 13787 13803 13820
13837 13901 13928 13967 14036
14037 14230 14294 14375 14416
14424 14486 14490 14640 14646
14664 14707 14769 14771 14804
14918 14920 14941 14995 15017
15021 15061 15083 15088 15119
15171 15258 15400 15451 15479
15505 15545 15599 15601 15649
15676 15681 15688 15697 15698
15732 15742 15748 15807 15819
15838 15896 15932 15984 16050
16199 16209 16220 16221 16238
16249 16262 16273 16279 16325
16413 16420 16421 16442 16462
16465 16483 16490 16511 16530
16535 16591 16604 16691 16748
16762 16823 16861 16867 17046
17060 17094 17279 17309 17397
17423 17436 17441 17504 17574
17583 17647 17784 17814 17837
17874 17875 17937 17979 18038
18047 18055 18060 18160 18204
18240 18277 18312 18361 18371
18431 18442 18525 18528 18594
18651 18669 18703 18720 18992
19044 19084 19106 19142 19212
19219 19283 19292 19336 19413
19429 19446 19470 19478 19550
19657 19796 19817 19869 19928
19947 20002 20007 20039 20062
20087 20289 20367 20372 20388
20432 20434 20440 20459 20483
20535 20536 20573 20634 20665
20702 20729 20756 20778 20779
20895 20923 20935 20977 20992
21003 21033 21053 21129 21173
21243 21294 21426 21463 21474
21610 21612 21655 21717 21802
21835 21866 21905 21906 21981
22025 22056 22057 22077 22086
22137 22140 22175 22207 22210
22212 22305 22308 22334 22343
22396 22412 22454 22462 22513
22829 22898 22928 22973 23041
23042 23051 23053 23066 23115
23121 23315 23414 23428 23453
23512 23579 23582 23652 23698
23702 23704 23744 23761 23794
23822 23844 23858 23870 23898
23969 23970 24089 24091 24134
24156 24177 24251 24280 24342
24390 24444 24447 24531 24545
24549 24556 24573 24712 24760
24869 24878 24973 25003 25006
25071 25147 25159 25167 25205
25247 25249 25272 25290 25303
25319 25331 25339 25408 25410
25438 25623 25679 25706 25709
25718 25733 25758 25784 25794
25801 25811 25890 25891 25924
25926 25957 25970 25985 26013
26035 26093 26101 26107 26143
26194 26195 26214 26276 26295
26304 26312 26355 26454 26469
26476 26493 26497

Títulos de 100 obrigações

26517

Da série de 3 3/4 % — 1946/76
2 450 obrigações

Títulos de 1 obrigação

3 143 148 209 326
342 372 376 403 420
443 474 524 538 625
658 714 746 881 912
947 961 1004 1059 1074
1088 1143 1144 1155 1212
1251 1283 1304 1311 1345
1449 1433 1457 1514 1546
1591 1600 1626 1658 1670

Títulos de 5 obrigações

1736 1740 1805 1850 1863
1879 1893 1912 1984 2084
2100

Títulos de 10 obrigações

2158 2239 2253 2281 2288
2308 2326 2341 2433 2450
2523 2536 2600 2677 2699
2753 2861 2893 2894 2960
2987 3029 3030 3093 3139
3156 3317 3351 3364 3429
3453 3454 3629 3633 3683
3691 3734 3825 3936 3966
3998 4020 4028 4038 4118
4191 4220 4310 4326 4371
4439 4501 4516 4550 4552
4566 4596 4652 4672 4756
4859 4941 4942 5066 5103
5119 5126 5128 5251 5314
5376 5481 5581 5600 5602
5610 5729 5773 5779 5843
5917 5960 5988 6022 6032
6040 6050 6053 6056 6058
6061 6064 6118 6162 6163
6167 6170 6171 6185 6225
6263 6297 6308 6309 6340
6342 6346 6359 6395 6397
6425 6441 6485 6515 6516
6520 6553 6559 6568 6572
6577 6595 6598 6606 6619
6634 6636 6647 6675 6684
6719 6727 6731 6774 6776
6791 6795 6797 6820 6837
6862 6876 6892 6899 6904
6916 6919 6943 6944 6992
7015 7044 7083 7117 7218
7219 7260 7302 7316 7326
7329 7427 7656 7691 7833
7974 8013 8068 8071 8220
8242 8251 8439 8508 8548
8566 8646 8687 8714 8740
8742 8756 8816 9023 9102
9110 9144 9176 9282 9304
9386 9397 9446 9473 9505
9556 9589 9632 9757 9770
9784 9815 9820 9852 9918
9943 9953 9971 10017 10145
10206 10222 10235 10245 10265
10335 10446 10457 10471 10479
10499 10539 10707 10754 10805
10823 10938 11012 11112 11197
11220 11232 11438 11491 11514

Da série de 4 % — 1948/79
4 537 obrigações

Títulos de 1 obrigação

26681 26780

Títulos de 5 obrigações

26831 26948 26992

Títulos de 10 obrigações

27059 27097 27113 27258 27269
27279 27408 27485 27545 27738
27763 27828 27964 28080 28111
28132 28147 28163 28337 28388
28430 28476 28548 28584 28604
28609 28625 28650 28671 28699
28716 28808 28814 28859 28866
28893 28897 28934 29044 29060
29101 29122 29194 29277 29379
29448 29480 29481 29535 29674
29772 29800 29941 29956 29992
29995 30072 30113 30138 30153
30181 30293 30329 30497 30561
30714 30737 30738 30811 30827
30846 30857 30872 30893 31042
31060 31075 31110 31145 31168
31211 31212 31214 31405 31481
31490 31502 31503 31528 31548
31663 31665 31682 31709 31771
31802 31852 31875 31978 31987
32050 32064 32122 32134 32194
32226 32299 32300 32312 32351
32400 32433 32439 32465 32529
32546 32602 32609 32620 32637
32761 32814 32834 32850 32965
33033 33109 33167 33168 33252
33254 33264 33265 33351 33369
33403 33452 33534 33550 33638
33647 33717 33727 33747 33760
33968 34067 34072 34132 34252
34300 34306 34356 34378 34396
34516 34535 34549 34604 34656
34661 34703 34711 34744 35110
35173 35197 35237 35296 35346
35359 35376 35397 35404 35425
35448 35456 35672 35675 35685
35761 35768 35809 35826 35851
35906 35932 35933 36039 36087
36095 36115 36130 36157 36202
36291 36331 36381 36382 36387
36410 36417 36428 36429 36459
36471 36474 26503 36521 36535
36546 36614 36633 36646 36719
36784 36811 36840 36885 36913
37016 37171 37224 37225 37235
37311 37357 37395 37471 37481
37561 37598 37614 37631 37695
37739 37757 37830 37948 37981
38022 38113 38117 38128 38148
38164 38189 38215 38276 38286
38362 38380 38420 38498 38535
38619 38696 38822 38855 38862
38889 38905 38915 38973 39158
39300 39333 39341 39363 39389
39418 39475 39561 39573 39818
39912 39951 40010 40064 40136
40189 40213 40245 40254 40284
40288 40317 40359 40365 40404
40426 40448 40467 40486 40536
40604 40609 40711 40742 40780
40870 40917 41007 41018 41060
41069 41093 41115 41122 41154
41170 41175 41196 41227 41250
41471 41654 41673 41683 41684
41778 41853 41904 41905 42011
42043 42230 42272 42375 42461
42495 42530 42546 42549 42565
42605 42671 42719 42789 42796
42812 42892 42958 42984 43002
43005 43020 43055 43118 43161
43202 43255 43279 43280 43285
43326 43331 43374 43377 43380
43405 43410 43411 43585 43650
43653 43687 43737 43753 43831
43844 43944 43949 43962 44006
44072 44130 44214 44256 44288
44306 44337 44345 44368 44453
44469 44500 44556 44587 44603
44610 44619 44637 44707 44757
44798 44835 44844 44845 44852
44875 44888 44890 45048 45056
45068 45114 45214 45336 45386
45394 45404 45412 45516 45574
45585 45600 45646 45660 45673
45682 45752 45845 45897 45901
45902 45906 45935 45938 45944
45981 46016

Títulos de 100 obrigações

46087 46089

Da série de 5 % — 1951/81
2 126 obrigações

Títulos de 1 obrigação

133

Títulos de 5 obrigações

433

Títulos de 10 obrigações

604 677 682 749 789
803 897 930 983 1021
1051 1139 1228 1352 1385
1405 1449 1470 1523 1639
1642 1643 1661 1717 1718
1725 1762 1794 1814 1935
2028 2030 2068 2241 2353
2354 2395 2407 2409 2424
2437 2576 2704 2741 2820
2870 2875 2976 2982 3038
3042 3068 3182 3334 3382
3450 3456 3510 3556 3559
3610 3618 3683 3737 3822
3848 3907 4021 4032 4058
4139 4144 4149 4158 4211
4229 4232 4295 4374 4397
4420 4444 4580 4602 4640
4660 4736 4742 4874 4925
4952 4959 4979 4986 5036
5120 5128 5221 5249 5381
5389 5454 5557 5584 5626
5629 5700 5809 5918 5979
6043 6069 6118 6150 6161
6191 6217 6246 6247 6295
6359 6413 6451 6514 6523
6568 6594 6618 6671 6740
6753 6789 6813 6877 6889
6915 6998 7083 7093 7099
7127 7178 7179 7237 7300
7405 7433 7487 7535 7586
7652 7789 7805 7807 7870
7966 7978 8034 8045 8128
8133 8178 8227 8244 8330
8449 8465 8499 8506 8519
8535 8539

Títulos de 100 obrigações

8656 8700 8729 8741

Da série de 5 % — 1952/82
4 047 obrigações

Títulos de 1 obrigação

8794 9017

Títulos de 5 obrigações

9037 9087 9103 9147 9240
9249 9274 9315 9523 9570
9585 9626 9633 9668 9723
9832 9894 9923 9951

Títulos de 10 obrigações

10163 10198 10237 10283 10314
10377 10427 10571 10575 10639
10645 10934 10982 10997 11042
11080 11290 11346 11434 11553
11596 11604 11686 11730 11751
11763 11784 11796 11834 11881
11920 12017 12027 12035 12050
12070 12107 12168 12220 12241
12331 12334 12369 12410 12513
12518 12532 12567 12579 12604
12632 12639 12733 12742 12783
12949 12980 13100 13132 13189
13234 13240 13274 13348 13358
13522 13621 13637 13647 13741
13893 13908 13921 13959 13983
14009 14085 15119 14166 14184
14302 14314 14331 14378 14447
14461 14631 14632 14683 14721
14727 14747 14787 14847 14873
14985 14996 15038 15081 15083
15115 15151 15164 15215 15271
15290 15298 15362 15372 15383
15412 15453 15515 15526 15555
15566 15570 15613 15664 15720
15737 15852 15870 15913 15938
15961 16026 16076 16157 16167
16203 16290 16349 16433 16540
16563 16600 16622 16673 16696
16733 16735 16797 16816 16828
16848 16871 16877 17042 17093
17099 17125 17126 17133 17147
17179 17207 17209 17222 17243
17258 17349 17377 17459 17480
17574 17623 17693 17708 17729
17730 17759 17781 17888 17905
17915 17923 17939 17971 18000
18051 18069 18186 18191 18213
18308 18343 18385 18419 18439
18474 18483 18565 18581 18598
18646 18672 18704 18738 18746
18778 18795 18808 18865 18923
18981 18985 19131 19144 19279
19506 19652 19665 19717 19753
19817 19843 19984 20022 20101
20147 20155 20172 20188 20189
20243 20293 20328 20413 20495
20515 20538 20542 20548 20564
20573 20614 20635 20672 20699
20732 20746 20764 20806 20932
20943 20961 21000 21055 21075
21080 21170 21264 21278 21423

21460 21461 21568 21658 21670
21690 21721 21754 21756 21765
21925 22005 22157 22208 22237
22395 22506 22533 22558 22663
22729 22749 22754 22810 22867
22884 22890 22956 22994 23098
23123 23142 23246 23315 23338
23356 23373 23463 23584 23613
23611 23680 23685 23690 23754
23780 23855 23910 24116 24131
24150 24198 24218 24308 24341
24342 24343 24369 24499 24523
24536 24636 24712 24777 24875
24883 24886 24912 24936 25022
25100 25198 25217 25288 25307
25484 25566 25578 25598 25624
25660 25698 25803 25856 25883
25973 26036 26052 26053 26268
26279 26297 26453 26670 26783
26792 26801 26822 26841 26934
27071 27126 27148 27182 27328
27463 27504 27559 27619 37652

Títulos de 100 obrigações

27721 27830 27849

Da série de 5 % — 1954/84 5 500 obrigações

Títulos de 5 obrigações

28338 28368 28463 28507 28650
28678 28751 28752 28793 28818

Títulos de 10 obrigações

28989 28990 29005 29066 29069
29168 29339 29377 29480 29490
29534 29540 29568 29570 29592
29599 29625 29695 29697 29786
29799 29809 29821 29866 30028
30106 30133 30140 30167 30168
30222 30250 30354 30374 30441
30458 30508 30525 30535 30543
30557 30574 30629 30732 30763
30766 31038 31039 31063 31087
31140 31193 31307 31413 31445
31463 31464 31507 31538 31592
31923 31926 31960 32113 32149
32305 32328 32343 32417 32426
32436 32517 32596 32652 32663
32839 32996 33022 33032 33033
33039 33048 33103 33164 33170
33177 33182 33209 33291 33299
33375 33380 33381 33397 33529
33539 33541 33653 33682 33708
33771 33782 33915 33965 33980
34042 34127 34187 34243 34275
34342 34366 34419 34495 34502
34510 34552 34553 34685 34701
34735 34738 34856 34934 34993
35072 35110 35175 35336 35494
35535 35556 35657 35731 35900
35933 35964 35977 36092 36142
36189 36200 36224 36275 36339
36341 36375 36394 36431 36485
36539 36553 36586 36621 36690
36754 36831 36916 37120 37123
37178 37205 37211 37293 37297
37492 37555 37588 37590 37761
37781 37925 38028 38030 38104
38115 38167 38169 38239 38264
38278 38350 38530 38570 38585
38625 38627 38632 38714 38808
38818 38867 39006 39043 39084
39275 39411 39491 39584 39603
39644 39646 39679 39710 39738
39748 39759 39775 39782 39800
39837 40015 40017 40030 40058
40145 40184 40193 40388 40411
40462 40474 40518 40542 40566
40572 40586 40610 40612 40659
40803 41163 41324 41330 41558
41591 41599 41654 41783 41812
41928 42064 42093 42107 42141
42149 42151 42167 42236 42288
42290 42382 42439 42574 42632
42744 43074 43080 43160 43169
43221 43409 43518 43596 43617
43650 43652 43680 43709 43751
43830 43837 44060 44195 44252
44289 44303 44311 44319 44437
44459 44524 44558 44572 44598
44629 44630 44637 44720 44734
44756 44774 44821 44838 45046
45060 45201 45213 45231 45300
45344 45361 45487 45541 45732
45745 45984 45990 46036 46038
46088 46143 46275 46306 46338
46382 46406 46497 46634 46711
46765 46775 46808 46811 46882
46955 46984 47033 47093 47105
47109 47134 47222 47273 47374
47423 47462 47470 47543 47560
47565 47613 47623 47625 47757
47923 47949 47957 48093 48124
48163 48187 48290 48317 48338
48350 48463 48468 48488 48491
48508 48529 48580 48598 48616
48736 48741 48828 48851 48926
48940 49127 49169 49192 49226
49231 49253 49286 49310 49412
49433 49436 49600 49662 49724
49783 49836 49852 50000 50045
50051 50083 50111 50237 50283
50316 50390 50409 50425 50433
50455 50460 50519 50613 50748
50823 50859 51085 51264 51309

51315 51353 51438 51463 51471
51493 51581 51721 51753 51863
51902 51921 51955 51993 52012
52015 52023 52082 52109 52169
52188 52204 52219 52242 52343
52422 52461 52462 52487 52560
52722 52754 52760 52775 52907
52911 52924 53088 53241 53314
53367 53415 53471 53481 53494
53504 53513 53562 53564 53630
53672 53712 53718 53731 53994
54034 54058 54078 54268 54271
54334 54420 54498 54508 54524

Títulos de 100 obrigações

54614 54693 54721 54750 54767
54836 54917

Da série de 5 % — 1957/88 5 266 obrigações

Títulos de 1 obrigação

55002 55065 55080 55094 55100
55241

Títulos de 10 obrigações

55280 55294 55300 55383 55481
55537 55561 55571 55627 55901
55996 56048 56084 56121 56153
56181 56200 56211 56326 56341
56359 56436 56445 56534 56572
56586 56596 56623 56677 56829
56872 57067 57071 57165 57232
57269 57295 57313 57424 57583
57601 57602 57700 57772 57794
57900 57993 58009 58045 58193
58269 58283 58286 58403 58723
58726 58768 58797 58812 58813
58909 59062 59097 59104 59162
59235 59510 59521 59621 59698
59772 59786 59793 59931 59933
59934 59988 60046 60088 60098
60127 60135 60229 60422 60432
60433 60448 60496 60597 60635
60680 60797 60966 61090 61182
61354 61449 61454 61498 61552
61576 61854 62059 62072 62218
62229 62260 62285 62344 62351
62372 62449 62523 62546 62650
62669 62713 63007 63129 63232
63245 63408 63484 63560 63651
63703 63726 63838 63844 64216
64233 64284 64443 64444 64470
64521 64543 64610 64612 64993
65081 65100 65240 65259 65314
65497 65551 65625 65629 65677
65723 65750 65848 65893 65926
65930 65934 65976 65996 65999
66149 66252 66281 66332 66364
66418 66504 66613 66738 66781
66810 66844 66928 67045 67071
67124 67127 67154 67254 67509
67532 67559 67722 67734 67821
67842 67855 67988 68055 68063
68159 68163 68221 68239 68244
68302 68303 68322 68323 68371
68372 68396 68408 68411 68548
68556 68610 68634 68860 68887
68892 68920 68982 69028 69072
69076 69221 69243 69305 69400
69410 69494 69610 69713 69879
69996

Títulos de 100 obrigações

70171 70195 70228 70245 70246
70326 70375 70438 70673 70691
70878 70903 71023 71132 71426
71463 71493 71513 71606 71652
71658 71660 71695 71778 71800
71846 71881 71914 72036 72093

Da série de 5 % — 1958/89 5 020 obrigações

Títulos de 10 obrigações

72153 72227 72263 72335 72341
72463 72633 72724 72734 72883
73049 73053 73106 73158 73184
73218 73460 73581 73640 73654
73724 73761 73859 74120 74300
74322 74340 74362 74401 74425
74732 74740 74812 75010 75049
75084 75118 75310 75368 75445
75464 75481 75487 75531 75537
75556 75794 75795 75857 75936
75947 76037 76200 76219 76291
76420 76515 76569 76649 76710
76773 76995 77153 77210 77228
77250 77351 77373 77396 77426
77453 77511 77648 77735 77797
77893 77972 78081 78112 78125
78306 78317 78658 78675 78734
78772 78897 78911 79013 79070
79101 79126 79130 79232 79330
79372 79427 79477 79563 79607
79635 79784 79816 79848 79853
79959 80048 80068 80076 80095
80142 80151 80456 80591 80626
80696 80713 80727 80804 80857
80937 81091 81176 81234 81235
81252 81367 81368 81390 81419
81546 81580 81661 81690 81764
81824 81930 81944 81975 82026
82139 82184 82186 82269 82283
82301 82308 82432 82438 82442
82458 82479 82508 82538 82576
82654 82729 82779 82867 82930
83125 83331 83442 83494 83644
83676 83687 83711 83754 83819
83949 84011 84042 84043 84098
84137 84179 84190 84252 84280
84423 84427

Títulos de 100 obrigações

84585 84614 84646 84789 84961
85222 85240 85250 85518 85524
85539 85646 85649 85665 85733
85790 85815 85904 86170 86226
86316 86318 86346 86354 86397
86428 86500 86553 86579 86588
86649 86694

Da série de 5 % — 1960/90 409 obrigações

Títulos de 1 obrigação

6 23 69 155 359
360 364 386 439 503
506 511 580 591 668
698 756 847 917 966
972 1052 1092 1228 1241
1397 1513 1604 1638 1745
1816 1820 1850 1935 2077
2129 2133 2264 2268 2306
2409 2563 2582 2618 2627
2673 2682 2697 2714 2740
2745 2840 2886 2990 3019
3081 3537 3694 4314

Títulos de 5 obrigações

4357 4382 4500 4524 4629
4729 4750 4772 4797 4944
5123 5251 5341 5371 5497
5558 5646 5735 5841 5881

Títulos de 10 obrigações

5990 6017 6102 6283 6358
6379 6388 6469 6521 6562
6649 6706 6710 6774 6836
6956 6972 7247 7311 7442
7455 7456 7496 7510 7623

Da série de 5 % — 1963/79 500 obrigações

Títulos de 1 obrigação

7747 7799 7825 7834 7846
7918 7926 7965 7975 7984
7999 8011 8037 8070 8126
8135 8154 8165 8187 8201
8257 8261 8344 8375 8384
8446 8461 8478 8578 8579
8590 8607 8620 8641 8648
8651 8691 8802 8853 8855
8869 8926 8934 8944 8976
9020 9083 9092 9102 9112
9145 9147 9163 9218 9228
9287 9329 9336 9340 9350
9383 9414 9421 9472 9478

Títulos de 5 obrigações

9575 9590 9594 9613 9623
9655 9699 9706 9787 9793
9801 9823 9855 9869 9904
9953 9977 10025 10032 10074
10098 10126 10183

Títulos de 10 obrigações

10206 10230 10261 10286 10293
10325 10331 10373 10395 10445
10491 10542 10581 10613 10634
10638 10665 10680 10705 10716
10734 10764 10858 10860 10961
10993 11025 11028 11035 11039
11079 11120

Da série de 6 % — 1968/83 1 042 obrigações

Títulos de 1 obrigação

7 21 31 41 51
84 86 91 134 194
229 239 249 289 300
383 407 456 474 541
545 571 575 632 662
682 692 702 706 726
729 732 769 779 849
898 927 942 955 957
977 987 991 997 1006
1033 1200 1206 1219 1229
1256 1259 1263 1266 1276
1283 1286 1296 1327 1358
1366 1421 1481 1494 1510
1520 1606 1612 1634 1637
1640 1668 1709 1712 1742
1764 1766 1782 1803 1856
1931 1985 1997 2001 2021
2032 2068 2075 2078 2088
2110 2150

Títulos de 5 obrigações

2191 2213 2231 2250 2266
2270 2326 2334 2373 2374
2411 2452 2470 2544 2553
2570 2581 2627 2668 2669
2675 2685 2698 2700 2717
2730 2761 2834 2843 2872
2875 2884 2890 2894 2908
2909 2916 2936 2940 2948
2950 2953 2963 2973 2976
2983 3023 3044 3068 3087
3148 3191 3235 3268 3285
3301 3429 3462 3475 3491
3501 3515 3544 3570

Títulos de 10 obrigações

3763 4300 4317 4319 4329
4360 4369 5370 4379 4380
4387 4389 4397 4455 4465
4495 4503 4507 4526 4535
4536 4539 4545 4550 4555
4557 4559 4565 4576 4577
4586 4587 4595 4703 4715
4717 4719 4723 4735 4736
4737 4739 4742 4749 4751
4755 4754 4759 4761 4764
4766 4771 4775 4784 4786
4788 4798 4926

Títulos de 10 obrigações

5158

Da série de 6 % — 1968/84 1 042 obrigações

Títulos de 1 obrigação

5179 5191 5208 5225 5253
5279 5296 5307 5329 5342
5360 5383 5385 5408 5424
5456 5471 5508 5522 5557
5586 5668 6550 5651 5674
5696 5715 5733 5757 5790
5811 5833 5858 5877 5905
5927 5970 5994 6004 6037
6073 6099 6116 6140 6164
6183 6200 6238 6257 6274
6290 6302

Títulos de 5 obrigações

6329 6345 6357 6370 6397
6414 6429 6441 6479 6495
6507 6536 6572 6588 6595
6610 6623 6648 6681 6692
6720 6744 6771 6780 6798
6811 6834 6875 6889 6905
6917 6952 6981 7006 7030
7063 7094 7108 7127 7130
7193 7206 7229 7244 7273
7291 7306 7328 7363 7384
7403 7439 7452 7484 7510
7527 7540 7566 7598 7642
7650 7693 7707 7762 7784
7796 7815 7863 7885 7898
7938 7963 7975 8003 8025
8038 8098 8104 8120 8175

Títulos de 10 obrigações

8239 8273 8280 8292 8302
8319 8324 8373 8380 8398
8434 8442 8458 8460 8513
8524 8589 8598 8608 8657
8676 8692 8706 8725 8747
8794 8838 8861 8885 8903
8908 8910 8934 8938 8949
8954 8964 8967 9005 9042
9071 9111 9175 9182 9214
9225 9268 9321 9380 9397
9417 9452 9468 9500 9553
9560 9603 9610 9621

Os valores líquidos dos cupões das séries indicadas são os seguintes:

			Portador	Port. reegistadas
7.	Emissão	(4 1/2 % — 1944/74), cupão n. 58	1$44 (4)	1$93 (6)
8.	»	(4 % — 1945/75), » n.º 57	1$28 (4)	1$72 (1)
9.	»	(3 3/4 % — 1946/76), » n.º 54	1$20 (4)	1$61 (3)
10.	»	(4 % — 1948/79), » n.º 49	1$28 (4)	1$72 (1)
11.	»	(5 % — 1951/81), » n.º 44	1$60 (5)	2$15 (1)
12.	»	(5 % — 1952/82), » n.º 42	1$60 (5)	2$15 (1)
13.	»	(5 % — 1954/84), » n.º 38	1$60 (5)	2$15 (1)
14.	»	(5 % — 1957/88), » n.º 32	1$60 (5)	2$15 (1)
15.	»	(5 % — 1958/89), » n.º 29	1$60 (5)	2$15 (1)
16.	»	(5 % — 1960/90), » n.º 26	16$05 (0)	21$51 (0)
17.	»	(5 % — 1963/79), » n.º 20	16$05 (0)	21$51 (0)
18.	»	(6 % — 1968/83), » n.º 11	27$16 (0)	
19.	»	(6 % — 1968/84), » n.º 9	27$16 (0)	
20.	»	(6 % — 1972/84), » n.º 2	31$68 (0)	

O reembolso das obrigações sorteadas, pelo valor nominal, assim como o pagamento dos juros do 1.º semestre de 1973 das várias emissões, realizam-se:

no **Banco Pinto & Sotto Mayor**
no **Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa**
no **Banco Português do Atlântico**
no **Banco Borges & Irmão**
no **Banco Totta & Açores**

no Porto e em Lisboa, todos os dias úteis, excepto aos sábados, a partir de 1 de Julho de 1973.

O pagamento dos juros correspondentes às obrigações ao portador registadas só pode ser feito no regime respectivo mediante apresentação simultânea das declarações do modelo n.º 7 do Código do Imposto Complementar comprovativas do registo.

Porto, 12 de Junho de 1973

Pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA
O DIRECTOR GERENTE
a) **Raul Bessa**

CASAS PRÉ-FABRICADAS
(desmontáveis)
BOM SUCESSO
João Nunes da Rocha — Aveiro

especialmente com vista aos Ex.mos Técnicos convidamos verificarem o que de prático — resistente e confortável é possível construir-se com **painéis de placas MADEL** (não arde — não apodrece — isola o som — frio ou calor, na moradia de r/c e 1.º andar (dois inquilinos) exposta na Feira Internacional de Lisboa (lado direito da entrada principal) ao mais baixo preço do Mundo.

DISTRIBUIDOR:

IVO CARDOSO, LDA.
R. REINALDO FERREIRA, 21 - A
Apartado 5200 — Lisboa - 5

DL/NACIONAL

O tempo parou para os transportes de Trás-os-Montes e Alto Douro

Locomotivas como estas que existiam no Vale do Vouga puxam os comboios que servem Trás-os-Montes e Alto Douro

. .Os transportes e vias de comunicação constituíram um dos problemas mais focados no recente I Colóquio Termal Transmontano. Quase todos os oradores se referiram a ele e nas próprias conclusões, uma das alíneas assinala a necessidade de modernizar os meios de transporte e criar novas vias de comunicação: nomeadamente carreiras aéreas internas.

E porque se falou tanto nos transportes num colóquio de termas? Porque eles afectam o desenvolvimento das estâncias tornám-se vitais para o progresso de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Aliás, não foi a primeira vez que o problema das vias de comunicação se levantou num colóquio deste género. Estamos a recordar-nos do I Colóquio Regional de Turismo e Termalismo de Lafões. Trànscrevemos mesmo uma das conclusões: **«Considerando que a linha de caminho-de-ferro do Vale do Vouga já não corresponde às necessidades turísticas da região nem do seu desenvolvimento e ainda que a sua exploração é economicamente inviável, recomenda-se o seu encerramento e a concessão de carreiras de camionagem de qualidade e velocidade convenientes, corrigindo o traçado da rodovia fundamental — estrada nacional 16»**.

Esta sugestão levantou grande celeuma na altura. Na comunicação que então apresentou, o dr. Ricardo Jorge Vale de Andrade declarava: **«O caminho-de-ferro do Vale do Vouga compreende a linha de Espinho a Viseu — 141 quilómetros — e o ramal de Aveiro à Sernada, passando por toda a região de Lafões, Oliveira de Frades, Vouzela e S. Pedro do Sul, num total de 97 quilómetros. A lentidão destes comboios é sintomática. Viseu-Espinho (141 quilómetros) leva a percorrer seis horas, o que significa uma velocidade média de 23 quilómetros-hora»**. Mais adiante, o mesmo orador afirmava: **«Diz-se que as povoações servidas pelo caminho-de-ferro reagem sempre mal ao anúncio de encerramento de linhas. Talvez o façam por ignorância. Estabeleçam-se primeiro, as carreiras de camionagem nos percursos concorrentes, continuando a funcionar transitoriamente o caminho-de-ferro durante algum tempo, digamos um ano, e logo se verá, estamos certos, que são as próprias populações a manifestar a sua preferência pela rodovia»**.

O colóquio a que nos estamos a referir efectuou-se de 24-27 de Julho de 1969. O comboio acabaria por encerrar três anos mais tarde (26 de Agosto de 72) logo após o terrível incêndio que se verificou naquela região. O «comboio incendiário» como foi adjectivado, com as faúlhas tinha contribuído em grande parte para o fogo que durante dias arrasou aquela zona. O comboio fechou, mas e aqui o problema agrava-se, ainda não foi construída uma via rápida.

O TEMPO PAROU NO NORTE...

Pois os transportes em Trás-os-Montes e Vale do Douro não são melhores; muito pelo contrário. Por isso mesmo, os responsáveis pelas termas manifestaram a sua preocupação (lembramos que maioria das termas se encontra naquelas províncias nortenhas). **Como chegar às termas?** — eis a pergunta que se faz. Não nos referimos ao preço que os aquistas têm de pagar e que tem levado a uma selecção da frequência e continuará a existir se o termalismo social não foi implantado em breve no nosso país. Continuamos, isso sim, a falar dos meios de transportes. Nós tivemos oportunidade de constatar que viajar para as termas é quase uma aventura. Explicamos:

. .Já algumas vez se deslocou de comboio de Lisboa a Chaves? Sabe quantas horas demora? Praticamente 14 horas (?). Foi o que nos aconteceu. Isto no tempo em que nenhum voo directo para qualquer país europeu (por muito remoto que seja) demora mais de quatro horas.

Saímos de Lisboa à meia-noite e dez minutos. Chegámos à estação do Porto perto das 7 e 30. Apanhámos a ligação para a Régua onde chegámos por volta das 9.30. Daqui apanhámos outro comboio directo a Chaves. A percorrer a distância que separa estas duas localidades, exactamente 97 quilómetros, demorámos cerca de seis horas. Se fizermos as contas, temos uma média horária na ordem dos 16 a 17 quilómetros-hora. Quanto muito teríamos atingido os 20 quilómetros. Isto no que toca a tempo, porque se falarmos em comodidade, a situação agrava-se. Tem apenas duas carruagens: 1.ª e 2.ª (qual delas a pior). Damos voltas atrás de voltas e estamos quase sempre no mesmo sítio. O fumo entra livremente pelas carruagens. As malas espalham-se pelo corredor, pois colocá-las em cima da nossa cabeça é um perigo. Em qualquer momento elas cairiam em cima de nós. Aliás fomos avisados para o não fazer. Comprar um bolo ou uma bebida ao longo desta extenuante viagem é impossível. Estamos praticamente isolados do mundo. Apenas encontrámos uma semelhança: com as locomotivas que atravessavam o Texas ou a Califórnia no tempo dos índios no século passado. Perguntamos, agora? Será possível a uma pessoa que se dirige para as termas, por princípio doente, efectuar esta viagem sem chegar morto ao destino? Uma pessoa que tem pressa em chegar ao seu destino, não desespera ao verificar que chegaria quase (salvo o devido exagero!) ao mesmo tempo, se fosse a pé?

. .E as ligações dos comboios com as camionetas que levam os passageiros à aldeia. A nossa companheira de viagem (o comboio tem uma lotação bastante reduzida) tinha que esperar seis horas na estação para ganhar a camioneta. Isto para andar à volta de 30 quilómetros.

O COMBOIO...MAS NEM SÓ!

Bom, as pessoas poderão dizer que há mais meios de transportes. Vejamos. As estradas que servem a zona norte encontram-se num estado deplorável. O dr. Mário Carneiro, director-clínico de Chaves disse-nos que entre Chaves e Vidago (cerca de 18 quilómetros) tinha já contado 120 curvas. Nem quisemos fazer contas. Na viagem de regresso, que fizemos já de automóvel verificámos que até perto de Mealhada, as curvas se multiplicam. A velocidade dos automobilistas não pode ultrapassar os 60 quilómetros horários sem colocar em perigo a própria vida.

As comunicações fluviais são praticamente inexistentes e o mesmo em relação às carreiras aéreas. Para servir uma população urbana (Chaves, Vila Real, Bragança, Mirandela e Lamego) as empresas rodoviárias não abundam e o seu material está tão deteriorado como o da via-férrea do Alto Douro. E como já referimos, os passageiros têm de aguardar horas para apanhar uma camioneta.

Em 1961, uma comissão oficial elaborou um trabalho em que previa a aplicação de 402 mil contos para apetrechar os transportes daquela zona. Nada foi feito. Desde então, já desapareceram os ramais de Trás-os-Montes e à nunca conclusão do ramal Régua-Lamego-Vila Franca das Naves.

Muito se poderia dizer ainda sobre a carência de meios de transportes. Julgamos ter dado uma ideia de como tudo se encontra. Assim, é quase impossível chegar às termas e por isso neste colóquio, as entidades responsáveis pelo termalismo manifestaram o seu desapontamento. A não modernização das vias de comunicação naquelas zonas continuará a afectar (e de que maneira) o desenvolvimento das estâncias termais no nosso país. Já não falamos do turismo, apesar de ele andar intimamente ligado com as estâncias. Mas, recordamos as palavras que o secretário de Estado das Comunicações e Transportes, proferiu recentemente em público **«exige-se uma especial atenção, com vista à inserção dos transportes no crescimento de certos aglomerados que a política de ordenamento de território deseja estimular»**.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é editado por Eusébio Ferreira Carvalheiro MARINHA DAS ONDAS

Para inaugurar o nosso terraço do "Panorama" pensámos contratar uma banda mas não descobrimos nenhuma suficientemente grande...

para a vastidão do terraço que transformámos na mais agradável esplanada-restaurante.
Venha almoçar debaixo do Toldo e teremos todo o gosto em servir-lhe, além da fabulosa cozinha Sheraton, ar puro e frescura da "altitude" e vista deslumbrante de Lisboa.

Reservas: Lisboa - 563911

Lisboa-Sheraton Hotel

SHERATON LISBOA - Rua Latino Coelho, 1 - Telefs 563911 41 51
UM SERVICO MUNDIAL DA ITT

ELEITO PELOS PROFISSIONAIS DE TURISMO "O MELHOR DO ANO"

O Governo do Qatar depositou o instrumento de adesão à Convenção Internacional das Telecomunicações.

///

Foi aumentado ao efectivo dos navios da Armada a lancha de desembarque média **117**, a qual ficará a pertencer à classe **100**.

///

Foram abertos créditos especiais para reforço de verbas dos orçamentos de diversos ministérios, no montante de 2.332.608$00.

///

Uma portaria do Ministério da Economia aprova como normas definitivas os inquéritos I-1152 e I-1153 («Diário do Governo», 1.ª série, n.º 144).

///

Foi aumentado o quadro do pessoal auxiliar da Conservatória do Registo Civil de Loures.

///

O dr. Fernando Sá Viana Rebelo foi designado, por um período de três anos, vogal do conselho de administração do Instituto de Crédito de Angola.

///

Foi concedida uma comparticipação de reforço à Direcção-Geral dos Portos para a obra de melhoramento das praias da zona de Carcavelos-Estoril-Cascais.

///

A dr.ª D. Maria Helena Mansir Charters Marchante foi nomeada para exercer, em comissão de serviço, o cargo de consultor técnico regional dos serviços complementares do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra.

em 3 linhas

///

Foi nomeado o dr. Francisco António Gonçalves, director da Escola Nacional de Saúde Pública presidente do júri do concurso para professor extraordinário da 2.ª cadeira (Epidemiologia) daquele estabelecimento de ensino.

///

Foi, também, designado o dr. António Almeida Costa para fazer parte do júri do concurso para provimento de um lugar de professor catedrático do 1.º Grupo da 1.ª Secção da Faculdade de Ciências de Lisboa.

///

Foi prorrogado por mais um ano o período de instalação da Escola de Enfermagem Psiquiátrica de Lisboa.

O movimento do porto de Setúbal

No ano económico findo demandaram o Porto de Setúbal, segundo informações da respectiva Junta Autónoma, 472 navios entre os nacionais e os estrangeiros, que movimentaram 382.762 toneladas.

Na mesma informação se dá conta de que é cada vez maior o número de pessoas que utilizam as carreiras colectivas do rio Sado, merecendo, também, especial relevo os valores das pescas nas lotas comercial e industrial, que atingiram os montantes de 19.850 toneladas e 113.712 contos.

"Video" em festival

CANNES — O Terceiro Mercado Internacional de Programas e de Equipamentos em «Video-Cassettes» e «Video-Discos» (VIDCA) realiza-se no Palácio dos Festivais, em Cannes, de 28 de Setembro a 3 de Outubro. No que se refere a equipamentos propriamente ditos, este terceiro VIDCA reunirá 1500 representantes de 800 firmas internacionais.

CONHEÇA A
EUROPA
EM AUTOCARRO
VIVA AS SUAS FÉRIAS DESTE ANO.
VIAGENS ACOMPANHADAS POR GUIAS COMPETENTES
Acomodações em bons Hotéis

CIRCUITO SALAMANCA E MADRID
5 dias — 2.720$00
CIRCUITO INGLATERRA E ESCÓCIA
9 dias — 6.660$00
CIRCUITO BULGÁRIA, TURQUIA E GRÉCIA
24 dias — 23.900$00
CIRCUITO EUROPA ORIENTAL
23 dias — 13.820$00
CIRCUITO FLÓRIDA, WASHINGTON E NOVA YORK
16 dias — 22.100$00
CIRCUITO DA ROMÉNIA
10 dias — 9.320$00
e muitos outros destinos
PEÇA-NOS BROCHURA INFORMATIVA
PAGUE SUAVEMENTE COM O CREDI STAR
STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Coimbra

NOVO
Kelvinator

COM:
- Refrigeração por ventilação
- Descongelação automática
- 2 portas verticais

MODELO R-550

Capacidade 550 litros
Capacidade de congelador 200
Medidas em mm
Largura 925 altura 1662
Fundo 620

UMA EXPERIÊNCIA DESDE 1914

MODELOS A PARTIR DE 140 LITROS

DL/NACIONAL

Comunicado oficial

SOBRE INCIDENTES NA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PORTO

O secretário de Estado da Instrução e Cultura exarou um despacho, já comunicado à Reitoria da Universidade do Porto, a propósito dos inquéritos aos acontecimentos ocorridos na Faculdade de Ciências da mesma Universidade, no princípio de Abril último. É o seguinte o teor desse documento:

«Tomei conhecimento de que cinco estudantes da Universidade do Porto, detidos e identificados pela P.S.P. pelo motivo de, no passado dia 5 de Abril, terem perturbado o funcionamento de várias aulas da Faculdade de Ciências, e punidos com multa ao abrigo do n.º 1 do Artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 450/72, de 14 de Novembro, tinham sido absolvidos no julgamento efectuado no Tribunal de Polícia do Porto e concluído dia 1 do corrente mês.

Cumpre-me desde já assinalar que onze dos dezasseis estudantes nessa altura surpreendidos em actos atentórios da ordem e da disciplina pagaram voluntáriamente as suas muitas, pelo que só aqueles cinco se não submeteram à sanção aplicada e deixaram o processo seguir seus trâmites até julgamento, (Cfr. os n.os 2 e 3 do citado artigo 3.º). Esta circunstância evidencia que a maioria dos arguidos teve consciência da ilicitude do seu comportamento e por isso acatou a censura implícita na sanção aplicada pela autoridade policial.

Torna-se neste momento particularmente conveniente chamar a atenção para a circunstância de que a pendência de processos criminais ou de transgressões, por actos praticados no âmbito dos estabelecimentos de ensino, nenhuma influência deve ter sobre a actuação disciplinar que cumpre levar a efeito pelas autoridades académicas sempre que aqueles actos se afigurem disciplinarmente puníveis.

Na verdade, o ilícito penal e o ilícito disciplinar resultam da necessidade da salvaguarda de valores diferentes. O primeiro tem em vista a defesa de valores básicos e gerais da vida social, especificados pela tipicidade normativa dos vários crimes e transgressões. O segundo destina-se a proteger valores de disciplina quanto a certas pessoas ligadas por especiais deveres dessa ordem perante outras, no quadro de uma dada instituição.

Da diversidade dos valores tutelados, num e noutro caso, resulta que o mesmo comportamento de um indivíduo pode simultaneamente ser penal e disciplinarmente censurável.

E que os respectivos procedimentos são inteiramente autónomos (Cfr. prof. doutor Eduardo Correia, «Direito Criminal», Vol. I, Coimbra, 1963, pág. 38), com a ressalva única de uma condenação criminal por determinados actos não pode deixar de implicar que eles devem ser considerados provados para efeitos disciplinares. Mas a inversa já não é verdadeira, uma absolvição em processo criminal não implica de forma alguma a não punição disciplinar pelos mesmos actos o que se explica pela maior rigidez da qualificação jurídica em processo penal (Cfr. autor e local citados).

Assim e tendo em conta que a gravidade dos acontecimentos, bem como do processo global em que eles se inserem, torna indispensável uma actuação firme e rápida das autoridades académicas com vista à salvaguarda da ordem e disciplina na Universidade dos valores culturais que esta representa e da qualidade do ensino que ministra, deverão ter-se em conta as seguintes orientações:

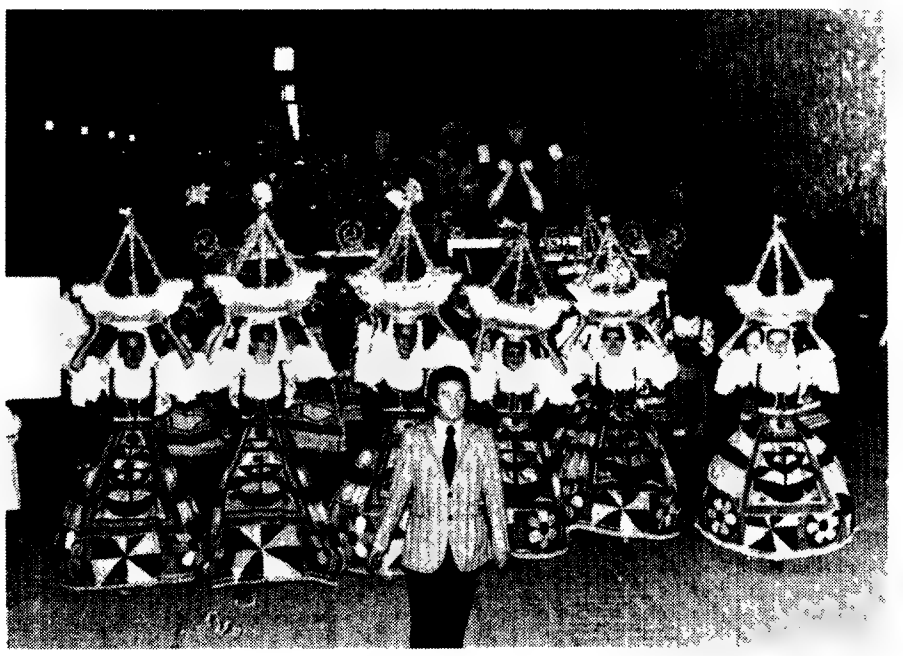
a) Os processos de inquérito em curso deverão prosseguir com a maior celeridade e, uma vez findos, serem instaurados e urgentemente concluídos os processos disciplinares a que porventura dêem lugar;

b) A sentença proferida pelo Tribunal de Polícia não deve de modo algum influir no andamento dos processos disciplinares que venham a ser instaurados aos mesmos estudantes por aqueles actos;

c) Tais processos disciplinares deverão ser apreciados, para decisão final, unicamente com base na prova neles produzida e na gravidade das ofensas cometidas por cada arguido à disciplina universitária.

O desfile de ontem à noite

AVENIDA SEM CARROS BAIRROS SEM ZARAGATAS



Marchas bem comportadas.

«Assim é que a Avenida é boa. Só pessoas, sem carros. Até parece que estamos num jardim ...» exclamava, feliz, o caixeiro Arlindo Fonseca, de alegres 40 anos, empoleirado na estátua do Marquês, a olhar o espectáculo de milhares de «alfacinhas», ladeando a Avenida, à espera dos vinte ranchos folclóricos, uma escola de samba (Vapores do Rego), cinquenta e um pares dançantes, (três por cada bairro), mais quarentave três porta-arcos, além dos «cavalinhos» das sete jovens representando as sete colinas (seis delas, coristas do Maria Vitória) e, a fechar, o pelotão a cavalo da Guarda Republicana. Era o Grande Desfile Popular do Mercado Lusíada e a Grande Marcha de Lisboa de 1973.

«ERAM AS PÚRRIAS ...»

Perdido no meio de tanto «marchante», Américo Borges, ex-fogueiro marítimo, e «decano» da Marcha, disfarçada a ignorância dos versos da canção vencedora, e da ordem do desfile, ostentando orgulhoso as suas 15 medalhas: **«E uma por cada marcha. Nunca falhei. Desde que isto começou — em 1935 — a Câmara tem-me convidado sempre. Comecei na Madragoa e o ano passado vim com Alfama ...»**.

E lamenta o novo figurino da Grande Marcha, com os bairros misturados: **«Antes tinha mais piada. Havia rivalidade e mais entusiasmo. Agora foram buscar três moças e três rapazes a cada bairro, juntaram-nos todos para aí, e já ninguém se conhece. Olhe, de tantos anos nisto só conheço três mancebos que aí vão. É uma tristeza»**.

E, ao ouvido, explicou-nos que a «coisa mudara por causa das zaragatas ocorridas após cada desfile. O bairro vencedor acabava sempre por receber, a altas horas, a «visita» de algum outro, mais inconformado com a derrota. E não havia pedras que chegassem. **«Eram as púrrias ...»**, explicou-nos o realizador de cinema Augusto Fraga, um dos entusiastas das Marchas, e que espera o regresso do desfile tradicional. Diz-nos: **«O ideal era voltarmos à competição»**.

AVENIDA DA LIBERDADE

As seis coristas, mais uma filha do compositor Frederico Valério, representavam as sete colinas de Lisboa. Abriam a Grande Marcha mas nenhuma delas sabia porque colina «marchava». Isabel Moret, filha de pai francês e mãe portuguesa, a mais visada pelos fotógrafos e repórteres (beleza a quanto obrigas ...) gostaria, no entanto, de representar Campo de Ourique. **«Ah grande Isabel ...»** exultou Assis Pacheco, velho «inquilino» do bairro.

Era já 1 hora da manhã e a Grande Marcha de Lisboa estava no fim. O arco dos Olivais fechava a conta, precedido ainda da GNR e dos carros particulares, dos convidados de honra instalados nas tribunas, a meio da Avenida.

Já os ranchos folclóricos tinham alcançado o Terreiro do Paço e os respectivos componentes demandavam as pensões ou o Centro de Estágio do INEF — onde a maioria ficou instalada.

Já o ex-marítimo Américo Borges (no mês de Junho nunca houve barco que o pegasse(«decano» das Marchas, agora reformado, com o mesmo bigode de há 38 anos — aquando da primeira marcha — se preparava para dar destino aos quatrocentos e poucos escudos que a Comissão da Festa pagou (50 por dia) a cada um dos «marchantes» lisboetas.

Os de Aveiro, Beja, Faro, Viseu (e por aí adiante) ganharam uma viagem a Lisboa, com partida esta manhã. **«Nem dá tempo para irmos ao Jardim Zoológico»** lamentava-se o Rui, 13 anos, do rancho de Portalegre, já cansado de bater o fandango pela Avenida abaixo. Recebiam apenas para as despesas. Para os componentes do Rancho de Barqueiros (Douro) maior azar: partiam logo de madrugada.

«Assim é que a Avenida é boa» dissera-nos Arlindo Fonseca. Pois bem, outro espectáculo, no espectáculo da Grande Marcha de Lisboa, foi sem dúvida a «visão» de um grande passeio público, a começar no Parque Eduardo VII e a desaguar no Terreiro do Paço, passando pelos Restauradores.

E já os membros dos ranchos, sambistas e «marchantes» procuravam alegria e festa nos arraiais dos diferentes bairros, enquanto milhares de lisboetas passeavam, despreocupadamente, pela Avenida sem carros.

«Até parece que estamos num jardim» tinha-nos dito ainda o alegre caixeiro.

Avenida da Liberdade só para peões. Quem é que não gostaria?...

DIA DO CAFÉ NA F.I.L.

Ontem, às 18h 30, no Pavilhão do Café Puro, na F.I.L., onde se encontra no prosseguimento da sua actividade promocional em prol da generalização do consumo do café e da melhoria qualitativa do produto, o Fundo de Fomento e de Propaganda do Café oferece, no âmbito da celebração do dia do café português, uma recepção à qual se dignou assistir S. Ex.ª o Secretário de Estado do Fomento Ultramarino, Dr. Rui Martins dos Santos, estando, também, presentes o Presidente e o Vice-Presidente da Comissão Interministerial do Café, Eng.º Ruy Ribeiro, e Dr. Emídio Fazenda, respectivamente, os vogais da mesma Comissão e diversas individualidades públicas e privadas à economia do Sector. O Fundo de Fomento e de Propaganda do Café é o organismo a quem compete a promoção e expansão do café português nos mercados nacionais e estrangeiros, tarefa que vem desempenhando, há alguns anos a esta parte, com algum êxito, não obstante os diversos factores de estrangulamento que vêm afectando o consumo e a comercialização do produto.

Não obstante aqueles factores, os indicadores, relativos a 1972, no que concerne ao mercado metropolitano, cifram-se em cerca de 21 500 toneladas de café importado, das nossas Províncias, o que, econometricamente, representa um crescimento de 1/3, em relação a 1968, data em que o Fundo de Fomento e de Propaganda do Café começou a funcionar com as actuais estruturas.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Sofia Duarte — PAMPILHOSA DO BOTÃO

MARCHAS DE S. JOÃO
Amanhã no Porto

Amanhã à noite efectua-se o desfile das marchas sanjoaninas, número de interesse popular integrado no programa das festas de S. João do Porto.

As oito marchas sanjoaninas concentrar-se-ão na Praça de Lisboa, começando a sair deste local às 22 horas pela seguinte ordem, conforme sorteio a que procedeu, oportunamente, a comissão de festas da cidade: Massarelos, com 86 figurantes; Campanhã, com 95; Bonfim, com 79; Santa Marinha (Gaia), com 102; S. Pedro de Campanhã, com 76; Ferreirinha (Foz do Sousa), com 90; Ramalde, com 80 e Paranhos, com 80 elementos.

A partir da Praça de Lisboa, todas as marchas, precedidas pela fanfarra dos Bombeiros Voluntários de S. Mamede de Infesta, percorrerão os seguintes arruamentos: ruas das Carmelitas e dos Clérigos, praça da Liberdade, Av. dos Aliados (lado poente), praça do Município, Av. dos Aliados (nascente), praça da Liberdade, ruas de Sá da Bandeira, Fernandes Tomás, Santa Catarina e Santo António, tendo sido escolhidos dez locais ao longo deste percurso para exibição das marchas perante as autoridades, júri de classificação e público em geral.

CONTINUA EM ENTRECAMPOS
O ESPECTÁCULO FAVORITO DO POVO DA CAPITAL
A
FEIRA POPULAR DE LISBOA
A favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século»
Ao ALCANCE de TODOS e PARA TODOS os GOSTOS
Pavilhões e «Stands» das mais conceituadas firmas apresentam produtos e artigos famosos
Todas as atracções em movimento constante
DE TUDO PARA COMER E PARA BEBER
Hoje, Feriado Nacional, a Feira abre às 15 horas

CONFIE NA
Ourivesaria da GUIA
COMO O FAZ HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA
RUA D DUARTE, 4-B (Edifício do Hotel Mundial) Fundada em 1875

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preço, compramos • Pagamos muito bem
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

DL/NACIONAL

CRÍTICA DE MÚSICA — Mário Vieira de Carvalho

Músicos ingleses na Gulbenkian

«The Nash Ensemble», conjunto de instrumentistas ingleses, veio agora à Gulbenkian dar uma série de quatro concertos, com programas parcialmente diferentes. Com ele vieram a conhecida cantora norte-americana Eartha Kitt, os compositores ingleses Richard Rodney Bennett e John Tavener, um grupo de solistas vocais («King's Singers») e o maestro Marcus Dods.

A apresentação dos instrumentistas, da sua formação musical irrepreensível, dos seus dotes individuais de executantes, do equilíbrio e da coesão do conjunto (ou melhor dos conjuntos, consoante a composição instrumental exigida por cada uma das obras) fez-se com músicos dos anos vinte, do checo Bohuslav Martinu: «La Revue de Cuisine». Escrita originalmente para bailado, em que as personagens são uma colecção de utensílios de cozinha, exprime-se numa linguagem francamente tonal, que visa identificar-se com o humorismo «naïf» do libreto. O **Charleston** e o **Tango**, em caricatura, não faltam como «sinais dos tempos».

Sinais que também aparecem na **História do Soldado** de Stravinsky, onde o compositor, a páginas tantas, resolve igualmente recriar o **Tango** e o **Ragtime**. Mas a **História do Soldado** data de 1918 e é uma das grandes obras-primas da música do século XX: utilizando apenas dois instrumentos de cada família capazes de cobrir em conjunto o máximo de extensão entre o registo agudo e o registo grave (violino e contrabaixo, trompete e trombone, clarinete e fagote) e um pequeno grupo de percussões para um executante, Stravinsky caracteriza as situações dramáticas — dentro duma perspectiva geral em que domina o seu fino e inconfundível sentido de humor — com uma imaginação, uma incisividade e uma força que outro qualquer só acharia numa grande orquestra. Com a interpretação desta obra, «The Nash Ensemble» fez redobrar a minha admiração pelo rigor do seu trabalho.

Faltava, porém, ainda o **Quinteto com clarinete** (K. 581) de Mozart, que, pecando embora por exegero, me apetece dizer ter sido a mais bela música de câmara que jamais vi e ouvi fazer. Perfeita unidade interpretativa dos cinco executantes. Mas seria injusto não referir o domínio técnico e a expressividade excepcionais do clarinetista: Antony Pay.

Entretanto, Eartha Kitt, escolhera, para começar, canções extraídas de óperas de Brecht-Kurt Weill (novamente os anos vinte). O texto respectivo não foi inserido no programa, ao contrário do que acontecera anteriormente no recital de Colette Herzog. Cantou ao microfone, com aquela voz de timbre cavo e agressivo, com inflexões de segundos sentidos, totalmente identificada com as personagens, os ambientes e os objectivos das canções. E cantou a versão original: felizmente Brecht e Weill escaparam ao furor adaptador de Rodney Bennett, que nos impingiu depois uma série de contrafacções de mau gosto, de canções de Gershwin e Cole Porter (entre outros). Fez pena ver artistas da craveira de Eartha Kitt e, mais tarde, dos «King's Singers» embarcarem nos equívocos daquele «industrial» da música. Rodney Bennett cultiva um estilo amaneirado, delicodoce, rítmica e harmonicamente baseado nas comédias musicais dos Filmes de Hollywood dos anos quarenta, ou seja, o ligeiro mais comercial e mais simplista. Se pega nos clássicos, retira-lhes toda a expressão; se se aproveita do jazz, desvirtualiza-o. Ainda recentemente se representou entre nós «Porgy and Bess», de Gershwin, e o público português pôde então compreender a verdadeira riqueza musical e a função e conteúdo dramáticos de canções como «My Man's Gone Now» (despedida de Serena). Rodney Bennett transformou-as em cançonetas execráveis, vazias de sentido.

A indústria musical dessorada do sr. Bennett ninguém a pode suportar, depois de conhecer o verdadeiro Gershwin ou depois de ouvir jazz autêntico, como o que fez Steve Pots (com Manuel Jorge Veloso a responder «visceralmente») no Hot-Club, precisamente um dia antes (única sessão a que assisti). Mas o público da Gulbenkian aplaudiu, mesmo o público predominantemente jovem que há poucos dias rejeitara, furioso, o «Litoral» de Maria de Lourdes Martins.

A contradição mais chocante ainda é, porém, a dos seis extraordinários cantores que se intitulam «King's Singers» e que, em qualquer dos recitais, depois de interpretarem com um estilo puríssimo obras da idade de ouro da música vocal inglesa (século XVI) descambaram em cantar subprodutos de Bennett e Companhia.

Uma referência final a John Tavener e ao seu **Requiem for Father Malachy** que se insere numa linha de «vanguarda» válida, independente do seu valor absoluto. Poderia tê-la ouvido duas vezes, mas a minha curiosidade satisfez-se com uma única audição. A propósito, acrescento apenas que notei algumas «reminiscências» de Britten (por exemplo: no **Dies Irae**).

Ausência notória de público nos dois últimos concertos. Aconselho a Gulbenkian a meditar no exemplo histórico de Stravinsky, que compôs a **História do Soldado** para sete instrumentos (mais um narrador e dois actores) com o intuito de criar uma pequena companhia de ópera itinerante, capaz de se deslocar com facilidade, economicamente, podendo improvisar espectáculos em qualquer local. Estávamos no fim da guerra de 1914-18. Era uma maneira inteligente de manter o contacto com o público, de se equacionar com o seu tempo e com o espaço em que se inseria. Coisa que a Gulbenkian não soube ainda fazer. Pelo menos, no domínio da música...

EXAMES PARA AMANHÃ

CICLO PREPARATÓRIO (1.ª CHAMADA)

Cursos normais

Trabalhos manuais — 15 horas

(Os alunos levarão para a prova: Bilhete de Identidade, tesoura, régua, esquadro, compasso, cola de secagem rápida, lápis e borracha, canivete ou X-Acto).

ENSINO LICEAL

CURSO COMPLEMENTAR (1.ª CHAMADA)

Grego, Inglês e Ciências Físico-Químicas — 9 horas

(Em Grego e Inglês é permitido o uso de dicionário).

CONGRESSO DE ORTOPEDIA E TRAUMATOLOGIA

ANGRA DO HEROISMO (L) — Realiza-se nesta cidade, no próximo ano, o IV Congresso Nacional de Ortopedia e Traumatologia — segundo ofício recebido pelo dr. Viriato Garrett, director clínico do Hospital Distrital e afirmado pelo dr. Jacques Resina, presidente da Sociedade Portuguesa de Ortopedia e Traumatologia.

O congresso reunirá na Terceira entre trezentos e quatrocentos médicos.

A PRESIDÊNCIA DAS CORPORAÇÕES PARA DIRECTORES SINDICAIS - quer a Federação dos Sindicatos dos Empregados de Escritório

«O corporativismo português, em mais de 40 anos de existência, não conheceu um único representante do trabalho na presidência das corporações concluiu a Federação Regional dos Sindicatos dos Empregados de Escritório do Sul e Ilhas Adjacentes em reunião realizada recentemente. Durante a referida reunião foi evidenciado o facto de, entre nós, a cúpula orgânica corporativa não ter sido ocupada, até agora, por trabalhadores dado que nenhum dirigente sindical ascendeu, até hoje, à presidência de uma corporação.

Nesta reunião, promovida pela Federação Sul dos Empregados de Escritório, debateu-se largamente a representação dos Profissionais de Escritório nas Corporações. A designação de representantes do trabalho nas Corporações compete às federações dos sindicatos e só poderá recair em actuais ou antigos dirigentes sindicais, a menos que sejam alterados os regimentos das Corporações.

A situação dos empregados das instituições de previdência continua também a preocupar os dirigentes sindicais, porquanto a revisão do respectivo estatuto, repetidamente prometida a nível oficial, teima em fazer-se aguardar. Como se sabe, são mais de dezena e meia de milhares de trabalhadores que aguardam uma justa melhoria das suas condições de trabalho, regalias e salários que os coloque mais próximos dos colegas abrangidos por instrumentos de contratação colectiva.

..Os novos horários do comércio surgidos da aplicação do Decreto-Lei n.º 56/72, foram mais uma vez objecto de apreciação crítica por parte dos dirigentes sindicais. Verifica-se que, sobretudo na província, a pretexto de meros interesses particulares são postergados elementares direitos dos trabalhadores do ramo, com desrespeito flagrante até das disposições da lei.

FÉRIAS
NO ALGARVE
Apartamentos em **Albufeira** ou **Monte Gordo**
15 dias desde 1.915$00
programa detalhado
"Atlântica"
Rua Capelo, 4-A, Lisboa
Tel 36 92 81 (10 linhas)

2
ROMANCES DE ÊXITO MUNDIAL
INICIAM A "NOVA SÉRIE"
DA COLECÇÃO METAMORFOSES

A OBRA AO NEGRO
MARGUERITE YOURCENAR
Através da personagem Zenão, no tempo e nas preocupações par de Copérnico, Leonardo de Vinci e outros, o romance apreende o processo de dissolucão de valores que caracteriza a passagem da Idade Média para a Idade Moderna. Zenão representa a vontade inquebrantável de alcançar a liberdade de espírito Os contornos da sua poderosa personalidade só um grande escritor como Marguerite Yourcenar os poderia traçar, de forma que a OBRA AO NEGRO se torna, talvez, mais fascinante do que esse outro seu célebre livro — MEMÓRIAS DE ADRIANO
Marguerite Yourcenar foi galardoada com o Prémio Femina em 1968 e com o Prémio de Mónaco em 1972.
Edição normal, 120$00 / Encadernada, 200$00

OS PECADOS DE PHILIP FLEMING
IRVING WALLACE
É uma penetrante novela dos aspectos menos públicos do casamento americano. Mulheres que destroem muitas vezes o muito que pretendiam dos seus homens Homens que, por sua vez, arriscam tudo — família, carreira, segurança — na ânsia de recuperar o que lhes foi subtraído pelas suas mulheres ..
Edição normal, 110$00 / Encadernada, 200$00

2
EDIÇÕES DE QUALIDADE NUMA APRESENTAÇÃO VERDADEIRAMENTE INOVADORA

2
NOVOS BEST-SELLERS DA
Editorial Inova/Porto
apartado 466

DL/ESTRANGEIRO

Café: Portugal defende a criação de uma companhia internacional

CIDADE DO MEXICO, 21 — (R.) — A conferência dos produtores de café da América Latina, que começou ontem nesta capital, concordou em princípio a noite passada tentar restabelecer a ordem no mercado internacional, não tornando imediatamente disponíveis as suas reservas, segundo afirmaram fontes afectas às conversações.

Essas fontes disseram ainda que um acordo total dependeria da política do Brasil e da Colombia, os maiores produtores de café do mundo.

Os brasileiros e colombianos juntam-se hoje à Costa Rica, México, Peru, Honduras, San Salvador, Guatemala, Equador, República Dominicana, Nicarágua e Venezuela na conferência de três dias.

O mercado mundial do café acha-se confuso, após o fracasso em prorrogar o sistema de cotas e fiscalizações de preços do acordo internacional do café, que expira em 30 de Setembro.

Diligências para negociar um novo pacto sobre café malograram-se em Dezembro último quando países produtores e consumidores não conseguiram chegar a acordo sobre as cotas de exportação e o processo para regular os preços.

Há dois meses, o tratado foi prorrogado por mais dois anos, a partir de 1 de Outubro, mas sem a maquinaria que lhe dá capacidade para fiscalizar a quantidade de café verde fornecido ao mercado mundial e estabelecer médias de preços a que é vendido.

Fontes ligadas à conferência notaram que os produtores de café latino-americanos discutiriam a possível participação numa companhia internacional de comércio na falta de um acordo mundial de café efectivo.

Uma proposta para criar tal companhia voltou a ser ventilada pelo chamado «grupo de Bogota», formado pelo Brasil, Colômbia, Portugal e Costa do Marfim.

As duas Alemanhas este ano na ONU

NAÇÕES UNIDAS (NOVA YORK), 21 — (R) — O Conselho de Segurança efectua hoje a primeira de duas sessões públicas destinadas a abrir o caminho para a admissão ainda este ano na ONU das duas Alemanhas.

Numa breve sessão marcada para esta manhã (15 e 30 de Lisboa), o Conselho será notificado formalmente dos pedidos apresentados separadamente na semana passada pelos dois Estados.

Transmitirá, então, o assunto para a sua comissão sobre admissão de novos membros, formada por todos os 15 países do conselho, que deverá reunir-se imediatamente depois em sessão privada.

Espera-se que o Conselho se reúna outra vez em sessão na sexta-feira para dar a sua aprovação formal aos pedidos.

Segundo fontes bem informadas, o Conselho aprovará uma única resolução contendo dois parágrafos operativos: o primeiro recomendando à assembleia geral a admissão da República Democrática Alemã (Alemanha Oirental) e o segundo a admissão da República Federal Alemã (Alemanha Ocidental).

Essa foi a ordem pela qual os dois pedidos foram apresentados.

As duas Alemanhas, que presentemente têm apenas o estatuto de observadores da ONU, não serão admitidas na organização mundial como membros plenários senão na próxima sessão da assembliea geral, que se inaugura em 18 de Setembeo.

Nova era nas relações entre Bonn e a RDA

BERGEN-DUMME, (REPUBLICAFEDERALALEMÃ), 21 — (R) — Uam luz solitária de trânsito neste ponto ermo de travessia da fronteira mudou hoje para verde, poucos segundos depois da meia-noite, assinalando o começo de uma nova era nas relações entre os dois Estados alemães.

O acontecimento, a que assistiram cerca de mil alemães ocidentais, foi a primeira prova tangível de que o histórico «tratado de boa vizinhança» entre os antigos inimigos da «guerra fira» entrou hoje em vigor.

Poucos minutos após a meia-noite, soldados do Exército Popular Nacional da República Democrática Alemã, com os seus uniformas conzento-escuro, retiraram as últimas vedações metálicas pesadas do seu lado da fronteira.

O posto de fiscalização de Bergen Dumme, a cerca de 400 quilómetros a nordeste de Bonn, é um dos quatro pontos de travessia da fronteira entre as duas Alemanhas, fortemente fortificada, que abriram hoje nos termos dos documentos apensos ao pacto.

A última cerimónia formal da ratificação do pacto, que cimenta o «status quo» na Europa e sela a divisão da Alemanha em futuro previsível, foi efectuada ontem pelos dois homens que negociaram o acordo, o secretário de Estado Michael Kohl, da República Democrática Alemã, e o ministro especial de Bonn, Egon Bahr.

Numa cerimónia breve que se realizou na Sala Gobelin, na residência oficial do chanceler Willy Brandt, os dois fizeram a entrega mútua de uma volumosa pasta contendo os originais do tratado e documentos apensos.

Os regulamentos que entraram hoje em vigor afectam seis milhões de alemães ocidentais, Contudo, apesra das luzes em todos os quatro novos postos fronteiriços tivessem mudado para berde, não se registou afluência de viajantes.

Câmara Municipal de Tomar

VENDA DE TERRENO PARA CONSTRUÇAO

EDITAL

Dr. Manuel dos Santos Machado, Presidente da Câmara Municipal de Tomar, anuncia que :

— De harmonia com a deliberação municipal de 12 do corrente, faco saber que, no dia 24 de Julho próximo, pelas 17 horas, na sala das sessões dos Paços do Concelho, se procederá à allenação em hasta pública de um lote de terreno para construção urbana, sito na Avenida D. Nuno Alvares Pereira, desta cidade, a saber :

Lote n.º 1, com a base de licitação de 460.000$00.

A planta de localização do lote e as condições gerais e especiais referente à alienação, bem como o anteprojecto a fornecer pela Câmara e que há-de servir de base à elaboração do projecto definitivo do prédio a construir, encontra-se patente ao público, todos os dias úteis, nos serviços técnicos de obras municipais, durante as horas de expediente.

A Câmara Municipal reserva-se o direito de não efectuar a adjudicação, se assim o entender convenlente acs seus interesses.

Mais se torna público que o lanço mínimo para a praça é de 10 contos.

Para constar, se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixadcs nos lugares de estilo.

Paços do Concelho de Tomar, 19 de Junho de 1973.

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL

Dr. Manuel dos Santos Machado

Preveja meios de detecção

HOTEL CASTOR PORTO

AR CLIMATIZADO

TEL. 28691

R. DAS DOZE CASAS, 17

DL/GERAL

ALMADA:

«NASCEU UMA NOVA CIDADE»

Demorou cerca de quinze minutos a cerimónia de elevação da vila de Almada à categoria de cidade, que esta manhã decorreu nos Paços do Concelho com a presença do Presidente da República, dos ministros do Interior e da Marinha, do Governo Civil de Setúbal e presidente da Câmara local, dr. Serafim de Jesus da Silveira Júnior. Após a chegada do almirante Américo Tomás que «descansou um pouco», seguiu-se o arrear da bandeira de Almada-vila (com três castelos), após o que o presidente do Município proferiu um breve discurso traduzindo os sentimentos **«da força viva desta terra que lhe tributa a mais viva admiração e o mais fundo respeito.»** E, á terminar: **«Olhando o Cristo-Rei, fiel a Deus e devotado à Pátria, proclamo a nossa Almada cidade de Portugal.»**

Eram precisamente 10 e 30 quando foi hasteada a bandeira da cidade no mastro principal do edifício da Câmara, também pela mão do dr. Silveira Júnior, ao som do hino de Almada, especialmente composto para o efeito. A entrega da bandeira tinha sido feita por uma velha senhora residente no concelho, Ana Castanheira, que já viveu 103 anos da nossa história. Após o hastear da bandeira, por entre aplausos, o almirante Américo Tomás proferiu as seguintes palavras: **«Nasceu uma nova cidade. O Chefe de Estado grita convosco: viva Almada cidade.»**

No largo fronteiro aos Paços do Concelho, no do Miradouro do Castelo, na Rua Capitão Leitão, na de Heliodoro Salgado e nas varandas circunvizinhas, aglomerava-se elevado número de almadenses que aplaudiu, por entre o estrelejar de foguetes e a música das várias Bandas co concelho presentes, os diversos passos da cerimónia.

ENGARRAFAMENTO

Um pouco antes das dez horas começou a registar-se um extenso engarrafamento nos diversos acessos à ponte sobre o Tejo, dado o elevado número de veículos que circulavam na demanda da margem esquerda do Tejo, onde existem algumas das melhores praias dos arredores de Lisboa. Por outro lado, havia as festas de Almada.

O congestionamento motivou a passagem dos carros que conduziam, à nova cidade, os diversos membros do Governo, pela faixa esquerda dos acessos e da ponte, a fim de que se não registassem atrasos nas cerimónias oficiais.

AS FESTAS

Diversos «fait-divers» estão programados para Almada e arredores mas todos eles com carácter particular, motivo porque são desconhecidos na sua maior parte. Acontece, assim, que logo após as cerimónias começou uma prova de perícia automóvel dentro da nova cidade, cuja partida se registava da Praça da República, onde se aglomeravam, já àquela hora, muitas centenas de pessoas.

FALTA DE ÁGUA EM SINTRA

Devido ao rebentamento de uma conduta elevatória, verificado na madrugada de hoje, o abastecimento de água ao concelho de Sintra está a decorrer em condições anormais, faltando mesmo em várias zonas.

Os Serviços Municipalizados esperam que os trabalhos de reparação fiquem concluídos durante a tarde de hoje, não podendo prever, no entanto, a data em que o abastecimento ficará completamente normalizado, dados as precárias condições com que ali se tem recebido, nos últimas dias, água de Lisboa, situação que se deve ao mau funcionamento de uma conduta adutora.

A fim de se conseguir o mais rapidamente possível a normalização do abastecimento, aqueles serviços solicitam os consumidores a maior economia nos gastos de água.

DEMORADO O FUNERAL DA SENHORA ESPANHOLA

Encontrava-se ainda esta manhã, na casa mortuária do Hospital de Santo António, o corpo da sr.ª D. Margarita Cortinhas Limone, de 23 anos, que ontem, ao princípio da tarde, quando viajava de automóvel com o seu marido, foi vítima de um acidente de viação próximo de Albergaria-A-Velha. O cadáver só amanhã dará entrada no Instituto de Medicina Legal e o funeral, dado as formalidades que há a cumprir, só se efectuará no próximo domingo ou segunda-feira para o cemitério de Puerto de Santa Maria, Cadiz (Espanha), terra onde residia a extinta senhora.

OPERÁRIO GRAVEMENTE FERIDO NUMA EXPLOSÃO

TORRES VEDRAS, 21 — Quando tentava desencravar um tiro de dinamite, numa pedreira situada no lugar de Runa, foi ferido pela sua súbita explosão o operário Avelino Neves Faria, de 19 anos, solteiro, natural e residente em Carvoeira. Gravemente ferido em todo o corpo, foi imediatamente transportado ao Hospital desta vila, mas porque o seu estado inspirava cuidados foi transportado para o Hospital de S. José, onde ficou internado em estado muito grave, com um traumatismo craneano e fractura de fémur.

O «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Francisco Roque — RUNA

CALEIDOSCÓPIO

MINISTRO SUSPENSO — O ministro chileno da Economia, Orlando Millas, foi suspenso do seu cargo pela Câmara dos Deputados, que aprovou a acusação contra ele formulada pela Democracia Cristã, na oposição, de que havia violado a Constituição Política do Estado. (EFE e ANI).

«O SEXO NO CONFESSIONÁRIO» — O tribunal de Pádua absolveu na quarta-feira os jornalistas Norberto Balentini e Clara Di Meglio, autores do livro «O Sexo no Confessionário». O editor, Marsilio, de Pádua, também foi absolvido. (FP).

GIBSON BARBOSA CANDIDATO? — A agência de informações JB anunciou ontem à noite que o checeler brasileiro, Mário Gibson Barbosa, seria «provável candidato» à vice-presidência do Brasil, a partir de 1974. (FP).

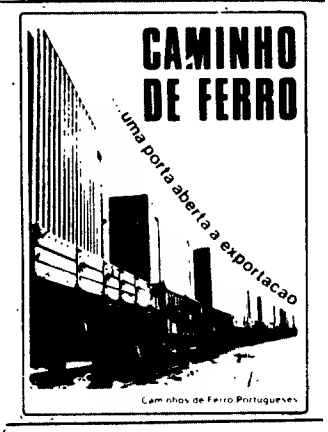
IBM: MULTA — O departamento de Justiça dos Estados Unidos pediu ontem a um tribunal federal para multar a Internacional Business Company (IBM) em cerca de 180 000 dólares (aproximadamente 4500 contos) por dia até a firma entregar documentos que o Governo deseja inspeccionar. (R).

AVIÃO DESAPARECIDO — Foi perdido o contacto com um avião DC 9 da companhia Aeroméxico pouco antes de este aterrar em Puerto Vallarta, México, onde fazia escala na viagem de Houston para Acapulco. O aparelho transportava 23 passageiros e quatro tripulantes. (EFE e ANI).

INCIDENTE COM INDIRA GANDHI — Um homem a gritar «pagarás pelos teus pecados» ultrapassou uma barreira de protecção e tentou aproximar-se do primeiro-ministro indiano, sr.ª Indira Gandhi, durante um almoço em Toronto, mas foi impedido por um agente da Polícia Federal e preso logo a seguir. (UPI e ANI).

SOLDADO MORTO — Foi morto um soldado britânico quando uma série de explosões abalou às primeiras horas de hoje Londonderry e dois ataques com morteiros foram desencadeados durante a noite contra postos do Exército na Irlanda do Norte. (R).

BARCOS INTERCEPTADOS — Lanchas da Armada marroquina interceptaram ontem dois barcos de pesca espanhóis e prenderam o mestre de um deles e um tripulante do outro — anunciou um informador do Ministério da Marinha. (UPI e ANI).



O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Francisco Roque RUNA

DL/ESTRANGEIRO

DEPOIS DOS INCIDENTES

Receia-se uma guerra sem quartel entre peronistas e extrema-esquerda

BUENOS AIRES, 21 — FP e R) — Espanto e decepção foi o sentimento dos três milhões de fervorosos admiradores do ex-presidente Juan Perón quando este decidiu não aproveitar a grandiosa manifestação que o esperava. E evidente que os 20 mortos e os 300 feridos resultaram de uma batalha entre grupos antagonistas do Movimento Justicialista, muito perto da tribuna de onde Perón devia dirigir-se ao país. Com efeito, o avião das Aerolíneas, com Perón e comitiva, chegou com uma hora de atraso e, em vez de ir a Ezeiza, seguiu para o aeroporto militar de Moron. Tratava-se de razões de segurança, mas a notícia decepcionou as pessoas — cerca de duas mil — reunidas em volta de uma tribuna levantada especialmente. Houve cenas de desespero e protestos violentos, pois alguns tinham vindo de regiões distantes (mais de 2000 km).

Depois de uns momentos de incerteza, foram-se sabendo pouco a pouco os pormenores dos incidentes durante os quais morreram umas 20 pessoas, e pelo menos 300, ficaram feridas.

As primeiras desordens ter-se-iam verificado às primeiras horas quando o que se pensa ser um comando do Exército Revolucionário do Povo (ERP) tentou, diz-se, ocupar a tribuna de onde o general devia falar ao povo, algumas horas mais tarde.

A reacção da Juventude Peronista não se fez esperar e quatro ou cinco pessoas — todas pertencentes ao ERP — teriam sido mortas no decorrer desta desordem, segundo a versão dos meios justicialistas.

Uma segunda tentativa de ocupação da tribuna teria tido, já manhã alta, o mesmo resultado, mas o incidente mais grave deu-se cerca de meia hora antes da chegada de Perón.

A bordo de um helicóptero, depois de aterrar em Moron, Perón parece preocupado com o efeito dos trágicos acontecimentos sobre sua terceira mulher, Isabel. (Telefoto UPI/Telimprensa-«DL»)

Segundo o que se pode apurar, franco atiradores que se encontravam nas árvores próximas da tribuna começaram a disparar sobre a multidão, provocando o pânico e fazendo uma dezena de mortos e muitas centenas de feridos, até que a «brigada da juventude peronista interveio, também com vigor.

Enquanto uns gritavam «Perón... Evita... a pátria socialista» (seriam os elementos do ERP), os outros faziam ouvir «Perón ... Evita ... a pátria peronista».

Também se registaram incidentes semelhantes nos arredores do aeroporto internacional, onde foi ocupada uma escola por elementos que foram desalojados mais tarde depois dum tiroteio violentíssimo.

O ataque desencadeado contra os peronistas poderá dar agora origem a uma guerra sem quartel entre os partidários do regime e os grupos da extrema esquerda, mergulhando a Argentina num clima de insegurança e represálias.

Durante o tiroteio no aeroporto, os jornalistas ouviram exclamações de ódio contra os trotskistas e apelos ao seu extermínio feitos por peronistas enfurecidos.

Perón, que à noite falou pela rádio para justificar o facto de não ter comparecido perante a multidão que o aguardava, não se referiu, no entanto, directamente ao ataque nem fez acusações contra os trotskistas, possivelmente para não exaltar ainda mais os ânimos dos seus partidários ou por não ter ainda informações seguras sobre quem foram os responsáveis pelo incidente.

Amaragem do Skylab amanhã no Pacífico

HOUSTON, 21 (R) - Os três astronautas americanos do Skylab estão hoje a fazer as malas para regressarem a casa após a sua missão de 28 dias no espaço — a mais longa de sempre — durante a qual tiveram de resolver numerosos problemas técnicos e avarias.

No entanto trazem na bagagem rolos de filmes científicos do maior interesse os quais manterão várias equipas de cientistas ocupados durante anos.

Hoje os astronautas Pete Conrad, Paul Weitz e o dr. Joseph Kerwin vão transferir da estação orbital para a nave Apolo todos os filmes tirados durante a sua permanência a bordo de o restante material das experiências científicas que realizaram e que será agora analisado nos laboratórios em Terra por cientistas que de outra forma nunca teriam a oportunidade de obter estes elementos sobre as tempestades solares os recursos naturais da Terra, as formações geológicas, as deslocações dos cardumes de peixe, o estado das colheitas e o alastramento da população.

Antes de abandonarem o Skylab para a sua viagem de regresso — que terminará amanhã com a amaragem no Pacífico, às 13 e 49 TMG — os três homens vão deixar o interior da estação impecavelmente limpo e arrumado para os seus sucessores, que partem a 27 de Julho para uma permanência de 56 dias no espaço.

Os próximos tripulantes encontrarão ainda a maior parte das avarias técnicas reparadas e em princípio não deverão ter tantos problemas como tiveram os pioneiros.

A última coisa que os astronautas fazem antes de sair do Skylab será uma desinfecção completa para que os próximos tripulantes encontrem o ambiente perfeitamente esterilizado.

O porta-aviões Ticonderoga, que procederá à recolha dos astronautas, ao lado da costa da Califórnia, já se encontra há vários dias a postos. Desta vez os astronautas serão içados directamente para bordo do navio dentro da cápsula, em vez de serem retirados primeiro pelos homens rãs para um barco de borracha e dali içados individualmente para o helicóptero.

CIMEIRA POMPIDOU-BRANDT

Divergências franco-alemãs quanto aos Estados Unidos

BONN, 21 (R.) — O presidente Georges Pompidou da França chega hoje, por volta das 16 e 15, a esta capital, para dois dias de conversações cimeiras com o chanceler Willy Brandt. que se espera sejam dominadas por questões ligadas ao Mercado Comum Europeu e pelas relações da Comunidade Económica Europeia com o mundo exterior, especialmente com os Estados Unidos.

A importância que o chefe de Estado francês liga à cimeira foi sublinhada quando cancelou recentemente a maior parte dos seus compromissos públicos deste mês, por razões de saúde, mas fez uma excepção explícita quanto à sua visita a Bonn.

Enquanto Pompidou e Brandt estiverem empenhados na sua cimeira, ministros dos dois países efectuarão sessões paralelas. Realizar-se-á, também, uma sessão plenária na sexta-feira, com cerca de 20 ministros franceses e alemães ocidentais juntando-se aos dois dirigentes.

Toda a série de consultas será a última das que os dois países efectuarão regulrmente duas vezes por ano no âmbito do tratado de amizade e cooperação, que assinaram há uma década. Embora círculos alemães ocidentais e franceses prevejam amplo acordo sobre questões a serem debatidas na cimeira não fizeram segredo quanto a diferenças entre os dois governos acerca de certos pontos específicos, entre eles o futuro diálogo com os Estados Unidos.

As implicações para a Europa da actual cimeira entre o presidente Nixon e o chefe do Partido Comunista soviético, Leonid Brejnev, a decorrer em Washington, serão estudadas por Brandt e Pompidou.

O chanceler informará o presidente francês acerca das conversações que travou no mês passado com o dirigente soviético, que visitará em breve a França para travar conversações com o Governo de Paris.

INCÊNDIO

Mineiros mortos

VIENA, 21 (R) Dois mineiros morreram ontem ao irromper um incêndio através de uma mina no sul da Hungria, ameaçando isolar 110 homens que se encontravam a 533 metros abaixo da superfície, anunciou a agência noticiosa MTI

Dois outros mineiros foram dados como desaparecidos receando-se que estejam mortos.

A MTI declarou que as chamas atingiram a mina Kossuth, em Komlo, no sudoeste da Hungria, uma das maiores desta região produtora de carvão.

As brigadas de socorro conseguiram trazer ilesos para a superfície a maior parte dos mineiros.

CRUZEIROS INSULANA ★ N/M "FUNCHAL"

JÁ PENSOU QUE PODE GOZAR 8 DIAS PLENOS DE FELICIDADE VISITANDO 5 LUGARES DIFERENTES SEM FAZER E DESFAZER AS MALAS ?

Pois é verdade...

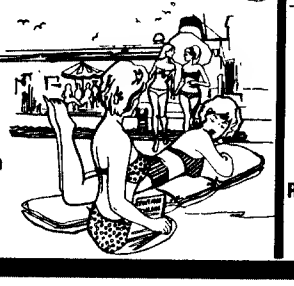
Pode conhecer o misterioso encanto de MARROCOS visitando CASABLANCA e em MARRAKECH os Souks e a famosa praça Djemaa el-fna com os seus encantadores de serpentes, acrobatas e bailarinas...

a bela ILHA DE TENERIFE nas CANÁRIAS lugar internacional e muito em voga...

a incrível beleza da ILHA DA MADEIRA a pérola do Atlântico sempre florida e a cidade do FUNCHAL repleta de tipicismo e de tradições...

a paradisíaca ilha sempre verde de S. MIGUEL nos AÇORES onde a natureza se mantem intacta e onde entre outras maravilhas podemos ver a majestosa LAGOA DAS SETE CIDADES com as suas águas divididas em cambiantes de azul e verde

Tudo isto a preços excepcionais e sem a parte incómoda das viagens (as deslocações, as malas, as mudanças de hotel) antes gozando o Sol e o ar puro do Oceano aliado ao requinte da boa mesa, jogos e diversões, bronzeando-se na piscina e dormindo noite repousante no seu camarote com banho privativo, alcatifado e climatizado



O luxuoso paquete FUNCHAL foi propositadamente remodelado a pensar no seu conforto.

VIAJE CONNOSCO QUE O HOTEL VIAJA CONSIGO

Próximas saidas de LISBOA:

9/7 regresso a 11/7	31/7 regresso a 8/8
17/7 regresso a 25/7	14/8 regresso a 22/8

Reserve desde já lugar no seu agente de viagens ou na

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO
RUA AUGUSTA, 152 – LISBOA-2 – TEL. 677181

Sessões culturais da F.N.A.T. no Alentejo

A F. N. A. T. vai realizar até ao final deste mês uma série de Serões de Música e Poesia em terras alentejanas. S. Tiago do Cacém, Cercal, Odemira e Amareleja serão precisamente nesta última localidade que celebrará o seu primeiro serão.

Destina-se a toda a gente, sem fronteiras de trabalho ou qualquer outra, nos programas dos quais incluem-se, sempre que possível, pelo menos duas obras dos grandes compositores estrangeiros, outras de autores nacionais e música popular portuguesa, representada por canções como «Santa Luzia», «Chula», «Milho Grosso», «Canção das Tecedeiras» e muitas outras.

Com estas sessões, procura a F. N. A. T. levar a toda a parte uma obra cultural, recreativa e social, inculcando o gosto pela música e pela poesia.

MAIS CARROS EM ITÁLIA

De Janeiro a Março deste ano foram matriculados em Itália 404 233 veículos motorizados novos de fábrica, de acordo com uma informação divulgada pelo Automóvel Clube de Itália. Aquele número representa um acréscimo em relação ao mesmo período do ano passado de 12 086 veículos.

Os "Sherpas" desejam libertar-se do frio

Continuação da pag 3

Tenzing Norkay, que, com Sir Edmund Hillary fez a primeira ascensão do monte Everest em 1953. «Nós gostamos da montanha. Temos de gostar. Temos respeito nas montanhas.»

«Muitos 'sherpas' têm dentro de si um tipo genuíno de gosto pela aventura», disse Boningthon. «Eles gostam realmente e apreciam o acto de escalar a montanha. Apreciam os riscos por que passam, exactamente como acontece com os montanhistas desportivos.»

A região, na parte leste do Nepal, que é a pátria dos «sherpas» encontra-se numa elevação de cerca de 4.000 metros. Viver a uma tal altitude proporciona aos «sherpas» uma capacidade natural para enfrentar o ar rarefeito das grandes altitudes.

Já em 1963, Dyhrenfurth fez um teste de resistência relativamente a Nawang Gombu, a 6.500 metros de altitude. Este teste incluiu a medição da pulsação do «sherpa» antes e depois de Gombu ter subido e descido uma rocha durante três minutos.

«Enquanto que a nossa pulsação sobe, digamos, de 80 para 115, a de Gombu subia apenas para cerca de 90 ou 100», disse Dyhrenfurth.

Essa vantagem de condicionamento que os «sherpas» têm, parece, no entanto, enfraquecer para além dos 7.500 metros.

Na década de 20, quando as expedições ao Himalaia foram organizadas pela primeira vez, os «sherpas» eram apenas carregadores de grande altitude. Nesse tempo, não conheciam absolutamente nada acerca das técnicas de escalada.

À medida que o tempo passou, os mais inteligentes aprenderam-na e, homens como Tenzing e Gombu, tornaram-se excelentes montanhistas em toda a acepção da palavra.

«Quando Tenzing conquistou o pico do Everest, os «sherpas» tornaram-se mundialmente famosos», disse Dyhrenfurth.

COMO POR ENCANTO...

a papa do seu bebé fica pronta em poucos segundos com minimixer todas as vitaminas serão aproveitadas

a melhor auxiliar da dona de casa na cozinha

minimixer é formidável

À VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Representantes exclusivos para: Portugal Continental e Insular

MAXI QUALIDADE MINI PREÇO

NOVIMPORTA Centro Comercial de Importação, Lda.

ESTRADA DA LUZ, 173 - A-B-C-D - TEL. 782694 - LISBOA

EM EXPOSIÇÃO NO STAND N.º 1683/84 DA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

DESCONTO & SIMPATIA

TV
RÁDIO
HI-FI-STEREO
FRIGORÍFICOS
MÁQ. LAVAR ROUPA
E LOUÇA
SOFÁS-CAMAS
MOBÍLIAS, ETC.

SÓ MARCAS REPUTADAS
VEJA PREÇOS
E
DEPOIS CONSULTE-NOS
SENSACIONAL...

1 Frigorífico
1 Sofá-Cama
1 Fogareiro
4.000$00

(A Casa Simpática)

SUPERMANOS

L. MASTRO, 5 (Edifício próprio)

PRONTO A VESTIR

Fatos leves. Casacos e calças. Vestuário para campo e praia e as últimas novidades em malhas, camisas, calções de banho e um bom sortido em tecidos para fatos por medida.

VERÍSSIMOS

Av. Guerra Junqueiro, 8-C
Telef. 72 73 35

MOCAR, S.A.R.L.

DEPARTAMENTO DE VIATURAS USADAS

R. D. Luís de Noronha, 26
LISBOA

Veículos usados provenientes de trocas:

Peugeot 404 ... de serviço
Peugeot 204 Breack Diesel... de 1971
Peugeot 204 T.A. de 1971
Alfa Romeo 1600--GTV ..... de 1968
Alfa Romeo 1300--Giulia-TI ..... de 1969
Alfa Romeo 1750--Berlina ..... de 1970
Alfa Romeo 1750--Berlina ..... de 1969
Onda 600-L ..... de 1972
Morris 1275 - GT (c 5000 km) . de 1973
Porsche 912 ..... de 1965
Ford 20-M (4 portas) ..... de 1968
Volkswagen 1300 de 1967
Mercedes 190 - D de 1963
Mustang ..... de 1965

E MUITOS OUTROS MODELOS.

TODOS REVISTOS
Aceitam-se trocas.
Facilidades de pagamento.

rega por aspersão "BAUER"

rega em todo o terreno... rega todas as culturas.

ASPERSORES de jacto raso: de jacto simples; de grande alcance; de rega em sector; de jacto duplo (para chorume, modelo especial)

TUBAGEM transportável, com acoplamento rápido, articulado. pressão de serviço 20 kg cm²

INSTALAÇÕES DE REGA POR ASPERSÃO
•transportáveis •semi-fixas •totalmente fixas
•MATERIAL P FERTIRRIGAÇÃO
•EQUIPto P ESTABULAÇÕES
•rega de humedecimento
•rega contra geadas
•rega com estrume líquido
projectos para: agricultura e pecuária

MOTO BOMBAS
ELECTRO BOMBAS
BOMBAS P/TRACTOR
grandes stocks

VIATURAS - CISTERNA para aspiração automática e aspersão de estrumes líquidos
capacidades 1700 a 4500 litros

Ao Serviço informativo GUSTAVO CUDELL LDA Apartado 248 Porto Queiram enviar me literatura sobre
Rega de humidificação;
Rega com chorume;
Equip p estabulações;
Viaturas cisternas,
Bombas para tractor.

Temos muitas centenas de instalações "BAUER" em todo Portugal!... ...adquira V. Ex.ª tambem UMA.

CONSULTE A NOSSA DIVISÃO REGA

GUSTAVO CUDELL, LDA.

● DIVISÃO O+P ● DIV. REGA ● DIV MÁQUINAS ● DIV. TRANSMISSÕES MECÂNICAS ●

LISBOA 5 - Avenida do Brasil, 88 A/B Telefs. 771701-767717 - Telex 1439
PORTO - Rua do Bolhão, 157 Telef. 37966 (5 linhas) - Telex 2723
ELVAS - Largo da Misericordia, 15 A Telegramas "REGA"

Informação económica

Prevista a expansão dos países industrializados

BASILEIA, (F.P.) — O prosseguimento da expansão nos países industrializados, apesar das dificuldades monetárias internacionais e a inflação são, no domínio económico, os factos mais importantes para o ano de 1972 e primeiros meses de 1973, indica o relatório do director-geral do banco dos pagamentos internacionais (B. P. I.), René Larre (França) apresentado na assembleia geral deste organismo.

«O aspecto mais espectacular da evolução económica do Mundo, no ano passado, afirma o relatório, foi o desmoronamento da estrutura das taxas de câmbio instituídas em Washington em Dezembro de 1971. Logo no terceiro trimestre de 1972 foi claro que o realinhamento monetário não resultaria no processo de ajuste dos desequilíbrios dos pagamentos». Mas a marcha da economia mundial não parece ter sido atingida. «A recuperação geral da actividade no segundo semestre de 1972 tem-se mesmo acelerado fortemente nos últimos seis ou mesmo oito meses».

Mas a inflação continua a ser um problema grave. O relatório diz que «Foi aguda na maior parte dos países com um agravamento geral no segundo semestre» e as suas causas são em primeiro lugar» a pressão constante dos salários e «a subida constante das cotações de matérias primas, que atingiu uma ordem de grandeza que o Mundo não conhecia desde a altura da guerra da Coreia».

O director do B.P.I. observa então que diversos factores envolveram uma transformação de estrutura económica das relações entre os países industrializados: a procura externa deixou de ser a mola principal do impulsionamento da produção e salvo em França, na Suécia e na Suíça, os investimentos industriais baixaram em 1972.

O relatório nota também que «pelo segundo ano consecutivo a expansão monetária tomou proporções consideráveis por vezes, mesmo impressionantes».

Registou-se um endurecimento nítido das taxas de desconto, do enquadramento do crédito bancário e da subida das taxas de lucro.

«Parece certo, diz o director-geral do B. P. I. que 1973 será ainda um ano de avanço excepcional» quanto mais não seja por que os Governos, graças a incitamentos orçamentais e monetários, terem favorecido «o impulso da actividade conjuntural». Mas deve notar-se, conclui Larre, que a acção das autoridades foi «assinalada pelo insucesso na frente da inflação» e que a reforma do sistema monetário internacional ainda não é um facto.

Larre termina o seu relatório sublinhando ser evidente que a estabilidade dos câmbios ... «está ligada à convertibilidade».

BALANÇO

Madrid, (ANI) — O Governo espanhol autorizou uma empresa norte-americana a construir próximo de Valência uma fábrica de montagem de automóveis, no valor de trezentos e cinquenta milhões de dólares anuncia-se nos circulos governamentais.

A fábrica ficará em Almusafes, uma aldeia entre Laranjais, vinte e um quilómetros a sul de Valência. Calcula-se que os trabalhos para a sua construção começarão no Outono.

A fábrica proporciona oito mil empregos e produzirá anualmente duzentos e quarenta mil veículos — dois terços deles para exportação. Inicialmente a fábrica montará os modelos familiares mais pequenos. E a segunda grande empresa norte-americana de automóveis a montar veículos na Espanha para o Mercado Comum. Outra empresa norte-americana também planeia utilizar a Espanha como base de produção dos seus automóveis para a Europa — Informa-se nos círculos industriais.

AUMENTOU O COMÉRCIO DE TEXTEIS

Paris, (ANI) — O comércio mundial de têxteis aumentou largamente. As tendências indicam que este movimento de ampliação continuará — anuncia-se num documento da OCDE.

Afirma-se, no entanto, que «a expansão foi relativamente baixa (em 1971) elevando-se apenas a 1,7 por cento em toda a área da OCDE, o que contrabalança a redução do ano anterior.

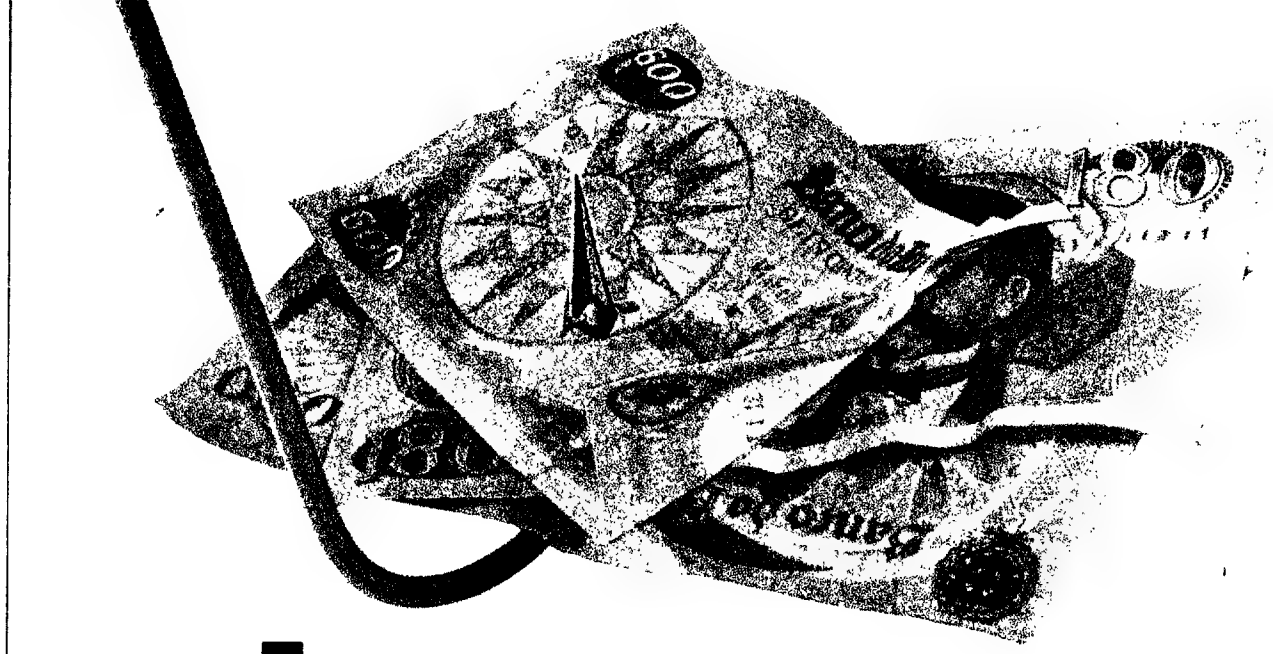
«O ponto mais baixo do ciclo de comércio textil, que foi a nota característica de 1970, parece ter passado e as observações no princípio de 1972 indicam que este movimento crescente tem tendência a persistir na maioria dos países.»

A OCEDE reúne à maioria dos países industrializados da Europa Ocidental os Estados Unidos, o Canadá, o Japão, a Austrália e a Nova Zelândia.

No relatório industrial para 1971 e 1972, afirma-se que a redução da produção da industria textil italiana, «equivale em larga medida aos aumentos verificados noutros países do Mercado Comum, nomeadamente a França e a Bélgica».

Como resultado, apenas se verificou um aumento de 2.6 por cento em toda a comunidade europeia. Nos Estados Unidos, o período de grave retrocesso foi ultrapassado e a actividade têxtil elevou-se, em 1971, com uma produção total ligeiramente superior à dos anos anteriores — revela-se no relatório. E acrescenta-se: «No Canadá, a situação é semelhante com a expansão a aumentar cada vez mais «No Japão, todavia, a taxa de crescimento em 1971 foi apenas de 1,3 por cento — a mais baixa de sempre.

a nossa isca



chama-se DINHEIRO!

Dinheiro mesmo. Dinheiro forte. Apesar da nossa politica de baixos preços, que significa autêntica oferta de dinheiro, seleccionámos para venda as marcas mais reputadas, os modelos mais recentes, e as mais modernas inovações técnicas.

Venha v. mesmo comprovar que Qualidade e Gosto não custam mais

AVENIDA DA LIBERDADE, 131
AVENIDA ALMIRANTE REIS, 124-B
RUA DE S BENTO, 53 57
PRAÇA DE LONDRES, 7-A E 7-B
RUA D ESTEFÂNIA, 193-D-E-F
RUA 1 DE MAIO, 146

Pardo
Electrodomésticos - Mobilias

Frigorificos · Máquinas de lavar · Televisão · Hi-Fi · Cine-Foto · Candeeiros

J. Pimenta SARL

um símbolo

LOCAIS ONDE CONSTRUÍMOS, VENDEMOS
OU ALUGAMOS APARTAMENTOS MOBILADOS

- QUELUZ
- SESIMBRA
- CASTELO BRANCO
- SACAVÉM
- ALAPRAIA
- ALGARVE
- AMADORA
- CASCAIS
- COIMBRA
- FIGUEIRA DA FOZ
- LISBOA
- PAÇO DE ARCOS
- PAREDE
- PORTO
- REBOLEIRA NORTE
- REBOLEIRA SUL
- VENDA NOVA

Lisboa - Praça Marques de Pombal 15 - Tel 4 58 43 - 4 78 43
Queluz - Edificio Sede Av Antonio Enes 25 - Tel 95 20 21 2

EXAMES Pontos e respectivas soluções EXAMES

ENSINO LICEAL Curso Complementar

Prova escrita de Alemão

A

Bitte lesen Sie diesen Text gründlich durch. Am Ende sollen Sie die Fragen beantworten.

Ein Mann von fünfzig Jahren, arbeitslos, sitzt auf einer Bank im Park, nicht weit von einer Telefonzelle. Ein Auto fährt heran, ein feiner Wagen, ein Herr steigt aus mit einer Ledermappe unterm Arm, geht in die Zelle, telefoniert, kommt wieder heraus, aber ohne Mappe, geht rasch zu seinem Auto und fährt davon. Der Mann geht in die Telefonzelle, sieht die Mappe und macht sie auf: Geld, Geld, Geld! Dreissigtausend Mark!

Wenn er die Mappe sofort auf die Polizei abgibt, wird der feine Herr sich dankbar zeigen. An den Papieren, die in der Mappe sind, ist zu ersehen dass er ein reicher Fabrikant aus Koln ist. Er wird ihm sicher eine gute Stellung verschaffen. Welch eine Chance für den Finder!

Aber er verpasst seine Chance. Er behält das Geld für sich. Er bezahlt seine Schulden und kauft sich sofort was ihm so dringend fehlt. Achthundert Mark gehen darauf. Doch als er abends mit Bekannten zusammensitzt, kann er nicht schweigen. Sie sind entsetzt und reden ihm zu, sich sofort zu stellen. Aber dazu hat er den Mut nicht mehr, nachdem er so viel Geld davon ausgegeben hat. Da rufen sie die Polizei an.

Nun ist ihm eine schwere Strafe sicher. Und dann ist er nicht nur ein Mann von fünfzig Jahren, sondern auch noch vorbestraft. Er ist gezeichnet. Kein Mensch stellt ihn mehr ein.

Doch. Der Fabrikant aus Koln lasst ihm durch die Polizei sagen, er werde sich seiner annehmen. Er solle nicht wieder in Not geraten.

1. Warum kann der Mann alle Bewegungen des feinen Herrn so leicht beobachten?
2. Was veranlasst den Mann dazu, sofort nach der Abfahrt des Herrn auch selbst in die Telefonzelle zu gehen?
3. Woher weiss der Mann, dass der andere ein Fabrikant aus Koln ist?
4. Warum kann der unerwartete Vorfall eine gute Chance für den Mann sein?
5. Welche Stellung haben seine Bekannten zum Vorfall genommen?
6. Aus welchem Grunde war der Mann davon überzeugt, dass er sich nicht mehr stellen konnte?
7. Wie hat die Polizei von der ganzen Sache erfahren können?
8. Warum sollte es nunmehr für den Mann noch schwieriger sein, eine Stellung zu finden?

B

Aufsatz

Unter dem Titel «Der reiche Fabrikant hat *seine* Chance nicht verpasst», erzählen Sie die obige Geschichte nach.

C

1. *Ergänzen Sie die fehlenden Wörter (.) und Endungen (−)!*
   Neben d arbeitslos - Mann, Frau schon gestorben , ist - - jetzt niemand; er ist
   Seit drei lang- - Wochen hat er keine Arbeit und Geld. «Es sofort etwas geschehen, oder ich sterb −», denkt er.
2. *Verbinden Sie jedesmal beide Sätze, indem Sie den ersten oder den zweiten zu einem Nebensatz machen!*
   a) Der Chauffeur öffnete die Wagentür. Der Fabrikant konnte aussteigen. (final)
   b) Es war sehr viel Geld in der Mappe. Der Mann verlor seinen Kopf. (konsekutiv)
   c) Der Fabrikant ist sehr reich. Er braucht dringend das ganze Geld. (konzessiv)
   d) Der Mann wollte sich nicht stellen. Seine Bekannten riefen die Polizei. (kausal)
3. *Welche Fragen würden Sie stellen, wenn Sie diese Antworten erwarteten?*
   a) «Es ist drei Meter lang.»
   b) «Fünfzehn Minuten.»
   c) «Ich? Peter Schneider.»
   d) «Aus Österreich.»
   e) «Um zwei Pfund Fleisch zu kaufen.»

D

Übertragen Sie ins Deutsche!

Como não tinha nada que fazer, o pobre desempregado passava ali todo o dia sentado naquele mesmo banco. Em que pensava? Nem ele próprio sabia com certeza. Apenas o carro do senhor rico parou, o homem não perdeu um único pormenor do que aconteceu.

WORTSCHATZ

DEUTSCH-DEUTSCH

abgeben — überreichen, zuruckgeben, weggeben, ausliefern
s. jmds. annehmen — jmdn. anstellen, sich um jmdn kummern
Chance — günstige Gelegenheit, Opportunität.
einstellen — in Arbeit nehmen, in den Dienst nehmen, anstellen.
entsetzt — besturzt, erschrocken, in Furcht versetzt
ersehen — erkennen, entnehmen
gezeichnet — gebrandmarkt, markiert, entehrt
rasch — schnell, geschwind, flink
sich stellen — sich freiwillig melden, sich zur Polizei begeben.
Stellung nehmen — eine Meinung äussern, seine Meinung sagen.
verpassen — versäumen, verlieren lassen, vorbeigehen lassen.
veranlassen — zu etwas bewegen, anregen.
verschaffen — besorgen, finden
vorbestraft — bereits früher gerichtlich bestraft
Vorfall — Ereignis, Geschehnis, Begebenheit.
zureden — durch Reden beeinflussen.

PORTUGIESISCH-DEUTSCH

acontecer — sich ereignen, geschehen, passieren.
parar — halten, anhalten, stehenbleiben
perder — verlieren, sich entgehen lassen
pormenor - die Einzelheit.

SOLUÇÃO

A

1 Er kann sie gut beobachten, weil er auf einer Bank sitzt, die nicht weit von der Telefonzelle ist, wo der Mann telefoniert
2 Er geht in die Telefonzelle, weil er bemerkt, dass der Mann seine Knappe nicht mehr hat
3 Er weiss es an den Papieren, die in der Knappe sind
4 Der Fabrikant wird ihm vielleicht eine gute Stellung verschaffen.
5 Sie meinten, dass der Mann sich sofort stellen sollte.
6. Er meinte, dass er keine Chance mehr haben würde, Arbeit zu finden.
7 Die Polizei erfuhr durch seine Bekannten die ganze Sache
8. Jetzt war er festgenommen und vorbestraft.

1 Neben dem arbeitslosen Mann, dessen Frau schon gestorben ist, ist jetzt niemand, er ist allein
Seit drei langen Wochen hat er keine Arbeit und kein Geld. «Es muss sofort etwas geschehen, oder ich sterbe», denkt er
2. a) Der Chauffeur öffnete die Wagentür, damit der Fabrikant aussteigen konnte.
b) Es war so viel Geld in der Knappe dass der Mann seinen Kopf verlor
c) Obgleich der Fabrikant sehr reich ist, braucht er dringend das ganze Geld
d) Weil der Mann sich nicht stellen wollte, riefen seine Bekannten die Polizei
3 a) Wie lang ist das Band?
b) Wie lange dauert die Fahrt?
c) Wie heisst du?
d) Woher stammst du?
e) Wozu brauchst du das Geld?

D

Da er nichts zu tun hatte, verbrachte der arme Arbeitslose (der arme arbeitslose Mann) den Tag, indem er auf jener selben Bank sass. Woran dachte er? Sicher wusste er es selbst nicht. Kaum hielt das Auto des feinen Herrn, verlor der Mann keine einzige Einzelheit davon, was geschehen war.

Prova escrita de Francês

LA CLOCHE FÊLÉE

I Il est amer et doux, pendant les nuits d'hiver,
D'écouter, près du feu qui palpite et qui fume,
Les souvenirs lointains lentement s'élever
Au bruit des carillons qui chantent dans la brume.

II Bienheureuse la cloche au gosier vigoureux
Qui, malgré sa vieillesse, alerte et bien portante,
Jette fidèlement son cri religieux,
Ainsi qu'un vieux soldat qui veille sous la tente.

III Moi, mon âme est fêlée, et lorsqu'en ses ennuis
Elle veut de ses chants peupler l'air froid des nuits,
Il arrive souvent que sa voix affaiblie

IV Semble le râle épais d'un blessé qu'on oublie
Au bord d'un lac de sang, sous un grand tas de morts,
Et qui meurt, sans bouger, dans d'immenses efforts.

Baudelaire, *Les Fleurs du Mal*

I

QUESTIONNAIRE A

1 — Quelle est l'opposition sur laquelle le poète a bâti son poème?

2 — Pourquoi considère-t il *«bienheureuse* la cloche au gosier vigoureux»?

3 — Comment expliquez-vous le titre du poème?

QUESTIONNAIRE B

1 — Quelle expression du sonnet établit un contraste avec *«un vieux soldat qui veille»*?
Expliquez le sens de ce contraste.

2 — Considérez-vous ce poème romantique, parnassien, symboliste? Justifiez votre réponse.

II

Traduisez les tercets du poème.

III

Rendez en français.

a) Para Baudelaire o poeta é um estranho entre os homens, torturado pela multidão que o não compreende

b) No entanto, aceita a dor como «divino remédio» da impureza, pois ela permitir-lhe-á ascender ao mundo superior da Beleza. E o poeta, penetrando no domínio misterioso das correspondências entre o material e o espiritual, poderá comunicar aos outros homens a sua visão extática do Belo.

c) Embora Baudelaire tenha tentado desesperadamente evadir-se para o mundo do Ideal, a pobreza, a doença, a tortura do artista sempre insatisfeito com a sua obra tornaram o seu desespero cada vez mais intolerável.

IV

D'après Théodore de Banville, Baudelaire a accepté «tout l'homme moderne, avec ses défaillances, avec sa grâce maladive, avec ses aspirations impuissantes».

Tout en réfléchissant sur ces mots, aussi bien que sur votre expérience personnelle, essayez de faire le portrait de l'homme de nos jours.

SOLUÇÃO

I

QUESTIONNAIRE A

1 - Le poète a bâti son poème sur l'opposition existant entre un objet qui, malgré sa vieillesse, est "alerte et bien portant", et l'homme (lui-même) dont la force décroît.
Il s'agit là d'un thème cher aux romantiques : élever une protestation contre l'inexorable.

2 - Baudelaire considère "bienheureuse la cloche au gosier vigoureux" parce qu'elle est, malgré son âge, intacte et utile : elle symbolise la vie.
Elle est "bienheureuse" en comparaison à lui-même, dont l'âme est brisée.

3 - Le titre "La cloche fêlée" annonce le contraste entre la cloche vigoureuse et l'âme fêlée de l'auteur que Baudelaire va développer dans son poème.
Le titre résume l'état d'âme et la tristesse du poète.

QUESTIONNAIRE B

1 - L'expression du sonnet qui établit un contraste avec "un vieux soldat qui veille" est "un blessé qu'on oublie".
C'est le contraste [redacted] entre un homme vivant qui se rend utile et un homme presque mort et abandonné.

2 - Le Romantisme étant par définition de faire prévaloir comme principes esthétiques le sentiment sur la raison et l'imagination sur l'analyse critique, je considère ce poème comme "romantique".
Il exprime à la fois le tragique de la destinée humaine et une vision mystique de l'univers où Baudelaire découvre de mystérieuses "correspondances".
Les parnassiens au contraire ont réagi contre ce lyrisme romantique et cultivé une poésie savante et impersonnelle.
Le mouvement des symbolistes a pris naissance ensuite. Ils ont cherché à suggérer par la valeur musicale et symbolique des mots, les nuances les plus subtiles, des impressions et états d'âme.

II

Traduisez les tercets du poème.

A minha alma está partida, e quando no seu desgosto
Ela quer povoar o ar frio das noites com os seus cânticos,
Acontece frequentemente a voz enfraquecer-lhe

Como o estertor pesado dum ferido que ficou esquecido
Na borda de um lago em sangue, sob uma grande pilha de mortos,
E que morre, sem se mover, com grande sofrimento.

III

Rendez en français :

a) Pour Baudelaire, le poète est un étranger parmi les hommes, torturé par la foule qui ne le comprend pas.

b) Cependant, il accepte la douleur comme "remède divin" de l'impureté, car elle lui permettra d'atteindre le monde supérieur de la Beauté. Et le poète, pénétrant dans le domaine mystérieux des correspondances entre le matériel et le spirituel, pourra communiquer aux autres hommes sa vision extatique du Beau.

c) Bien que Baudelaire ait désespérément tenté de s'évader vers le monde de l'Idéal, la pauvreté, la maladie, la torture de l'artiste jamais satisfait de son oeuvre ont rendu son désespoir toujours plus intolérable.

IV

"Les Fleurs du Mal" sont, sans aucun doute, à la source de la sensibilité littéraire moderne. Baudelaire y place l'homme entre l'angoisse et l'humour c'est-à-dire la prise de conscience de l'absurdité du monde moderne.

(Trabalho de carácter pessoal)

Prova escrita de Ciências Naturais

MINERALOGIA E GEOLOGIA

I

1 No sentido de contribuir para o esclarecimento da origem dos granitos — problema que actualmente suscita grande controvérsia — têm-se realizado algumas experiências entre as quais as seguintes:

A — Submetendo a argila à acção de uma prensa hidráulica verificou-se que esta rocha endurece e adquire xistosidade desde que possa deslizar lateralmente.

B — Submetendo argilas a que se adicionaram pequenas quantidades de outras substâncias ($CaCO_3$, por exemplo) num recipiente fechado a pressões equivalentes às que se supõe existirem a 7 ou 8 km de profundidade obtiveram-se, por aquecimento, os seguintes resultados:

- entre 665° e 670° C., uma rocha cristalina
- entre 670 e 720° C., gneisse
- entre 720° e 810° C., por fusão parcial do gneisse, o granito.

a) A que suposição pode conduzir a interpretação dos dados da experiência A?

b) Que hipótese explicativa da origem de certos granitos é apoiada pela experiência B?

2 — A fotografia da fig. 1 reproduz uma amostra de granito colhida numa visita de estudo à serra do Gerez.

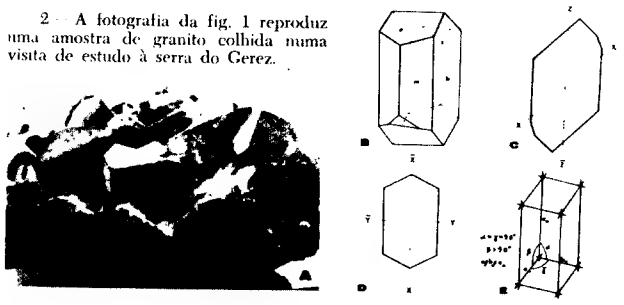


Fig. 1

O tipo de textura da rocha representada permite pensar que, quando da formação desta, o magma estaria relativamente fluido.

a) Que características, observáveis na amostra, permitem fazer uma tal suposição?

b) Indique dois fenómenos que ao longo do processo de diferenciação do magma possam ter contribuído para o aumento da sua fluidez.

EXAMES — Pontos e respectivas soluções — EXAMES

3 — O esquema B da fig. 1 reproduz um cristal proporcionado de um dos minerais da rocha representada.

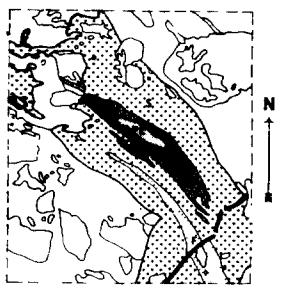
Admita que os esquemas *C* e *D* representam secções desse cristal e que o esquema *E* se refere ao seu paralelipípedo malha.

a) Indique o sistema em que o mineral se encontra cristalizado.

b) Atendendo à simetria que pode observar no paralelipípedo malha, justifique a inclusão do referido cristal na classe holoédrica.

c) Defina a posição das faces *m* e *c* representadas, em relação aos eixos da cruz axial.

II



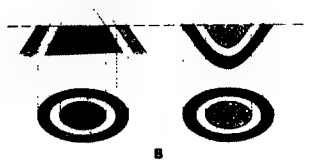


Fig. 2

A fig. 2-A reproduz esquematicamente um pormenor da carta geológica de Portugal Continental (escala de 1/1000000, edição de 1968) referente à região de Extremoz.

1 — Identifique as eras e períodos a que pertencem, respectivamente, os terrenos postos em evidência no esquema A.

2 — Considere a disposição e a idade relativa dos terrenos $\underline{P\varepsilon}$, $\underline{C_b^1}$ e $\underline{S}$ e diga por que razão pode afirmar-se que fazem parte de um anticlinal. *(Para responder a esta pergunta baseie-se nos elementos fornecidos pelos esquemas da fig. 2-B).*

3 — O filão *F* representado na fig. 2-A faz parte do *grande filão do Alentejo.*

Qual a sua idade, relativamente ao terreno que atravessa e que é referido na legenda?

BIOLOGIA

I

Numa aula do 6.º ano, a propósito do estudo da reprodução, os alunos fizeram preparações de anteras muito jovens de Lillium, esmagando-as numa gota de orceína acética.

Puderam então observar ao microscópio células com aspectos semelhantes aos representados na fig. 3:

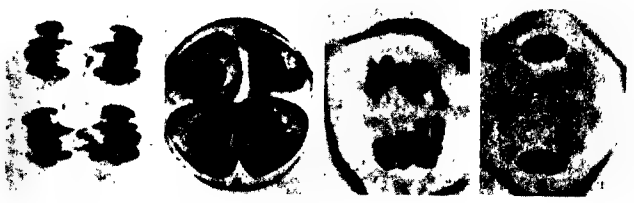


Fig. 3

1 — *a)* Utilizando as letras da figura, indique a sequência pela qual os fenómenos de *meiose* representados se processam em cada célula.

b) Sabendo que na espécie de *Lillium* a que a figura diz respeito, o número 2 n de cromosomas é de 18, como explica que em *C* se verifique o afastamento, para cada polo, de um grupo de 9 cromosomas?

2 - Baseando-se nos dados fornecidos e nos conhecimentos que possue sobre a reprodução das Pteridófitas, justifique por que razão se podem considerar os grãos de pólen como esporos.

II

Em 1896 Eijkman, médico holandês em serviço numa prisão de Batávia (Ilha de Java), ao tratar prisioneiros atacados de béri-béri (doença muito comum no Extremo-Oriente e cuja causa era então desconhecida) ficou impressionado com o facto das galinhas, criadas perto dos prisioneiros, adoecerem com sintomas semelhantes.

Algumas das hipóteses susceptíveis de explicar tal facto poderiam ser:

A — As galinhas teriam adquirido a doença por contágio com os prisioneiros

B — O béri-béri seria devido a deficiência alimentar, quer dos prisioneiros, quer das galinhas.

C - A doença seria resultante da influência de qualquer factor climático.

D - Os alimentos seriam veículo de um agente infeccioso responsável pela doença.

1 - Sabendo que Eijkman, na tentativa de resolver o problema, manteve uma população de galinhas *lote A* com o alimento habitual de arroz descascado e que ao alimento de outra população idêntica – *lote B* – juntou restos das cascas que foram extraídas àquele cereal,

a) indique qual das hipóteses *A, B, C* e *D* foi a estudada por Eijkman.

b) considerando que as galinhas do *lote A* continuaram doentes e as do *lote B* se curaram, dê a explicação, que é actualmente aceite, para a causa da doença estudada por Eijkman.

2 — Por que se deve, numa experiência como esta, ter o cuidado de trabalhar com populações de indivíduos idênticos, colocados nas mesmas condições ambientais?

III

Leia atentamente o seguinte extracto da *Philosophie Zoologique* de Lamarck

> «A ave que por necessidade é atraída para a água por aí encontrar as presas de que se alimenta, afasta os dedos dos pés quando quer bater a água e mover-se à sua superfície. A pele que une a base dos seus dedos, sujeita aos esforços constantemente repetidos deste afastamento, adquire o hábito de se distender. Assim se formaram com o decorrer dos tempos e tal como hoje as conhecemos, as largas membranas que unem os dedos dos patos, gansos, etc.»
>
> « Ora toda a modificação adquirida por um órgão, em consequência de um uso suficientemente prolongado para a ter produzido, mantem-se através das gerações se for comum aos indivíduos que, pela fecundação, concorrem para a reprodução da espécie.»

1 Transcreva do texto uma frase que lhe pareça traduzir a importância atribuída por Lamarck ao *uso dos órgãos na adaptação ao meio.*

2 Do mesmo modo, transcreva uma frase em que Lamarck revele a sua crença na *transmissão hereditária dos caracteres adquiridos*

3 Como poderia explicar-se, à luz de uma *teoria mutacionista*, o aparecimento e transmissão hereditária da membrana interdigital das aves a que se faz referência no texto?

IV

Analise atentamente o esquema da fig. 4 que traduz a hereditariedade de um certo carácter humano numa dada família. (Como sabe o sinal ♂ simboliza um indivíduo do sexo masculino e o sinal ♀ diz respeito a um indivíduo do sexo feminino). *Assinalam-se a negro os indivíduos em que o carácter considerado se manifesta.*

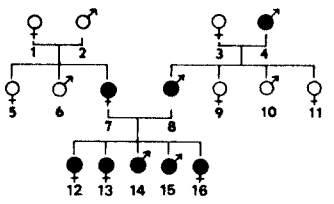


Fig. 4

1 — Justifique, servindo-se de elementos fornecidos pelo esquema (casamento entre os indivíduos 1 e 2) que o carácter considerado é *recessivo.*

3 — Por que razão pode afirmar-se ser o indivíduo 3 *heterozigótico* em relação ao mesmo carácter?

3 — Indique a percentagem de indivíduos com o carácter recessivo que, teoricamente, poderia esperar-se do casamento dos indivíduos 7 e 10

SOLUÇÃO

I

1-a) A que a argila, quando submetida à pressão, se pode tornar numa rocha xistosa dura.

b) O granito pode, em alguns casos pelo menos, ter a sua génese em alterações profundas de argilas associadas a outros materiais

2-a) Existência de ferrocristais.

b) Libertação de produtos voláteis (aumento de pressão) e abaixamento do ponto de consolidação.

3-a) Sistema monoclínico.

b) A existência do eixo $\overline{y}y'$ (ortoeixo) com simetria binária.

c) Face $\underline{m}$ (1,1,0)
Face $\underline{c}$ (0,0,1)

II

1- À era Paleozoica ou Primária os terrenos do Silúrico e Câmbrico; à era Agnotozoica ou Pré-câmbrica os terrenos do Pré-câmbrico

2- A parte esquerda da figura 2B mostra como as camadas inferiores e mais antigas surgiram à superfície por erosão das camadas superiores e mais recentes, que aparecem envolvendo aquelas. Isto só é possível no anticlinal; no sinclinal a disposição dos terrenos seria inversa (figura 2B do lado direito)

3- O filão F é de formação mais recente, que terreno de Silúrico que o contém

Biologia

I

1-a) C D, A B.

b) Há redução de número de cromossomas e assim cada núcleo filho ficará com 9 cromossomas,

2- Podem ser considerados como esporos pois ambos provem da célula mãe por meiose e ambos são origínios gerações gametófita.

II

1-a) Hipótese B.

b) A contaminação pela carência de vitamina B existente no pericarpo dos cereais.

2- Para que a experiência não seja falseada pela intervenção de outros factores.

III

1- "A pele que une a base dos seus dedos, sujeita aos esforços constantemente repetidos deste afastamento, adquire o hábito de se distender".

2- "... Ora toda a modificação adquirida por um orgão, em consequência de um uso suficientemente prolongado para a ter produzido, mantém-se através das gerações."

3- Pela alteração do genótipo.

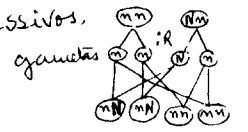
IV

1- Porque esse caracter se mostra representado em número reduzido nos fenótipos descendentes.

2- Por ter surgido um descendente genotipicamente puro recessivo que está representado na figura por um fenótipo de cor preta.

3- Considerando que o (10) é heterozigótico (conclusão deduzida da alínea anterior) e o (7) é homozigótico recessivo, 100% dos descendentes terão genótipo recessivo, e 50% serão fenotipicamente recessivos.

gametas



Comentário – achamos o ponto bem elaborado, permitindo que o examinando reflita sobre as matérias do programa, sem recorrer a memorizações excessivas. Parece nos no entanto demasiado extenso, se considerarmos o tempo em que a prova teve de ser feita.

— No que se refere à pergunta 1 do II grupo de Geologia, pensamos que se deveria ter dado a correspondência a "Pré-câmbrico", por nos ver referido nos manuais usuais.

Prova escrita de História

I

Observe atentamente estas gravuras, que representam dois momentos da evolução da escultura grega:

Responda agora **sucintamente:**

1 - Identifique os períodos a que cada uma pertence.

2 - Sublinhe os elementos que numa e noutra obra, reflectem os valores estéticos e culturais dominantes na respectiva época.

3 - Os Romanos sofreram pro funda influência da arte grega.

Qual destes modelos escultóricos teve mais larga aceitação em Roma? Porquê?

II

Leia cuidadosamente o documento, em que o Abade Guibert de Nogent se refere à proclamação da comuna em Laon (1115)

«O clero, assim como os arcediagos e os grandes que espreitavam todas as ocasiões para extorquir dinheiro ao povo, concederam-lhe, através de intermediários, permissão para criar uma comuna, se pagasse uma soma razoável. A comuna, palavra nova e detestável, consistia em todos aqueles que estavam sujeitos a um censo pessoal pagarem uma vez por ano aos seus senhores o tributo anual de servidão e, se cometessem um delito, poderem resgatar-se por uma multa legal; as outras obrigações do censo que se tem por costume impor aos servos seriam totalmente suprimidas. O povo agarrou esta ocasião de se libertar e juntou grandes somas de dinheiro, a fim de saciar a cupidez de tantos homens ávidos; e estes, satisfeitos com a abundância que lhes chovia em cima, comprometeram-se por juramento a respeitar o acordo.»

LICEU
E CICLO PREPARATÓRIO
(DIURNO - NOCTURNO)
Sá de Miranda
Rua Alexandre Braga, 17 (à Estefânia)
Telef. Secret, 45310 Direcção 537532

EXAMES — Pontos e respectivas soluções — EXAMES

Responda agora **sucintamente :**

1 - Qual a apreciação que o abade faz sobre as comunas ? Como explica que ele faça essa apreciação ?

2 Analise o sentido do último período do texto, tendo em vista a situação económica dos dois grupos sociais empenhados no acordo.

3 - A instituição dos concelhos em Portugal ter-se-á processado dentro do mesmo condicionalismo em que se desenvolveu o movimento comunal ? Justifique.

III

Das três questões que se seguem, **responda apenas a duas,** *à sua escolha. É obrigatória a resposta às duas alíneas de cada uma das questões escolhidas.*

1.ª QUESTÃO

a) — Em Portugal, tal como na Europa, faz-se sentir, nos fins do século XIV e princípios do século XV, uma intensa fome de moeda.

Relacione esta carência com as direcções tomadas pela expansão portuguesa em África.

b) — Como explica que, tendo afluído a Portugal tanta riqueza no decorrer do século XVI, o Estado se encontrasse em precária situação financeira, a partir de meados do mesmo século ?

2.ª QUESTÃO

a) Caracterize o regime do despotismo esclarecido, atendendo especialmente aos seus fundamentos teóricos.

b) — Poderemos considerar as reformas introduzidas no campo da cultura pelo Marquês de Pombal como uma manifestação de despotismo esclarecido ? Justifique a resposta, fundamentando-se na análise dessas mesmas reformas.

3.ª QUESTÃO

a) Exponha os reflexos da revolução demográfica e da revolução técnica da primeira metade do século XIX sobre a situação do proletariado.

b) Os problemas do operariado levantam-se tardiamente em Portugal. Qual foi a posição tomada pelos governos da 1.ª República (1910-1926) perante os conflitos entre o capital e o trabalho ?

SOLUÇÃO

I

1 — As gravuras pertencem aos seguintes períodos:

a) Procissão das Panateneias (século V, A.C.) —: época clássica grega.

b) Vitória de Samotrácia (século IV, A.C.) —: época helenística.

2 — Sobre os elementos artísticos das duas obras de arte, destaca-se na Procissão das Panateneias o equilíbrio; a harmonia que brota da paz; o dinamismo de conjunto; uma grande serenidade. Sobre os aspectos culturais note-se que Atenas está no seu apogeu; é a época da segurança social, política e cultural. Nada se põe em dúvida. Pelo contrário, a vitória de Samotrácia exprime um grande dinamismo individual, sem perder, no entanto, o seu equilíbrio; enorme actividade, tem-se a ideia de vida, que é luta, o que corresponde precisamente a essa época da vida grega, quando Alexandre, com as suas conquistas, lança a cultura grega à conquista de novos centros. Tudo se põe em dúvida. É o período dos sofistas, à procura da ciência. Dá-se o choque de culturas e o movimento da estátua exprime a vitória da cultura grega nesse embate.

3 — Os Romanos inclinaram-se mais para a arte grega, revelada na Procissão das Panateneias.

E porquê? Porque os Romanos são mais dados à vida organizada, orientada pelo direito. Roma conheceu muitos frisos, mas quase todos são inspirados neste friso do Partenon. É um povo dotado de grande sentido prático. Daí, as suas estátuas se inspirarem mais no friso grego, revelador da calma, do equilíbrio, da serenidade.

II

1 — O abade Guibert de Nogent, neste documento sobre as Comunas, afirma muito simplesmente que são apenas toleradas pelos grandes daquele tempo.

E esta atitude justifica-se facilmente se se tiver em conta que os senhores feudais (leigos e eclesiásticos), embora recebessem «grandes somas de dinheiro», pela outorga da carta comunal, perdiam rendimentos uma vez que «desapareciam as outras obrigações do censo...»

2 — A sociedade encontrava-se, então, dividida em classes privilegiadas (alto clero e nobreza) e o povo. Ora o povo, sobretudo o elemento burguês, mediante os seus negócios, tinha enriquecido. Por outro lado, a Nobreza, vivendo dos recursos da terra tinha dificuldades em subsistir dentro do fausto a que estava habituada. Além disso, o povo subjugado pelo domínio feudal, desejava libertar-se das peias que o prendiam. Assim se explica que o povo estivesse disposto a dar a tais grandes somas de dinheiro e que os «Senhores», dadas as suas dificuldades, se comprometessem a respeitar os acordos, que tinham jurado.

3 — Não. A instituição dos concelhos nada tem a ver com este processo das Comunas.

Os concelhos não surgem, em Portugal, como reacção ao sistema feudal que, entre nós, nunca existiu formalmente. Os concelhos são um meio de que se servem os reis para fixarem habitantes em zonas despovoadas, e interessá-los pela «coisa pública». Servem, também, de apoio à realeza na sua luta contra a Nobreza.

III

1.ª Questão

a) O século XIV e nos princípios do século XV intensifica-se, por toda a Europa, a actividade comercial. Naturalmente, isso exigia aumento da circulação fiducial, e consequentemente de ouro. Em Portugal, no início da sua expansão marítima, todas as suas tentativas se orientaram para a África: tentar desviar o tráfego do ouro trazido da Guiné (Tombucutu) por «caravanas através do deserto», para o mar. Levanta-se, então, a fortaleza de Arguim. Desenvolve-se a actividade na Costa da Mina. Porém, dois acontecimentos suspendem toda essa actividade: a) a escassez do ouro; b) a acção directa dos piratas franceses e ingleses. Assim, os rendimentos da Mina diminuem, o que leva os portugueses a tentarem a solução noutra região.

b) A razão das dificuldades financeiras do Estado português, apesar de todas as riquezas que chegavam a Lisboa, explica-se deste modo: 1.º — O País deixou de produzir. O dinheiro obtido pelo comércio das especiarias mal chegava para o pagamento do que se importava; 2.º — A pouca produção está relacionada com a) população activa escassa; b) elevado número de pessoas ligadas à administração (que nem sempre foi o que devia ser) e ao exército; c) parasitismo da Nobreza; d) o abandono do trabalho, o luxo desmedido. 3.º — As grandes despesas militares.

Dada a situação tão crítica, optou-se pelos empréstimos, que oneravam, de maneira assustadora, a dívida pública.

2.ª Questão

a) Entende-se por «Despotismo Esclarecido» aquela doutrina política que defende o absolutismo real como expressão da vontade de Deus. O despotismo esclarecido ou iluminado, provém nas suas linhas gerais de uma escola filosófica, intitulada «Duas Luzes», que dominou a vida intelectual da Alemanha, durante uma geração e que teve o seu centro na Academia de Berlim, no tempo de Frederico II. Como princípios gerais: destruir todas as resistências à autoridade régia, quer fossem civis ou religiosas. O seu objectivo era a destruição do sistema feudal por completo, impelindo à obediência absoluta de todos os cidadãos ao poder do Estado, representado pelo Monarca. Porém, esta autoridade real devia exercer-se a bem de todo o povo, orientada pela razão (influência do iluminismo). «Todas as soluções para o problema do Homem estavam na razão. Surge assim o absolutismo racionalista. Sem dúvida que a filosofia cartesiana teve aqui aplicação. Aceitava-se a ideia de Maquiavel da razão de Estado que é alavanca para todas as decisões.

b) A reforma no campo da cultura, feita pelo Marquês de Pombal, está na linha do Despotismo Esclarecido.

Justificação. Os déspotas iluminados pensavam que a difusão da cultura pelo povo tornaria esse mesmo povo mais feliz, mais capaz. Abrir escolas, reformar as existentes, dentro do espírito da época, e tudo isso, subordinado à razão de Estado, tudo isso caracteriza a forma de actuar de um governante dentro do despotismo iluminado.

Ora o Marquês de Pombal:

— **Abriu escolas**: — lançando a base do ensino primário oficial em todo o País.

— **Ensino Secundário Especial**: — Abriu para a Nobreza um colégio especial, visando a sua preparação em noves moldes, introduzindo novas disciplinas, e novo espírito.

— **Ensino Secundário Técnico**: — É o fundador deste tipo de ensino com a criação da Aula do Comércio. Toda a actividade mercantil estaria sujeita a uma formação comum.

— **Reforma da Universidade de Coimbra**: — Onde foi banida a Escolástica e os comentários de Aristóteles. Predomina o empirismo, com prejuízo da especulação filosófica. Atenção especial para as Matemáticas, para a Física e para a Química. Uma vez que se pretendeu «modernizar» a Universidade de acordo com as ideias daquele tempo, esta reforma entra dentro do espírito racionalista da época. A Metafísica vê-se substituída pela Matemática. É o triunfo do Racionalismo.

Considere-se ainda o carácter autoritário da Reforma. O ensino cai no monopólio do Estado, ao encerrar os 24 colégios que os Jesuítas tinham na Metrópole. Estes são perseguidos (expulsos da Universidade de Coimbra) violentamente, como aliás acontece em todos os países governados por soberanos déspotas iluminados.

3.ª Questão

a) Na 1.ª metade do século XIX deu-se uma grande transformação técnica: a aplicação da máquina a vapor (Watt), com todas as suas implicações, à indústria. Isso vem criar as grandes fábricas. Por outro lado, isso exige grandes capitais. Surgem então as sociedades comerciais dotadas de grandes capitais. Visam o máximo lucro. Entretanto, dada a abertura de novas fábricas, os campos perdem gente, e famílias inteiras, vindas da província, se dirigem para as cidades que começam a industrializar-se.

Os industriais só têm uma preocupação: o lucro. Daí que não há qualquer preocupação quanto à idade ou sexo dos trabalhadores. Não há horas certas de trabalho: é de sol a sol, no princípio. Aparecem então os conflitos do trabalho. As primeiras greves; e fundam-se os primeiros sindicatos. Karl Marx lança o seu manifesto comunista em face do que vê. A própria Igreja, em nome do Evangelho, lança, também, o seu grito sobre a justiça social. Ouve-se, então, a voz do Papa Leão XIII (Rerum Novarum).

b) As decisões dos governos da 1.ª República Portuguesa sobre os conflitos entre o capital e o trabalho, foram os seguintes:

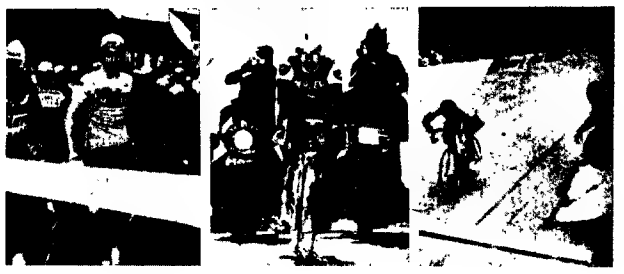
a) concessão do direito à greve (1910).
b) criação de uma «Agência Oficial do Trabalho» (1912).
c) formação de «juntas de conciliação» para resolver os conflitos do trabalho.
d) Lei dos Acidentes de Trabalho (1913).
e) Regime de 8 horas de trabalho diário (1919).
f) Criados os Tribunais de Desastres no Trabalho.
g) Criado o Ministério do Trabalho e Previdência (1916).
h) Seguros Sociais Obrigatórios.
i) Instituto de Seguros Obrigatórios.

ESTABELECIMENTO
DE ENSINO PARTICULAR
FERNANDO PESSOA
ADMISSÕES AOS INSTITUTOS
CURSOS DE FÉRIAS — Início em 2 de Julho
NOVO ANO LECTIVO — CURSOS LICEAIS
Secções preparatórias para externos
ADMISSÕES AOS INSTITUTOS
LICEU — SECÇÃO DE CIÊNCIAS NOCTURNAS
RUA BUENOS AIRES, N.º 8 e 8-A LISBOA
TELEFONES 69 12 52 - 67 64 49

2º ANO DO ENSINO PREPARATÓRIO

Prova escrita de FRANCÊS

JUILLET 1972
130 COUREURS PARTICIPENT AU 59.e TOUR DE FRANCE
500 VOITURES ET 30 CAMIONS SUIVENT LES CHAMPIONS A TRAVERS LA FRANCE



Avant le départ — La 1.ère étape — L'arrivée

LE TOUR A SAINT HONORÉ

Aujourd'hui le Tour de France passe dans le village de Saint-Honoré. Tous les habitants sont au bord de la route. François et son ami Michel sont là aussi. Ils attendent le passage des coureurs.

Maintenant il y a du mouvement sur la route et le bruit de beaucoup de voitures.

Qu'est-ce qu'il y a ? demande Michel. Ce sont déjà les coureurs ?

Non, répond François, c'est la caravane publicitaire qui arrive toujours avant les coureurs.

La caravane passée, c'est le silence. On attend. Tout à coup, quelqu'un crie — Les voilà !

— Mais je ne les vois pas, dit Michel.

— Si, lui dit François, regarde là, derrière les motos de la police. C'est Merckx. Il pédale très vite.

La caravane publicitaire arrive aux étapes une heure avant les coureurs

Les gens crient : — Vas-y, Merckx. Allez. Bravo !

Les gens crient des encouragements aux coureurs qui passent

Michel et François crient aussi leurs encouragements au coureur qui passe.

— Merckx est un vrai champion, dit Michel. Il va encore gagner cette année, tu verras.

Merckx est déjà loin quand arrivent les autres coureurs. Derrière suivent les voitures des directeurs sportifs, les motos des journalistes. Une dernière voiture passe enfin.

Le Tour de France vient de traverser Saint-Honoré.

Chacun retourne à son travail. À l'année prochaine !

«Quoi de neuf ?»
(Adaptation).

I

1. Tous les habitants du village étaient au bord de la route. Pourquoi ?

2. Quand est-ce que la caravane publicitaire est arrivée ?

3. Quand on a crié que les coureurs arrivaient, Michel ne les voyait pas. Pourquoi ?

4. Qu'est-ce qu'on entendait au passage de Merckx ?

5. Qu'est-ce que Michel pense quand il voit passer Merckx ?

6. Et toi, que penses-tu de Merckx et des courses cyclistes ?

II

1. **Complète correctement la phrase :**

Merckx arrive seul | parce qu'il est en retard. / parce qu'il s'est perdu. / parce qu'il court plus vite que les autres coureurs

2. **Voilà trois phrases.** *Une seule est vraie.* **Écris-la sur ta feuille :**
La caravane publicitaire ne passera jamais avant les coureurs.
La caravane publicitaire passe d'abord, ensuite viennent les coureurs.
La caravane publicitaire a suivi les coureurs.

3. Le Tour 1972 a commencé le 1.er Juillet et a fini à Paris le 23 Juillet. **Quelle est la saison de l'année, en France, au mois de Juillet ?**

4. Le journaliste demande :
_____ ?
Le coureur répond :
— Nous avons traversé le village de Saint-Honoré à 5 heures.
Écris sur ta feuille la question du journaliste.

III

1. **Mets en ordre, sur ta feuille, les phrases suivantes :**
Après, les autres coureurs traversent le village.
Le Tour de France va traverser le village de Saint-Honoré.
Merckx arrive seul
Enfin, une dernière voiture, et le Tour est passé.
On encourage le grand coureur qui pédale très vite.

2. Le titre de l'histoire que tu viens de lire est : *«Le Tour à Saint-Honoré».* **Quel autre titre pourrais-tu donner à la même histoire ? Écris-le sur ta feuille.**

IV

1 Regarde l'exemple
«Tous les ans beaucoup de coureurs font le Tour de France».

EXAMES Pontos e respectivas soluções EXAMES

En suivant l'exemple, copie et complète les phrases a) et b) :

a) En 1972, 130 coureurs ——— le Tour de France.

b) L'année prochaine plus de 130 coureurs ——— le Tour de France.

2. Regarde l'exemple

François : «Tu vois les coureurs ?»

Michel : «Non, je ne les vois pas.»

En suivant l'exemple, copie et complète les phrases a) et b) :

François : «Tu entends le bruit de la caravane ?»

a) **Michel :** «Non, ———.

François : «Tu attends la dernière voiture ?

b) **Michel :** «Non, ———.

3. François demande : «Tu veux regarder le Tour à la télé ? Tu verras ton coureur préféré gagner l'étape.»

Maintenant commence par «François demande à Michel...» et fais les modifications nécessaires, sur ta feuille :

«François demande à Michel ———
———».

4. **Copie et complète les phrases suivantes, en employant** *ne ... que, ne ... plus* **et** *ne ... jamais* **:**

a) En Juillet, les deux amis ——— ont ——— de classes.

b) Ils ——— pensent ——— au Tour.

c) Ils ——— perdent ——— une étape à la télévision.

5. 58.e Tour de France (1971) :

1.er le belge Eddy Merckx.

5.e le portugais Joaquim Agostinho.

Écris en toutes lettres :

a) 1.er

b) 5.e

c) 58.e

V

Merckx a gagné aussi le Tour 1972.

Un journaliste, M. Renot, lui pose 5 questions. Merckx, très content, répond au journaliste.

Imagine et écris le dialogue entre M. Renot et Merckx.

SOLUÇÃO

I

1 - Parce que le Tour de France passe dans le village.
2 - Elle [illegible] est arrivée une heure avant les coureurs.
3 - Parce qu'il y avait du monde et les motos de la police avant.
4 - On entendait crier [illegible]"bravos"à Merckx.
5 - Il pense que Merckx est un vrai champion.
6 - [illegible] Moi aussi, je pense que Merckx est un vrai champion et que les cyclistes sont de vrais sportistes.

II

1 - Merckx arrive seul parce qu'il court plus vite que les autres coureurs.
2 - La caravane publicitaire passe d'abord, ensuite viennent les coureurs.
3 - C'est l'été.
4 - A quelle heure avez-vous traversé le village de Saint-Honoré?

III

1 - Le Tour de France va traverser le village de Saint Honoré. Merckx arrive seul.
On encourage le grand coureur qui médale très vite.
Après, les autres coureurs traversent le village.
Enfin, une dernière voiture, et le Tour est passé.
2 - Le passage du Tour.

IV

1 - a) En 1972, 130 coureurs ont fait le Tour de France.
b) L'année prochaine plus de 130 coureurs feront le Tour de France.
2 - a) Non, je ne l'entends pas.
b) Non, je ne l'attends pas.
3 - François demande à Michel s'il veut regarder le Tour à la télé et dit qu'il verra son coureur préféré gagner l'étape.
4 - a) En juillet, les deux amis n'ont plus de classes.
b) Ils ne pensent qu'au Tour.
c) Ils ne perdent jamais une étape à la télévision.
5 - a) Premier.
b) Cinquième.
c) Cinquante-huitième.

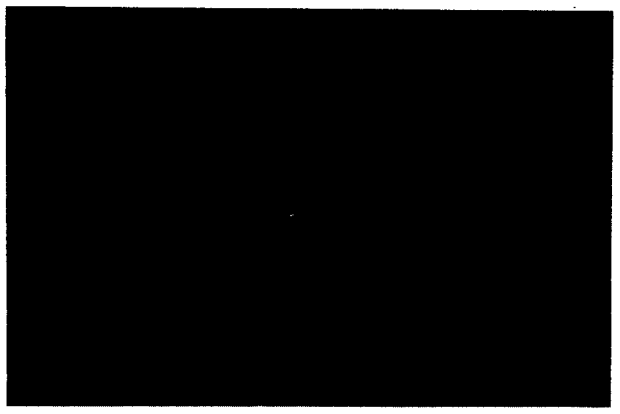
V

Travail de caractère personnel.

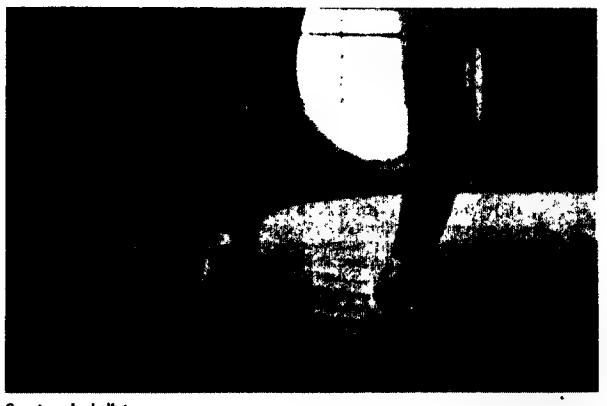
Prova Prática de DESENHO

Lê cuidadosamente todo o texto e observa com atenção as gravuras correspondentes. Só depois disso, é que deves procurar executar o que se pede.

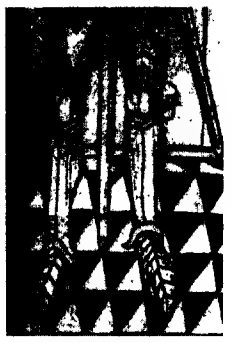
Pormenor de «A ronda da noite»
REMBRANDT (1606-1669) — Artista holandês



Pormenor de um pé com sandália • HOKUSAI (1760-1849) — Artista japonês



Sapatos de ballet



Pormenor de armadura

Sapato medieval

1.º EXERCÍCIO ▶ Espaço ●

Observa atentamente um dos teus sapatos (não é preciso descalçá-lo, basta estenderes a perna ou cruzá-la para o observares melhor).

Desenha-o conforme o vês

Podes usar simplesmente o lápis ou então marcador tinta da China, esferográfica ou pincel.

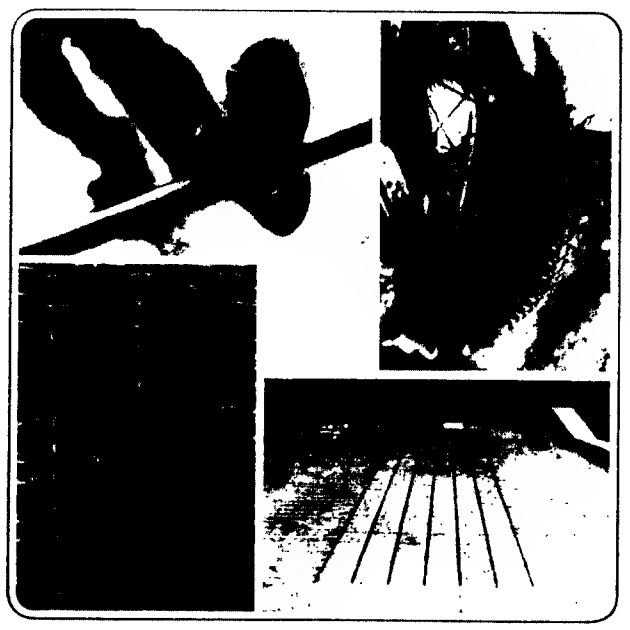
2.º EXERCÍCIO ▶ Espaço ●●

Como sabes, a sola dos sapatos nem sempre é lisa. Os jogadores de futebol, os alpinistas (e até tu, quando fazes ginástica) calçam sapatos, que têm uma sola tratada de maneira especial para não escorregarem.

Passa-se o mesmo com os pneus dos automóveis. Quando estão gastos tornam-se perigosos porque não existe atrito com o pavimento.

E nas rampas das garagens, já reparaste como o cimento aparece com sulcos ?

E já reparaste também nos capachos ?



Estas imagens dizem-nos, pois, que *a textura tem uma função.*

Ora bem descalça um sapato, assenta-o no espaço ●● da tua folha e contorna a sola, se preferires coloca a folha no chão e efectua o mesmo exercício.

Feito isto, imagina uma *textura* para essa sola e representa-a na superfície definida pelo contorno que acabaste de traçar. Se o sapato tiver tacão podes criar uma textura diferente para o tacão.

Distingue com duas cores a parte mais saliente (que toca sempre no chão) da parte mais reentrante.

3.º EXERCÍCIO ▶ Espaço ●●●

Já que falámos em rodas de carros vamos criar uma em tamanho reduzido :

Recorta em papel de fantasia 4 círculos de raios iguais a 65 mm, 35 mm, 30 mm e 10 mm.

Cola-os de modo a obteres uma série de círculos concêntricos.

Completa esta «roda» a teu gosto, com tudo o que te parecer importante, por exemplo : a marca, os sulcos do pneu e raios do aro da roda.

2.ª ÉPOCA
CRISFAL
PREPARATÓRIO E LICEAL
Av. República, 83-52 Tel. 779047-769620

EXTERNATOS
São Vicente
Rua do Paraíso, 28
Tel. 86 41 00
Marquês de Pombal
Rua Morais Soares, 93
(ao Chile .. Tel. 82 02 21
Álvares Cabral
Avenida Girão Vasco, 1
(Benfica) .. Tel. 706974
LICEAL __ PREPARATÓRIO __ COMERCIAL
INSTITUTOS __ ADM. UNIVERSIDADE

EXTERNATO
ALMADA NEGREIROS
2.ª ÉPOCA
AV. PRAIA DA VITÓRIA, 38 Tels. 53 83 08 - 53 83 49
(junto ao Teatro Monumental)

CAMINHO DE FERRO
...uma porta aberta à exportação

Caminhos de Ferro Portugueses

DL/GERAL

FERIDO EM ITÁLIA O EMBAIXADOR EM LISBOA

ROMA, 21 (R.) - O embaixador italiano em Portugal, Girolamo Mefferi, ficou ferido num desastre de viação que ocorreu nesta capital, revelou hoje a Polícia.

O embaixador ficou com um braço facturado e sofreu ferimentos nas pernas quando o seu automóvel oficial chocou a noite passada com outro carro.

OS PREÇOS EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, (ANI) A descida notória do índice dos preços das bebidas alcoólicas e dos refrigerantes e a subida acentuada dos preços dos consertos de calçado marcaram a evolução do mercado consumidor de Lourenço Marques em Maio passado, em ralação a Abril.

Segundo dados oficiais, mantém-se no geral a tendência para a baixa dos preços no consumidor: o índice total era 168 em Abril e desceu um ponto no mês seguinte.

Por grandes grupos, e ainda em relação a esses dois meses, as estatísticas referem: alimentação — Baixa de quatro pontos; vestuário e calçado — baixo de dpois pontoa; higiene — baixa de três pontos. Situação estável no grupo dos «diversos», onde só sector dos cuidados pessoais sofreu aumento de três pontos.

O índice dos preços respeitantes aos consertos de calçado, que em Abril se situavam em 170 emMaio atingiu 200. Por outro lado, os índices respeitantes aos preços das bebeidas alcoólicas e aos refrigerantes desceram de 200,. em Abril, para 85 em Maio.

Alguns artigos estão a chegar ao consumidor de Lourenço Marques a preços mais baixos, no corrente mês, do que em Dezembro de 1971, apesar do aumento global de oito pontos registado no conjunto dos índices. Assim, em relação a Dezembro de há dois anos, é possível hoje comprar mais barato calçado para mulher (índices 133/122, respectivamente), artigos de higiene pessoal, produtos para higiene da habitação (102/99) e para recheio da Habitação (160/154).

Baixa muito sensível, no período em referência, regista igualmente o sector da instrução, que em 1971 se situava no índice 39 e no mês passado acusava o índice 17.

Entre os sectores que se mantém estáveis desde Dezembro de 1971 contam-se os do tabaco, das despesas do fumador e das comunicações.

JORNALISTAS PREMIADOS PELA S.E.I.T.

A Secretaria de Estado da Informação e Turismo tornou pública a concessão dos seguintes prémios jornalisticos e literários:

PRÉMIOS AFONSO DE BRAGANÇA — O 1.º Prémio foi concedido, em igualdade, à reportagens «Cabo-verdianos em foco — Em demanda de trabalho no Portugal Europeu», da autoria de **Händel de Oliveira,** publicadas no «Diário de Notícias», e Alentejo não poder estar nem abalar», da autoria de **Roby Amorim,** publicadas em «O Século»

2.º Prémio coube às reportagens «Portugal frente ao Mercado Comum: E agora?», da autoria de Corregedor da Fonseca e de Francisco Sarsfield Cabral, publicadas no «Diário Popular».

PRÉMIO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL Conferido ao **texto** do livro Pedro e o Mágico» da autoria de António Quadros (edição da Editorial Notícias, Lisboa), que é uma renovação do conto maravilhoso para crianças, e à **ilustração** feita por Zé Manuel (nome artístico de José Manuel Mendes) para o livro «A História da Papoila» (edição Estudios Cor — Lisboa).

PRÉMIO DE REVELAÇÃO — PROSA — Atribuído ao original «Concerto para Vida e Esperança», de João Baptista de Sá.

PRÉMIO DE REVELAÇÃO — POESIA — Concedido aos manuscritos «Amanhã Sempre Tarde», de Carmo de Sousa Lima, e «Rosto sem Cor», de Carlos Alberto dos Anjos Farinha.

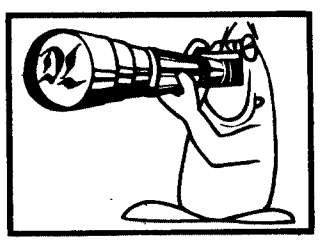
Os reformados da Sociedade Estoril pedem aumento das pensões

No domingo, dia 1 de Julho, realiza-se em Torres Vedras o 18.º almoço de confraternização do pessoal reformado da Sociedade Estoril.

Este ano, porém, para além da oportunidade de, mais uma vez, se estreitaram os laços de amizade entre os antigos servidores daquela empresa, a reunião de convívio reveste-se de um particular interesse, e está a ser aguardada com grande expectativa por todos os reformados.

Nesse dia, uma comissão entretanto escolhida para o efeito, dará conta das diligências efectuadas junto da administração da Sociedade Estoril, no sentido de que sejam aumentadas as pensões dos reformados, que desde 1966 não sofrem qualquer alteração.

No decorrer da reunião será também lida a carta que o presidente do Conselho enviou à referida comissão, em resposta a uma exposição que lhe foi enviada em nome dos reformados.



FUTEBOL JÚNIOR

No encontro esta manhã disputado entre a equipa do F. C. P. e a selecção da Galisa, em júniores, terminou com um empate a 3 golos.

DL/DESPORTOS

SOBRE FUTEBOL

O Atlético processa Manuel Fortunato e a Comissão Central de Árbitros

Já se esperava Inconformado com a péssima arbitragem do trio de juízes dirigido por Manuel Fortunato, aquando do jogo CUF-Atlético, o clube alcantarense resolveu processar judicialmente, por perdas e danos, morais e materiais, não apenas Manuel Fortunato e seus pares mas, ainda, a própria Comissão Cantral de Arbitros.

A decisão foi tomada ontem, durante uma assembleia extraordinária do clube alcantarense. Entre outros considerandos foi vincado que «**o trio de arbitragem do encontro em epígrafe deve ser rigorosamente punido, por desonestidade e antidesportivismo; o Atlético terá de ser indemnizado por prejuízos sofridos ou (eventualmente) a sofrer e ver garantido o direito à não-despromoção automática; e o jogo CUF-Atlético deverá ser repetido por ser nulo e ilegal o desfecho do embate efectuado na última jornada do campeonato**».

— **Se não nos fizerem justiça, entregamos as chaves do clube a quem consente nestes atropelos da verdade desportiva** - disse o dirigente alcantarense Artur Correia, veementemente secundado por toda a massa associativa presente.

Entretanto, soube-se que Rui Severino está disposto a continuar mais um ano à frente dos destinos do Atlético e que hoje mesmo seguirá para o ministro da Educação Nacional uma exposição sobre Manuel Fortunato e a acção actual da Comissão Central de Arbitros.

O Beira-Mar foi derrotado em Orense por 0-2. Os aveirenses alinharam assim: Domingos; Ramalho, Inguila, Marques e Severino (Vítor); Soares e Adé; Bragança (Colorado), Edson, Alemão e Lázaro (Almeida). Apenas 6 mil pessoas assistiram ao jogo que se desenrolou no campo do Orense. Nas balizas do grupo local, alinhou o leixonense Fonseca, um dos reforços conseguidos pelo Orense expressamente para a disputa do troféu «Cospus Christi». Hoje, para o 3.º lugar, defrontam-se Beira-Mar e Salamanca.

Entre outros castigos federativos, notam-se os seguintes: três jogos de suspensão ao setubalense Octávio «**por injúrias ao árbitro**», repreensão por escrito a Yazalde (Sporting) e aos vitorianos Arcanjo e Vicente, multas de mil escudos cada ao Montijo e ao União de Coimbra, um jogo de afastamento a Américo Conceição (União Sport) e dois mil escudos de multa ao Feirense.

Às 17 horas de hoje, em Alvalade, jogam as reservas do Sporting e do Benfica para o campeonato lisboeta da classe.

O Belenenses venceu (por 9-0) um grupo representativo da cidade norte-americana de Hartford. Golos de Ramalho, Ernesto e Gonzalez (três cada). Tal como o nosso jornal oportunamente informou (e se tentou «desmentir» num trissemanário desportivo ...) confirma-se que dois brasileiros (Mário e Fedato) jogarão à experiência nesta digressão «azul». Desculpa-se o «desmentido».

Continuam os «casos» no futebol português: agora, tornou-se público que alinhou irregularmente pelo Vila Nova de Anços o futebolista Minó (Alvaro dos Santos Gomes) que pertence ao Sporting Clube de Pombal ... O Mirense foi o clube que descobriu o imbróglio, que pode resultar numa alteração radical da tabela classificativa do Campeonato Distrital da Terceira Divisão da Associação de Coimbra.

Os novos directores da secção de futebol da Associação Académica de Coimbra vão ser eleitos a 7 de Julho.

Segundo nos declarou esta manhã o futebolista tomarense João Carlos, ainda não está firme a sua transferência do União para o Farense. O mesmo, aliás, parece suceder em relação a Manuel José, embora se diga que o clube algarvio estaria disposto a comprar as «cartas de desobrigação» dos dois futebolistas pela importância conjunta de 1250 contos.

Os jogos entre Benfica e Sporting, a contarem para as meias-finais do Campeonato Nacional de Juniores, serão disputados em sábados, o primeiro já daqui a dois dias no Estádio da Luz, pelas 18 horas.

O Ujpest de Dozsa venceu o Campeonato de Futebol da Hungria, título que conquista pela 14.ª vez.

Tendo ganho cada um as respectivas «poules» de promoção, as equipas do «Rotweiss Essen» e do «Fortuna de Colónia» ascenderão à primeira divisão do Campeonato Nacional da Alemanha, que terá 18 clubes em liça.

Estas duas equipas substituem o «Eintrach Brunswick» e o «Rotweiss Oberhausen», últimos classificados no Campeonato Nacional da Primeira Divisão na época 1972/73, que foram relegados para as ligas regionais. Esta é a terceira vez que o «Rotweiss Essen» (já havia sido promovido em 1966 e 1969) sobe à Primeira Divisão federal depois da sua criação em 1963.

O Brasil disputará em 1974 estes encontros internacionais particulares como preparação para os Campeonatos do Mundo que terão lugar em Munique. O Brasil defrontará a Austria ou a Suíça, União Soviética, Perú, Paraguai, México, Irlanda e Portugal.

E aguardado com grande expectativa o encontro de futebol que hoje, às 16 horas e 30, porá frente a frente a selecção russa e os actuais campeões mundiais. E espera-se que o Estádio Lenine, de Moscovo, registe grande assistência.

A equipa brasileira, que chegou na 2.ª feira a Moscovo, deve apresentar sensivelemente a mesma formação que exibiu contra a Alemanha Ocidenta, no sábado passado.

Ontem, a selecção brasileira visitou a capital soviética (de manhã) e teve uma sessão de treino (à tarde) sob orientação do treinador Mário Zagalo.

O treinador da selecção russa, Yevgeny Goryanski, mostra-se optimista na vitória da sua equipa. «**A velocidade e a boa preparação física dos jogadores russos serão a chave da vitória**» — disse Goryanski.

A Federação Internacional de Futebol (FIFA) anunciou que a fase final das eliminatórias do Campeonato Mundial de Futebol para a área da América Central e das Caraíbas será disputada em Porto do Príncipe, no Thaiti, entre 29 de Novembro e 18 de Dezembro.

As seis equipas que se qualificaram para esta fase foram o México, a Guatemala, as Honduras, as Antilhas Holandeses, Trindade e Haiti. O vencedor estará presente em Munique.

A Associação Argentina de Futebol resolveu não autorizar, a partir de hoje, a transferência de jogadores para o estrangeiro, até que a Comissão Especial determine a modificação do artigo que trata da transferência de futebolistas menores de 24 anos, e que deve pronunciar-se no dia 28 deste mês — anunciou Baldomero Gigan, da citada Associação Argentina.

Eusébio assinou um contrato para participar em três jogos que vão ser disputados por equipas de côr na Africa do Sul, entre 3 e 9 de Julho. Ao dar a notícia, o presidente da Associação Sul-Africana de Futebol Bantu (George Thabe) salientou que o jogador benfiquista é esperado em Joanesburgo a 2 de Julho, devendo jogar no dia seguinte integrado na equipa do «Eusébio XI» contra os «Orlando Pirates», em Soweto.

Eusébio, que nasceu em Lourenço Marques, disputará os outros dois jogos a 7 de Julho, integrado no Moroka Swallows, e a 9 de Julho, em que capitaneará o «Eusébio XI» num desafio contra os Zulu Royals, em Durban.

Além dos jogos que efectuará, o segundo dos quais a contar para o Campeonato sul-africano, Eusébio exercerá funções extensivas de treinador durante a sua permanência na Africa do Sul. Thabe salientou que só número limitado de brancos será autorizado a assistir aos três jogos.

A modernização do Estádio de Berlim para o Campeonato Mundial de Futebol, em 1974, custará 25 milhões de marcos (cerca de 225 mil contos) — revelou o Senado de Berlim Ocidental. Este estádio poderá acolher 72 380 espectadores, e terá uma cobertura transparente.

O «Dynamo Dresde» assegurou o título de campeão de futebol da RDA ao vencer o «Wismut Aue» por 4-2. Embora falte ainda uma jornada, o «Dynamo Dresde» é já campeão, pois tem 40 pontos e o 2.º classificado, «Carl Zeiss Iena», 37.

O Sporting cresce

Na sua recente visita ao nosso país, o dr. João Havelange, presidente da Confederação Brasileira dos Desportos e sério candidato a presidente da F. I. F. A., não perdeu a oportunidade de apreciar o plano da futura cidade do Sporting. O ilustre personagem era acompanhado dos drs. Nunes dos Santos e Santos Ferro, e ainda D. Pedro de Palmela, que lhes explicaram pormenorizadamente o plano prestes a ser iniciado. O presidente da C.B.D. mostrou-se entusiasmado com a grandeza da idealização, fazendo notar quanto agradável lhe era constatar que o grande clube português não parava de crescer...

HÓQUEI EM PATINS

A selecção nacional partiu para a Holanda

Ao princípio da tarde de hoje, partiu para aHolanda a selecção nacional de hóquei em patins que ali vai participar num torneio internacional comemorativo das bodas de prata da Federação daquele país. Seguiram os seguintes jogadores: Ramalhete e Vitor Domingos (guarda-redes), Rendeiro e Casimiro (defesas), Cristiano e Silva (médios) e Livramento, Joge Vicente, Chana e Carvalho (avançados).

Portugal estreia-se neste torneio contra a Holanda, já amanhã, às 21 e 30. Depois, os nossos adversários são sucessivamente os seguintes: no sábado, a Bélgica (às 13 e 30); e, no domingo, a Espanha (às 11 horas) e a Alemanha (às 14).

Em relação à última selecção formada por Torcato Ferreira (que venceu o Torneio de Montreux), nota-se as ausências de Garrancho e de Elias: o primeiro foi substituído por Silva (de Angola) e para o lugar de guarda-redes suplente foi escolhido Vítor Domingos.

Benfica aquela máquina

Três golos (respectivamente de Nelinho, Eusébio e Jordão) chegaram para o Benfica vencer (exactamente por 3-0) os ingleses do Nottingham Forest que, na jornada inicial da disputa do troféu «Vinho do Porto», ontem disputada no Estádio da Luz, apenas revelaram uma inacreditável dureza, plenamente consentida pelo árbitro Américo Barradas. O Benfica alinhou com Bento; Malta da Silva, Humberto Coelho, Messias e Adolfo; Artur (Vitor Martins, depois ainda Vitor Baptista) Jaime Graça e Simões ; Nélinho (Nené), Eusébio e Jordão. O torneio prossegue hoje, (às 17 horas) nas Antas, com o embate Porto-Boavista. É provável que as duas formeções sejam assim constituídas: Boavista Vítor Cabral; Bernardo da Velha, Mário João, Barbosa e Lobo; Branco Salvador e Tai; Moinhos, Moura e Rufino; Porto __ Tibi; Rodolfo, Ronaldo, Rolando e Gudes; Pavão e Bené; Herédia, Flávio, Abel e Ricardo. (Na imagem do encontro da Luz vê-se em acção a dupla Adolfo-Jordão contra os aguerridos ingleses da segunda divisão da Ilha).

PARA O "TOUR"

Andrade e Firmino além de Agostinho

Foram já anunciadas as constituições das seis equipas que disputarão este ano o famoso «Tour»: e, nessa lista, surgem os nomes de três corredores portugueses. Além de Joaquim Agostinho (evidentemente), devem estar presentes na grande prova Joaquim Andrade e Firmino Bernardino. Realmente, Joaquim, Andrade foi dado como certo na equipa da «Gitane», (a mesma de Zoetemelk), enquanto Firmino Bernardino é dado como efectivo na equipa da «Kova». Joaquim Agostinho, conforme é do conhecimento geral, defenderá a camisola da «Bic». As restantes equipas participantes, são as seguintes: «Mercier (com Poulidor, Guimard e Delépine, entre outros), a «Sonolor» (com Van Impe) e a «Peugeot» (com Thevenet, Deslile, etc.). Para já (e esta é a notícia) três portugueses vão estar presentes no «Tour» 73.

QUEDA DE "RECORDS"

Benjamin Jipcho, do Quénia, estabeleceu novo recorde mundial dos 3.000 metros, obstáculos, no Estádio Olímpico de Helsinquia, com 8 minutos e 19,8 segundos, menos um segundo do que a marca anterior, que já lhe pertencia, conjuntamente com o sueco Anders Gaerderud.

O outro queniano, Evans Mogaka, marcou a cadência durante dois mil metros, mas depois não resisitiu e terminou em segundo lugar, com 8 minutos e 24,2 segundos, à frente de dois filandeses: Tapio Kantanen, com 8 minutos e 29,2 segundos, e Mikko Ala-Lepp-Lampi, em 8 minutos e 33,2 segundos.

Os italianos venceram duas provas: Sergio Liani ganhou os 110 metros barreiras, com 14,0 segundos, à frente do queniano Fatwell Kimayo, (com mais um décimo de segundo), e Marcello Fiasconaro, um sul-africano que se naturalizou italiano antes dos Jogos Olímpicos de Munique, venceu os 800 metros, com 1 minuto e 46,2 segundos à frente de Robert Ouko.

A Finlândia bateu a Italia por 64 pontos contra 60, mas foi batida pelo Quénia por um ponto: 61-62. A Itália venceu o Quénia por 63-60.

LUSTRES

de brilho inexcedível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..

VENDA AO PÚBLICO

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICO DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 42 DE 24 DE JUNHO DE 1973

Bondiazinho 11x 121 x12 112x; Brado Africano Desporto 1x2 x11 1xx 11x2; Brado Africano Ronga 1xx 111 11x 11xx; Domingo Alegre 111 211 x12 1x22; Passatempo 111 x22 x11 1121; Revista Desportiva 1x1 1x1 111 x22x; Roteiro Sonoro 121 121 211 112x; Terceiro Programa 211 11[illegible] x21 x112; 20 Ponto D 221 211 x12 11x2; Beira Baixa 112 1x1 111 1111; Cardeal Saraiva [illegible] 111 111 1x2x; Cavalgada do Ritmo x2x 1[illegible]x x1x x22x; Comércio de Portimão 111 111 x11 21x1; Desportivo das Beiras x11 121 111 1x22, Diário do Minho x11 111 [illegible] 2121; Eco de Estremoz 211 1x1 [illegible]1x x221, Ecos do Desporto [illegible]x 1x [illegible] xxx2; Epoca 212 1x1 [illegible] 21x2, Estrela da Manhã [illegible] 212x; Eu Sei Tudo [illegible] x2[illegible]x; Folha do Domingo x1[illegible] x1 [illegible] x1x1; Imagens Piedenses 2x1 [illegible] 1x2 112, Jornal de Sintra [illegible] 1x 11[illegible] 112x; Jornal de Viseu [illegible] 1[illegible] 111 xx2x; O Norte Desportivo xx1 111 x1x x2x1; Notícias de Chaves 11x x1x 12x 2xx2, Notícias de Felgueiras x11 111 x1 2x2x; Notícias de Gouveia [illegible]21 x1[illegible] 112 1121, Notícias de Guimarães x11 111 1x1 21xx; Povo Algarvio 211 111 1x1 1121,

Açores x11 1x1 111 x1x1; O Algarve x11 121 1x1 11x1; Auto Rádio 211 1x1 111 121[illegible] Boa Nova 2[illegible] 1x1 111 x12x; O Comércio de Loanda x11 x1 111 x1x1; O Concelho de Estarreja x1x 11 111 11x1; Correio de Coimbra x12 111 112 x121 Correio do Minho 1x1 1x1 11x 21x1; Correio do Vouga x11 111 1x1 1121; Às 10 espere por nós x21 1x1 1x1 2x21; Diário do Alentejo 211 111 111 121x; Diário de Coimbra 211 111 1[illegible] xx1 , Ecos de Cacia 111 [illegible] 111 1[illegible]2 Estúdio 64 x11 [illegible]2x x1x xxx Dos fracos não reza a história 2xx x11 x2x xxxx A Ilha [illegible]x [illegible] xxxx; Jornal da Graça [illegible] 1 Jornal de Notícia x11 111 111 112x, Litoral x11 111 111 x1x, Manchete Desportiva 111 1x1 111 1121 Maria da Fonte 11 1x1 111 1[illegible]1, A Ordem 111 1x1 112 1x21; Peça que não maça 112 x11 111 2x12; Penaltu 111 111 11x 2x1x; Placard Desportivo 211 1x2 111 112x; Placard Desportivo Açores x11 12x x1x x1x2; A Rabeca 111 1x1 111 111[illegible] Radio Altitude x1[illegible] 11[illegible] 1[illegible]21 Radio Placard [illegible] Reconquiste 211 12[illegible] 111 11x1.

Radio Desporto 12x 121 21 1111 Notícias do Totobola 21x 2x1 121 2x11, A Nossa Chave 111 111 111 xxx2, Apostador 11x 1x1 1x1 2xx2; Ultimo Reporte 111 1x1 2x1 x2x1, Mirante Desportivo x11 1x [illegible], Reporter do Dia [illegible] 111 x121 Rep[illegible] [illegible] 1x21; Revis[illegible] 1 111 1x1 2xx1 O[illegible] hora do almoço [illegible] x2 x, Terra Alta [illegible] 2 2, A Voz Desp[illegible] 212 [illegible] 11x 1x11; A Voz [illegible] go 211 xx1 1x1 [illegible] Voz de Lamego 111 121 x[illegible] 2 22, A Voz dos Ridículos [illegible] 2111, Diário de [illegible] x12 1x11, Voz do C[illegible] 111 111 11x1; Notíc[illegible] ra x11 111 x11 21x[illegible] de Janeiro 112 1x1 Programa sem [illegible] ,12 x111; Quadrante 211 111 111 2[illegible] Norte x22 [illegible] Radio Sports 111 R[illegible]nha Desporto x1x 2111, A Com[illegible] 22x 11 111 [illegible] mercio do Porto xx1x.

MERGULHADORES SUECOS NAS COSTAS DO ALGARVE

ESTOCOLMO, 21 — (ANI) — Vinte e cinco mergulhadores desportivos, da cidade sueca de Sundsvall, partiram, em autocarro, com destino a Portugal, aonde vão dedicar-se à prática da modalidade.

São elementos de ambos os sexos e diferentes idades, viajando com as suas famílias, elementos que pretendem estudar a fauna submarina na zona do Cabo de São Vicente, no Algarve, onde permanecerão durante uma semana, depois de visitas, com idênticos fins, a diversos pontos da Holanda, da Bélgica, da França e da Espanha.

Segundo declarou à Imprensa o chefe do grupo, Carl-Gustav Lindberg, presidente do clube a que tertencem, «nenhumas águas suplantam as da costa algarvia, quanto a condições ideais para a prática de actividades desportivas submarinas. Ali pode mergulhar-se até sessenta metros de profundidade, sem nunca se deixar de ver a superfície».

ANDARES

SOC. CONST. ESPÍRITO SANTO & C.ª, LDA.

LOCAL PRIVILEGIADO

TEM EM um ANDAR para si, numa NOVA URBANIZAÇÃO, que está construindo no melhor local de LOURES, junto ao Liceu

BOA CONSTRUÇÃO
ZONA SAUDÁVEL

EM CONSTANTE VALORIZAÇÃO — ACABAMENTOS MUITO BEM CUIDADOS

VEJA HOJE MESMO OS ANDARES EM CONSTRUÇÃO NO LOTE 5 NA PRAÇA TIMOR

LOURES

SOC. DE CONSTRUÇÕES ESPÍRITO SANTO & C.ª, LDA.

Rua D. Carlos Mascarenhas, 17, 1.º — Telefs. 68 35 99 e 68 98 14

LISBOA

Sotavento na rota do Sol

CP7A73

a partir de 3 de Junho

com paragem também em LOULÉ

Caminhos de Ferro Portugueses

televisão

MADEIRA SIEMENS

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa
1.º Período
12.30 Abertura e missa do dia do Corpo de Deus
13.15 Por favor não comam os malmequeres
13.45 Telejornal 1.ª Edição
14.00 Um dia com António Bernardo
14.15 Logo à noite

2.º Período

18.30 Woobinda
19.00 TV Educativa (Educação Musical (crianças)
19.20 O diário das fábulas
19.30 Telejornal 2.ª Edição
19.40 Eurovisão Hipismo — Taça de Ouro de Ascot
20.10 Sangue na estrada
20.25 Há só uma terra
21.00 Documentário sobre Beja
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Noite de teatro «Eu sou imperador»
23.05 Museu do cinema
23.35 Telejornal 4.ª edição
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Um dia com...
21.00 Por favor não comam os malmequeres
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Foi êxito na TV «Os Aldrabões»
22.50 Festival de Jazz de Molde
23.40 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados Abbot e Costello
13.00 Feminino singular
13.20 Os meus genros e eu
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa Física Moderna»
19.20 O diário das fábulas
19.30 Telejornal 2.ª edição
19.45 TV Palco
20.15 Cartaz TV
20.25 «Os Lusíadas»
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.05 Os homens do rancho Shiloh
23.45 Telejornal 4.ª edição
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados Abbot e Costello
20.45 Vária
20.55 Os meus genros e eu
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Canzonissima
22.45 Encontro com o mundo em Paris
23.30 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	56 5342	Aeroporto	71 1397
H de S José	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	21º
P. DOURADAS	15º
COIMBRA	21º
PORTALEGRE	20º
LISBOA	24º
FUNCHAL	18º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Elvas
Máxima 34,5º
Montalegre
Mínima 5,5º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 27,8º
Atmosfera 15º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
7.27	3,3 m	0.47	1,1 m
19.40	3,5 m	12.57	1,2 m

Dia 22

8.09	3,2 m	1.35	1,2 m
20.26	3,4 m	13.49	1,3 m

Dia 22

9.	3,2 m	2.30	1,2 m
21.21	3,4 m	14.49	1,4 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco ou moderado de Noroeste com trovoada durante a tarde junto à costa Ocidental.

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.12
OCASO ÀS 21.05

DIA 23 DIA 30 DIA 7 DIA 15

rádio

EMISSORA - 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 Ao encontro da melodia
16.30 Convívio, programa da juventude
18.05 O convidado de hoje: Leo Ferré
18.20 Espectáculo-teatro, por Figueiredo de Barros
18.40 Música portuguesa
19.10 Selecção da zarzuela «La Monteria» (José Ramos)
20.00 Diário sonoro — o conjunto The Fortunes
20.30 2.º episódio do folhetim «A Ilustre Casa de Ramires» de Eça de Queiroz
20.50 Melodias
21.00 Momento 73
21.20 Música só música
21.30 Novas canções
21.50 Dia a dia com a ciência, pelo dr. Marques da Costa
22.10 Guitarradas pelo conjunto de Jaime Santos
22.30 Ritmos de todo o mundo
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Júlia Maria
02.00 Fecho

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio Universidade
00.00 Junção com o 1.º programa

2.º Programa

16.00 Que quer ouvir?, programa elaborado por Margarida Brandão
18.00 Música portuguesa: Missa Solene (Frederico de Freitas)
18.49 Duas obras de Chopin, por Maurizio Pollini (piano)
19.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
20.00 Diário sonoro
20.30 Música de câmara: obras de Schubert e Haydn
21.00 Árias de ópera pelo soprano Victoria de Los Angeles
21.20 Tempo literário
21.45 Concerto em bemol maior (Haydn)
22.00 Teatro de todos os tempos, pelo dr. Eurico Lisboa (filho)
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

RÁDIO CLUBE - Onda Média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02/21.00 Programa Movimento
21.00/24.00 Quadrante 2-9-0
21.03 Diálogo
21.08 Serão musical
21.30 Quando o telefone toca
22.05 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Grandes orquestras
23.30 No mundo aconteceu
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de Frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à gô-gô
23.00 Noticiário — programa à gô-gô (cont.)
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Hora do recreio
18.23 Boletim litúrgico
18.30 Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 Transmissão da missa vespertina da Basílica dos Mártires
19.48 Leitura do programa
19.50 Página 1
21.04 Meditando
21.07 Poesia é diálogo
21.15 Poente
21.30 Conjuntos em voga
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
06.00 às 10.00 e 22.00 às 02.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
10.00 às 12.00 e 19.30 às 22.00

RÁDIO PENINSULAR
12.00 às 14.30

RÁDIO GRAÇA
14.30 às 19.30

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO E-1

Até às 22 horas

ALVALADE
Cartaxo Av da Igreja, 21-C (Tele 776358)
Nova Lisboa R Guilherme Suggia, 12 (Tele 727721)
AREEIRO
João XXI Av João XXI 16-A (Tele 726462)
ARROIOS
Nunes Rua Ângela Pinto, 32 (Tele 497556)
BAIXA
Barral R Augusta 225 (Tele 361534-5)
BELÉM
Ramisio Rua dos Jerónimos, 14-C (Tele 631699)
BENFICA
Lisboa Rua Cláudio Nunes, 73-A (Telef 703393)
BOA HORA
Sepol Calçada da Boa Hora 94-A (Tel 681958)
CAMPOLIDE
Pátria Calçada dos Mestres 30-A (à Rua das Amoreiras) (Tel 680627)
CAMPO DE OURIQUE
CastroFonseca Rua 4 de Infantaria, 28-A (Tele 688857)
CARNIDE
Leal de Matos Rua Neves Costa, 33 (Tele 78018)
ESTEFÂNIA
Estefâia Rua Pascoal de Melo 90 (Tele 44438)
GRAÇA
Santo Antonio Rua Leite de Vasconcelos 72-C (Tele 862333)
LAPA
Carrasco R Presidente Arriaga, 39 (Tele 667460)
LUMIAR
São Tome Estrada do Desvio, Lote 12-C (Tele 780704)
MADRAGOA
Nunes Simões Rua do Quelhas, 1 (Tele. 661275)
OLIVAIS
Nova Rua E, 1, Lote 469, Olivais Sul (Tele 316402)
PENHA DE FRANÇA
Carrondo R Padre Sena de Freitas, 10-A (Telef 842518)
PICHELEIRA
Luzmar Rua João Nascimento Costa, 16-A (Tels 72835-720703)
RATO
Janeiro Avenida Pedro Alvares Cabral, 100 (Tele 661453)
REGO
Universitaria Rua Alfredo Gameiro 29-D (Tele. 778953)

TURNO E-2

(TODA A NOITE)

AJUDA
Teles Rua João de Barros, 2 (Tel. 638249)
ALCÂNTARA
Nogueira Rua da Creche, 2 (tele. 631635)
ALTO DE S. JOÃO
Oriente Rua Lopes, 120 (Tele. 843381)
ARCO DO CEGO
Palma Av. Duque de Avila, 25-31 (Tele. 47088)
ALVALADE
Brisalia Av. Rio de Janeiro, 66-A (Tele. 722358)
Aviz Av. de Roma 56-B (Tele. 715370)
AREEIRO
Galeno Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Tele. 774920)
ARROIOS
Matos Rua Alvaro Coutinho, 10 (Tel. 821671)
AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional Rua do Salitre, 7 (Tele. 46858)
AVENIDAS NOVAS
Avenidas Av. da Republica, 27-A (Tele. 533688)
BAIRRO ALTO
Viritas Rua da Misericórdia, 135 (Tele. 324554-327563-4)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso Praça Norte, 11-A (Tele 311216)
BENFICA
Sousa Estrada de Benfica, 429 (Tele 780627)
CAMPOLIDE
Gomes Rua Rodrigo da fonseca, 101-A (Tele 682333)

CAMPO DE OURIQUE
Ourique Rua Freitas Gazul 32-B (Tel 671667)
GRAÇA
Rosas e Viegas Rua de S Vicente, 31 (Tel 864351)
LUMIAR
Alameda Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tele 790942)
SANTA CATARINA
Modelar Largo dr António de Sousa Macedo, 7-A (Tele 678896)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Aguiar Av Columbano Bordalo Pinheiro 98-A (Tels 768343-764629)
XABREGAS
Salter Rua de Zabregas 65-65 (Tele 381185)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. Comb G Guerra, 64 (Tel. 212070)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av Patrão Lopes, 4 (Tel 2432039)
OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P Residencial dr Augusto de Castro-Lote 10 (Tel 2430691)
PAREDE
Grincho, Av da Republica, 87 (Tel 2471204)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Tel. 261186)
MONTE ESTORIL
Costa, Av Saboia, 29-B (Tel 260085)
CASCAIS
Misericórdia, R Regimento 19.41 (Tel. 280141); **Cascais**, R. Conde de Monte Real-B. Caixas (Tel. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518); **Carmele**, R. Elias Garcia, Lote 28 (Tel. 933303); **Helénica**, R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613); **S. Jorge**, R. Pedro Del Negro, 5-Reboleira (Tel. 938703)
DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Tel. 971121)
QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS
Quimia, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 291012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)
SINTRA
Marrazes, L. Afonso Albuquerque (Tel. 980058)
COLARES
Colares, Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)
ALMADA
Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (Tel. 273498)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)
BARREIRO
Pimenta, R. Cons.º Joaquim António de Aguiar, 259 (Tel. 207301 2)
COVA DA PIEDADE
J. Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Tel 270121)
MOITA
Silva Rocha

P. da República, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO
Montepio, R Almirante Reis, 93 (Tel 230035)
SESIMBRA
Leão, A. Salazar (Tel 229471)
SETUBAL
Normal do Sul, P do Bocage, (Tel 22216)
SEIXAL
Godinho, L da Igreja, 51 (Tel 2218580)

PORTO

5.º TURNO

SUB-TURNO A

Almeida Cunha, Lda, Rua Formosa, 327 **Pereiró (de)**, Rua da Preciosa, 35 **Sampaio**, Rua de Cedofeita, 636 **Saúde** Av Com G Guerra, 689 **Vaz Teixeira**, **Sucra**, Rua do Heroísmo, 56

SUB-TURNO B

Birra, Praça da Liberdade, 125 **Costa Lima**, Av da Boavista, 855 **Marques de Mendonça**, R do Ameal 251 **Monte Cativo**, R do Monte Cativo, 444 **São Jeronimo**, R Santos Pousada 622

COIMBRA

TURNO J

Machado, R Bernardo de Albuquerque (Tel 23767). **Sitália**, Largo da Sé Velha 13-14 (Tel 23234). **Luciano e Matos**, R da Sofia, 7-11 (Tel 22147)

cinemas ● cinemas ● cinemas

CINEMA CASTIL (Tel 530194)
15 30 - 18 30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Technicolor Marlène Jobert e Jean Yanne «QUANDO O AMOR ACABA» Realização de Maurice Pialat

ODEON (Tel 326283)
15 15 18 15 21 30
Grupo D 18 anos) 6.ª Semana
Alfredo Landa (o Delicadinho) e Conchita Velasco em «EMPRESTA-MA POR QUINZE DIAS» Mais audácia [illegible] fazer rir com [illegible] mulher [illegible] o novo de a

POLITEAMA (Tel 326303)
21 45
(Grupo D - 18 anos)
ESTREIA Technicolor «BULLITT» Steve McQueen Robert Vaughn e Jacqueline Bisset
15 15 e 18 15
(Grupo D - 18 anos)
«MORTE E TRAIÇÃO» Ciclo de Terror à Meia Noite as 00 30
(Grupo D - 18 anos)
Amanhã «ENTRE A LOUCURA E O CRIME» Sábado «JARDIM DA TORTURA»

TIVOLI (Tel 50595)
15 15 e 21 45
(Grupo D-18 anos)
Colorido Na vida de cada homem ha sempre uma mulher compreensiva ou duas ou três Alan Arkin em «AMORES CLANDESTINOS»

MONUMENTAL (Tel 555131)
15 15-18 15-21 30
(Grupo B-10 anos) Eastmancolor, Romy Schneider Richard Harris «A QUEDA DE UM IDOLO»

SATÉLITE (Tel 555131)
15.30 - 18 30 e 21 45
(Grupo D 18 anos)
2.ª semana Jeanne Moreau e Jean-Paul Belmondo «RECUSA» um filme de Peter Brook.

VOX (Tel. 72080)
15.15 - 18.15 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Colorido Alain Delon, Romy Snhneider
«A PISCINA» de Jacques Deray

CINEMA LONDRES (Tel. 731313)
14.15 - 16.30 - 18.45 e 21.45
(Grupo D 18 anos) 5.ª semana
Colorido. Óscar da Academia para o melhor filme estranreiro 1973 «O CHARME DISCRETO DA BURGUESIA» o filme de Luis Buñuel.

ALVALADE (Tel 717480)
15 15 - 18 15 e 21 45
(Grupo B 10 anos)
Color John Wayne David Janssen «OS BOINAS VERDES»

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
21.ª semana.
«CONTINUAM A CHAMAR-ME TRINITÁ» Terence Hill e Bud Spencer

IMPERIO (Tel 555134/5)
15 15 - 18.30 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Technicolor com Geoffrey Cambridge e Raymond St Jacques «O HOMEM DA NAVALHA AZUL»
(Metro Alameda)

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D 18 anos)
4.ª semana. Hayley Mills - George Sanders «NOITE SEM FIM» Baseado na obra de Agatha Christie.

ROMA
Encerrado temporariamente para beneficiações

ESTÚDIO (Tel 555134/5)
15 00 - 17 00 - 19 00 e 21.45
(Grupo C - 14 anos). Eastmancolor Um filme de Ingmar Bergman «A FORÇA DO SEXO FRACO». Bibi Andersson, Jarl Kulle

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15 30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 6.ª Semana
Realização de Jean-Luc Godard «MASCULINO FEMININO» Marléne Jobert e Jean Pierre Léaud.

S. JORGE (Tel 54153/54)
Hoje às 21.30 ESTREIA
(Grupo D - 18 anos)
Uma comédia das «frescas» e «boas» «TURMA DAS BARRACADAS»
15 15 e 18.15
Ultimas de «007 OPERAÇÃO RELÂMPAGO»
(Grupo C - 14 anos)

APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo B 10 anos)
Technicolor - 4.ª semana!
Um filme saudável como vitamina! «JERRY ENFERMEIRO SEM DIPLOMA» com Jerry Lewis.
Hoje às 24.00
(Grupo D - 18 anos)
«O REMORSO» de Claude Chabrol

CASINO ESTORIL
15.30 - 18 30 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Eastmancolor «AVENTURA E AVENTURA» Com Lino Ventura e Jacques Brel

ROYAL (Tel 865037)
15 00 e 21 00
(Grupo B - 10 anos)
«55 DIAS EM PEQUIM» Com Charlton Heston, Ava Gardner David Niven

CONDES (Tel. 322523/326710)
14 15-16 30-18.45 e 21 45
(Grupo B-10 anos)
Colorido O filme de Sam Peckinpah Steve McQueen e «JUNIOR BONNER» (o ultimo brigão)

IMPERIAL (Tel 821933)
14 45 e 21 00
(Grupo D - 18 anos)
«A MARCA DE SHAFT» e em complemento «DOIS À ITALIANA»
(Metropolitano Arroios-P Chile)

RESTELO (Tel 610375)
15.00 e 21 30
(Grupo D-18 anos)
Technicolor «O GOSTO DA VINGANÇA» c Jean Collins e James Booth

MUNDIAL (Tel 538743)
15 15 18 30 e 21 45
2.ª Semana
(Grupo D - 18 anos). Eastmancolor Ciclo malandrice em Rock's PROFISSAO BIGAMO» Lando Buzzanca Paffaela Carra Teib Tarday (Ar Condicionado)

BERNA (Tel 776096)
15 15-18 30 e 21 45
(Grupo B-10 anos) 3.ª Semana
A história imortal de «SANSAO E DALILA» com Victor Mature e Hedy Lamarr

EDEN Tel. 320766)
15.30 - 18.30 e 21 45
(Grupo C 14 anos)
Technicolor Stuart Whitman Robert Wagner «CIDADE NO FUNDO DO MAR»

CINEARTE (Tel 66046)
15.00 e 21.00
(Grupo B-10 anos)
«ELE ERA INVENCÍVEL» c/ Brad Harris e Joan Barracuda «ZINGARA CANÇÃO CIGANA» c/Bobby Solo e Loretta Goggi.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

GIL VICENTE
22.00 (Adultos)
«Fuenteovejuna»

VILLARET
21.45 (14 anos)
«O dia em que raptaram o papa»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

A. B. C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pró menino e prá menina»

COMUNA
21.45
Av. Almirante Reis, 115-A
«Brincadeiras»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
«Cães de palha»

RESTELO
21 30 (18 anos)
«O gosto da vingança»

CINEARTE
21 00 (14 anos)
«Ele era invencível»

MAYER
21.00 (14 anos)
«O sangue do terror»

OLÍMPIA
19.00 (10 anos)
«Velha raposa» e «O magnífico intruso»

MOSCAVIDE
21.00 (14 anos)
«Catlow»

ALHANDRA
Salvador Marques
Teatro (21.15)
«Sexo, nunca! Somos britânicos»

SACAVÉM
21.00 (10 anos)
«Gringo não perdoa»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium-
21.30 (14 anos)
«Os Justiceiros»
OEIRAS
Oeiras-cine
21 00 (10 anos)
«Fogo na Pradaria»
PAREDE
Royal-Cine
21.15 (10 anos)
«Antes morto que vivo»
ESTORIL
Casino
15.30, 18.30, e 21 30
(18 anos)
«Aventura é aventura»
Palacio
21.30 (18 anos)
«A Estátua»
Esplanada
21.30 (10 anos)
«Estranho contrato»
CASCAIS
S. José
21.30 (10 anos)
«A Grande Valsa»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«O Jogo da cor»
QUELUZ
Queluz Cinema
21 15 (10 anos)
«A morte espreita»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (14 anos)
«Explosão de garotas»
SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (14 anos)
«Viga sabata»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«Os Clowns»
TRAFARIA
Pavilhão-Jardim
21.15 (10 anos)
«Os piratas do arquipélago»

PORTO/Cinemas

VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
«Os dez mandamentos»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
«Continuaram a chamar-me Trinitá»
S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«A chave do cinto de castidade»
CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«O amante da Ursa Maior» e «Os hippies e os gangsters»
VALE FORMOSO
21 30 (18 anos)
«Suite em Hotel de Luxo»
S. JOÃO
21 30 (14 anos)
«O Invencível»
BATALHA
21 30 (18 anos)
«Os noivos da minha mulher»

RIVOLI
21.30 (10 anos)
«Ivanhoe»
ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Pdroso»
COLISEU
21 30 (6 anos)
Musica no Coração»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Perdido por Cem»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Paixão pelo perigo»
OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Pesadelo de cera»

COIMBRA

SOUSA BASTOS
21.30 (14 anos)
«Ódio velho»
GIL VICENTE
21.00 (18 anos)
«Os Comisardos»
TIVOLI
21 30 (10 anos)
«O maior espectáculo do mundo»
AVENIDA
21 00 (18 anos)
«Desforra Apache»

BARS BOITES restaurantes DANCINGS

HIPOPÓTAMO Com Heider Reis Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384**

FANTASMA-Dancing Caveau com variedades Maria Helena Odete Maria Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto **R. Gomes Freire, 145-b** Aberto das 18 h às 21 e das 22 30 h às 05 00 h

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946**

NINA **Dancing** com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13. Telef. 34859-365167**

SOLAR DA HERMINIA Herminia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade de Coelho, n.º 10 e 11.** Encerra aos domingos **Telef. 320164**

EL CIDE **Dancing** com variedades Com o conjunto «X 4». **Rua Bernardo Lima, 18-A** (ao Conde Redondo» **Telef. 560538.**

CACO — **Dancing** com musica ambiente, com singular quarteto **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A**

TAMILA Marão e s conjunto Ma[illegible]nees todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loule, 69. Telef. 534117**

LUSO Grande elenco de fado de Lisboa por Augusta Ermin da e José Luis Tomar fado de Coimbra por Americo Silva Em fado castiço Cristina Maria **Travessa da Queimada, 10. Telef. 362889.** Aberto todos os dias

SAN-PAYO — Bar-boite c/ musica constante Aberto até às 5 h da madrugada **Rua Rodrigues Sampaio, 34. Telef. 561422** (Ar condicionado)

EXPOSIÇÕES

AR.CO — Trabalhos de Ana Vieira (das 9 às 20 e 30) — Fecha aos sábados e domingos.

CASINO ESTORIL Trabalhos de Jorge Cópulo (das 15 às 3 h)

CENTRO Pinturas de Ana Maria Botelho (das 10 às 13 e das 15 às 19 h) Fecha aos sabados e domingos

«DIARIO DE NOTÍCIAS» Pinturas de Raúl Herédia (das 10 às 12.30 e das 14.30 às 19 h). Fecha aos domingos

DIPROVE — Pinturas de João Nascimento (das 10 às 13 e das 15 às 19 h)

GALERIA DINASTIA Pinturas de Luis Jardim e Fernando Lemos (das 10 às 13 e das 15 às 17 h) Fecha aos domingos

GALERIA JUDITE DA CRUZ Escultura e pintura de Artur Rosa Fecha aos sabados e domingos

INTERIOR — Tapeçarias de Maria Velez (das 10 às 19 h) — Fecha aos domingos

GINASIO CLUBE PORTUGUES Pintura de Ângelo Mario Caruso.

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA Para uma visão táctil [illegible] da a cegos

OPINIÃO Guaches de Kira (das 10 às 20 h) Fecha aos sabados e domingos

PALACIO FOZ Pinturas de [illegible] ma Rojas, Matos Sequeira Tomaz [illegible] Mello e de Maria Helena Matos P[illegible]ra

PAVILHÃO DOS CONGRESSOS DO ESTORIL — XVIII Salão da Primavera (das 11 às 13 e das 15 às 19 h)

QUADRANTE — Exposição de Vitor Belém (das 10 às 13 e das 15 às 19 h). Fecha aos domingos.

S. MAMEDE — Pinturas de João Dixo (das 10 às 13 e das 15 às 19 h)

PRISMA 73 — Pintura e desenho de Júlio Resende (das 15 às 20 h). Fecha aos domingos.

S.N.B.A. — Pinturas de Inácio Matsinhe

DL

RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIO DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 - 1.º 2.º E 4.º
TELEF 654531/2 - 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

JARDIM ZOOLÓGICO: perspectiva de continuidade

O Jardim Zoológico tem ocupado, este ano, um lugar de relevo na Imprensa. Mais do que as notícias referentes ao seu funcionamento, despertou atenção a possibilidade do seu desaparecimento. Falou-se abertamente da hipótese da sua transferência para o parque de Monsanto: o parque das Laranweiras seria sacrificado às exigências duma urbanização guiada pela construção civil. Um posterior desmentido não foi suficiente para convencer a população da cidade. Continuou a falar-se da perspectiva de venda do parque a um grupo bancário.

Durante a homenagem à memória do prof. Fernando Emídio da Silva, levada ontem a efeito, falou o prof. Marcello Caetano. Algumas passagens do seu discurso parecem revelar uma decisão implícita de continuidade do Jardim Zoológico. Despois de traçar o perfile do antigo administrador e duma burguesia de outrora», que se ulgava obrigada a contribuir desinteressadamente para a realização de empreendimentos de interesse colectivo», declarou o presidente do Conselho:

«Enquanto nós vivermos, ele viverá na nossa memória — e nos nossos corações. Mas ainda para além de nós, ele tem de continuar presente no Jardim. Este busto que hoje inaugurámos recordará a sua figura. E talvez haja no futuro quem saiba responder à pergunta curiosa das crianças: quem é? Para lhes dizer que foi um homem bom, que acima de todos os títulos prezava um de que a humanidade se vai esquecendo cada vez mais: — o de AMIGO».

Carro roubado a um jornalista

Roubaram ontem o carro ao nosso camarada da «Flama» António Amorin. O veiculo, EB-73-80, Austin Slubman, amarelo, encontrava-se estacionado na Rua Rodrigo Sampaio

PASSAPORTES com rapidez
WAGONS-LITS // COOK
à maior organização mundial de viagens e turismo
Av. da Liberdade 103 Telefs. 361521 33239
Av. de Roma 41 Telef. 722639 722654
R. Rodrigues de Fonseca 86 Telef. 680632
PORTO • COIMBRA • ESTORIL • FUNCHAL
LUANDA • L. MARQUES

KOL
MAPLES
AV. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO,
87, R/C., E - 1.º—
LISBOA

Fins de semana em LONDRES 3.100$
2 A 6 DE AGOSTO
23 A 27 DE AGOSTO
13 A 17 DE SETEMBRO
• Aviões a Jacto (BAC III Serie 500)
• HOTEL PENTA (DE LUXO) 4 DIAS
• Todos os quartos com banho
• Pequenos almoços
• Visita da cidade
• Transportes Aeroporto 'Hotel Aeroporto
• Viagens acompanhadas
ACOMODAÇÃO LIMITADA
INSCREVA-SE JÁ
TRATAMOS DE PASSAPORTES
ESPECIALMENTE ABERTOS AOS SABADOS DAS 9,30 AS 12 HORAS.
VIAGENS RAWES
LISBOA *Correspondencia* R. Bernardino Costa, 47
Expediente Trav. do Corpo Santo, 15 Tel 370231
FARO — Rua Conselheiro Bivar, 72 Tel. 23195/6

Encontrada uma granada de bazuca

Vila Nova de Ceira — Uma granada de bazuca foi encontrada junto a um pilar da ponte do rio Ceira que liga a Várzea Grande à Varzea Pequena. A granada apareceu à tona de água e o caso foi imediatamente comunicado à GNR de Góis, que se dirigiu ao local. Na presença das autoridades dois individuos lançaram-se à àgua para retirar o referido objecto, que se presume ter sido trazido de longe por alguém que, posteriormente, se quis desfazer dele.

APRENDA INGLÊS PPASSEANDO
●
CROYDON
●
Cursos de 4 semanas leccionados por Mestres. Vivendo como um membro de família inglesa. Excursões, Teatro, Concertos, etc., no seu programa
4, 11, 18 e 25 de Julho e 1 e 8 de Agosto
Consulte e Reserve na
WASTEELS EXPRESSO
Av. António Augusto de Aguiar, 88 - C
Telef. 4 21 85 LISBOA

DL/NACIONAL

MARIANO RUMOR DESIGNADO

A crise política italiana na fase mais difícil

ROMA, 21 — (R.) — O primeiro-ministro designado Mariano Rumor inicia hoje a tarefa de formar o trigésimo quinto Governo da Itália depois do fascismo quando a crise ministerial, que dura há uma semana, atinge provavelmente a fase mais difícil.

A maneira de resolver a crise, provocada pela demissão em 12 de Junho da coligação do centro-direita do primeiro-ministro Giulio Andreotti, que se manteve no poder um ano, foi facilitada até agora seguindo-se um plano combinado previamente.

Esse plano, que surgiu num congresso do Partido Democrático-Cristão de Rumor, que se realizou no princípio deste mês, preconizava primeiro a demissão do gabinete de Andreotti.

Essa demissão deveria ser acompanhada depois pela nomeação do político veterano e «homem forte» Amintore Fanfani para secretário dos democratas-cristãos e de Rumor para primeiro-ministro, a fim de chefiar um Governo do centro-esquerda.

Até aqui, tudo tem decorrido de acordo com o plano.

Rumor, que já chefiou três governos anteriores, enfrenta, porém, agora a tarefa mais difícil de se impôr ao notório regateio dos políticos italianos sobre a coligação em perspectiva, agrupando socialistas, democratas-cristãos, democratas-sociais e republicanos.

Rumor tem imensa experiência das dificuldades de constituir governos. Além das três vezes anteriores como primeiro-ministro, não conseguiu, em três outras ocasiões, formar um gabinete, após ser encarregado para o fazer.

Rumor, de 58 anos, ministro do Interior no Governo cessante, terá o trabalho de fazer com que membros em perspectiva do gabinete concordem com os cargos e a política a seguir.

Rumor goza da reputação de ser muito hábil em negociações atrás dos bastidores e precisará de toda a sua habilidade para assegurar que a crise não se arraste, de forma a agravar problemas económicos e políticos já sérios.

CRÉDITOS AMERICANOS PARA A COMPRA DE LOCOMOTIVAS

WASHINGTON, 21 (F.P.) — Moçambique vai beneficiar de créditos no montante de 8,6 milhões de dólares americanos para o financiamento de 22 locomotivas «Diesel General Electric», que serão entregues entre Setembro e Dezembro de 1973.

Os créditos são repartidos num empréstimo de 4,3 milhões de dólares do banco governamental Export-Import e num outro empréstimo do mesmo montante de fontes bancárias privadas ainda não designadas.

As locomotivas são destinadas à Companhia de Caminhos de Ferro do Estado, «MHTA» (Mozambique Harbour and Transport Administration) e devem ser utilizadas nas ligações com a Zâmbia e com a Malawi, cujas exportações transitam tradicionalmente por Moçambique — explica um comunicado do «Eximbank».

Consumidas pelo fogo "residências" de operários

Um incêndio deflagrado nuns barracões de obras erguidos na cerca do Instituto Superior Técnico, utilizados para a arrecadação de material de obras e para dormitório dos operários (na sua maioria cabo-verdianos) e que rapidamente tomou volume inesperado devido às sucessivas explosões de garrafas de gás butano ali utilizado — foi o mais importante de uma série de fogos que ontem à tarde ocupou, durante hora e meia, diversas corporações de Bombeiros de Lisboa e arredores.

Os barracões, de madeira e tijolos, ficaram inteiramente consumidos bem como as roupas e todo o dinheiro (algumas centenas ou milhares de escudos) dos trabalhadores ali residentes.

A origem do incêndio pode ter estado numa fogueira feita à porta do barracão maior e ateada pelo vento.

Durante o combate às chamas, no qual foram utilizadas dez agulhetas, seis das quais de nevoeiro, ficou ligeiramente ferido num braço um sapador bombeiro ao ser atingido por um barrote.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel José Godinho «Casa Magel». Rua de S. Pedrô, 6 — MORA

A FIL 73 apresentou pela primeira vez um stand inteiramente dedicado à Normalização ao nível nacional, europeu e internacional

NOTAS VÁRIAS

SUBSECRETÁRIO DA SAÚDE

Ao encerramento das actividades do ano lectivo na Escola Pualo VI esteve presente o subsecretário de Estado da Saúde e Assistência, dr.ª Teresa Lobo, que em seguida visitou demoradamente as instalações daquele estabelecimento de ensino. A Escola Paulo VI tem por missão a preparação de profissionais de nível médio para funções educativas junto de crianças e adolescentes em restabelecimentos de assistência a menores.

O SECTOR FLORESTAL NA AGRO-73

A representação do sector florestal na Exposição-Feira Agrícola do Norte (Agro-73), que é inaugurada em Braga, no dia 23, pelo Chefe do Estado, engloba a Direcção-Geral dos Serviços Florestais e aquícolas, o Fundo de Fomento Florestal e o Instituto de Produtos Florestais. Esta participação, dedicada no corrente ano à Região-Plano Norte, enquadra-se na política dos Serviços Florestaia, de divulgar e esclarecer os sectores agrários interessados na floresta e na sua racional exploração económica.

TORNEIO DE PÁRA-QUEDISMO

Organizado pelo Aero-Clube Universitário de Lisboa, iniciou-se hoje em Evora e prolonga-se até domingo, o I Torneio Ibérico de Pára-Quedismo, em que concorrem equipas portuguesas e espanholas. Fora do âmbito do concurso, actuam ainda equipas de Angola e de França. O torneio foi patrocinado pelo Regimento de Caçadores Pára-Quedistas, de Tancos; a Força Aérea Portuguesa; a Direcção-Geral da Aeronáutica Civil; o Governo Civil e a Câmara Municipal de Evora.

EXPOSIÇÃO EM BELÉM

O Chefe do Estado, acompanhado de vários membros do Governo, presidiu à inauguração, na Galeria Nacional de Arte, em Belém, à exposição «Lutando pela paz e pelo progresso», organizada pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo e que está patente até 9 de Julho. Ho final, o almirante Américo Thomaz assistiu à exibição de duas curtas-metragens, uma acerca da Marinha em Moçambique e outra sobre Macau.

COMISSÃO DAS BARRAGENS

Na sessão de encerramento do XI Congresso Internacional das Grandes Barragens, a Comissão Nacional Portuguesa das Grandes Barragens doi distinguida com a entrega de um diploma de mérito «pela sua imaginativa inauguração de viagens de estudo após as reuniões executivas». Também o ministro das Obras Públicas de Espanha concedeu à referida comissão a medalha comemorativa do XI Congresso Internacional das Grandes Barragens.

DIÁLOGOS CONFIDENCIAIS

JOÃO ABEL MANTA

Vieira da Silva.....
Josefa de Óbidos.....

SUPLEMENTO LITERÁRIO

Folhetim-artístico de José-Augusto França

DEZ DIAS NA ESLÁVIA DO SUL

Quatro presidentes de concslho de ministros, da Croácia, da Sérbia, da Eslovénia e da própria Federação, outras tantas recepções em três capitais, dois aviões especiais, quatro hotéis de luxo, três grandes exposições internacionais, e o Danúbio e o Adriático — a A. I. C. A. foi este ano recebida na Jugoslávia da mais agradável e generosa das maneiras. As pompas oficiais, todavia, não incomodaram ninguém e à terceira recepção já ilustres directores de museus, professores de Universidade e mesmo um presidente de Academia desprezavam maples e se sentavam no chão do salão nobre dos Negócios Estrangeiros, servindo-se do bufete reservado às altas personalidades visitantes. Não será sinal exclusivo de socialismo, mas é com certeza prova de cordialidade num convívio sem protocolos nem excelências ocidentais...

Em troca, a A. I. C. A. deu à Jugoslávia a discussão de quatro temas, da estética informática, da arte «ingénua», da gravura na sociedade contemporânea, e dos valores estéticos e sociais da arte conceptual. Abraham A. Moles dirigiu os três primeiros debates, discursando a propósito, e outro tanto fizeram G. C. Argan e Gillo Dorfles em relação aos temas seguintes. As exposições «Tendências 5», «Naiva 73», Bienal de Gravura de Ljubljana, e de cinco anos de experiências conceptuais, serviram de base às discussões — e foram excelentes manifestações, famosas duas delas, internacionalmente.

«Tendências 5» é a quinta exposição que, a intervalos irregulares, é dedicada a um leque de pesquisas e experiências de estética informacional, da «computer art» à «conceptual art», isto é, da arte que a máquina pode produzir, a partir de matrizes propostas, em sistemas determináveis ou aleatórios, à arte que «se pense» e nessa função complexa encontre a sua definição e a sua justificação antiobjectual. Centenas de obras vindas dos quatro cantos do mundo se sucediam no Museu de Tecnologia de Zagreb, centro cultural livre de um mundo que se exige livre. No Museu de Arte Moderna, uma parada de artistas «naifs», do mundo inteiro também — em torno do mais célebre dos artistas croatas: Generalic, Ou, para meu gosto, mais em torno do falecido B. Ilija (1895-1972) que leva a ingenuidade, tantas vezes mimeticamente suspeita, a uma categoria de «art brut». No Museu de Arte Moderna de Ljubljana foi o «vernissage» da 10.ª Bienal de Gravura, centenas de peças de toda a parte (e de Portugal também: Artur Rosa, Fortes, Parente, Ilda Reis e Gil Teixeira Lopes), com pesquisas no «espaço múltiplo» de Vedova, as silhuetas de Lurdes Castro, os novos signos de Sugaï, e as «homenagens» esplendidamente barrocas a Velazquez do jugoslavo Mersad Berber; além de retrospectivas de Kimura, de Tapiès, de Soulages, de Vasarely. Em Belgrado foi uma pequena mas considerável retrospectiva dos «conceptuais» jugoslavos, ao longo de cinco anos de trabalho variado que fotografias e escritos documentam, num raro exemplo de coerência.

O prof. Moles abriu o «match of ideas» sobre «o racional e o irracional na pesquisa visual de hoje». Um grosso volume recolheu várias comunicações a começar por as dele — sobre esta «Ars ex-máquina» que satisfaz o artifício que a arte é, e fazendo a qual o artista passa além da «continuidade espontânea do movimento da mão sem uma vontade de forma», e «define a sua actividade pela ideia de exemplo mais do que pela ideia da obra». As «estruturas sintácticas» da obra, de que Moles fala a seguir, permitem-lhe atingir um «conceito de série», redundante, em formas abertas. Mas a Moles interessa situar num espaço ideológico, através de um jogo de oposições («racional-irracional», «quente-frio», «mimésis-fantasia», até à «fascinação-indiferença» que Ernesto de Sousa propôs), as várias correntes, «naïf», «povera», «conceptual», «computer», e foi um jogo a que alguns críticos mais tradicionalmente formados (oh termos de sensibilidade, de gosto, de expressão — ainda!) se escusaram — mas cujo interesse informativo é grande. Centros universitários de pesquisa, dos Estados Unidos, do Canadá, de Paris, da Alemanha, do Brasil apresentaram comunicações estéticas ou técnicas ao simpósio — e P. Milojevic, do Canadá, fez a apologia de uma arte informacional que possa libertar a máquina dos tecnologistas do mundo de hoje. De uma arte, porém, que defina um «novo renascimento» que «descobrirá a mente humana» enquanto o «velho» se limitava a «usar o homem como assunto da sua arte». De uma arte, como se disse, robotizável...

A discussão da arte «ingénua» foi menos interessante, mau grado o interesse que os jugoslavos depositam nesta tendência, ou estética ou fórmula algo nacionalizada. Ernesto de Sousa insistiu em que não se cometa o erro de lhe aplicar critérios de apreço usuais de arte erudita; por mim, lembrei o itinerário estético da imitação académica (por inevitável aculturação) até à inspiração poética fornecida ao espírito de modernidade («o primeiro dos modernos», dizia-se Rousseau, falando a Picasso), mas então assumindo uma «pensée sauvage», na margem possível (etnológica, mística, onírica...) de «inaculturabilidade». E não me parece que o geral das intervenções, presas a critérios de «expressão natural», possa ter crédito hoje em dia — a não ser por ingenuidade cultural...

Teve pouco interesse a discussão sobre as artes gráficas — e já pareceu eticamente discutível a tese de Argan ligando a elas as artes publicitárias. Quanto ao mercado, que possa ou não absorver a produção de gravura no seu circuito de interesse, pude chamar a atenção para o caso da «Gravura» lisboeta, com a sua independência de cooperativa que lhe garante uma dignidade de acção cultural.

A arte conceptual foi discutida a partir de um texto-conferência de Gillo Dorfles que a opôs ao «kitch» e nela viu a possibilidade de reintrodução de um vector ideológico e crítico na criação artística actual, após várias crises semânticas — hipótese fecunda, sem dúvida. Celebonovic retirou da zona «kitch» a arte académica que defendeu em termos de documentação iconográfica, como «realismo burguês» que foi. Realismo? Não creio ser possível a classificação no quadro crítico na altura estabelecido por Proudhon. O realismo era o diabo para o burguês ocidental, assustado definitivamente em 1848: veja-se o caso português, tardio mas paradigmático (conferências do Casino, 1871). Starzinsky concordou comigo — e o seu «verismo», em que eu próprio hesitara, convirá, numa terminologia italianizante. Mas o que interessa parece-me a mim, é entender a recuperação (não reabilitação) dos «pompiers», para além da entropia do significante e do deslizar do significado — considerando o «ruído» que eles introduzem hoje nas mensagens artísticas correntes. «Ruído» decerto oposto ao dos conceptuais, mas que representa também uma redução ao absurdo da objectualização a que se chegara. Não-objecto conceptual ou ultra-objecto enfaticamente adjectivado «pompier» — dois polos, como afinal avançou Dorfles.

...Mas, para além de exposições e discussões, houve a Croácia, a Eslavónia e a Sérbia — e esta maravilha de Dubrovnik-Ragusa, donde escrevo, cidade de mármore, irrealmente vinda do fundo da Idade Média, refeita no século XVII, por dentro das suas muralhas, entre montanha e mar. Cidade adriática, isto, itálica, isto é, veneziana, com um antegosto de Oriente, não, como em Veneza ou em Ravena, recebido de fora, mas assumido num diálogo permanente. Os seus «reitores» — doges de outrora rivalizaram como os da outra margem em habilidade comercial e diplomática e só Napoleão, criando ali um ducado, pôde precipitar a queda, em Viena, desta república de palácios, igrejas e magníficas ruas de pedra polida. Que é possível preservar da poluição publicitária...

Jantar uma noite à beira do Danúbio, perto de Belgrado, vendo correr as suas águas ao fundo da colina de vinhedo, entre pinhais e salgueirais em bruma romântica, e vir dormir diante do Adriático, contra a montanha onde se erguem palmeiras e ciprestes e carvalhos, numa floresta fechada, romântica também, do sul — é passar entre os dois mundos desta Eslávia ambígua, balcânica e mediterrânica, Europa Central, latinizada e orientalizada, por graça de Roma e obra dos Turcos. Planura, montanha e mar azul disputam-se a memória do viajante, pondo nela momentos e notas de cor, de sol e de névoa.

Zagred é a cidade oitocentista no centro — mas, ao alto dela, os bairros silenciosos adormecem entre palácios, igrejas e muros antigos. E o mercado reluz de frutos, flores e trajes que não são turísticos. Perto, no lago Soderico, um piquenique absorveu, em simpatia humana, o folclore mostrado e a cozinha agreste — lentamente feita, por conzinheiros gigantes, num ritual insensível à pressa dos bárbaros ocidentais, porque o peixe devia ser grelhado e regrelhado, nas brasas, e bem, duas, cinco, dez vezes, voltado e enrolado não sei em que ervas e farinhas de nome estranho...

Perto de Ljubljana, Skofia Loka festejava o seu milénio e na igreja romântica havia um altar-objecto de barroco recortado, como no México. Em Bled, um lago azul com um covento numa ilha: a Ilíria, onde houve palácio real (depois de Tito, depois hotel) e onde há um castelo-museu de arcebispos, do duque francês de Ragusa, e dos turistas hoje.

Belgrado, passando de 250 mil a um milhão 150 mil habitantes desde a guerra, criou uma nova cidade do outro lado do Sava — em grandes espaços modernos arrancados ao lodo e à areia, numa urbanização só possível onde não haja especulação de terrenos. Arranha-céus e núcleos administrativos (e um excelente museu, de arquitectura e recheio moderno) pontuam a paisagem, entre verduras onde se tomam banhos de sol.

Uma gente feliz e grande de corpo, que uma arte livre testemunha e garante inilidivelmente. E ai de quem pense orientá-la realisto-socialistamente: seria a sua morte pública, afiançou-me um colega jugoslavo depois de ouvir o discurso realista-socialista do representante da Alemanha de Leste...

ARTICULAÇÃO. SÍNTESE. SINTAXE

(A PROPÓSITO DE UM FILME DE GODARD)

Um dos primeiros problemas que nos põe o filme de Godard, actualmente em cena entre nós **(Masculin-Féminin),** é o da articulação. Articulação ao nível da proposta que se decide fazer («15 faits précis», anuncia-se de início...), articulação ao nível cinematográfico (... em «intertitre» miúdo branco sobre fundo negro, processo que aliás se irá repetir ao longo da fita), articulação finalmente ao nível do texto fílmico (15 episódios que se irão seguir numa ligação tartamudeante). Tartamudeante poderá ser o termo, e podemos desde já recordar, como colocação «em abismo» de todo o texto, a sequência cinematográfica a que assistem as personagens principais de **Masculin - Féminin** da desilusão que ela lhes provoca nos diz, em «off», o protagonista, ao referir a busca que empreenderam do filme ideal que gostariam de fazer e de viver.

A articulação é, pois, fundamentalmente um problema de forma; mas de forma de conteúdos. A semântica do filme é pobre nos seus termos fundamentais (o amor, a morte, a solidão, o trabalho), mas esses termos são tão abundantemente paradigmatizados que o resultado é um filme só na aparência vazio, superficial, onde mal se afloram os chamados temas profundos, que se revertem, no entanto, por meio da reversibilidade que os multiplica, numa questionação (essa, sim!) funda, contínua, criativa.

A **questão** é a figura primordial de toda a banda sonora. É-o através da pergunta directa, nos diálogos, ou, caso mais extremo, nos inquéritos realizados por Paul (Jean-Pierre Léaud) — e muitos dos diálogos revestem inclusivamente a forma de entrevista, cujo tom de reportagem — cf. também a entrevista que Madeleine (Chantal Goya) dá para a rádio — aponta ainda para a (des)articulação fílmica; é-o ainda através do contraste mais tenuamente explorado entre os discos de Madeleine, a música de Bach e os silêncios - verdadeiramente «brancos», alíneas de um discurso que manifesta muito da sua interrogação no vazio, nos olhares fixos, nos grandes planos demorados. E assim passamos à banda-imagem, onde a questão adquire a forma de um olhar à descoberta, o olhar lateral que a montagem serve por meio de cortes aparentemente gratuitos e certamente desconcertantes, sem a mínima função diegética. Aliás, a questão, tanto a do diálogo como a da imagem (Paul pede a Madeleine que lhe responda olhando-o bem nos olhos) encontra o vazio como resposta na pergunta repetida pelo outro. Exemplos disso são as sequências básicas da conversa, no início do filme, entre Paul e Madeleine, na casa de banho, e, já perto do final entre Robert (Michel Debord) e Catherine (Catherine Duport), à entrada da cozinha. A primeira situa-se numa prática do olhar, em que se compõem e arranjam as figuras, em que se fala do futuro, em que se prepara o filme; é o primeiro encontro significativo entre essas duas personagens (em fundo, a telefonista estabelece ligações) que se recortam em fundos espectaculares (o espelho a que Madeleine se penteia, a parede nua mas baça onde se recorta a cabeça de Paul), e, especulando metaforicamente na distância e multiplicando o espelho como objecto. A outra sequência da conversa situa-se numa prática de o fazer (mas a cozinha é apenas sugestão, não servé literalmente para «fazer» nada, e Catherine apenas come frutos e, neste caso particular, uma maçã que nunca chega a completar); os preliminares

decorreram, Robert de há muito saía com Catherine, e é apenas neste momento que os vemos juntos e sós, contestando um passado afectivo que nem é referido como tal, revertendo as perguntas de um para o outro também aqui quase «ipsis verbis», sobre o fundo branco-nítido do frigorífico onde os frutos se mostram em pureza intocável e onde se destaca o luminoso mas pouco nítido sorriso de Catherine.

Porque a nitidez dos seres, tão procurada, se furta constantemente na resposta suspensa, iludida ou ignorada. E a justificação teórica do malogro das palavras fundamenta-se numa desmitificação da espontaneidade que todos os inquéritos desorientam e deturpam. Assim, a procura do outro, com o fim de criar a ternura e de cumular a solidão, faz-se através da palavra desencontrada, numa ligeireza que oscila entre o trivial (e até o disfemístico) e as grandes questões que preocupam o homem. Daí que se recorra abundantemente à citação e à parábola como processos explicativos que ajudem à comunicação da mensagem que o filme (não) contém. Daí, também, que a síntese seja de organização impossível, afirmado que fica o desfasamento entre ideias e emoções, opinião e consciência, realidade e juízos de valor. A única saída (o trabalho do filme) é andar à volta dos problemas, andando à volta das palavras (e uma aproximação, neste aspecto, com o discurso romanesco de Augusto Abelaira vem a propósito). A ideologia é, evidentemente, também questionada, e «os filhos de Marx e da Coca-cola» sobrevivem por entre jogos compensadores com a guilhotina e gravações de discos no estilo de France Gall e de Sandie Shaw. Como pormenor da visão realmente dialéctica desta realidade aparente, lembremos a notação, no plano de um grande armazém: «Discos a 50 por cento — ou a desvalorização explícita, titular (não circulante e difusa da palavra oral) dessa mesma realidade que se impõe. Pelo contrário, as réplicas balofas de Catherine a Robert quanto ao seu desinteresse pela política não funcionam como efeito de real (até porque é esta a mais intelectual das personagens femininas). A síntese é impossível onde os factos se contrariam ao nível da vida efectiva, onde a articulação com o outro não chega a processar-se

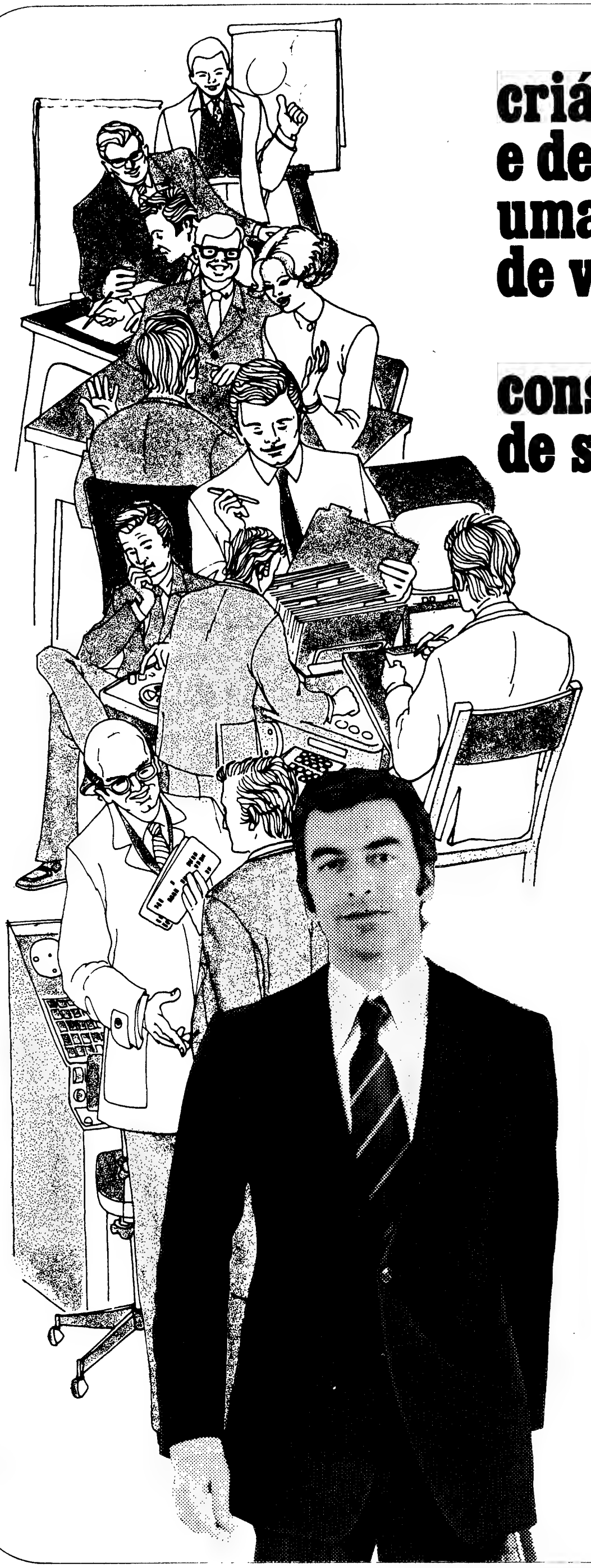
masculino e feminino aparecem em confronto e o único género morfológico de saída é o neutro. Só com esta base, aliás, poderíamos entender a figura dúplice de Elisabeth (Marlène Jobert). Haveria então que falar de novo nos silêncios, na palavra especular, nos brancos, nas parábolas (e recordar **Perdido por Cem** e alguma sistemática deste tipo que utiliza); e o discurso em «off»

ou a sua origem, a **escrita lida** de Paul no início: «Jamais deux regards ensemble. Pas de trace de vie. Silence. Vide.»

Mas o filme existe como seguimento de imagens. E, aí, outro problema se põe o da sintaxe. Se a articulação se processa pela evidência da sua negação, em descontinuidades justapostas; se a síntese se realiza noutro lado, fora do filme (no infinito, talvez, como cruzamento óptico de leis específicas) então a subordinação genérica do filme a um ponto de referência superior perde-se talvez ao nível da manifestação. É certo que as imagens se aliam reciprocamente numa relação temporal de projecção; que uma história acaba por existir no desenvolvimento de fios narrativos consequentes — mas permanece a falta de um princípio totalizante, já que nem título nem subtítulo se referem a uma entidade una. Permanece a sensação de que a função subordinante se exerce fora do filme (e relembro os olhares de Paul para o lado, ou para a câmara, como o seu magnífico sorriso de cumplicidade, também para a câmara, no episódio do puré; assim como a janela vasta, na sequência cinematográfica que se produz dentro do próprio filme, e se opõe, semanticamente, e como elemento de cenário também, à cama desfeita onde ninguém se deitou ainda). Todo o desligado do filme é sintoma dessa impotência de acesso à sintaxe, da impossibilidade de conjugação frásica dos elementos morfológicos, ficando reduzido o sintagma narrativo a expressões nominais: os aforismos, as citações, os grandes temas-planos. A morte de Paul é ainda apenas a sua nomeação, embora também por recusa da violência que suficientemente se produziu em episódios marginais cujo melodramático faz com que os sintamos exteriores à história; mas são esses episódios que tornam a sua morte verosímel no encadeamento discursivo (lógico) como a grande conclusão, ou melhor, o único fim possível: ou há amor, ou há morte nao é o amor que provoca a morte, ou a morte que mata o amor (este tipo de relação está excluído do discurso de Godard), é a ausência de um que só pode funcionar como presença da outra. Assim, no diálogo, onde a câmara não passa de personagem para personagem conforme a questão e a réplica, como na dramatização normal, mas se detém, por espaços longos, na mesma personagem, em grande plano interrogativo, enquanto as palavras vão e vêm). E a tragédia de **Masculin-Féminin** (estática, de movimentos breves que são projectos suspensos) consiste fundamentalmente em deslocações não progressivas, de tipo substitutivo, metafórico, em que Chaplin é o grande antecedente; e na sua alternância incessante que tem como único equilíbrio a hesitação (Madeleine, plano final, cabeça pendida para o lado, entre a firmeza e a queda) ou o desaparecimento (a morte de Paul — dada por relato, não aparente), o grau zero, o fim da projecção — a morte do filme.

(Era isto o que eu queria dizer, Anaísa).

MARIA ALZIRA SEIXO



criámos e desenvolvemos uma profissão de vanguarda:

consultor de segurança Império

Este homem é um Consultor de Segurança Império.

Na vida moderna pensar em segurança é um dever social — para si próprio, para a família, para a empresa.
Mas pensar em segurança obriga à utilização de conhecimentos técnicos, à interpretação de leis, a raciocinar em termos económicos e fiscais.
Gerir os seus interesses da forma mais adequada de acordo com as necessidades de futuro é, de facto, tarefa que necessita do apoio de especialistas.
Tal como na electrónica, na saúde ou em finanças existem especialistas para o assistir, a Império criou e está desenvolvendo uma profissão de vanguarda:

Consultor de Segurança.

Um profissional especializado para lhe aconselhar um plano global de segurança à sua medida.
Um homem que tem a apoiá-lo a organização que a Império representa no espaço português.
Um homem seguro para lhe falar de segurança.

Comece com uma entrevista confidencial.

O Consultor de Segurança Império é um profissional rigorosamente preparado. Está apto a estudar, a conhecer o seu problema, a aconselhar.
A Império orgulha-se dos seus homens.

AO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
a sua seguradora

PFNT-CSI-CS1-73

CINEMA

MODERATO CANTABILE

TÍTULO: A RECUSA («Moderato Cantabile»),. REALIZADOR: Peter Brook. INTÉRPRETES: Jeanne Moreau, Jean-Paul Belmondo. ESTREIA em 12 de Junho no cinema Satélite.

Qual é a história deste filme?

A primeira história é a de Anne (Jeanne Moreau), que, casada com o director das fábricas Desbasredes, conduz o seu filho, Pierre, às lições de piano, e o acompanha depois em amplos passeios pelos bosques. Deverão incluir-se na imagem pública deste casamento um certo número de aspectos: a casa-vivenda, enorme, cercada de grades, onde os dois vivem; o motorista invisível e as criadas que envolvem e vigiam Anne; a distância que a separa, no espaço aberto por uma mesa de jantar, do marido; a presença obcessiva duma cidade para Anne detestável, concretizada no isolamento que a desgarra da paisagem dos outros, sejam os operários duma fábrica que ela ignora, sejam os convidados dum convívio social que lhe não interessa. Se é ténue, extenuada, a relação de Anne com o marido, ela exprime em certos momentos uma cumplicidade longínqua, um sofrimento clandestino, uma ferida partilhada. Desse processo em recalcamento fala-nos a hostilidade de Pierre, o filho, com quem Anne mantém a sua única possível relação de amor, aceitando em silêncio a sua má vontade demonstrada em difíceis e incomodativas lições de piano, conversando e brincando durante os passeios, simulando histórias (donde vêm e para onde vão os veados) ou situações («estamos perdidos»).

Que num dos seus itinerários Anne descubra um homem, que Anne o comece a amar — e está certo. O homem, Pierre Chauvin (Jean-Paul Belmondo), trabalha numa fábrica. Aproximando-se de Anne junto ao balcão de um café, propõe-lhe o **terceiro** como de vinho: os dois primeiros tinham sido a silenciosa solicitação de Anne dirigida ao mundo que ficava **do lado de lá** (modelo «lady Chaterley» do filme). Entre Anne e Pierre trava-se dolorosamente, em sete dias (sete noites, corrigirá Anne, para quem o amor se fez nestes jogos de palavras), uma impossível relação de amor, em que Pierre recusa toda a progressão, estacando gestos e projectos, reduzindo tudo à lucidez insuportável **do que não acontece**. Este amor suspenso, o único capaz de quebrar o sonambulismo afectivo que prende Anne ao seu filho, destrói em Anne toda a capacidade de viver — matando-a pela loucura, enlouquecendo-a pela morte (convertendo morte e loucura em metáforas recíprocas). O que o marido sabe, ou não sabe, o que ele recusa saber — não o sabemos nós, que dele apenas vemos a passividade atenta, a compreensão amargurada, que exprimem, na sua delicada invisibilidade, a cicatriz de outra relação impossível. Ou, se quisermos, que traçam uma figura específica do universo de Duras: a aceitação comovida de ver nascer no outro inacessível a afirmação nua do desejo.

A segunda história é a de rostos sem nome. No café onde Anne encontra Pierre, e onde terão um modo inevitável de se encontrar na última vez, um homem mata uma mulher. A mulher, no chão, morta, contornada de negro, iluminada por uma estranha e intensa luz (a mesma que, por vezes, recorta Anne); o homem, de olhar desvairado, deitando-se sobre o corpo dela em posição e delírio de amor, até que mãos o separem, o conduzam ao carro da polícia. O segundo acto visível desta história que nunca chegaremos a conhecer na verdade exacta dos factos, é a reconstituição do crime — a repetição emudecida do acto.

Registemos, para oportuna instrução dos que me lêem, que contar histórias, estas histórias, não é contar o filme. E por uma dupla razão: porque a segunda não é uma história mas uma imagem (visual e sobretudo violentamente auditiva: um grito) desvinculada de uma história que lhe dê sentido, aberta, eroticamente aberta a todas as histórias de amor suficientemente intensas para a possuirem; porque a primeira história não existe senão nos pensamentos e palavras daqueles que a **não** vivem. Se o filme tem um objecto, ele situa-se na distância entre as duas histórias, a ausente e a impossível, e na sua coincidência em torno de um grito.

O que se troca entre Anne e Pierre é o amor que fazem no tecer da história que inventam sobre as imagens que em comum vira: os dois olhares começam por se encontrarem ao verem o vazio do lugar onde caiu o corpo da mulher assassinada.

O que passa do crime visto para o adultério imaginado é a violência destruidora do desejo, condensada no gemido exorbitante, no grito animal.

O que esse grito recolhe quando Anne, no final, dizendo-se morta («c'est fait»), o repete, é duplo enigma da origem do filho (ela gritou assim quando Pierre nasceu) e da morte da mulher desconhecida (que gritou deste modo, convulsivamente, quando morria).

O que **Moderato Cantabile** diz é a forma como o canto do desejo rasga numa brutalidade desmedida (descobrir-se animal, cadela solta ao anoitecer) a superfície impecável da melodia, da paisagem, ou dos rostos humanos.

Nesta lição, Jeanne Moreau é inultrapassável.

(Como Ana Isa sabe e entende).

EDUARDO PRADO COELHO

OPINIÕES CRÍTICAS

TRANSPORTE NO TEMPO

RUY BELO

E o ano acaba alguma coisa
acaba acaba um homem para quem
acaba uma viagem uma vida
talvez talvez uma viagem

Com estes versos se conclui «Transporte no tempo», percurso longo e rico em espraiado discurso de um poeta que não descarna ou laiciza o real (irreal) quotidiano, antes o sacraliza, o prolonga, o faz o seu e no-lo comunica através duma pessoal e bem apetrechada linguagem. Com efeito Ruy Belo, para quem «A poesia é um acto de insubordinação a todos os níveis, desde o nível da linguagem como instrumento da comunicação até ao nível do conformismo, da conivência com a ordem, qualquer ordem estabelecida. « e o poeta aquele que «Introduz a intranquilidade nas consciências», pois «escrever é desconcertar», dispõe abundantemente da aliteração («porquanto as aliterações são dos meus pratos favoritos», diz a págs. 134) da paranomásia, da batologia, usa com extrema perfeição a rima emparelhada e magnificamente trabalhada o oximoron nesse belo poema intitulado «To Helena». Não me deteria, porém, sobre esta indicação de figuras facilmente detectáveis neste livro se não tivesse presente a distinção entre retórica e poética encontrada num velho estudo de José Paulo Moreira da Fonseca (1) onde se diz: «as figuras de retórica na **retórica** são convocadas para o fim de persuadir, são instrumento, enquanto que na **poética** elas participam intimamente da derradeira razão do texto». E E só nesta «derradeira razão» inserem as figuras apontadas, da mesma forma que, muito bem, se tornam comuns os nomes próprios para uma mais organizada configuração e unidade da estrutura poemática. «Homem de palavra (s)», Ruy Belo vai buscar-lhes toda a força, luz, encanto que elas possam ainda irradiar para se debruçar no tempo, seu e nosso, na alegria ou desencanto da descoberta das circunstâncias tornadas poema e este acto puro e formalmente bem conseguido é uma das maiores qualidades deste poeta que diz «eu que devo aos livros mais que à vida» mais é tanto mais permeável à existência e à verdade (mesmo quando **apenas vista nos jogos verbais)** quanto menos faz da retórica simples forma de persuação.

Assim, «Transporte no Tempo», viagem através de um discurso poderoso e amplo, se transforma exemplarmente numa lauta festa poética em que o seu autor, humanamente, nos convida a participar.

1) **Poética e Retórica — pontos comuns do vocabulário técnico as chamadas figuras de pendamento.** in «Revista Brasileira de Poesia» N.º 7 Abril de 1956.

ANTÓNIO REBORDÃO NAVARRO

VINHO VERDE
ADEGA COOP. DE BAIÃO
BAIÃO
branco
tinto
e
palhete
a perdigão
UM VINHO SUAVE, DELICADO E DISTINTO, MARCADO PELAS CARACTERISTICAS ECOLOGICAS DE UMA REGIÃO UNICA NO MUNDO!!!
UM VINHO PARA OS APRECIADORES

RESPOSTA A ANGEL

- SOB A ÉGIDE DE UM NOVO DITADO : "TEATRO TEATRO, AMIG

prólogo (em farsa)

Uf! Até que enfim! Confesso-te que estava a ficar alarmado com a tua falta de notícias. Pensei mesmo em telefonar-te para saber o que te tinha acontecido: o teu silêncio não me parecia normal (e, sobretudo, não estava de acordo com os meus cálculos!). Ainda por cima, na redacção, atenazavam-me: então, essa resposta vem ou não vem? Precisamos dela por causa dos índices de venda! E, além disso, os leitores não nos largam: a resposta! Queremos a resposta! Lá se vai o meu subsídio de férias! E o aumento de ordenado! __ pensava eu, preocupado também pelo facto de alguns amigos **mais íntimos** se sentirem desiludidos: eles que contavam contigo para me desancar, vara se sentirem mais desinibidos.

Enfim, a tua carta chegou! Como tu dizes: os amigos são para as ocasiões! Obrigadinho, ó Facio, podemos todos dormir mais descansados. Só lamento que o dia não estivesse tão belo como tu dizias: a verdade é que o teu senso de humor continua por baixo.

Final do Prólogo (muda o tom): verifico que a culpa do atraso foi minha. Eu é que tinha a obrigação de fazer chegar a carta ao teu conhecimento. Só razões de ordem prática mo impediram (a não ser que fossem os complexos, como tu dirias). Por isso, aqui fica o meu pedido de desculpa.

1

onde se demonstra quem usa moca

A tua carta aberta levanta várias incidências que esquematizarei assim: referências pessoais; filosofia do espectáculo; processos de produzir teatro; o papel da crítica.

No que diz respeito às referências pessoais, é caminho em que não te seguirei __ feitios! __ limitando-me, por isso, a arrumar alguns «cadáveres esquisitos» com que, gentilmente, quiseste mimosear-me.

1.1. A propósito de agressões e de agredidos, de mocas e de mocadas, esqueceste um pequeno pormenor: foi de ti que partiu a agressão (estava eu até bastante sossegado). É certo que, de acordo com os teus princípios, devia ter-te estendido a outra face para apanhar nova mocada: não vou nisso. Limitei-me, pois, a tentar esclarecer dúvidas que ultrapassavam o âmbito pessoal __ naturalmente mesquinho __ por forma a contribuir, dentro das minhas possibilidades, para o desanuviamento do horizonte já tão carregado mesmo sem estas questiúnculas estas «batalhas navais» __ como lhes chamaria um nosso dramaturgo __ que implicam a impossibilidade de criação de uma frente comum. Não o entendeste assim e preferes fazer o papel de vítima. Por isso, a tua carta não pode deixar de conter alguma literatura demagógica, do género: ai, o meu amigo que me traiu, o malandro, a mim tão ingénuo! (Aí, fadista!)

1.2. Não é a primeira vez que falas do guarda-republicano que dorme, dizes, dentro de todos nós. Acho que nestas coisas cada um deve responder por si: recuso definitivamente essa imagem neo-realista. Dentro de mim, em matéria de guardas, só conheço um, «o guardador de rebanhos», para citar outra vez o pobre (sic) Fernando Pessoa. Ou, no máximo, o guarda-nocturno. Se realmente, achas que utilizo uma moca, deves concordar que é feita de veludo, sobretudo se comparada com a tua que, mal comparado, mais parece uma arma de James Bond.

1.3. Cumplicidades familiares; solidariedades de camarada __ eis como pretendes explicar atitudes cujas motivações são, no entanto, muito mais claras e correctas. O que prova que, afinal, quando afirmas que conheces «isto» e «aquilo» estás apenas a alimentar auto-ilusões. Vejamos. Cumplicidades familiares. Se bem te entendo (nem sempre é fácil) não levaste a bem o facto do José Cayolla ter aceite menos a bem o facto de eu ter aprovado essa atitude, de que, aliás, te dei conta na altura, sem qualquer comentário da tua parte. Ora, acontece que, na minha opinião: (A) não existiam quaisquer razões que obrigassem quem quer que fosse a solidarizar-se com o Grupo Independente; (B) o **Zé está** efectivamente interessado **em** fazer teatro, interesse que **vem** de há muitos anos, **tantos** quantos tem o próprio TEP **e** está para ele um bocado acima do **hobby para intelectuais em** que tu insistes (em relação ao Zé, há uma diferença: eu conheço-o; tu não o conheces, apenas ouviste dizer). Se, porventura, o figurino que ele utiliza é diferente do que usas __ e é __ não pretenderás, certamente, impor o teu figurino como exclusivo (tu, a quem repugnam tão obviamente os figurinos impostos). (C) O facto do Cayolla ser meu parente nunca me impediu, nem impedirá de defender a sua causa pelo simples facto de me parecer uma causa justa. Nem me impediu nem impedirá de o criticar de acordo com as minhas medidas (o que, aliás, já fiz, toma nota).

Quanto aos camaradas do «Jornal de Notícias» __ também aqui estás equivocado. Limitei-me a chamar a tua atenção para a necessidade de ser claro: clareza que mais uma vez recusas. Ou, por outra: recusas-te a afirmar que houve interferência por parte dos redactores no lapso da data da estreia do Mrozek. Pretendes apenas forçar os leitores a pensar nessa hipótese. Então, devo dizer-te claramente que, de facto, não acredito nisso __ e também aqui o não faço por descabidas razões sentimentais ou de classe, tão-somente por recusar juízos a que te prestas com excessiva ligeireza. E não acredito até por razões que dizem respeito à própria organização do Jornal.

1.4. Verifico, com certo gozo, a tua pretensão de me psicanalisar. Homem: por aí não vais lá. Por cá, também já tentaram esse preocesso para me liquidar. Pfff!

Varridas estas testadas (os «cadáveres» eram mais do que pareciam), passemos ao ponto.

2

onde se discute uma filosofia do espectáculo

Voltemos, pois, a falar dos dois espectáculos que aqui encenaste. Devo começar por insistir num ponto, aliás, ligeiramente alterado: recuso-me a ver na «Bernarda Alba» **apenas** uma **aventura estética**. Admito que também o fosse, mas não só. E refiro-me não apenas ao espectáculo como resultado final de um trabalho de criação, mas também à sua elaboração propriamente dita, à sua concepção. Acredito que o tenhas afirmado na Conferência de Imprensa do Porto (mas eu estava lá?). O facto não tem qualquer significado no contexto em que situo os acontecímentos: não podes negar que tudo na «Bernarda Alba» __ desde a mais insignificante marcação __ tem um conteúdo político. (Não era o Godard que dizia mais ou menos que o «travelling» é uma ideologia?). A imagem da manietação do pensamento e dos sentidos ou, por outras palavras, a psicanálise de uma sociedade repressiva era evidente em todo o espectáculo e inseparável da sua realidade puramente estética. Como sabes, o espectáculo estava carregado de signos e estes contêm ao mesmo tempo o seu significante e o seu significado.

Tu falas em Estética de tal maneira que me ponho a imaginar uma Senhora de branco (ou de negro) vestida, sentada a teu lado, acariciando-te a barba, enquanto congeminavas a estética do espectáculo. Esqueces as palavras que escreveste no programa; esqueces o que declaraste numa entrevista publicada neste suplemento: **O que tenho metido na cabeça é uma série de ideias acerca do mundo que me rodeia. E algumas imagens de uma adolescência pouco feliz. Em conformidade, a repressão sexual era para mim algo muito concreto e cenicamente definível. Ao conceber um espectáculo, a única coisa que me interessa é que se identifique com as coisas que me preocupam.**

Ora, entre o que havia de crítico, de denunciador, de mobilizador no espectáculo «Bernarda Alba» e a ambígua carga política do espectáculo Mrozek ia uma distância incomensurável. Com esta agravante: a eficácia do primeiro era multiplicada pela sua qualidade (o que nada tem a ver com o conceito de «espectáculo bem feitinho», como parece pensares). E, coisa curiosa, foi no espectáculo realizado segundo os processos tradicionais, que tu repeles, que pudeste fazer aquilo que não fizeste com o Grupo Independente. Tu próprio dás a explicação deste fenómeno: a responsabilidade da «Bernarda Alba» foi inteiramente tua, o que revela que começaste por ter no TEP uma independência a considerar.

Devo chamar a tua atenção para o facto de não ter posto em dúvida os esforços postos na realização do espectáculo Mrozek, tanto por ti como por toda a equipa. Só pus em dúvida a utilidade, para vocês e para o teatro, desses esforços.

3

onde se fala de contradições

«A Casa de Bernarda Alba» foi da minha inteira responsabilidade __ afirmas. Muito bem: explica-me então, como pudeste aceitar que o cenário não fosse transportável (facto que nem sequer estou a criticar)? Como pudeste adormecer nos **pretensos serviços técnicos do TEP**, quando da deslocação a Lisboa? Em que ficamos em matéria de responsabilidade? Interfere isto com a afirmação em que lamentas nunca ter eu feito qualquer observação ao teu comportamento. Também aqui esqueces o seguinte: (1) Na nota que fiz sobre a presentação da «Ber-

FICHAS NA MESA

4.1 __ (Viajar! Perder países!... Fernando Pessoa): Com o aproximar do Verão, os livreiros preparam guias para a freguesia com desejos e posses para viajar. Os roteiros, uma parte importante da nova cultura de «mass-media», contêm fórmulas para viajar, o que há a ver e como vê-lo: tudo isso é finalmente uma maneira suave e dissimulada de controlar as viagens, fazendo delas não uma aventura pessoal de descobrir, mas um dever social e cultural de ver o que é obrigatório de ser visto; este facto contraria, segundo H. M. Enzensberger, a gratuitidade da viagem, única garantia de liberdade à qual aspira um bom viandante. Por causa disso, aconselho: comprem os roteiros, folheiem-nos na vossa caminha antes da viagem, mas no dia da arrancada esqueçam-nos em casa. Se não, serão apenas turistas que verão o que os outros decidiram que deve ser visto, verão a mesmíssima coisa, de idêntico ângulo, como todos os outros, e, em vez de se perderem num labirinto estrangeiro e quiçá feliz, irão apenas ler a prosa sobre o mesmo. Os turistas, guia na mão, vítimas do triunfo da literatura, não vêem a catedral nem observam a vida, mas apenas as páginas impressas. Depois deste conselho, resta-me desejar boa viagem. Isto é, a viagem!

4.2 __ (Tragédia optimista): Nietzsche dizia que a dialéctica dissolveu a tragédia. Na verdade, teve razão, se analisarmos o nascimento do drama leigo e depois o repertório do século XIX assimilado pelo teatro burguês; no entanto, reencontramos, surpreendentemente, ou não, as criações de tragédias modernas no nosso século. Sucintamente, pode-se considerar que se trata de duas correntes, de dois conceitos contemporâneos de tragédia, opostos. Umas regressam ao homem essencial, ao homem religado à condição humana de sempre, apesar da sua mitologia hodierna inconfundível; estes textos não dissimulam o que na vida se supõe ser imutável e transcendente, colocando muitas vezes as personagens no vazio, no vácuo do «no man's land». É a tragédia beckettiana. Quando a dialéctica se infiltra no texto «À espera de Godot» e nos outros do mesmo autor, ela própria é considerada como mecanismo sem saída, motor que não fabrica coisa alguma, e é exposta a um doloroso escárnio, parte integrante da situação trágico-grotesca do homem.

Outra via da tragédia é a do exemplar, do pedagógico, da proposta para superação histórica: numa palavra, é a «tragédia optimista», que é aliás o título de uma curiosa peça do soviético Vischnievskij, muito discutida nos anos vinte. Tenho na mão uma dessas modernas tragédias optimistas, em tradução recente: **«A Tragédia do Rei Christophe»** do latino-americano Enrique de Buenaventura que recebeu por esse texto o primeiro prémio do Instituto Internacional de Teatro de 1961-62. Bem traduzida, a partir da edição policopiada do Instituto Internacional de Teatro em Paris, vale a pena ser lida, com uma condição: que o leitor seja capaz de ver no texto não a literatura nem a lição da história mas a proposta para um espectáculo; que cada um, mentalmente, saiba encenar «A Tragédia do Rei Christophe». Porque, suponho, ninguém outro o poderá fazer por ele.

4.3 __ (Dada português): «... o teatro é um fenómeno nacional e, logo que se encenam obras europeias, só fazemos **pastiches**, e o nosso público (pelo menos o público popular) só as poderá ver como fenómenos «culturais», ou seja, como um ensino que o não atinge realmente, que o não toca e não se relaciona com ele de modo algum...» __ palavras de Eugenio Dittborn, director do Teatro da Universidade Católica de Santiago do Chile. Lembrei-me delas ao ver o espectáculo com um nome impossível, que estreou no Primeiro Acto. Com um nome, pois, comprido e impossível, já sabem, mas como espectáculo altamente possível. O grupo «Lídia, a mulher tatuada e os seus actores amestrados», numa aventura já «off off» («off» dos circuitos comerciais e «off» dos novos circuitos não comerciais), fora da técnica e estética agora dominantes, fora da crítica possível (os críticos de certo modo enganaram-se falando disso como se fosse um espectáculo de teatro), fora do texto, contexto e da contestação, melhor, preparou uma pequena explosão real no meio teatral português, afinal não são tão reduzidos como dizem as carpideiras profissionais. Preparou o quê? Um espectáculo de **dada** popular, «naif» mas fabricado, «made in» Portugal. Dittborn, se fosse português, alinharia.

4.4 __ (Para Memória): Pedro Tamen aqui, Pedro Tamen acolá. Pedro Tamen continua a dirigir a Morais, no meio das tempestades à volta ou dentro. Pedro Tamen escreve no Expresso. Pedro Tamen foi eleito vogal da direcção da Associação Portuguesa de Escritores. Tudo perfeito. Só peço que não esqueçamos que o mesmo editou há pouco um delgado livro de poesia, «Escrito de Memória», onde se encontram alguns dos mais belos poemas de amor publicados nos últimos tempos em língua portuguesa.

4.5 __ (Boomerang): Se a Sociedade Nacional de Belas-Artes tivesse porventura a fama de sisuda, mais uma vez se prova o contrário. Depois das «Cadeiras» de Sam e outras exposições lúdicas, entrou agora a equipa de Pitum Keil Amaral com «20 Ojectos Metafóricos Contemporâneos». Arte na bicicleta, revolução a cavalo, como dizia outro, surgiu na sala de exposições para estabelecer uma robusta confusão, esta, creio, em segredo ordenada, contabilizada, «design»-izada, encenada, para provocar todos os academismos, de retaguarda e idem de vanguarda. No modo de emprego, diz-se, entre outras coisas: «... num mundo em que somos todos cada vez mais profundos e cada vez mais sérios e, por via de consequência, cada vez mais tristes e cada vez mais estúpidos, esta exposição deve ser utilizada de jusante para montante, quer dizer, contra a corrente... Se o visitante puder fazer o esforço de abdicar da sua sede de aprender mais algumas coisas, de prescidir de enriquecer-se através de absorção de uma nova experiência artística com que possa enfeitar as prateleiras da sua cultura, de deixar esfriar, por uma vez, a sua febre interpretativa e objectiva, talvez consiga efectivamente desaprender alguma coisa e sair da exposição mais leve do que quando nela entrou, menos rico e mais disponível, menos sobrecarregado que é como quem diz menos asno. Em relação a esse visitante a exposição funcionou...»

Única objecção: a exposição, que quer excluir a profundidade e a seriedade, isto é, os dois ingredientes fundamentais da tristeza e da estupidez, mediante a sua imaginação e o manifesto que a acompanha, tornou-se, se não profunda, pelo menos também séria.

E agora?

4.6 __ (Ossos do ofício): Simplesmente Maria... Pois sim. Alguns do grupo dos intérpretes que tentaram «insultar o público» com Peter Handke, desta vez, com outros colegas, conseguiram-no em cheio.

Jorge Listopad

L FÁCIO

GOS À PARTE"

narda Alba» no Capitólio, escrevi: **Criado para um espaço indeterminado — e, aparentemente, intransportável — «A Casa dé Bernarda Alba» (...) foi transferido para um outro espaço sem se ter em conta as incidências que tal facto implicava. (...) Creio, pois, que houve desleixo, de certo modo grave, nesta estreia do TEP.**

(2) Por mais de uma vez, chamei a tua atenção para o facto de ser incorrecto o TEP apresentar apenas um espectáculo durante um ano (embora, repetindo o que disse na minha carta anterior, esse facto não justifique o que se passou).

Devo dizer-te que sempre defendi os grupos independentes, **como não podia deixar de ser.** Mas não posso aceitar uma política de teatro independente que defende o princípio proposto nestas tuas palavras: **Entradas a 85 escudos, sim senhor. Em Lisboa, no Villaret e para o público que costuma ir ao teatro, até me parece demasiado barato. Quanto custa o futebol ou os touros?**

Lembro palavras tuas, na entrevista já citada: **Fizemos** (Os Goliardos) **descer os preços (...) e fizemos um teatro que podia interessar o espanhol médio (...) O público não ia ao teatro, pelo menos a um certo teatro. Os grupos independentes foram buscar o público onde este costuma ir — clubes, centros culturais, residências universitárias, institutos de ensino médio, cinemas, casinos, etc.**

Claro. Nos casos mais interessantes dos nossos grupos independentes, o que observamos? A procura de novos espaços que permitem, ao mesmo tempo, fazer umnovo tipo de teatro e descobrir um novo público. Não basta levantar um padrão de rebeldia: **Os actores devem ser donos do seu trabalho.** (E os dramaturgos? E os encenadores? E os técnicos? Não aceito a tua posição de que **os actores devem ser o centro e o eixo do teatro.** Ainda vou pela equipa.) É indispensável saber qual o significado desse trabalho e a quem se destina. Se um grupo independente utiliza os mesmos processos nas suas relações com o público que utilizaria uma qualquer companhia de Vasco Morgado ou do Teatro Nacional — estou-me marimbando para ele. Admito que um dos possíveis erros do Grupo António Pedro tenha sido esse.

Ainda neste capítulo de «massas», não esqueces uma referência ao que apanho como crítico! (Até te rias, homem!).

Ponho-te esta dúvida: será, ou poderá ser o TEP um grupo independente na medida em que não tem fins lucrativos? Essa independência é, parece, prejudicada pelo facto de o TEP estar subordinado a um elenco directivo amador. Aqui, surge um problema cuja complexidade nos ultrapassa: o das relações entre uma prática artística e uma prática burocrática. Serão inconciliáveis? Poderá a primeira dispensar a segunda? Por mim, ignoro-o. Só sei que verifico a cada passo choques entre uma e outra, com resultados lamentáveis.

Falemos agora de subsídios. Registo que não és em princípio contra os subsídios, só que não estás disposto a submeter a orientação da prática teatral a esses subsídios. Certo. Uma coisa, no entanto, me fez confusão: a tua despreocupação no que se refere às origens dos subsídios. Quem te ler julga-te disposto a aceitar quaisquer subsídios mesmo que sejam da C.I.A. Não o creio.

Insisto em que tanto a tua presença no TEP, por muito ou por pouco tempo, como a existência do Grupo António Pedro só eram possíveis graças aos subsídios que o C.C.T. recebia; insisto que a deslocação a Nacy e a Roma só foi possível graças à concessão de um subsídio (não teriam sido outras as condições para a 2.ª deslocação?). Não posso aceitar as tuas negativas, no que se refere a estes pontos.

Quanto ao facto da actual direcção do TEP ter sido eleita nas condições referidas, embora seja estranho, não terá sido estatutário? Não é verdade que não apareceu outra lista para ser eleita? E não é verdade que alguns sócios que votaram contra, tinham entrado só para isso ou puseram as cotas em ordem no último momento? Quanto às **carteiras gordas** dos directores do C.C.T., sabes muito bem que isso não corresponde à verdade. É, e tem sido normalmente, gente que trabalha e que vive do seu trabalho. Porque se dispõe a gastar tempo e energias com aquela chatice — que queres que te diga? Será uma questão de masoquismo.

Apontas factos sem dúvida graves. É contra coisas como essas (directores que ganham dinheiro; negligências que custam caro ao C.C.T.) que eu acho que vale a pena lutar, sobretudo no momento próprio. Por essas e por outras (também) é que as coisas estão como estão.

Resta, nesta parte, referir-me ao facto de a direcção do C.C.T. ter demitido o Grupo Independente. Aqui trata-se de uma opinião pessoal — creio que as atitudes assumidas pelo Grupo, e por ti, inclusive na própria eleição dos corpos gerentes, não poderia deixar de provocar esse desfecho. Não se pode pensar em dar patadas sem sofrer as respectivas consequências. (Eis uma observação que devia ter feito anteriormente, de acordo).

4

onde se garante que os críticos teriam de ser inventados

Pois é, meu caro, se os críticos não existissem teriam que se inventar. Por razões óbvias: qualquer actividade criadora, ou produtora, implica consequências como aquelas que uma actividade crítica manifesta. Desde a mera informação à mais difícil análise do espectáculo — a crítica participa íntima e activamente desse complexo de que fazem parte os artistas e o público. Pode discutir-se qual a fórmula mais correcta e mais adequada às próprias transformações do espectáculo, que a actividade crítica deve assumir. Não tenho, no entanto, dúvidas de que essa actividade tem alguma (embora limitada) utilidade.

Caro Facio: esse argumento de que o crítico analisa para a sua função, mais ou menos agressiva, as repressões, os complexos, os recalcamentos de que é vítima, é um argumento banal e também dele já fui vítima. Por mim, não tenho complexos de nenhuma espécie a esse respeito. Faço as coisas o melhor que posso e sei — ciente, de que a projecção e a influência do que escrevo são efectivamente escassos mas não totalmente nulos. É porque vivo num país «cindido», como dizes, que considero relativamente útil aquilo que faço (de outra maneira não o faria). É que não há apenas um público: sei que o público que é influenciável por um anúncio da TV é impermeável àquilo que escrevo (nem sequer me lê) mas sei também que há outros públicos (o facto de no seu conjunto serem minoritários, não lhes retira importância sociológica) que podem (ou não) interessar-se pelas minhas palavras.

Entre o pensar a resposta à tua carta e teclá-la, aconteceu um episódio que vem a propósito. Estava numa estação de «metro» à espera de um comboiozinho quando um homem que me era desconhecido se me dirigiu cumprimentando-me pelo nome. Parecia-me que nunca o tinha visto nem mais gordo nem mais magro, mas como sou obrigado a contactar com muita gente o facto não seria anormal. Explicou-me o senhor que me conhecia do jornal, que era velho leitor das minhas críticas. Conversámos e vim então a saber que o meu leitor era (é) um amador de teatro que costuma dirigir um grupinho lá na sua aldeia. É carteiro e faz teatro apenas por gosto, sem ideias preconcebidas em fazer bonitos ou em transformar o Mundo, embora não ignore as funções possíveis do teatro.

Não sendo um facto isolado, este encontro não tem para mim nenhuma especial importância. Meço-o exactamente por aquilo que vale: algures na província, há um homem que faz teatro e a quem as minhas coisas não são indiferentes. É tudo.

Aqui está como quase sem querer caí no pecado do confessionalismo pateta, como se não houvesse coisas mais importantes. Quando me falas, por exemplo, na irresponsabilidade da crítica, pergunto a mim mesmo, o que significa, porque é a crítica mais irresponsável do que qualquer outra actividade. Pelo contrário, o facto — lamentável — de ser uma função isolada, excessivamente individualista, torna aquele que a exerce mais responsável porque sem alibis, porque oferece, sem máscaras, a cara ao manifesto (simbolicamente, claro) quantas vezes envolvido, por razões que muitas vezes nem lhe dizem respeito, em batalhas de que não se pode manter afastado não por ser o guardador da verdade ou da justiça, mas porque faz parte do seu trabalho intervir onde lhe pareça útil essa intervenção (com os inevitáveis erros de cálculo). Não estou a ver o crítico como o técnico que analisa o espectáculo e se retira deste grande teatro do Mundo, mas como um homem que suja as mãos na m... que o cobre. Depois, de ser confessional, estou a ser académico.

É melhor ficar por aqui.

epílogo (outra vez em farsa)

Esperarei calmamente por uma nova resposta tua. Como sabes, no Verão as «teatradas» escasseiam e eu conto com as tuas dramáticas reacções aos meus baldes de água fria para preencher a minha parte do suplemento durante estes meses de seca.

CARLOS PORTO

Nota: De facto, a utilização da tua fotografia «de burro» foi uma manipulação da minha parte. Mas não tão grosseira como isso. Quis dizer na minha proposta polémica que havia uma margem para a brincadeira, para o jogo (no sentido teatral). Que não valia a pena solenizar... Má crítica a tua, meu caro Fácio, má crítica...

Nota: A «Carta a um amigo crítico de Lisboa» referida por Angel Facio no número anterior, foi publicada no suplemento «Mesa Redonda» deste jornal do dia 23 de Março de 1973. Não foi publicada na íntegra. Os cortes que lhe fiz referiam-se unicamente a referências pessoais que não me pareciam com interesse. Aliás, essa carta era acompanhada por uma outra, pessoal, em que se dizia que podia fazer as modificações que julgasse convenientes.

CARTA DO NORTE PARA O SUL E VICE-VERSA

CARTA DO NORTE

Meu amigo, apesar de tudo a continuação é a mesma. Imagina tu que esta noite, depois de termos ficado ao cimo da vila reunidos em grupos de amigos, levantámos ferro cada um para sua casa.

Cheguei ainda não era meia-noite. Lá dentro, fechada no quarto, a minha tia mais nova elevava o rosário. Na cozinha, a velha desmantelava uma meia enganada. A outra, já feita, repousava a seu lado. Pensarias, tal como eu, que ela se deixava ficar parada. No entanto, e aprofundando um pouco o assunto, lendo nas suas rugas de mulher sacrificada, chegarias à conclusão de que um movimento solene, o da experiência, lhe cavava o saber como as coisas se fazem.

Tive depois um sonho fantástico. Vista de fora, à tarde quando andávamos no passeio, vista de fora a última casa da vila, ao lado do campo da bola, só teria com certeza o esqueleto. A areia, espalhada desde longe, chegava ali em montes onde a relva emergia viçosa. Entrámos por uma porta larga e lá dentro o mover da vida persistia na madeira trabalhada que separava os quartos, as salas, o grande salão do bar que parecia mesmo um local de venda. As prateleiras, o balcão, tudo o que é natural num sítio destes sobressaía numa cor que se ficava entre o castanho e o encarnado. Lá fora, na rua principal da vila, a carruagem da uma hora, o correio, passava.

Depois de termos andado por ali às voltas, rememorando o desejar uma tal casa, avançámos até à rua, e vê tu que a porta larga, por fora vista antes e nem sequer completa, abria agora para a mesma areia mas desvendando lá ao fundo um rio que vinha em torno da vila. Apresentava a margem direita cheia, detritos à farta, restos de quem ali vivia; só um pouco para cá, da colina onde quase findam as casas se transformava em água límpida com breves ilhotas no meio; de resto, se te lembrares do rio Tua, era exactamente isso, um rio além em cachoeira e a seguir a água pura deslizando como quem não quer a coisa.

Tecemos considerações, enquanto andávamos ao longo da estrada sem perder de vista a curva onde o rio se esvaía, sobre a possibilidade de aproveitarmos aquela aparição de repente, um rio próximo da vila; não estávamos habituados a vê-lo, de mão beijada tornejando as casas primeiro da portela, depois afastando-se da praça, arrastando coisas, deixando-as. Preocupados, avançámos com o Mário, imagina, um pouco ao lado do muro, enquanto as irmãs dele se sentavam neste, atentas e confusas, pouco habituadas a ouvir falar do futuro daquele modo.

Entretanto, sofismava-se-me aquela presença dele, Mário, filho de rico ali no meio de nós, entusiasmado. Há duas destas famílias que se não dão; uma, a do ex-presidente da Câmara, outra a do actual presidente, desde sempre à espera; conseguiu finalmente o posto, e era o filho deste, moço um pouco desordenado, quem falava agora mal da própria família, investindo-se no lugar de filho do ex-presidente da Câmara, o Jorge; vamos lá ver se nos entendemos: embora a nosso lado caminhasse o filho do presidente da Câmara, o Mário, era como se fosse o filho do ex-presidente quando às tantas lhe olhei para a cara; já então ele avançara coisas sobre a própria família como só um inimigo faria.

A confusão na minha cabeça nem sequer era muita; natural era substituirem-se os filhos de duas famílias enquanto um deles falava; ora era o Mário, ora mudava para o Jorge. Entretanto nós vigiávamos o rio, e poderia, dentro dos limites estreitos em que nos movimentávamos, noite escura, adiantar apenas que o Verão se passaria doutra maneira, com a malta à porta do café de cima até tarde, à espera; eles passariam, uns e outros, e dentro do nosso observar apenas se trocariam as situações, sendo a mão branca do actual presidente da Câmara um acenar para o filho debruçado a falar de coisas que se iam e quebravam enquanto era substituído pela cara do outro, filho do ex-presidente da Câmara, que lhe pegava na palavra.

CARTA DO SUL

Caramba, que coisas me contas. Um fio na nossa vila, uma vila transmontana ao fundo dum monte com capelas e rodeada de quintas. Que dizes tu da malta ao domingo parada? Alargas-te pouco e falas do rio como se fosse um desejo de pureza.

Por aqui, a esse nível que mais adiantas, as coisas põem-se doutra maneira. Ontem, por exemplo, o director duma escola de línguas onde ando organizou uma excursão para os alunos. Fomos, eram três da tarde, ao passeio num autocarro de turismo, depois de cada apresentado aos turistas convidados, que aproveitavam a volta arrebatados a maioria ao parque de campismo de Monsanto. Para o director era uma questão de princípio trocarmos umas palavras com ingleses, alemães ou franceses; dedicados, avançámos ao lado das raparigas louras, deles, de mulheres com seus maridos, de jovens que vinham em grupo; os sim (yes) fervilhavam, e uma das primeiras perguntas que me fez a companhia, uma inglesa a viver na Nova Zelândia, foi quanto me custava o curso. Quanto custa (How much), disse, prática, e senti-me às aranhas para lhe dizer que muita massa; especificou melhor a pergunta por cada lição para entender melhor a resposta e a minha vontade era falar correctamente ali ao para fora, rumo a Sintra; perguntou-me (asked me) se as ruas de Lisboa eram limpas assim todos os dias, isto vendo os homens da Câmara lavando-as perto do Tivoli, àquela hora; respondi-lhe que no Centro (in the Centre) e ela deduziu rápido, que para os que vêm de fora.

Seguimos pela marginal, cada respondendo conforme podia, numa vontade doida; o director não perdia patavina e entretanto chegávamos a outro parque onde caçámos dois alemães, um casal, dedicados a duas freiras, alunas prestes a partir para a Alemanha: expliquei à minha companheira que iam por causa dos emigrantes, e disse isto, emigrantes, em meio português, palavra entendida por ela, saída um dia de Oxford (England), onde nascera mas não estudara (but didn't study), para casar com o zelandês simpático ali sentado atrás, junto de um jovem vivo quase chefe numa empresa de grupo inglês instalado em Lisboa; contei-lhe que tinha uma prima em África, que esta tinha duas filhas lá com ela, isto dizendo olá (hello) à filha (daughter) ao seu colo sentada e atenta; e foi isto, sobre a estada dela, prima, e dela, inglesa, cada fora de casa, que chegámos a Cascais; falou também sobre o custo da comida (food) em Lisboa, muito cara (very expensive), ao contrário de Espanha (Spain) e sobre o vinho; apontou algumas marcas indicadas por mim e pelo director nas margens do mapa, este servido depois para ela me indicar, rumo a Sintra, que na Costa Brava (in the south of Spain) muitas pessoas (many people) falam inglês, enquanto que em Madrid nada (nothing), ninguém fala aquela língua; ao contrário de Lisboa, onde as lojas (shops), os restaurantes (for exemple), têm pelo menos um elemento apto a falar com os turistas. Em Madrid, disse, havia era milionários (millionaires) americanos, coisa que não tinha visto ainda em Lisboa; aqui, apontei-lhe várias casas em redor de Cascais, falei-lhe do Estoril, abri um pouco a Costa do Sol ao seu fraco saber de emigrante turista vivendo à justa.

E assim chegámos a Sintra, as irmãs deleitadas a avançar no alemão com o casal deveras vivo, toda a gente entretida a alinhavar frases, casos de malta portuguesa à farta aprendendo estas coisas: a moça que vai a concurso para secretária, o empregado de uma firma inglesa ou americana em Lisboa, o moço emigrante que vai para fora, etc.

Comemos queijadas na esplanada, bebemos do verde em silêncio. Eles bem se esforçavam, mas a melancolia abalava connosco ali sentados a ver passar a Primavera; em carros de cavalos, em automóveis (cars), as famílias ou só casais de turistas avançavam pelas ruas, cruzavam o largo enquanto o castelo da Pena se mostrava receptivo. Regressámos, findava a tarde, pelo caminho mais curto, um pouco desnorteados pelo esforço; muitos dos turistas ficaram em Monsanto, entre os quais a minha professora do dia (my teacher of the day) agarrada à filha, ao lado do marido, frente ao parque de campismo; ficaram outros pelo caminho, e nas nossas cabeças as frases torneadas aglutinavam-se, desciam à garganta, misturavam-se com o português que já falávamos ao longo da auto-estrada.

ANTÓNIO MODESTO NAVARRO

Os abusos do tabaco bem patentes nesta brincadeira de mau gosto, captada pela objectiva do nosso leitor sr. José Alves

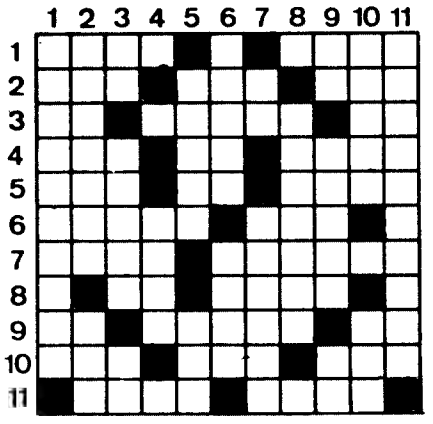
PASSATEMPOS

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10 463

HORIZONTAIS:

1 Aquele que. Deseja.
2 Larva das feridas dos animais. Progenitor. Espaço de doze meses.
3 Idem. Nome de mulher. Tálio (s.q).
4 Troças Em a. Um dos estados do Brasil.
5 Rezo. Artigo definido. Sair frequentemente à rua.
6 Caixas de madeira, couro ou lona transporte de roupas em viagem. Ente.
7 Gostar muito de. Qualquer som articulado.
8 Troça. Nome de mulher.
9 Basta Querido Cobalto (s.q).
10 Gavinha. Estime. Freguesia do concelho de Torre de Moncorvo.
11 Serra de Portugal. Cidade da Arábia



VERTICAIS:

1 Pessoa que exerce a quiromância.
2 Tramaram. Fileira.
3 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Referente ao Sol. Língua antigamente falada ao sul do rio Lore.
4 Cantiga.
5 Tecidos de lã, linho ou algodão Oceano.
6 Estacionas. Vendem a Crédito.
7 Item Liguem.
8 Estudo.
9 O mesmo que uma (ant e pop). Dourada. Mil e cem em romano.
10 Penetra Filtra.
11 Rebolaríamos.

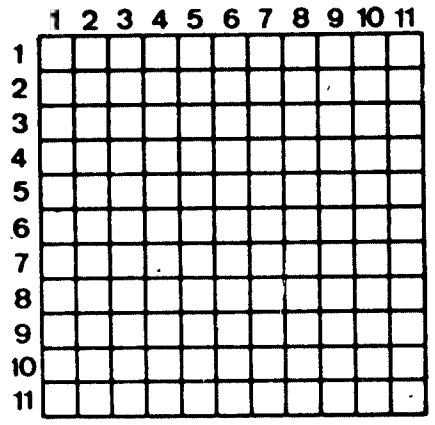
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6 620

HORIZONTAIS:

1 Assembleia Constelação zodical que é a sexta a partir do Aries.
2 Pernadas de sobreiro. Fendi
3 Pelos de certos animais. Um cento. Ilha de Cabo Verde (inv.)
4 Solução. Pássaros.
5 Oásis. Espécie de pandeiro usado pelos povos do Norte de África.
6 Antes de Cristo. Chama a si. Antes do meio dia.
7 Pessoa perversa, bárbara, ignorante ou sovina. Limpa com vassoura
8 Aleias. Lavram.
9 Ofereceis. Desejai.
10 Capital da Birmânia. Bigorna de aço sem hastes. Escarneça (Ind.º)
11 Grande árvore da Núbia espécie de mimosa. Tecido de algodão ou linho muito transparente.



VERTICAIS:

1 Oxido de cálcio. Aborrecimentos.
2 Rezai. Ocultava.
3 Vinte mãos de papel. Mal parecidas.
4 Reis. Deras pios.
5 Talhes. Basta
6 Crença. Em a.
7 Assassinava. Escândio (s.q).
8 Ilha francesa fortificada do Mediterrâneo. Zombara.
9 Tornar a ler. Ramagens.
10 Grandes. Equipais. Grande Equipais.
11 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Estime. Cólera.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 462

HORIZONTAIS:	VERTICAIS
1 Atroa. Morto.	1 Acaba. Horas.
2 Crepitariam	2 Trio. Marota
3 Ais Ari	3 Res Co Ocas.
4 Bo Coral. It	4 Op Cora. Ara.
5 Colorir.	5 Airol. Si. Ao
6 Mor NÃO.	6 Ro SEM
7 HA. Assoa Cá	7 Mamar No. Pt
8 Oro Ien Fum	8 Or. Lina Lar
9 ROCA Lulu.	9 Ria. Rã FUSO.
10 Atara Pasta	10 Fari. Oculta.
11 Sasão Troar	11 Omita. Amuar

PROVÉRBIO Não há roca sem fuso

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6 619

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Pista. Renal.	1 Papas. Calca
2 Adro Lati	2 Idosa Raiar
3 Pôs. Mim. Ois	3 Srs Mui Sio.
4 Às Paras. Rã.	4 To. Polvo Al
5 Samos. Lapas.	5 Mas Opa.
6 UI Ra	6 Vir Ena!
7 Crivo Tropa	7 Mal. Tri.
8 Aa Opere Am	8 El. Sarre. Ma.
9 Lis ANI Cru	9 Não Pão Cal
10 Caia Maçã	10 Atira. Parca
11 Arota Calar	11 Lisas. Amuar

os Kolans

LIVROS RECEBIDOS

EDIÇÕES COSMOS

A HISTÓRIA SOCIAL — PROBLEMAS, FONTES E MÉTODOS
A. Soboul, M. Crubellier e outros
Prefácio de Vitorino Magalhães Godinho
Colecção Coordenadas

EDIÇÕES PLEXO

UM DEUS NA PALMA DA MÃO
Josué da Silva
Colecção Trópicos — n.º 1

EDITORES ASSOCIADOS

D. CAMILO E O SEU PEQUENO MUNDO
Giovanni Guareschi
Tradução de Francisco Costa
Colecção Unibolso — n.º 10

MAU TEMPO NO CANAL
Vitorino Nemésio
Colecção Livros Unibolso

EDITORIAL FUTURA

I CHING — **MANUAL DE ADIVINHAÇÃO**
Versão de Mirko Lauer
Tradução de Carlos Figueiredo
Colecção Meridianos

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

AS ORIGENS DA BURGUESIA — **2.ª edição**
Régine Pernoud
Tradução de F. S.
Colecção Saber — n.º 5

DISCURSOS PARLAMENTARES DE AFONSO COSTA
Compilação, prefácio e notas de A. H. de Oliveira Marques
Colecção Obras de Afonso Costa

passe as suas férias ou fins de semana no ALGARVE

motel alagoas-LAGOA
Apartamentos para 2 e 4 pessoas, a seis quilómetros da Praia do Carvoeiro. Bar-Boite-Restaurante-Piscina-Garagens individuais.

ALDEAMENTO SOLFÉRIAS
Carvoeiro-telef. 57123
Encantadoras moradias, rodeadas de jardins, a 300m. da Praia do Carvoeiro. Snack-Bar e Piscinas. Moradias para 4, 6 e 8 pessoas. Serviços de limpeza incluídos na diária. Os nossos hóspedes podem beneficiar de transporte gratuito, assegurado pelos nossos serviços, para a Praia do Carvoeiro, onde têm instalações de apoio.

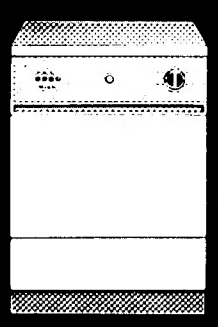
RESTAURANTES
CENTRO HÍPICO DE VILAMOURA
serviço de bar-telef. 66108
BOTECO
praia do paraíso-Carvoeiro
Tome o seu banho numa Praia de Paraíso e almoce connosco.

DESPORTOS
CAVALOS
Lições-Passeios acompanhados-Pensionato para cavalos particulares
GOLF
A curta distância do Centro Hípico e da praia maravilhosa da Quarteira, um campo de 18 buracos.

FAÇA JÁ A SUA RESERVA
NO ALGARVE
lagoa Tel. 52243-52268
EM LISBOA
Serviço de Relações Públicas da Somotel
Avenida Infante Santo, 56 A-Tel. 661036-676684
Telex 1549 Imobil P

Máquina de lavar louça G 230

Distinguida pela sua apurada técnica de lavagem, fruto duma longa experiência.



- Programas universais
- 3 braços de aspersão rotativos
- Potente bomba de circulacão
- Descalcificador de água de grande capacidade
- Secagem por condensação com aquecimento adicional
- Interior em aço inoxidável – exteriormente esmaltada

Miele

NOVOLAR
139 — Rua Ferreira Borges — 143
Telef. 687938 — Lisboa 3

Noticiário editorial

● COLÓQUIO/LETRAS

..Em edição da Fundação Gulbenkian acaba de ser distribuído o n.º 13 da revista «Colóquio/Letras», correspondente ao mês de Maio último.

..A revista, que é dirigida pelos srs. profs. Hernâni Cidade (director) e Jacinto do Prado Coelho (director-adjunto), insere o seguinte sumário: **Ensaio** — «A Recuperação Literária do Galego», por M. Rodrigues Lapa; «Blaise Cendrars e o mundo luso-brasileiro», por Raymond Wernier; «Rumor Branco», um romance de autorepresentação», por Cleonice Berardinelli; «O Subjacente e a Escrita em 'Memória', de Álvaro Guerra», por José Martins Garcia. **Documentos** — «Duas cartas inéditas de Teixeira de Pascoais a Ribera i Rovira», com uma nota de Félix Cucurull. **Ficção** — «Família», de António Rebordão Navarro. **Poesia** — «Poesias de Armindo Rodrigues»; «Talvez Penélope», de Lélia Coelho Frota; «Barrocolagem», por Afonso Ávila; «Meditação em Éfeso», por António Carlos Leal da Silva; «Autobiografia», de Y. K. Centeno. A revista insere também a rubrica «Notas e comentários», com a colaboração de Eduardo Lourenço («Da poética para a poesia de Fernando Pessoa» — a propósito da «Teoria Poética de F. P.», de Georg Rudolf Lind) e Jorge Listopad («Cinema e ficção: elementos para a filmagem de «Alegria Breve»).

..A revista «Colóquio/Letras», que inclui a reprodução de duas páginas do «Portugal Futurista», 1917 e o retrato de Almeida Faria, publica também cartas do Brasil e de França, respectivamente de Nelly Novaes Coelho («Erico Veríssimo: um contador de histórias») e de Robert Bréchon («Deux Centenaires: Colette e Péguy») e Crítica de Livros, Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira e, finalmente, as secções «Informação Literária» e «Revista de Revistas», incluindo uma expressiva ilustração de Manuel Lapa, a pág. 54.

● EDITORIAL FUTURA

..Traduzido do original escrito em esperanto, «Da Arte e da Morte», cujo autor é Miyamoto Masao, é uma colectânea de novelas que apresenta quadros de momentos particularmente significativos da vida de oito grandes artistas japoneses, episódios que ajudam a entrar a fundo, sem o exotismo ou o romantismo habituais em obras deste tipo publicadas no Ocidente, na alma japonesa e a vislumbrar a riqueza da sua cultura.

● LIVROS DO BRASIL

..«Bandeirantes e Pioneiros», de Vianna Moog, interessa tanto a brasileiros como a portugueses. Nele, o autor estuda as características étnicas, geográficas, religiosas, económicas e sociais que mais respondem pela diferença entre a civilização brasileira e a norte-americana. Pondo-as em confronto, não só para surpreender-lhes os contrastes essenciais, senão também para investigar as causas que levaram os Estados Unidos a avançar em «ritmo de progressão geométrica, enquanto o Brasil se manteve em ritmo de progressão aritmética», em seis capítulos que valem como ensaios autónomos sem prejuízo da unidade do livro. Vianna Moog faz verdadeira análise espectral das duas civilizações. Tendo viajado muito através do Brasil e dos Estados Unidos, a observação directa os contactos pessoais e o lastro indispensável de leituras especializadas, forneceram-lhe a oportunidade e os elementos com que compôs esta obra, sobre a qual Erico Veríssimo se exprimiu nos seguintes termos: «Penetrante, revelador, corajoso, este livro provocará discussões apaixonadas e ficará na história literária brasileira ombro a ombro com «Casa Grande e Senzala», de Gilberto Freyre.

..— Na colecção «Vampiro» acaba de sair mais um livro de Erle Stanley Granger, «O Caso da Boneca Maliciosa».

— A colecção «Argonauta», dedicada à ficção científica, tem mais um volume. Desta vez, trata-se de «O Homem que Pintava as Estrelas», de Lan Wright.

● PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

...— «A Longa Revolução», último livro de Edgar Snow, aumenta em muito o conhecimento da «verdade» sobre a China e os seus dirigentes, em relatos das demoradas conversações do autor, antes e depois da Revolução Cultural, com Mao, Chu e muitos outros que o conheceram durante mais tempo e melhor do que a qualquer outro ocidental.

—.O sexto volume dos «Novos Cadernos» é dedicado à «Emigração — Problema multinacional» e contém um texto de autor português, especialmente escrito para estes cadernos. Esse autor é António Teixeira de Sousa. Os restantes textos são de A. Girard, Tahar Ben Jellun e Dominique Lahalle.

— O assunto da droga ultrapassa a esfera do intoxicado e do traficante. Tal como o urânio ou o petróleo, a droga interfere com os interesses do Estado. «A Verdadeira Guerra do Ópio», de Michel R.. Lalberti e Catherine Lamour mostra como, sob a capa de muitos «slogans» humanitários e cívicos, se está a desenrolar uma luta que opõe forças diversas, nomeadamente as grandes empresas farmacêuticas europeias aos poderosos laboratórios norte-americanos.

— Na colecção «Conhecer a Criança» apareceram dois novos títulos: «Para Descolonizar a Criança», de Gérard Mendel, que, através das acesas controvérsias a que abre as portas (direito de voto aos 12 anos é apenas uma das suas utopias...), pode proporcionar uma meditação sobre as relações entre o indivíduo, a sua educação e a sociedade; e «A Mãe e o Despertar Sexual do Filho», de Françoise Bénazet-Marty, em que, retomando as etapas e as circunstâncias mais marcantes da infância e da adolescência, se procura salientar os sentimentos da mãe perante as atitudes dos filhos tanto no plano da vivência pessoal como no dos objectivos educativos.

— Em nova edição, acaba de ser publicado o romance de Carlos Oliveira «Uma Abelha na Chuva», exemplo da mais moderna e empenhada ficção portuguesa, romance vigoroso, percorrido por uma escrita poética, por um sopro épico que lhe acentua a força e o impacte.

— «A Sociedade de Consumo», sétimo volume dos «Novos Cadernos», desenvolve uma tentativa de resposta à pergunta que deve ser hoje, para todos nós, objecto de atenta reflexão: «Não estaremos nós a ser mais objectos de consumo do que consumidores?»

— Ocupando o seu lugar nas séries de banda desenhada, apareceram albuns de «Mafalda» e de «Pippi da meias altas.º

● PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

— Lançado agora em segunda edição, «As Origens da Burguesia», de Régine Pernoud, é um livro que oferece ao leitor a oportunidade de acompanhar a formação, evolução e consolidação da sociedade burguesa, a sua luta e a sua marcha para a conquista do poder económico, social e político. Régine Pernoud centra a sua investigação sobre acontecimentos da história de França que vão desde o feudalismo à revolução de 1789 e ao Directório, mas o interesse do tema alcança a transcender os limites da história nacional de um país. E a autora proporciona o quadro fundamental da evolução histórica europeia fornecendo uma série de dados cujo conhecimento se torna indispensável a todos aqueles que desejem compreender os mecanismos e estruturas da própria sociedade ocidental contemporânea1

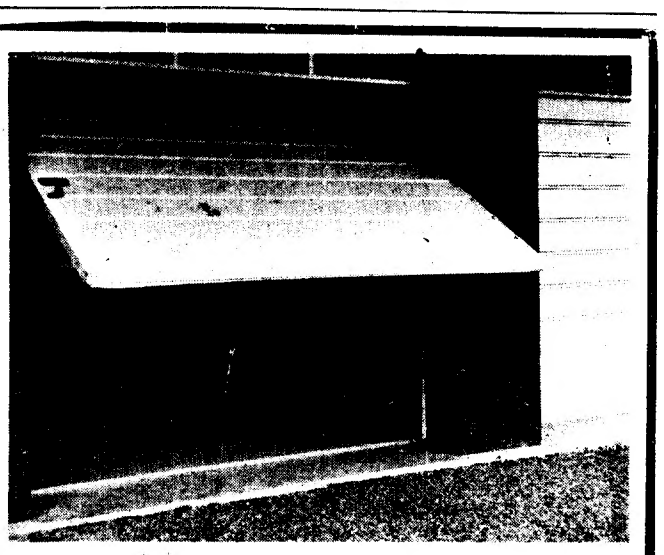
— «A Vontade de Viver», de Arnold Hutschnecker é um livro que data de 1951 e que, desde então, foi objecto de quinze edições, uma das quais, em 1960, publicada pela Agência de Informação dos Estados Unidos em chinês. Foi também publicado em todas as edição estrangeiras do **«Reader's Digest»**. Em edição resumida, foi publicado em 1964 na Polónia, não obstante o conceito ocidental dos principios psicodinâmicos em que «A Vontade de Viver» se baseia não ser geralmente aceite nos psíses comunistas.

— Em «A República Espanhola e a Guerra Civil», Gabriel Jackson, seu autor, faculta um estudo verdadeiramente científico da crise vivida em Espanha durante a década de 30, dando ao leitor a oportunidade não apenas de um conhecimento factual, mas, e sobretudo, interpretativo do conflito. Segundo o crítico americano Robert Colodny, este livro «consegue o que muitos tentaram em vão: descobrir com base numa profunda investigação sobre a moderna história espanhola, os factores que impediram a República de vingar. (...) O autor compreende e analisa as estruturas, as tradições, as paixões e os conflitos de ambições da sociedade espanhola.»

..— Na colecção «Europa-América Juvenil» foi publicado o livro de James Forman «A Caminho de Israel».

● PORTUGÁLIA EDITORA

— «A Família Bellamy», de John Hawkecworth é uma crónica familiar cuja acção decorre em Londres no período de 1903 a 1910. Por ela desfila uma galeria de personagens que constituem um microcosmo da era eduardina, reflectindo as ambicões, os escândalos, as preocupações da sociedade inglesa daquela época.



«BOLTON»
PORTAS BASCULANTES E INDUSTRIAIS
Visite-nos na F. I. L. - 73 — Stand 1348/51
REPRESENTANTE GERAL:
OTIL
Praça Mousinho de Albuquerque, 132 - 2.º — PORTO
DISTRIBUIDOR NO SUL:
JOSÉ BARROS, LDA.
Rua José Duro, 21 - B — LISBOA - 5 — Telef.: 71 25 40

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
DIARIAMENTE ÀS 21,45 HORAS
BRINCADEIRAS
GRUPO C / 14 A
SÁBADO SESSÃO ESPECIAL ÀS 24 H.
Av. Almirante Reis, 115-A
(lado Cervejaria Portugália)
PREÇO ÚNICO 20.00
SUBSIDIADO PELA CALOUSTE GULBENKIAN

INQUÉRITO

A CRISE DA ORQUESTRA GULBENKIAN

DA VANTAGEM DE TRAZER A VIOLA E DA DESVANTAGEM DE LER O JORNAL ...

Certo dia de 1964, pelas novas horas da manhã, recebi em minha casa um telefonema da Gulbenkian. Pediam-me que lá comparecesse imediatamente.

Fala António de Oliveira e Silva, violetista, expulso recentemente da Orquestra Gulbenkian em consequência dum processo disciplinar.

Então não trouxe a sua viola? — Perguntou-me o sr. Colaço quando cheguei à porta da Fundação.

Era no tempo dos pavilhões pré-fabricados, onde a Gulbenkian se encontrava provisoriamente instalada, e do maestro Voeglin, que também foi muito provisório na orquestra.

Fui buscar a viola a casa e fiquei à espera. Tratava-se dum concurso para preenchimento de vagas da orquestra.

António de Oliveira e Silva tenta explicar esta insólita maneira de convocar pessoas para concursos:

Na altura, estando a Orquestra Gulbenkian numa fase de crescimento e de alargamento dos seus quadros, havia uma certa rivalidade entre a Fundação e a Emissora Nacional. Para evitar um conflito aberto, as coisas faziam-se pela calada. Este concurso não tinha sido anunciado publicamente. Era um concurso à porta fechada, perante o maestro e os restantes concorrentes, realizado de afogadilho antes do início do ensaio da manhã.

E acentua:

Eu pertencia já há bastante tempo à Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, mas, evidentemente, estava interessado em ingressar em qualquer outra que me oferecesse melhores perspectivas artísticas e profissionais. Como, na altura, era o caso da Orquestra Gulbenkian. Mas quem tomou a iniciativa não fui eu. A Fundação é que me convidou — assim, pelo telefone, e depois, verbalmente, por intermédio dum funcionário — a prestar provas num concurso que eu ignorava até meia hora antes de ele se realizar.

Em que consistiram as provas?

Qualquer músico que se preza tem sempre umas peças mais ou menos preparadas. (Toquei o que melhor me pareceu.) No fim, o maestro disse-me que receberia uma comunicação em casa.

E a comunicação chegou realmente, poucos dias depois:

Assinada pela directora do Serviço de Música, dizia que as minhas provas tinham sido satisfatórias em mérito absoluto, mas que, não havendo mais vagas de momento, só seria admitido logo que vagasse um lugar.

O que se passou a seguir não foi, porém, tão linear como isso:

Ao maestro Voeglin sucedeu a breve trecho o Ruotolo. Para minha surpresa vi então anunciada nos jornais a abertura de concurso para preenchimento de vagas na Orquestra Gulbenkian, nos naipes de violinos, violas e contrabaixos. Foi a minha vez de escrever uma carta: pretendia saber, no caso de ainda estar interessado em ingressar na Orquestra, qual era a minha posição em face deste novo concurso.

A resposta não se fez esperar:

Comunicaram-me que «por recente deliberação superior» os concursos para admissão na Orquestra de Câmara Gulbenkian só eram válidos para o preenchimento das vagas existentes à data da sua realização. Esta decisão invalidava as provas prestadas em anteriores concursos e tornava sem efeito a carta que me tinham endereçado havia cerca dum ano...

É o que se chama dar o dito por não dito. Não contente com isto, a directora do Serviço permitia-se ainda convidar-me para o novo concurso. Claro que recusei.

Mas, decorridos dois anos, as coisas recompuseram-se:

A propósito de ir reforçar a Orquestra Gulbenkian, na minha qualidade de membro da Sinfónica da Emissora, a directora do Serviço propôs-me o ingresso na primeira, já sem ser necessário concurso ou provas de qualquer espécie. Disse-me apenas: «Pode entrar quando quiser, mas com uma única condição: não vir para cá revolucionar a orquestra».

Eis, em resumo, a acidentada história da entrada dum violetista português nos quadros da Orquestra Gulbenkian. Desde então (1966) nenhum problema de vulto surgiu, relativamente à situação deste músico, até que, em 1969...

Tudo se começou a complicar logo que participei nos primeiros concertos do Grupo de boa, fundado e dirigido por Jorge Peixinho. Eu e os outros colegas da Orquestra que pertenciam ao Grupo deparávamos com grandes dificuldades. As autorizações para actuarmos fora da orquestra arrastavam-se, não nos eram concedidas quaisquer facilidades. Era evidente que a Fundação não estava interessada na existência do Grupo e muito menos em que nele participassem músicos da Orquestra Gulbenkian.

O proverbial medo da «concorrência»...

Surgiu em determinada altura um convite para o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa dar um concerto na Galeria Ogiva (em Óbidos), associando-se assim à sua inauguração. Tratava-se dum concerto gratuito, tanto para o público, que era convidado, como para os artistas, que não recebiam «cachet». Concerto que se realizava num Domingo à tarde, sem prejuízo das nossas obrigações profissionais para com a Orquestra Gulbenkian. A Fundação não tinha qualquer direito de interferir. Era o mesmo que interferir na nossa vida particular. Por isso, e em face também das recentes dificuldades levantadas, decidimos não pedir autorização ao Serviço de Música. Pois bem: em consequência dessa nossa atitude fomos proibidos de tocar fora da Fundação por período indeterminado.

O Serviço de Música foi sempre mais cioso da sua autoridade do que do cumprimento da sua missão cultural.

Passado algum tempo, essa proibição foi levantada, mas exigiu-se que de futuro não bastaria pedir autorização para os concertos do Grupo. Tínhamos que garantir também que nenhuma notícia sairia nos jornais antes de tal autorização ser concedida. Além disso, exigia-se que o pedido de autorização desse entrada no Serviço de Música com um mês de antecedência sobre a data do concerto.

O alto critério da burocracia...

Depois disto, quando surgiu uma hipótese de concerto na Universidade, a primeira preocupação do Serviço de Música, logo após o nosso pedido de autorização, foi chamar-nos para saber se o concerto já fora anunciado publicamente. Dissemos que não.

Resultado:

A autorização foi concedida.

O doce «charme» do exercício dum poder discricionário.

Claro que houve diversas ocasiões em que a própria Gulbenkian reconheceu a existência do Grupo e o contratou para concertos nos seus auditórios da Avenida de Berna. Mas nem mesmo nestas circunstâncias, concedeu aos músicos da orquestra que faziam parte do Grupo quaisquer facilidades de trabalho especiais. Portanto, bem pode dizer-se que tudo quanto a Fundação fez pelo Grupo foi financiar a sua ida ao 9.º Festival de Royan.

As esperanças suscitadas por este acto de generosidade ficaram logo frustradas:

Depois de Royan, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa foi convidado para dar concertos na Bienal de Veneza, no Museu de Arte Contemporânea de Paris, no Festival da I. C. E. S. em Inglaterra, e na Jugoslávia. A nenhum destes convites pôde corresponder única e exclusivamente por culpa da Gulbenkian, que começava por recusar aos seus músicos as necessárias autorizações, «para não prejudicar o serviço da orquestra».

Como se o serviço duma orquestra, nos termos rotineiros em que o entende o Serviço de Música da Fundação, e com maestros da laia do sr. Albert, pudesse alguma vez comparar-se com o significado cultural do êxito obtido pelo Grupo de Música Contemporânea de Lisboa no estrangeiro. Testemunhei-o em Royan no ano passado e também este ano, pois foi na minha presença que Maurice Fleuret renovou agora o convite a Jorge Peixinho para participar com o Grupo nas próximas Semanas Musicais Internacionais de Paris. Mas o Serviço de Música não quer ouvir razões de ninguém. Diz António Silva:

Durante a minha permanência na orquestra Gulbenkian verifiquei que há uma grande preocupação em anular o sentido crítico dos funcionários ou a menor veleidade que eles tenham de exprimir uma opinião. Qualquer atitude, por mais anódina que seja, é logo vista com olhos suspeitosos. Basta dizer que um dia fui chamado à directora para ser admoestado...

(O fundamento da «admoestação» é dos mais inesperados, como se verá.)

... porque lhe tinham ido contar (a espionagem, certamente...) que eu estava a ler o jornal quando assistia a um dos encontros-debates sobre música contemporânea realizados no Auditório Dois.

António de Oliveira e Silva, decerto por influência do ambiente, julgou-se mesmo obrigado a alegar qualquer coisa em sua defesa:

Eu estava a ler o jornal, mas não estava a incomodar ninguém. «A ler o jornal, dentro da Fundação?» — Sim, respondi eu, mas estava a ler o jornal como público que era, sentado entre a assistência como qualquer desconhecido, e porque a discussão, inteiramente destituída de interesse, que decorria no palco, não me prendia a atenção.

Estas explicações não pegam:

Foi-me dito que, como funcionário da Fundação eu tinha a obrigação de me identificar totalmente com as realizações daquela instituição mesmo quando delas discordasse. Será que se pretende criar nos funcionários da Fundação uma mística gulbenkiânica?

O contacto com os músicos da orquestra processa-se assim, a este nível individual e paternalista:

A orquestra não possui organismos que a representem colectivamente perante o Serviço de Música. O que é tanto mais necessário quanto é certo que a Gulbenkian se comporta em relação aos seus funcionários como qualquer empresa de tipo lucrativo. Isto apesar de a Fundação se recusar a assinar acordos colectivos de trabalho com o fundamento de ser uma instituição de utilidade pública. Exteriormente funcionará como tal, mas internamente não.

Quanto ao processo disciplinar:

Correrá os seus termos legais. De momento, apenas quero acentuar que foi tão «fabricado» que as razões aduzidas para o meu despedimento na decisão final não são nenhumas daquelas que constam na nota de culpa, elaborada pelo sr. Albert, e a partir da qual se originou o processo.

Mas, ao fim e ao cabo, o sr. Albert vai-se embora:

A saída do sr. Albert, uma vez expirado o contrato (o que acontecerá dentro de poucos dias) não resolve problema algum. O mal é das estruturas, do regime de trabalho da orquestra, do modo como funciona e é dirigido o Serviço de Música. Nas condições actuais, mesmo o Tabachnik — que se anuncia ser o sucessor de Albert e é um maestro prestigiado no estrangeiro, sobretudo nos meios de música contemporânea — não vai conseguir fazer nada. As relações acabarão inevitavelmente por se deteriorar até ao ponto de ele próprio tomar a iniciativa de sair, se não quiser correr o risco de se «queimar».

Com este alinhar mais de factos do que de opiniões se vai avolumando o nosso inquérito. Para já, e entre outras coisas, duas lições há a tirar desta entrevista: 1.ª) o bom violetista deve trazer sempre consigo a viola; 2.ª) o bom funcionário da Fundação não deve ler o jornal quando se encontra dentro do edifício da mesma (nem em nenhum outro local, se esse jornal fôr o presente número do «Diário de Lisboa»...).

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

novo conceito de arrumação

KAZED AMBIENTA

Portas articuladas KAZED Ambienta, silenciosas – indeformáveis – decorativas que permitem mais espaços livres, melhor aproveitamento de interiores e maior comodidade no arranjo da casa.

insa

DIVISÃO METALO-MECÂNICA DA ACTA
APARTADO 21 · QUELUZ DE BAIXO · PORTUGAL

PRESENÇA DA INSA
NA XIV FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
STAND 1444 BB/1445 A

insa

10.º FESTIVAL DE ROYAN

A MÚSICA E O "PROGRAMA COMUM"

Mikis Theodorakis

«Música socialista? (ou programa comum para cravo e banda)» — assim se intitulava uma obra do francês Luc Ferrari, composta entre Janeiro e Outubro de 1972 e voluntariamente situada no contexto político em que decorreram as últimas eleições francesas. A obra teve a sua estreia absoluta num dos recitais de Elisabeth Chojnacka. Música socialista? — O compositor procura explicar-se nas notas à margem: «antes ou depois da audição a questão continua em aberto ou pode ainda ser posta (daí o ponto de interrogação), assim como antes ou depois das eleições continuará em aberto a grande questão do Socialismo». Três ou quatro parênteses que intercala no texto esclarecem a sua maneira de abordar o problema. Assim:

«Não quero fazer comparações, mas será possível vivermos fora da actualidade?»

«Não estou a fazer política, tento exercer um **métier** que deveria ter um lugar na sociedade».

«É necessário dizer que no meu domínio, a acção, embora bastante modesta também tem o seu lugar (enfim, não desespero)».

Por fim, coloca duas questões:

«No caso concreto haverá uma relação entre o meu título e a minha peça?»

«Generalizando, como é que nas actividades artísticas se poderá trabalhar para a elaboração duma sociedade nova?»

E responde: «não sei, mas faço por encontrar...»

No seu aspecto musical, este «programa comum» para cravo e banda magnética tem um sentido de progressão, de avanço a um ritmo lento mas seguro. É nítido que nessa progressão o papel impulsionador cabe ao cravo. Este é que imprime e modifica a pulsação desenhando cada vez com mais força a ideia de marcha, pela qual cravo e Banda acertam o passo, no momento em que a música atinge a intensidade de **fortíssimo**. Depois inicia-se um longo **diminuendo** e a «marcha» acaba por se diluir num **pianíssimo**. Quanto ao sentido alegórico destas imangens musicais, que cada um as interprete consoante as suas convicções políticas... que cada um se interrogue por exemplo, sobre a questão de saber qual era o cravo e qual era a banda no **programa comum** propriamente dito...

Este tipo de problemática também veio sobretudo ao de cima num concerto em que Paco Ibañez, entre outros, acompanhado por um conjunto instrumental popular (de instrumentos tradicionais da Grécia) dirigido por Mikis Theodorakis, interpretou o **Canto Geral de Pablo Neruda** com música do conhecido compositor grego.

Enquanto na peça de Luc Ferrari o auditor era convidado a fazer um esforço muito «literário» para perceber a intenção do autor e o sentido da obra e do seu título, aqui (no ciclo de Theodorakis) era obrigado a um enorme esforço «musical» para não esquecer o sentido profundo e a combatividade dos poemas de Neruda. Na verdade, a música de Theodorakis, pelo menos nesta obra, vive de certas formas estandardizadas da chamada música ligeira europeia e sobretudo anglo-saxónica, combinadas com estruturas harmónicas melódicas e tímbricas inspiradas na música tradicional grega. Theodorakis pretende veicular um texto, e fá-lo, por vezes, com uma certa mestria, dentro do terreno em que se coloca. Mas a missão da música acaba aí: é o pretexto. No fundo, o que mais importa a Theodorakis é criar condições que tornem possível difundir nos mais amplos circuitos sociais uma mensagem ideológica. Esta não está na música, está no texto. Theodorakis não se exprime autonomamente por música, nem logra recriar musicalmente os poemas de Pablo Neruda. Para usar uma imágem, o seu papel é o do tipógrafo que junta as letras e imprime o panfleto sem no entanto o redigir.

Por tudo isto, pois, se compreende que o auditor que estivesse à espera de encontrar **na música** Theodorakis o universo de Pablo Neruda, fosse a breve trecho obrigado a esquecer-se dela por amor do poeta. Mas nunca será demais acentuar que, como **jornalismo** musical (isto para não chamar outra coisa) a obra de Theodorakis intervém activamente na movimentação política pela qual ele tem lutado e à qual ele tem consagrado a sua vida. O valor da sua música está em ser dele e em propagar textos que com ele se identificam.

Música socialista?

O programa comum (musical) de Luc Ferrari não resolve o problema não responde a questão, no entanto, gostaria de ouvir outras obras suas, escritas dentro da mesma orientação: **Société IV — Mécanique Collectivité-Individue; Société V. Participation or not Participation; Danse de Ministres ches les Pompidous... e tentar avaliar em que medida é que elas vivem mais ou menos do título.**

A tomada de posição de Theodorakis é inequívoca no plano cívico. Não tem as ambições musicais de Luc Ferrari. No seu campo, que me parece ser o acima definido, responde a uma necessidade de intervenção política. Mas não responde à questão posta pelo autor do programa comum (musical). Theodorakis usa a música como ponto de apoio mas não como arma principal.

A melhor resposta, senão mesmo a única resposta à questão proveio, no Festival de Royan 73 de um compositor polaco. E foi uma resposta puramente musical. Sem muletas literárias de qualquer espécie. Sem títulos politizados. A música em si, apenas, com todas as suas enormes e intraduzíveis (para outras linguagens) potencialidades expressivas. A música liberta da canga formalista em que se requinta a maior parte dos compositores contemporâneos e da canga programática a que a reduzem outros. Refiro-me ao **Livro para orquestras** de Lutoslawsky, dado em extraprograma no concerto de encerramento do Festival, pela Orquestra Filarmonica da ORTF sob a direcção de Andrezej Markowsky.

Recuemos na História. Musicalmente, que é que melhor se concilia com a construção duma sociedade nova: um quarteto de Beethoven ou uma lauda revolucionária do seu contemporâneo Méhul? Esta interrrogação (a título exemplificativo) desperta-nos para o perigo de colocar certas questões em termos simplistas e de as tentar resolver em termos ainda mais simplistas.

Royan 73: ganhou Lutoslawsky. Porquê? Basta ouvir a sua música.

MÁRIO DE VIEIRA DE CARVALHO

Witold Lutoslawski

Luc Ferrari

AS OBRAS LITERÁRIAS DE FERNANDO LOPES GRAÇA

Dirigido ao nosso director, recebemos o seguinte telegrama:

Por intermédio seu lídimo jornal gostaria felicitar nome ilustre João Freitas Branco forma brilhante referência junta causa ontem feita «Diário Lisboa» respeitável figura insigne mestre Lopes Graça, orgulho dos tomarenses e todos os portugueses amantes coisas belas do espírito. O simples obrigado com respeitosos cumprimentos dum tomarense. — M.CRUZ

DR. MANUEL D'ASSUNÇÃO

Hilda Serra d'Assunção, filhas, genro, netos e mais família participam que no dia 22, às 10,30, na Igreja S. José Carpinteiro (Rua S. José), será rezada missa pelo seu eterno descanso.

3

PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE

Arroz «TREVO»
Arroz «MOÇAMBIQUE»
Especiarias «TREVO»

revista motor

Crítica de artes plásticas

Por JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

LUANDA - S. PAULO - PORTO

De três cidades diferentes, em continentes diferentes, vieram até Lisboa três exposições. As duas primeiras são de artistas que, com destinos diversos, emigraram, e encontram-se, por curiosa simultaneidade, na mesma galeria; a terceira, de escultura e desenho, vem do único centro que temos em Portugal produtor e consumidor de arte (agora em larga escala ao que parece) além de Lisboa, o Porto, que actualmente se encontra mais em complementaridade do que em oposição a Lisboa, como já aconteceu em épocas não muitos afastadas.

Três centros produtores, três artistas diferentes, três exposições em Lisboa. Vejamo-las:

LUÍS JARDIM

Desenhos a tinta da china na Galeria Dinastia

Luis Jardim, que apresenta, sob o mesmo tema. uma dúzia de desenhos, de 1955 a 1971, era, aí há uns dez anos, quando regularmente aparecia em exposições lisboetas, o homem de uma só temática, retratando obscenos fins de mundos (fins de um mundo) em que se debatiam ridículas personagens gordas e nuas. Nesta exposição que com grandes saltos (o maior de 1964 a 1970) cobre mais de quinze anos do seu trabalho, é evidente que procura demonstrar uma continuidade de intenções ao nível dos temas, ou melhor, dos assuntos, visto que todos os trabalhadores agora apresentados têm um mesmo título, «Destruição», e praticamente em todos nos aparecem as tais personagens já conhecidas e que eram mesmo como que a assinatura de Luis Jardim. Porém, já nos desenhos dos anos 70 se esboça uma modificação. Num desenho de 1970 as personagens parecem empurrar para a superfície do papel toda uma série de cartazes onde se distinguem letras, desenhos, setas, possíveis diagramas, e, no desenho de 1971, o que era indistinto torna-se claro, pois dir-se-ia que os cartazes vieram ocupar o primeiro plano e aí estão, citações de composições tipográficas, da banda desenhada ou da publicidade, mantendo o mesmo título, mas usando agora uma temática de nítida influência pop, aliás de um pop internacional bebido através dos méia, que começou também por retratar e que actualmente o utilizam.

Suponho que esta aparente mutação brusca, através de uma continuidade de intenções que os títulos sublinham, terá provavelmente origem na actividade que Luis Jardim vem desempenhando em Luanda, onde se fixou em 1966, a qual apenas conheço pelo catálogo da presente exposição que passo a transcrever na parte que interessa (1966... nomeado conservador do Museu de Angola...

Promoveu e realizou palestras, mesas-redondas, debates, etc., sobre Arte, Literatura e Teatro. Entre as palestras efectuadas podem salientar-se trabalhos sobre as relações entre a Arte Africana e o Cubismo e um projecto para a criação de uma Escola de Artes Visuais em Angola. Estruturou e pôs em execução a «Quinzena de Artes Plásticas» que congregou artistas e alunos universitários. Organizou a «Exposição Itinerante de Arte Portuguesa»... e, além dessa, algumas outras de importância, tem colaboração vária nos jornais, bem como na emissora local, com um programa intitulado «Arte do Nosso Tempo». É no quadro de uma acção pedagógica deste tipo que melhor

Luís Jardim, «Desenho, 1971»: a importação de uma linguagem?

se poderão entender os presentes desenhos (os dos anos 70, claro está) como tentativa de introdução, num meio certamente provincial, de formas e problemas novos, directa ou indirectamente importados dos grandes centros criadores da actualidade, actividade que parece útil, e, talvez, a única possível para um artista europeu de nascimento e raízes, em terras africanas. Mais interessantes porém serão as possíveis aculturações, mas essas cumpre a Jardim despertá-las e não realizá-las.

FERNANDO LEMOS

Óleos sobre tela na Galeria Dinastia

Idêntico, mas muito maior, é o salto no tempo que tem que se dar ao ver estas 17 telas, recentíssimas (1971/2) de Fernando Lemos, que há mais de vinte anos emigrou para o Brasil. Dele tinha a memória de alguns desenhos, não sei se vistos directamente, se reproduzidos em jornal ou revistas, e de alguns textos alheios e próprios, dos quais saliento as excelentes e lúcidas cartas que de S. Paulo regularmente vem enviando para o «Colóquio/Artes». Esta mesma revista, no seu último número, prevendo certamente a presente exposição e as suas lacunas, e tentando estabelecer uma ponte que a exposição não dá, traz dois textos, um de índole histórica da autoria de um companheiro de aventura, José Augusto França, relatando o que foi e a importância que teve, e tem, para a evolução da arte em Portugal a exposição que Lemos, Vespeira e Azevedo realizaram em 1952 na casa Jalco em Lisboa; o outro, da autoria de uma professora de história de Arte da Universidade de S. Paulo, intitulado «Lemos: 7 tempos» faz a indispensável ligação entre a história mais conhecida e o presente trabalho, mostrando, primeiro os desenhos, depois o recomeço do pintor em 65/7, com «desenhos tornados pintura, tinta vinícola substituindo o nanquim, o gráfico mantendo o domínio sobre o pintor», até chegar aos últimos trabalhos, nos quais «o artista se «solta» ... que parecem pronunciar uma incursão próxima (?) eventual em direcções outras («a um suporte que não intuo qual seja») as rectas penetrando em seus quadrados quadros, quebrando enfáticas com cor os ângulos das telas». Outro texto, porém ainda mais do que este se aproxima de uma leitura dos presentes quadros: é o que Fernando Azevedo publica no catálogo, o qual depois de, como era inevitável num companheiro de aventuras decisivas, evocar a «História» «Lisboa-Chiado, 1952», fala nos presentes trabalhos que Lemos intitulou de «Signos Desmemoriados» e que se caracterizam, tal como os desenhos anteriores, pela **«pulsação do espaço»**, o ritmo imposto à forma prendendo-a e desprendendo-a de si mesma na disciplina do seu autêntico nascimento», mas que se continua «em hipótese objectual para além da superfície austera do quadrado», todas as telas desta exposição sendo quadrados em «que o quadrado se desmente pela rotação interior, lenta e precisa, como vida fazendo-se constantemente», e, direi eu, saltando para fora do quadro quadrado, que nenhuma moldura oprime, pedindo quem sabe outro suporte que não a tela montada no «chassis».

Signos desmemoriados serão aqueles que se esqueceram de que têm significado? Ou aqueles que apenas se significam **na** pintura e **como** pintura que **ainda** (talvez por acaso) é de cavalete? Esta a presente lição (interrogação) dos trabalhos actualíssimos de Fernando Lemos, que não precisa do alibi, tão útil, da história, para estarem vivos e serem de hoje dentro da geração portuguesa, a que o artista continua ligado.

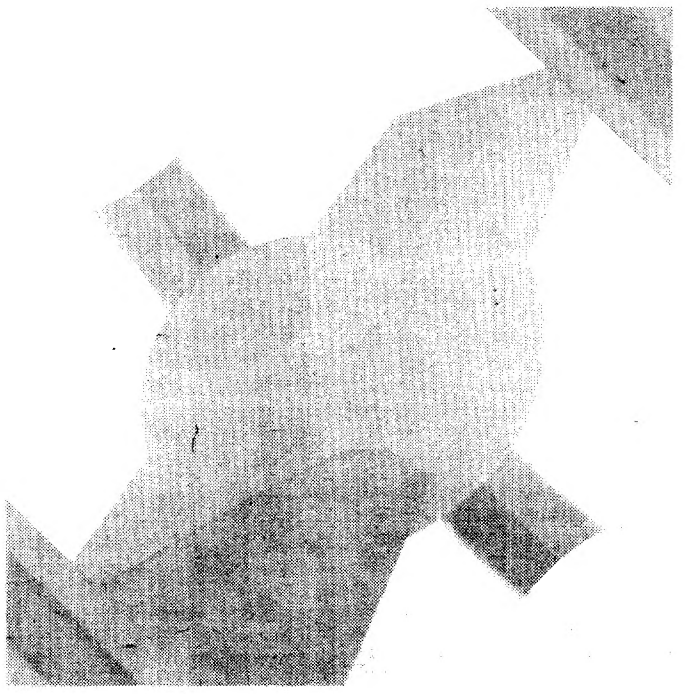
E agora, senhores coleccionadores, não ponhais molduras aos trabalhos de Fernando Lemos.

JOSÉ RODRIGUES

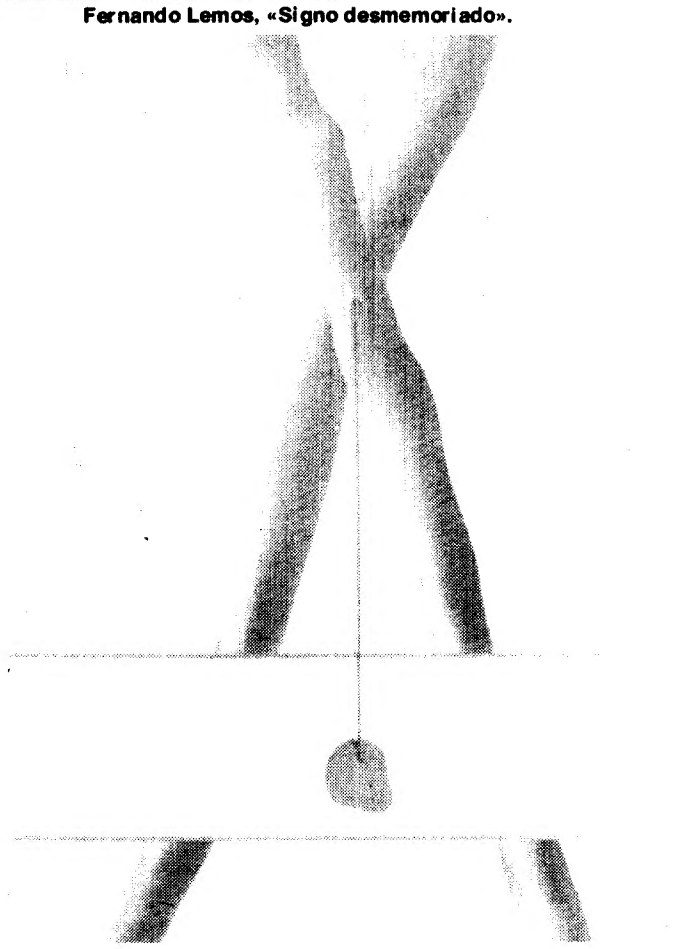
Escultura e desenhos na Galeria 111

Singular unidade tem esta exposição em que o «desenho» e a «escultura», o objecto-desenho e o objecto-escultura, já que os «desenhos» se encontram encerrados em caixas que deles fazem parte integrante e as «esculturas» reproduzem integralmente as formas de objectos naturais como o galho de madeira e a folha (de nenúfar) que como tal são imediatamente lidas, tal o grau de ilusionismo na sua realização. Curiosa e intencionalmente integrados em dois dos seus desenhos aparecem-nos objectos naturais, pequenos pedaços de madeira como os que se costumam apanhar na praia, longamente trabalhados pelas marés ao ponto de parecerem seixos, associados como estão a um desenho igualmente ilusionista. São, de todos os elementos usados por José Rodrigues, justamente os menos ilusionistas e a sua primeira leitura os mais artísticos. Brincadeira? Meditação renovada sobre um tema muito antigo? Maneira de brincar a sério? Certamente que sim!

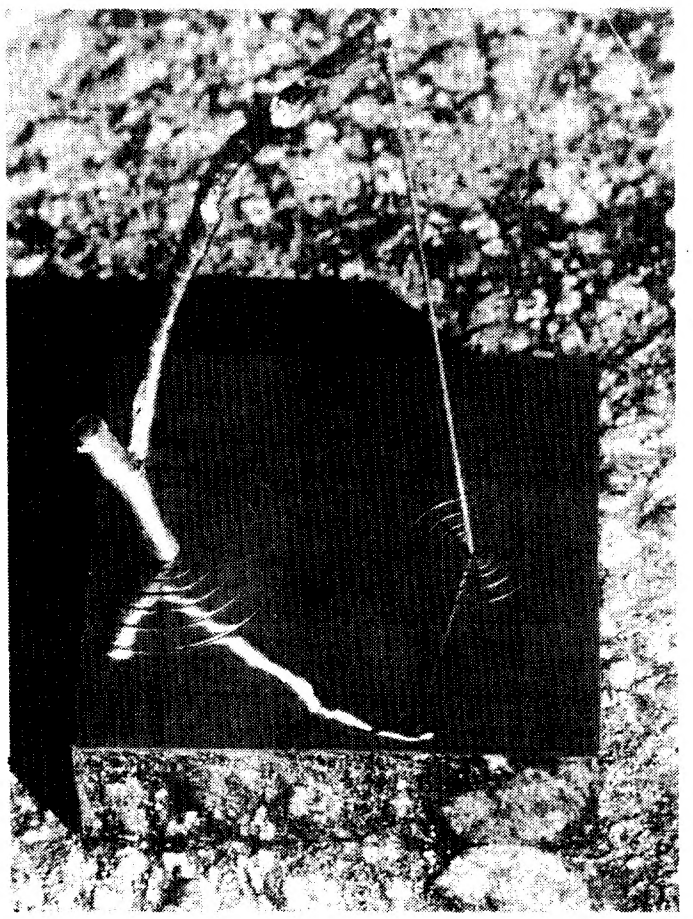
Esta foi a primeira exposição individual que vi de José Rodrigues, do que me lembro de algumas peças, e de algumas fotografias de uns «jardins» que nunca vi directamente, pelo que me parece ser o seu actual trabalho um caminho de despojamento, como que numa busca de enriquecimento semântico pelo despojamento formal, a construção de pequenos objectos de meditação (F. Pernes di-lo «longamente sabido nas filosofias do Oriente»), que valem sobretudo pelo prazer que deles soubermos tirar, o que acontece, evidentemente, em toda a obra artística, mas que se torna evidente aqui.



Fernando Lemos, «Signo desmemoriado».



José Rodrigues, «Desenho»



José Rodrigues, «Escultura»: um objecto de meditação?